

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter



@Prazer
mais sombrio

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 3



HARLEQUIN
BOOKS



Gena Showalter

*O Prazer
mais sombrio*

*Tradução de
Johann Heyss*



Rio de Janeiro
2012

Glossário

Aeron — Guardião da Ira.

Amun — Guardião dos Segredos.

Anya — Deusa da Anarquia. Divindade menor.

Ashlyn Darrow — Humana com habilidades sobrenaturais.

Baden — Guardião da Desconfiança (morto).

Caçadores — Inimigos mortais dos Senhores do Mundo Subterrâneo.

Cameo — Guardiã da Infelicidade. Única mulher dentre os guerreiros.

Cetro Divisor — Artefato divino, poder desconhecido.

Chave-Mestra — Chave desejada por Cronos, dada a Anya pelo pai (Tártaro).

Cronos — Rei dos Titãs.

Danika Ford — Humana, alvo dos Titãs.

Dean Stefano — Caçador, braço direito de Galen.

dimOuniak — A caixa de Pandora.

Dr. Frederick McIntosh — Vice-presidente do Instituto Mundial de Parapsicologia.

Disnomia — Grega, deusa da Desordem.

Galen — Guardião da Esperança.

Gideon — Guardião das Mentiras.

Gilly — Humana, amiga de Danika.

Ginger Ford — Irmã de Danika.

Gregos — Antigos governantes do Olimpo; agora aprisionados no Tártaro.

Hera — Rainha dos gregos.

Hidra — Serpente com várias cabeças e presas venenosas.

Jaula da Coação — Artefato divino com o poder de escravizar qualquer um preso em seu interior.

Kane — Guardião do Desastre.

Legião — Demônio subalterno, amigo de Aeron.

Lucien — Guardião da Morte; líder dos guerreiros de Budapeste.

Maddox — Guardião da Violência.

Mallory Ford — Avó de Danika.

Manto da Invisibilidade — Artefato divino com o poder de ocultar dos olhos alheios quem o vestir.

Olho Que Tudo Vê — Artefato divino com o poder de enxergar o paraíso e o inferno.

Os Impronunciáveis — Seres que até os deuses parecem temer.

Pandora — Guerreira imortal, outrora guardiã de *dimOuniak* (assassinada).

Paris — Guardiã da Luxúria.

Reyes — Guardiã da Dor.

Sabin — Guardiã da Dúvida; líder dos guerreiros da Grécia.

Senhores do Mundo Subterrâneo — Guerreiros exilados dos deuses gregos, que agora abrigam demônios dentro de si.

Sienna Blackstone — Caçadora.

Strider — Guardiã da Derrota.

Tártaro — Grego, deus do Confinamento; também é o nome da prisão dos imortais no monte Olimpo.

Têmis — Titã, deusa da Justiça.

Tinka Ford — Mãe de Danika.

Titãs — Atuais governantes do Olimpo.

Torin — Guardiã da Doença.

William — Imortal, amigo de Anya.

Zeus — Rei dos gregos.

Capítulo Um

REYES ESTAVA NO teto de sua fortaleza de cinco andares em Budapeste, equilibrando-se precariamente na cornija mais alta do telhado. Acima dele, o luar gotejava o céu de vermelho e amarelo, sangue misturado a ouro, escuridão misturada à luz, ferimentos recém-cortados no infinito de veludo negro.

Olhou para baixo e fitou o vazio assombroso e escuro que o aguardava de braços abertos, como se implorasse por um abraço.

Milhares de anos e ainda estou reduzido a isto.

Um vento frio soprou, desarrumando seus cabelos, fazendo cócegas no peito nu, na odiada tatuagem de borboleta entalhada em seu pescoço; lembrou-se das gotas do sangue da vida ali espalhadas. Mas não era sangue dele. Não, não era dele e sim de seu amigo. Cada vez que os cabelos chicoteavam a prova ilusória de vida e morte, era como se mais lenha fosse atirada na ardente fogueira de suas culpas.

Quantas vezes estivera naquele lugar, cheio de desejos que não podia realizar? Quantas vezes pedira para ser absolvido, para descansar daquele tormento diário e do demônio que o originava? Precisava de alívio para aquela incontrolável necessidade de automutilação.

Suas preces jamais foram atendidas. *Jamais* seriam. Ele era o que era, o que sempre seria. E sua agonia só iria aumentar. Ele, que já tinha sido um guerreiro imortal a serviço dos deuses, agora era um Senhor do Mundo Subterrâneo, possuído por um dos muitos espíritos antes trancados na *dimOuniak*. Da glória à desonra; de adorado a desprezado. Da felicidade à infelicidade constante.

Ele rangeu os dentes. Os mortais conheciam *dimOuniak* como Caixa de Pandora; ele a conhecia como a razão de sua eterna derrota. Ele e seus amigos tiveram a ousadia de abrir a caixa séculos atrás; agora ele e seus amigos *eram* a caixa, pois cada um deles guardava um demônio dentro de si.

Pule, seu demônio provocou.

Seu demônio: Dor. Sua companhia constante. O sussurro tentador nas profundezas de sua mente, a entidade soturna que tanto mal desejava. A força sobrenatural contra a qual ele lutava durante cada maldito segundo de cada maldito dia.

Pule.

— Ainda não. — Mais uns segundos de expectativa, de saber que a maioria de seus ossos iria se estilhaçar ao se chocar de encontro ao chão. Sorriu ao imaginar a cena. As afiadíssimas pontas dos ossos quebrados cortariam seus órgãos feridos e inchados, e esses órgãos iriam explodir como se fossem balões com água; sua pele seria rasgada pelo excesso de líquido e desta vez o sangue derramado seria dele mesmo. Seria consumido por uma agonia, doce agonia.

Ao menos por um tempo.

Lentamente seu sorriso se desfez. Em questão de dias — de horas, se os ferimentos que viesse a causar a si mesmo não fossem suficientes —, seu corpo iria se curar de modo espontâneo, total e completamente. Ele acordaria curado, de novo controlado pela força de Dor dentro de sua própria mente, uma força ruidosa demais para ser ignorada. Mas, ah... durante o breve e bendito tique-taque do relógio antes que seus ossos se reorganizassem, antes que seus órgãos comesçassem a se recompor e sua pele se refizesse, antes que o sangue voltasse a pulsar em suas veias, ele conheceria o nirvana. O paraíso máximo. Um êxtase de candura inigualável. Ele se regozijaria com o doce prazer trazido pela dor, sua *única* fonte de prazer. O demônio iria rugir de tanta satisfação, incapaz de falar, embriagado pela sensação, e Reyes se entregaria a uma paz deliciosa.

Por um tempo. Sempre, apenas por um breve período de tempo.

— Não preciso que me lembrem de novo que minha paz é passageira — murmurou, tentando sufocar aquele pensamento deprimente. Ele sabia que o tempo passava rápido. Às vezes, um ano era como se fosse um dia. Às vezes, o dia parecia não ter durado mais do que um minuto. Mesmo assim, às vezes ambos lhe pareciam infinitos. Apenas uma das muitas contradições da vida de um Senhor do Mundo Subterrâneo.

Pule, disse Dor. E então, com mais insistência, *Pule! Pule!*

— Já disse. Só mais alguns segundos. — Reyes olhou novamente de relance para baixo. As rochas pontiagudas cintilavam sob aquele luar de sangue, cercadas por poças de água limpa que ondulavam ao vento. A névoa subia como dedos fantasmagóricos, chamando-o para perto, bem mais perto. — Se cravar um punhal no pescoço do seu inimigo, você o mata, sim — disse ele ao demônio —, mas então acaba, e você não tem mais o que esperar.

Pule!, o demônio rugiu, impaciente e ansioso como uma criança fazendo pirraça.

— Em breve.

Pulepulepule!

Sim, às vezes os demônios realmente pareciam crianças humanas choronas. Reyes passou a mão nos cabelos emaranhados, arrancando alguns fios. Ele só conhecia um jeito de calar sua outra metade: Obediência. Nem sabia por que se dera ao trabalho de resistir e saborear o momento.

Pule!

— Talvez você seja mandado de volta para o inferno desta vez — murmurou ele.

Pelo menos o direito de sonhar ele tinha. Finalmente, abriu os braços. Fechou os olhos. Inclinou-se...

— Desça daí. — Ele ouviu uma voz atrás de si.

As pálpebras de Reyes se abriram à indesejada intromissão e seu corpo enrijeceu. Recuperou o

equilíbrio, mas não se virou. Ele sabia por que Lucien se achava ali, e estava envergonhado demais para encarar o amigo. Apesar de o guerreiro entender o que ele tinha de enfrentar por causa do demônio que guardava em seu interior, não entenderia o ato em si.

— A ideia é essa mesma, descer. Vá embora e cuidarei disso.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — O tom de voz de Lucien deixou claro que ele não estava brincando. — Preciso falar com você.

O aroma fresco de rosas de repente tomou conta do ar frio daquela noite de fim de inverno. Era tão forte e inesperado que Reyes poderia jurar que fora transportado para um campo primaveril. Aquele aroma exercia um efeito hipnótico, calmante, quase entorpecente nos seres humanos, deixando-os prontos para obedecer a qualquer ordem do guerreiro. Mas em Reyes o efeito era de mera irritação. Depois de milhares de anos juntos, Lucien já devia saber que aquela fragrância não exercia poder algum sobre ele.

— Amanhã conversaremos — disse ele com firmeza.

Pule!

— Conversaremos agora. Depois você pode fazer o que quiser.

Depois que Reyes confessasse seu último crime? Não, obrigado. Culpa, vergonha e tristeza podiam trazer sentimentos dolorosos, mas nada disso impedia o demônio de seguir em frente. Apenas o sofrimento físico trazia alívio, razão pela qual Reyes sempre fizera tanta questão de manter seu equilíbrio emocional.

Sim, e você fez um bom trabalho.

Ele passou a língua nos dentes, sem saber direito quem havia sussurrado aquela pérola de sarcasmo. Ele mesmo ou Dor.

— Estou passando por um momento difícil, Lucien.

— Como todos os outros. Como eu mesmo.

— Você pelo menos tem uma mulher para lhe dar apoio.

— Você tem amigos. Você tem a mim. — Lucien, guardião do demônio Morte, tinha a função de conduzir as almas humanas pelo além, fosse para o céu ou para o mais profundo fogo do inferno. Ele era impassível, sempre calmo, na maior parte do tempo. Ele se tornara o líder, aquele que era procurado por todos os guerreiros que moravam naquela fortaleza em Budapeste e que precisavam de ajuda e de conselhos. — Converse comigo.

Reyes não gostava de dizer não ao amigo, mas prometera a si mesmo que era melhor que Lucien não ficasse sabendo da coisa horrível que ele havia feito. Mas Reyes não podia mentir para si mesmo: sabia que, na verdade, não contava porque não tinha coragem.

— Lucien — ele começou a falar, mas parou. Grunhiu.

— O contraste localizador que adicionamos à comida dele já se apagou, e ninguém sabe onde Aeron está — disse Lucien. — Ninguém sabe o que ele está fazendo, se foi ele quem matou aqueles humanos nos Estados Unidos. Maddox disse que chamou você logo depois que Aeron fugiu da masmorra. Depois Sabin me disse que você foi embora de Roma, deixando o Templo dos Impronunciáveis às pressas. Vai me dizer aonde foi?

— Não. — Verdade. Não diria mesmo. — Mas você pode ficar sossegado porque Aeron não está em condições de matar mais seres humanos.

Houve uma pausa, e o aroma de rosas ficou mais intenso.

— Como pode ter certeza? — A pergunta foi capciosa.

Reyes deu de ombros.

— Por que eu não lhe digo o que acho que aconteceu? — Se antes o tom de Lucien era incisivo, agora estava permeado de expectativa. E medo? — Você foi atrás de Aeron na esperança de proteger a garota.

A garota. Aeron havia sequestrado *a garota*. Aeron recebera ordens dos novos deuses, os Titãs, para assassinar *a garota*. Reyes dera uma olhada na *garota* e permitiu que ela invadisse seus pensamentos mais secretos, deixou-a colorir todos os seus gestos e transformá-lo em um tolo apaixonado.

Bastou um olhar para que ela mudasse sua vida, e a mudança não foi para melhor. Mesmo assim, o fato de Lucien se recusar a dizer o nome dela irritava Reyes profundamente. Ele desejava aquela garota mais do que desejava uma martelada na cabeça. O que, em se tratando de Dor, era algo inusitado.

— E então? — Lucien estimulou.

— Você tem razão — disse Reyes com os lábios duros de tensão. Por que não admitir logo?, pensou de súbito. Suas emoções, que já estavam em polvorosa, se inflamavam mais enquanto tentava manter o controle. Pior ainda, seus amigos não seriam capazes de odiá-lo mais do que odiava a si mesmo. — Eu fui atrás de Aeron.

A confissão pairou no ar, pesada como uma corrente, e ele fez uma pausa.

— Você o encontrou.

— Eu o encontrei. — Reyes levantou os ombros. — Eu também... o destruí.

Lucien deu alguns passos em direção a Reyes, e as pedras rangeram sob suas botas.

— Você o *matou*?

— Pior. — Mesmo assim, Reyes não recuou. Ele olhou ansiosamente para o chão, que ainda esperava por ele. — Eu o enterrei.

Os passos cessaram abruptamente.

— Você o enterrou, mas não o matou? — A confusão de Lucien ficou atestada pelo tom de sua voz. — Não entendo.

— Ele estava prestes a matar Danika. Notei o olhar atormentado dele e senti que ele não queria fazer aquilo. Eu o cortei para que ficasse mais lento e ele me *agradeceu*, Lucien. Ele me agradeceu. Ele me implorou para detê-lo permanentemente. Implorou-me para cortar a cabeça dele, mas não consegui. Levantei a espada, mas simplesmente não consegui. Então fiz Kane recolher as correntes de Maddox e trazê-las para mim. Como Maddox não precisa mais delas, eu as usei para prender Aeron no subsolo.

No passado, Reyes fora forçado a acorrentar Maddox a uma cama todas as noites, condenado a apunhalar o amigo na barriga seis malditas vezes, ciente de que o guerreiro acordaria na manhã

seguinte e Reyes teria de matar o amigo de novo. *Mas que amigo eu sou.*

Após centenas de anos, Maddox acabara aceitando a maldição. Mas imobilizá-lo ainda era necessário. Na condição de guardião de Violência, Maddox costumava atacar sem avisar. Inclusive os amigos. E, com a força que possuía, era capaz de destruir metais produzidos pelo homem em segundos. Então eles confiscaram correntes forjadas pelos deuses, correntes que ninguém, nem mesmo os imortais, poderia abrir sem a chave certa.

Assim como Maddox, Aeron já fora impotente contra eles. No começo, Reyes hesitara em usar as correntes no amigo, pois não queria limitar ainda mais a liberdade do guerreiro. Infelizmente, no caso de Maddox, fora necessário utilizá-las.

— Onde está Aeron, Reyes? — A pergunta emanou a autoridade de um homem acostumado a conseguir o que queria, quando queria. Um homem que garantia severas consequências para qualquer tipo de atraso.

Reyes não tinha medo. Ele simplesmente detestava decepcionar aquele guerreiro que amava como a um irmão.

— Não lhe direi isso. Aeron não quer ser solto. — *E mesmo se quisesse, acho que eu não o soltaria.*

Ali jazia o cerne da culpa de Reyes.

Outra pausa se impôs entre eles, desta vez uma pausa tensa e carregada de expectativa.

— Posso encontrá-lo sozinho. Sabe que posso.

— Você já tentou e falhou, do contrário não estaria aqui. — Reyes sabia que Lucien podia agir no mundo espiritual e seguir o rastro psíquico particular de uma pessoa. Às vezes, contudo, o rastro se desfazia ou se corrompia. Reyes desconfiava de que o rastro de Aeron estivesse corrompido, pois o guerreiro não era mais o mesmo.

— Tem razão. O rastro dele termina em Nova York. — Lucien reconheceu com um tom ameaçador. — Posso continuar minha busca, mas isto leva tempo. E tempo é uma coisa que nenhum de nós tem de sobra no momento. Já se passaram duas semanas.

Reyes sabia muito bem disso, pois ao longo dessas semanas sentira o nó lhe apertando o pescoço cada vez mais. Os Caçadores, seus maiores inimigos, ainda estavam procurando a Caixa de Pandora na esperança de usá-la para sugar os demônios que habitavam cada um dos guerreiros, destruindo os homens e aprisionando as feras.

Se os guerreiros quisessem sobreviver, tinham que achar a caixa primeiro.

E por mais caótica que estivesse sua vida no momento, Reyes não estava pronto para terminá-la permanentemente.

— Diga onde ele está — insistiu Lucien — e o trarei de volta à fortaleza. Vou prendê-lo na masmorra.

Reyes deu uma risada irônica.

— Ele já fugiu uma vez. Pode fugir de novo. Acho que pode se desvencilhar até das correntes de Maddox. Sua sede de sangue lhe dá uma força que nunca vi antes. É melhor que ele continue onde está.

— Ele é seu amigo. É um dos nossos.

— Ele agora está deformado, e você sabe disso. Na maior parte do tempo, ele nem sabe o que faz.

Ele seria capaz de matar *você* se tivesse oportunidade.

— Reyes...

— Ele vai destruí-la, Lucien.

Ela. Danika Ford. *A garota*. Reyes a vira poucas vezes, conversara com ela menos ainda, mas mesmo assim a desejava com cada centímetro de seu ser. Algo que não entendia. Ele era escuridão, ela era luz. Ele era angústia, ela era inocência. Ele era errado para ela em todos os sentidos e, mesmo assim, quando ela olhava para ele, seu mundo inteiro parecia fazer sentido.

Ele sabia, sem sombra de dúvida, que se Aeron chegasse perto dela, acabaria assassinando-a barbaramente. Nada seria capaz de detê-lo. Não outra vez. Aeron recebera ordens de matar Danika — e a mãe, a irmã e a avó dela também — e era tão impotente perante os poderes dos deuses quanto qualquer outro. Aeron obedeceria.

Reyes se inflamou e teve de encarar as pedras lá embaixo para se acalmar. No começo, Aeron relutara em obedecer a esta ordem sombria dos deuses. Ele era... Não; ele *tinha sido* um homem bom. Mas a cada dia que passava seu demônio ganhava força, falando cada vez mais alto dentro de sua cabeça, até dominar sua mente. Agora Aeron *era* o demônio dentro de si. Ele era Ira. Ele obedecia. Ele matava. Até que aquelas quatro mulheres estivessem destruídas, ele dedicaria sua vida apenas a caçar e matar.

No entanto, 14 dias, quatro horas e 56 minutos atrás, no período que passara dentro do apartamento temporário de Danika, uma pequena parte de Aeron se conscientizou dos crimes que cometera. Uma pequena parte que odiava em quem e no que se transformara, e desejava a morte acima de tudo. Queria dar fim ao tormento. Por que outra razão Aeron iria pedir a Reyes que o matasse?

E eu me recusei a fazer isso. Reyes não conseguiria machucar outro guerreiro. Não outra vez. Ainda. Que tipo de monstro deixava o amigo sofrer? Um amigo que lutara por ele, que matara por ele? Que o amara?

Tinha de haver um jeito de salvar Aeron e Danika, ele pensou pelo que seria, talvez, a milésima vez. Ele meditara horas sobre o assunto sem encontrar solução nenhuma.

— Você sabe onde a garota está? — perguntou Lucien incisivamente, interrompendo suas reflexões.

— Não. — Era verdade. — Aeron a encontrou, eu encontrei Aeron, e foi então que lutamos. Ela correu. Eu não a segui depois disso. Ela pode estar em qualquer parte. — Melhor assim. Ele sabia disso, mas ainda estava louco para saber onde ela se encontrava, o que ela estava fazendo... se estava viva.

— Lucien, por que essa demora toda, cara?

Reyes enfim se voltou para ele após a segunda intromissão. Paris, guardião de Luxúria, estava agora ao lado de Lucien. Os dois homens o encaravam com olhos estreitos. Raios de luar vermelho caíam ao redor deles, mas não *neles*, como se os raios coloridos tivessem medo de tocar o mal que nem mesmo o inferno fora capaz de conter. Imortal que era, Reyes os viu com nitidez; seu olhar

penetrando habilmente na escuridão.

Paris era alto, o mais alto do grupo, tinha cabelos multicoloridos, uma pele tão clara que parecia sobrenatural, e olhos de um azul tão puro que nem o mais lindo poema do mundo lhes faria justiça. As humanas o achavam maravilhoso, irresistível; viviam se oferecendo para ele, implorando por um leve toque ou por um beijo ardente.

Apesar de ter uma companheira agora, Lucien não tivera a mesma sorte. As humanas sempre se afastavam dele. Seu rosto era deformado por cicatrizes, chegava a ser grotesco, e dava-lhe a aparência daqueles monstros que só existiam em pesadelos e contos de fada. E não ajudava em nada o fato de ele ter um olho castanho, que via o mundo material, e um olho azul, que via o mundo espiritual. E de acordo com ambos, a morte estava a caminho.

Os dois tinham corpos musculosos, resultado de exaustivos exercícios físicos. Estavam armados até os dentes e prontos para lutar a qualquer momento. Tinha de ser assim.

— Eu não me lembro de ter marcado uma reunião aqui — disse Reyes.

— É, a idade acaba com a nossa memória — replicou Paris. — Esqueceu que temos de discutir nosso plano de ação? Entre outras coisas.

Ele suspirou. Os guerreiros agiam como queriam, quando queriam, e nenhuma conversinha seria capaz de fazê-los mudar de ideia. Reyes sabia disso muito bem, pois era exatamente igual.

— Por que você não está procurando os esconderijos de Hidra por aí? — Seus lábios carnudos e quase femininos se contraíram em uma linha tensa. Os olhos de Paris transmitiam um tipo de agonia que Reyes costumava ver em frente ao próprio espelho, mas logo a agonia foi substituída pela típica irreverência do guerreiro.

— E então? — pressionou Reyes ao não obter resposta.

Finalmente, seu amigo falou:

— Até os imortais precisam de uma pausa para relaxar.

Era óbvio que a história não parava por ali, mas Reyes não insistiu. *Eu não sou o único com segredos.* Várias semanas atrás, os guerreiros se dividiram e saíram à procura de Hidra, uma... *coisa* muito mal-humorada, metade serpente e metade mulher, que guardava alguns dos “brinquedos” favoritos do Rei Titã. Esses brinquedos — na verdade, armas — supostamente ajudariam a chegar à Caixa de Pandora. Até o momento, só haviam conseguido capturar um: a Jaula da Coação. Eles tinham pouquíssimas pistas a respeito da localização dos outros.

— Sim, mas quando se está ameaçado de morte, parar para relaxar deixa de ser importante. E sim, sei que preciso fazer mais por nossa causa. E vou fazer. Depois.

Paris deu de ombros.

— Estou fazendo o que posso. Os Estados Unidos são um país enorme, e procurar de longe é quase tão difícil quanto viajar no meio de todas aquelas pessoas. — Os guerreiros já haviam viajado por diferentes países para ver se descobriam alguma informação sobre onde estaria a caixa, não conseguiram nada e logo voltaram para determinar o que poderiam fazer de Budapeste. Sem deixar de prestar atenção em Reyes, Paris perguntou a Lucien — Ele disse onde Aeron está ou não?

Lucien levantou uma das sobrancelhas negras.

— Não. Não disse.

— Falei que ia ser difícil. — Paris franziu o cenho. — Já faz semanas que ele não é o mesmo.

Reyes se deu conta de que podia dizer a mesma coisa sobre Paris ao reparar nas linhas de cansaço e estresse ao redor dos olhos normalmente alegres do amigo. Talvez ele *devesse* insistir para Paris responder. Não restava dúvida de que alguma coisa havia acontecido com seu amigo. Algo sério.

— Nosso tempo está se esgotando, Reyes — acusou Paris. — Coopere. Ajude-nos.

— Os Caçadores estão mais determinados do que nunca a acabar conosco — acrescentou Lucien.

— Os humanos descobriram o Templo dos Impronunciáveis, limitando nosso acesso, mas aumentando o dos Caçadores. Nós só achamos um dos quatro artefatos, mas precisamos de todos para encontrar a caixa.

Reyes arqueou uma sobrancelha, imitando a expressão anterior de Lucien.

— Você acha que Aeron pode nos ajudar nisso?

— Não, mas não precisamos brigar entre nós. Nem precisamos nos distrair nos preocupando com ele.

— Você pode parar de se preocupar — disse Reyes. — Ele não quer ser encontrado. Ele odeia quem e o que ele é, e não suporta a ideia de ser visto por nós daquele jeito. Juro que está satisfeito onde está, do contrário eu não o teria deixado.

A porta que dava para o teto se abriu e surgiu Sabin, guardião de Dúvida, os cabelos negros ondulando ao vento.

— Caramba! — disse o homem, jogando os braços para cima. — Que diabo está acontecendo?

— Ele avistou Reyes e então entendeu tudo. Ele revirou os olhos. — Droga, Dor, você sabe mesmo estragar uma reunião, hein?

— Por que você não está vasculhando Roma? — perguntou Reyes. Será que todo mundo havia parado de trabalhar durante a meia hora em que ele estivera no telhado?

Gideon, guardião de Mentiras, vinha logo atrás de Sabin e impediu o guerreiro de responder, dizendo, cheio de sobriedade:

— Ora, ora, parece que a coisa está bem divertida por aqui. — Quando Gideon achava algo “divertido”, na verdade estava achando tudo um tédio. O homem não conseguia dizer absolutamente nada que fosse verdadeiro sem sentir uma dor excruciante. *Dor, exatamente o que eu preciso*. Se para Reyes bastasse mentir para sentir dor, a vida seria bem mais fácil.

— Você não deveria estar ajudando Paris na busca em território americano? — Reyes exigiu saber. Ele nem se deu o trabalho de esperar pela resposta. — Isto está começando a parecer com uma porcaria de circo. Um homem não tem direito nem de ficar chateado e se automutilar em paz?

— Não — disse Paris —, não tem. Pare de enrolar e mudar de assunto. Responda logo o que queremos saber, se não, juro pelos deuses que subo aí e dou um beijo molhado bem na sua boca. Meu garoto está com fome e louco para se alimentar e ele acha que você dá para o gasto.

Reyes não duvidava que Luxúria tivesse vontade de levá-lo para a cama, mas ele conhecia Paris e sabia que o guerreiro preferia as mulheres.

Livre-se deles. Reyes observou seus novos convidados. Gideon estava todo de preto, os cabelos

tingidos de azul berrante, vários piercings de prata na sobrancelha, brilhando e contrastando com os cílios negros como carvão. Os humanos o achavam pavoroso.

Sabin também estava todo de preto, mas tinha cabelos e olhos castanhos e um rosto quadrado e ingênuo, que não demonstrava que ele era capaz de matar sorrindo. Os dois eram teimosos como mulas.

— Preciso de tempo para pensar — disse Reyes, esperando contar com a compreensão dos outros.

— Não tem nada que pensar — replicou Sabin. — Você vai fazer o que é certo, pois é um guerreiro honrado.

Não é? Talvez você seja fraco que nem a garota humana que deseja tanto. Por que mais você iria ferir desse jeito aqueles que o amam?

Ai, ele pensou, encolhendo os ombros. Ele *era* fraco mesmo. Ele era...

— Sabin — Reyes grunhiu ao se dar conta. — Pare de colocar dúvidas em minha mente. Já me bastam as minhas.

O guerreiro deu de ombros, sem graça, sem nem sequer tentar negar.

— Desculpe.

— Como nosso encontro *não* foi cancelado — Gideon disse —, eu *não* vou para a cidade, *não* vou ao Club Destiny e *não* vou provocar gemidos de prazer em alguma humana.

Ele saiu pela porta um segundo depois, balançando a cabeça num gesto de cansaço.

— Não cancelem o encontro — Reyes disse aos outros. — Podem... começar sem mim. — Ele virou a cabeça para trás, fitou o céu e baixou os olhos lentamente. A sinistra tela noturna ainda aguardava, convidando-o a pular de uma vez. — Já vou descer.

Paris retorceu os lábios.

— Descer. Engraçado. Talvez eu encontre você lá embaixo para brincarmos de Esconde-o-Pâncreas de novo. Forçá-lo a se regenerar por completo, em vez de simplesmente se curar, é sempre uma diversão para mim.

Até Lucien sorriu ao ouvir isso.

— Ah, ah, quero brincar! Posso esconder o fígado desta vez?

Reyes reprimiu um resmungo ao ouvir o som da voz quente de Anya. A deusa da Anarquia adentrou com seus cabelos platinados, jogando-se nos braços já abertos de Lucien, com sua fragrância de morango se espalhando pelo vento cada vez mais intenso. Os dois passaram uma eternidade arrulhando, fazendo chamegos como um casal de idiotas apaixonados, perdidos nos braços um do outro, indiferentes ao mundo que os cercava.

Reyes demorou um pouco para simpatizar com ela. Razão número um: Anya vinha do Olimpo, que era o lar de tudo aquilo que ele odiava; razão número dois. Ela espalhava o caos por onde passava, o que para ela era tão natural quanto respirar. Mas ela acabou ajudando todos os guerreiros que ali estavam, e deu a Lucien uma felicidade que Reyes só podia imaginar.

Sabin tossiu.

Paris assoviou, mas o som saiu tenso.

Reyes sentiu uma pontada de inveja no peito e um aperto no coração, que quase parou de bater. Aquele coração que ele preferia nem ter. Se não tivesse coração, não teria aquele desejo por Danika, mesmo sabendo que não podia possuí-la. Mas não importava, ele pensou. Ela jamais iria querê-lo mesmo. A maioria das mulheres não tinha muito prazer com esse tipo de coisa, e menos ainda Danika, doce e angelical como era. Ela morria de medo só de estar perto dele.

Mas talvez ele pudesse tê-la conquistado, seduzido, amaciado o terreno para que se aproximasse dele. Talvez... mas ele se recusava até mesmo a tentar. As mulheres que ele levava para cama sempre sucumbiam ao seu demônio, ficavam loucas por ele, viciadas nas coisas das quais ele gostava. Elas desenvolviam um gosto pela dor e saíam provocando dor em todos que encontravam pela frente.

— Alguém vá chamar os outros — disse Reyes, com o sarcasmo pingando das palavras, torcendo para não transparecer sua agonia. — Vamos transformar isto aqui em uma reunião. — O que Danika estaria fazendo naquele instante? Com quem ela estaria? Com algum homem? Será que ela estava trocando carícias com outro, assim como Anya estava com Lucien? Será que ela estava morta e enterrada como Aeron? Ele cerrou os punhos, as unhas cresceram e viraram garras, cortando a pele e doendo lindamente.

— Pode calar a boca, Dorzita — Anya disse, encarando-o. Ela afundou a cabeça na curva do pescoço de Lucien, os olhos azuis espiando por entre as mechas platinadas. — Você está fazendo Lucien perder tempo, o que me irrita profundamente.

A coisa ficava feia quando Anya se irritava. Guerras, desastres naturais. As armas de Reyes ficaram enferrujando debaixo de chuva.

— Ele e eu já conversamos. Ele já tem a informação que queria.

— Nem tudo — disse Lucien.

— Diga para ele, se não, vou lhe empurrar — disse Anya. — E, juro pelos deuses, aqueles idiotas, que vou encontrar sua namorada quando você estiver se recuperando e sem condições de me impedir, e lhe mandarei um dos dedos dela pelo correio.

Só de imaginar a cena, uma névoa vermelha cobriu seus olhos. Danika... ferida... *Não reaja. Nem se deixe levar pela fúria.*

— Não toque nela.

— Olhe como fala. — Lucien se dirigiu a ele, já abraçando com mais força sua mulher.

— Você nem sabe onde ela está — Reyes disse mais calmamente, impressionado ao ver como Lucien, antes impassível, estava agora tão protetor.

Anya sorriu por dentro.

— Anya — ele ralhou.

— O quê? — ela perguntou, toda inocente.

— Aeron precisa ficar conosco — disse Lucien.

— Aeron não é mais assunto a ser debatido — falou Reyes, irritado. — Você não estava aqui. Você não viu o tormento em seus olhos. Você não ouviu o jeito como ele implorou. Eu fiz o que tinha de fazer, e faria de novo. — Ele se afastou dos amigos. Olhou para baixo. As poças de lama agora ondulavam violentamente, batendo contra as rochas pontiagudas que margeavam o chão. Elas

continuavam acenando.

Libertação, elas sussurravam.

Só um pouquinho...

— Reyes — Lucien chamou.

Reyes pulou.

Capítulo Dois

— O PEDIDO está pronto.

Danika Ford pegou os dois pratos fumegantes que passaram pelo aquecedor prateado. Um hambúrguer gorduroso com pouca cebola. O outro era um cachorro-quente picante com bastante queijo. Ambos acompanhados de fartas porções de batatas fritas, capazes de causar um ataque cardíaco só de sentir o cheiro apetitoso invadir as narinas, deixando-a com água na boca e o estômago roncando. Comera pela última vez antes de dormir na noite anterior: um sanduíche de mortadela, com pão duro e carne passada.

Infelizmente, mais tarde teria de pagar uma boa grana por outro sanduíche de pão duro e mortadela passada. Quer dizer, se tivesse algum dinheiro. Faltavam três horas para ela terminar o expediente, *depois* poderia comer de novo. Três horas de pés latejando, costas doendo e pernas tremendo. Ela não iria dar conta. *Não seja fresca. Cabeça erguida. Ação. Seu sobrenome é Ford. De natureza forte e tudo mais.*

Apesar de todo seu bla-bla-blá mental, seus olhos só faltaram pular para dentro do prato. Ela passou a língua nos lábios. Talvez uma beliscada. Que mal faria? Ninguém ficaria sabendo.

Seu braço se levantou antes que ela pudesse contê-lo, e os dedos também ganharam vida própria...

— Acho que ela está roubando uma das minhas batatas fritas. — Ela ouviu um homem sussurrar.

O outro respondeu, também sussurrando:

— E o que você esperava de alguém como ela?

Danika ficou imóvel. Deixou o apetite de lado e um milhão de emoções tomaram conta de si. Tristeza, frustração e constrangimento eram os abre-alas. *É nisso que minha vida se transformou.* De filha superprotegida a fugitiva em apenas uma noite gélida. De artista respeitada a garçonete que rouba comida do prato dos outros.

— Gostaria de dizer que estou surpreso, mas...

— É melhor conferirmos as carteiras antes de ir embora.

O constrangimento ficou perceptível aos outros. Ela não precisava ver o rosto daqueles homens

para saber que eles a fitavam com olhos impiedosos e críticos. Já era a terceira vez que apareciam para comer no Enrique's, e nas três vezes lhe proporcionaram bons exercícios para a autoestima. E também era esquisito. Nunca foram rudes, sempre sorriam e agradeciam quando lhes trazia alguma coisa, mas não conseguiam disfarçar o desgosto com que olhavam para ela.

Ela os apelidara de Irmãos Pássaro, tamanha era sua vontade de que eles saíssem voando de lá.

Não chame atenção para si, disse seu bom-senso. Ultimamente essa era sua regra de ouro.

— É melhor eu não pegar você tentando roubar comida de novo — advertiu seu chefe. Enrique era dono, além de cozinheiro de pequenos pedidos. — Agora, ande logo. A comida deles está esfriando.

— Na verdade, está quente demais. Eles podem acabar se queimando e processar o restaurante.

Os pratos estavam obscenamente quentes em contato com sua pele fria, que há semanas não sabia o que era um calorzinho. Nem dentro daquele restaurante quente ela tirava o suéter que lhe custara 3,99 dólares na loja de roupas de segunda mão do outro lado da rua. Mas, para sua consternação, o calor dos pratos nunca alcançava seu interior.

Com certeza *algo de bom* lhe aconteceria em breve. O certo não era que houvesse um equilíbrio entre o bem e o mal? Houve uma época em que ela pensava assim. Ela acreditara que a felicidade estava esperando em cada esquina. Infelizmente, Danika agora sabia que as coisas não funcionavam assim.

As janelas da parede às suas costas mostravam uma irônica vista do coração pulsante da vida noturna de Los Angeles; carros zuniam e pessoas passeavam, rindo despreocupadamente. *Não faz muito tempo que eu era uma dessas pessoas.*

Danika aceitara esse emprego e trabalhava o máximo de horas que conseguia, pois Enrique pagava seu salário no caixa dois, sem pedir seu número de seguro social. Dinheiro vivo, sem desconto de impostos. Ela podia desaparecer a qualquer momento.

Será que sua mãe também estava sobrevivendo assim? E a irmã? E a avó, se é que ainda estavam vivas?

Dois meses antes, as quatro resolveram passar férias em Budapeste, cidade predileta do avô. *Cidade mágica*, ele sempre dissera. Depois da morte dele, elas foram homenageá-lo e finalmente dizer adeus.

Maior. Erro. De todos. Os tempos.

Logo se viram sequestradas e aprisionadas. Por monstros. Monstros de verdade. Criaturas capazes de fazer o bicho-papão olhar o armário antes de se atrever a ir dormir. Criaturas que às vezes pareciam humanas e às vezes *não*. Volta e meia, Danika vislumbrava presas, garras e rostos esqueléticos debaixo de suas personalidades humanas.

Ela e a família foram resgatadas em um momento de sorte. Depois ela foi capturada de novo, mas a soltaram, ilesa. Ilesa, mas avisada: *Corra, se esconda. Em breve você será caçada. Se for encontrada, você e sua família morrem.*

Então, elas fugiram. Decidiram se separar na esperança de não serem localizadas tão facilmente.

Escondidas, as sombras agora eram suas melhores amigas. Danika viajara primeiramente para Nova York, a cidade que nunca dormia, tentando se esconder no meio da multidão. Mas os monstros deram um jeito de encontrá-la. De novo. Porém, mais uma vez ela conseguira escapar dele, pegando uma carona atrás da outra até chegar a Los Angeles, ganhando o dinheiro mínimo para sobreviver e pagar as aulas de defesa pessoal.

No começo, ela e a família mantiveram contato diário transmitindo mensagens em aparelhos celulares descartáveis e deixando números com amigos de confiança. Em seguida, a avó de Danika parou de ligar.

Será que os monstros a encontraram e mataram?

Da última vez que Danika tivera notícias dela, a avó havia chegado a uma cidadezinha em Oklahoma. Tinha amigos por lá. Sabia que não era bom viajar para lugares conhecidos, mas, na sua idade, ela já devia estar cansada de fugir. Até que esses amigos pararam de receber notícias dela havia semanas; vovó Mallory tinha ido ao mercado e simplesmente não voltara mais.

Danika sentia uma dor no peito ao pensar no sofrimento de sua adorada avó ao perder o marido. Ela não podia ligar para a mãe nem para a irmã e perguntar se sabiam de alguma coisa. Elas também haviam parado de dar notícias. Era para a segurança de todas, a mãe lhe dissera na última vez em que se falaram. Ligações poderiam ser rastreadas, telefones celulares, confiscados e usados contra elas.

Seus olhos arderam e o queixo tremeu. Não. *Não! O que você está fazendo?* Ela não podia pensar na família naquele momento. Se ficasse pensando no que poderia ter acontecido, acabaria paralisada.

— Você está perdendo tempo — disse Enrique, arrancando-a de suas reflexões agourentas. — Mexa-se como mandei. Nossos fregueses estão esperando e se eles mandarem devolver a comida por estar fria, quem vai pagar é você.

Ela queria jogar o prato na cara dele, mas foi impedida por uma voz dentro de si e limitou-se a sorrir, dar meia-volta e sair com o tênis rangendo. Cabeça erguida, costas retas, ela marchou em direção à mesa sentindo um frio de medo na barriga. Os dois homens lhe cravaram um olhar impiedoso. Eram típicos representantes da classe média com suas roupas baratas e seus cabelos de corte comum. Bronzeados e fortões como eram, bem podiam ser operários. Se fosse o caso, não tinham vindo direto do trabalho. Estavam limpos e vestiam calças jeans e camisetas imaculadas.

Um deles estava com um palito de dentes na boca, o qual rolava de um lado para outro com movimentos cada vez mais rápidos à medida que ela se aproximava. As mãos de Danika tremiam de cansaço, mas ela conseguiu colocar os pratos na mesa sem derrubar a comida sobre eles. Uma mecha de cabelos negros escapou de seu rabo de cavalo e lhe cobriu a testa.

Com as mãos enfim livres, ela prendeu a mecha atrás da orelha. AB: antes de Budapeste; seus cabelos eram louros e compridos. DB: depois de Budapeste; ela os cortara na altura dos ombros e tingira de preto para mudar a aparência. Mais um crime na lista dos monstros.

— Desculpem pela batata frita. — Apesar do evidente desdém que sentiam por ela, aqueles homens davam boas gorjetas. — Eu não ia comer, só estava segurando para que não caísse do prato. — *Mentirosa.* Deus, ela nunca tivera o costume de mentir.

— Não se preocupe com isso — disse o Pássaro Número Um, sem conseguir disfarçar a leve

irritação na voz.

Não devolvam a comida. Por favor, não devolvam a comida. Ela não aguentaria ser descontada em seu salário.

— Desejam algo mais? — Os copos deles estavam quase cheios, então ela os deixou onde estavam.

— Estamos bem — disse o Pássaro Número Dois. Novamente, palavras educadas, mas que transpareciam uma irritação inconfundível. Ele sacudiu um guardanapo de papel e o pôs no colo. Ela viu de relance um pequeno número oito tatuado na parte de dentro do pulso. Surpreendente. Se tivesse de adivinhar que tipo de tatuagem aquele homem teria, ela seria capaz de apostar uma boa grana em uma morena com uma machadinha ensanguentada cravada nas costas.

— Bem, se precisarem de alguma coisa, me chamem. — Ela se esforçou para sorrir, sabendo que o sorriso devia estar parecendo um lobo selvagem. — Espero que gostem da comida. — Quando ela estava se retirando, ouviu a pergunta.

— Quando você tem um intervalo para descansar? — O Número Dois perguntou abruptamente.

Ah, e essa agora? Ele queria saber quando ela parava para descansar? Por quê? Ela duvidava de que as razões fossem das mais românticas, até porque ele continuava fitando-a com leve desagrado.

— Eu, há, não tenho.

Ele enfiou uma batata na boca, mastigou e lambeu os lábios engordurados.

— Que tal tirar uma folga hoje à noite?

— Desculpe. Não posso. — *Continue sorrindo.* — Tenho outras mesas para servir.

Ela devia ter acrescentado “quem sabe da próxima vez”. Quem sabe assim ele daria uma gorjeta generosa? Mas as palavras se embolaram em sua garganta, formando um nó. *Vá, vá, vá.*

Eles sumiram de vista. O sorriso dela desapareceu. Seis passos rápidos e ela alcançou Gilly, a única garçonete trabalhando no turno da noite, além dela. Gilly estava em frente ao balcão de bebidas, enchendo três copos de plásticos com refrigerantes diferentes. Danika sabia que precisava dar atenção aos seus fregueses, mas também tinha que se recompor.

— Deus me proteja — murmurou. Ela pôs as mãos no balcão do bar e se inclinou, levantando o quadril. Felizmente, uma pequena parede bloqueava a visão dos fregueses.

— Não conte com isso. — Gilly, uma fugitiva de 16 anos — ou 18, se alguém perguntasse —, fez uma expressão de compaixão para Danika. As duas estavam trabalhando 14 horas por dia. — Acho que ele já desistiu de nós.

Tanto pessimismo não combinava com uma pessoa tão jovem.

— Eu me recuso a pensar assim. — Mentir já era fácil para ela. Danika também não tinha tanta certeza se Deus se importava com ela. — Algo maravilhoso pode estar prestes a acontecer. — *Ah, tá.*

— Bem, minha maravilha do dia foi os Irmãos Pássaro terem sentado na sua área de novo.

— A quem você quer enganar? Eles lhe sorriem como se você fosse uma princesa de contos de fada. E comigo, dão um sorriso forçado e olham como se eu fosse a bruxa malvada. Sei lá o que fiz contra eles e não entendo por que sempre voltam. — Quando eles vieram pela segunda vez, ela

receou que fossem arrastá-la de volta para o pesadelo do qual havia acabado de escapar. Mas eles não pareciam ser monstros como os que ela tivera o pavor de conhecer, então acabou relaxando.

Gilly riu.

— Quer que eu os esfaqueie?

— Claro, Gilly, seria cômico. Esfaquear alguém é crime e acho que você não ficaria bem de algemas.

O sorriso da garota se desfez lentamente.

— E eu não sei? — murmurou.

Um lado de Danika queria aconselhá-la a voltar para casa; morar com a mãe não poderia ser tão ruim assim. Outro lado dela reconhecia que viver com a mãe de Gilly podia de fato ser bem pior. As coisas terríveis que Danika vira naquelas ruas escuras, apesar do pouco tempo em que estava lá... Mulheres com olhos chapados vendendo seus corpos. Espancamentos. Overdoses. A mãe de Gilly provavelmente fizera coisas muito graves para uma adolescente preferir fugir de casa e enfrentar as ruas da cidade.

Houve um tempo em que Danika fora capaz de se iludir e pensar que o mundo era um lugar seguro e magnífico, cheio de possibilidades. Mas agora ela estava de olhos bem abertos.

— Você vai à aula de manhã? — perguntou, procurando um assunto mais leve para conversar. Ela só estava trabalhando lá havia uma semana, mas todos os dias ela e Gilly faziam aulas de defesa pessoal, aprendendo a chutar, a bater e, sim, a matar com precisão letal. Tirando sua família, aquelas aulas eram a razão de viver de Danika.

Ela jamais voltaria a ficar indefesa.

Gilly suspirou e olhou para ela. Danika pensou de novo que ela parecia jovem demais para levar uma vida tão infeliz. Cabelos negros na altura do queixo e bem lisos. Grandes olhos castanhos. Pele dourada como mel. Peso proporcional, corpo curvilíneo. Ela era uma mistura de inocência e profunda sensualidade. No momento, era a única amiga que Danika tinha.

— Meus pés vão me odiar para sempre, mas vou, sim. E você?

— Com certeza. — Ela não estava numa fase muito boa para fazer amizades, mas Danika simpatizou com aquela garota no momento em que a conheceu.

— Talvez a gente acabe derrotando o professor de novo. Aquilo foi bem engraçado. — Ela deixou escapar uma risadinha, a primeira em séculos.

— Talvez.

Uma campainha soou em meio à miscelânea de vozes. Outro pedido estava pronto. Mas nenhuma das duas se mexeu.

— Tenho que lhe dizer — falou Gilly, colocando a mão na cintura. — Quando Charles nos chamou, uma raiva enorme tomou conta de mim. Eu podia tê-lo matado, e ainda riria da situação depois.

— Comigo foi a mesma coisa. — Infelizmente, não estava mentindo agora.

Faça de conta que sou seu inimigo e mostre o que você já aprendeu. Ataque-me, Charles dissera, e foi o que ambas fizeram.

Ele terminou a noite levando 59 pontos. Felizmente, tinha espírito esportivo.

Danika ficara cega de ódio ao ver em sua mente as imagens de Aeron, Lucien e Reyes; ela engoliu em seco. *Reyes!* Os homens que a sequestraram, que a fizeram sofrer. Homens que ela deveria odiar com todas as forças de seu ser. *E odiava mesmo.* Menos um. Reyes.

Garota burra.

Ele, com quem ela sempre sonhava. Acordada, dormindo, não importava. Ele estava sempre em sua mente, como se morasse lá dentro. Às vezes ele até espantava as criaturas que habitavam seus pesadelos. Ele as atacava, eles lutavam violentamente e corriam rios de sangue. E depois ele sempre procurava Danika, ferido e cheio de dor. Sem pensar duas vezes, ela o tomava nos braços. Ele a beijava por inteiro, lentamente, bem lentamente, passando a língua nas partes planas e nas concavidades de seu corpo, lambendo cada vez de um jeito único.

Cada segundo que ela passava com ele à noite só fazia crescer seu desejo mais e mais e mais, até chegar ao ponto em que não queria mais nada, só ele. Ele se tornou mais importante para ela do que o ar. Ele era como uma droga, o pior tipo de vício.

O que houve comigo? Ela fora sequestrada por ele sem motivo algum e mantivera sua família refém. Ele não merecia seu desejo! Por que ela o desejava tão desesperadamente? Ele era lindo, perigosamente atraente, mas havia outros homens bonitos. Ele era forte, mas podia usar sua força contra ela. Ele era inteligente, mas não tinha o menor senso de humor. Jamais sorria. Mas ela nunca quisera tanto um homem como queria Reyes.

Ele tinha cabelos negros como Gilly, olhos castanhos e pele cor de mel. Mel com chocolate derretido. Ele também possuía a mesma sensualidade profunda, parecia que já tinha conhecido o lado mais doloroso do amor e estava marcado para todo o sempre.

Mas as diferenças paravam por aí. Reyes era alto e musculoso. Carregava consigo mais facas do que peças de roupa: na nuca, nos pulsos, tornozelos, nas coxas e também na cintura. Todas as vezes em que ela o vira, ele estava todo machucado e cortado por causa das brigas, cheio de feridas no rosto. Ele era um guerreiro.

Todos eles, os autoproclamados “Senhores do Mundo Subterrâneo”, eram guerreiros. Senhores dos Pesadelos, assim ela os chamava, pois nem o mais assustador dos pesadelos que já tivera chegava perto da realidade que aqueles homens viviam.

Aeron tinha asas negras e sabia voar como um pássaro, ou como um dragão do mal. Lucien tinha olhos multicoloridos que faziam um redemoinho hipnótico antes de desaparecer como se jamais tivesse existido. O aroma de rosas sempre emanava dele, traiçoeiramente doce. Ela não sabia, no entanto, qual era o poder mágico de Reyes. Só sabia que ele a salvara uma vez. Ele lutara com um de seus companheiros para defendê-la. “Por quê?”, ela se perguntou tantas vezes desde então. Por que ele preferira ferir o amigo em lugar dela? Por que ele a fitava como se ela fosse sua única razão de viver? Por que ele a libertara outra vez?

E isso importa? Ele é como os demais. Um monstro. Não se esqueça.

A campainha soou novamente, interrompendo seus pensamentos.

— Meninas! — gritou Enrique.

Gilly gemeu. Danika massageou a nuca. Fim do descanso. Ela endireitou as costas e viu de relance

um dos fregueses levantando o braço para lhe chamar a atenção. Ela disse a Gilly:

— Chego na sua casa mais ou menos... às 4h30 da manhã? Está bem?

— Melhor às 5h. É, vou estar cansada, mas pronta. — Gilly virou-se para pegar as bebidas.

Danika voltou ao trabalho. Os dez minutos seguintes se passaram entre guardanapos e canudos, servindo café e paparicando os Irmãos Pássaro. Pelo menos conseguira tirar Reyes da cabeça. Pássaro Número Um deixou cair o garfo duas vezes, e ela naturalmente precisou trocar. Pássaro Dois quis mais café. Depois pediu outro guardanapo. Quando ela tentou sair, o Número Dois agarrou seu pulso, aguçando-lhe todos os sentidos.

Ela não puxou o braço — *cada centavo de gorjeta faz diferença, cada centavo conta* —, mas perguntou educadamente o que ele queria e puxou o braço.

— Gostaríamos de falar com você — ele disse, segurando-a novamente.

Ela recuou um passo. Se encostasse nela de novo, ela iria reagir. Não iria mais permitir que estranhos a tocassem. De jeito nenhum.

— Sobre o quê?

O sino acima da porta do restaurante anunciou a chegada de uma mulher com o filho.

— Sobre o quê? — ela repetiu.

— Sobre trabalho. Dinheiro.

Ela arregalou os olhos. Santo Deus. Será que eles achavam que ela era alguma prostituta? Então era isso que queriam dizer quando falaram “alguém como ela”. Estranho olharem para ela com desdém e mesmo assim quererem comprar seus serviços.

— Não, obrigada. Estou feliz aqui, fazendo o que faço. — Bem, *feliz* mesmo ela não estava, *mas* eles não precisavam saber disso.

— Danika — chamou Enrique. — Tem gente esperando.

Os homens deram uma olhada para a entrada e franziram o cenho.

— Depois nos falamos — disse o Número Dois.

Que tal nunca? Sério. Prostituta? Como estava mais perto da porta do que Gilly, Danika pegou dois cardápios e conduziu os novos fregueses para uma mesa livre. Estavam meio descabelados, magros e com as roupas sujas e amassadas. Podiam não dar gorjetas boas, mas ela sorriu para eles com sinceridade, e até com um pouquinho de inveja. Ela sentia tanta falta da mãe.

— O que gostariam de beber?

— Água — disseram ao mesmo tempo.

Havia uma expressão de desejo nos olhos azuis do garoto enquanto olhava atentamente para uma garrafa já suada de refrigerante que estava sobre uma mesa a poucos metros dele. Danika virou a cabeça para o lado, e seu olhar artístico vislumbrou imagens de um quadro de partir o coração. Os desejos humanos eram sempre simplificados quando se era privado de tudo, exceto das necessidades mais básicas.

Você não vai mais pintar, esqueceu? Era algo luxuoso demais neste mundo em que a morte poderia chegar a qualquer momento. Além disso, ela precisava *sentir* para pintar. Não apenas sentir felicidade. Para ela, pintar exigia um amplo espectro de emoções. Fúria, tristeza, felicidade. Ódio, amor, mágoa.

Sem essas emoções, ela simplesmente misturava cores e as jogava na tela. Mas com elas, Danika perdia o equilíbrio necessário para a sobrevivência.

Ela reprimiu a tristeza que não podia vivenciar no momento e lhes entregou dois cardápios.

— Já volto com suas bebidas e depois anoto seus pedidos.

— Obrigada — a mãe disse.

Quando ela estava passando, Pássaro Número Dois lhe agarrou o braço de novo, apertando com força. Danika enrijeceu os músculos do corpo, centelhas de fúria tão quentes se formando sob a pele e, de repente, se sentiu envolta em chamas. Ela não conseguiu evitar aquele sentimento, não conseguiu reprimir facilmente, como havia feito com a tristeza. O gelo que ela imaginara lhe envolvendo durante as últimas semanas simplesmente derreteu.

— A que horas você sai?

— Não vou sair.

— Estamos perguntando pelo seu próprio bem. O mundo é um lugar muito ruim e, a não ser que você seja uma pessoa má, não deveria sair por aí sozinha.

— Se me agarrar de novo — disse ela, trincando os dentes e ignorando a falsa preocupação do sujeito —, vai se arrepender. Não sou prostituta e não estou querendo dinheiro, entendeu?

Eles ficaram boquiabertos, e ela se soltou. Saiu de perto deles antes que falasse alguma besteira. Com as mãos trêmulas, providenciou as bebidas da mãe e do filho. Seu coração batia tão forte que quase quebrava as costelas. *Você tem que se acalmar.* Inspire; expire. *Assim.* Finalmente seus músculos pararam de lhe estrangular os ossos. Ela passou longe da mesa dos Irmãos Pássaro. Ao ver que ela estava trazendo uma Coca-Cola para o garoto, a mãe abriu a boca para reclamar, mas Danika levantou a mão para que ela não falasse nada; sua mão ainda estava trêmula, percebeu com surpresa. Ainda estava nervosa por causa do toque de Número Dois. Inspirou novamente; expirou novamente.

— Por conta da casa — ela sussurrou. Enrique não dava nada para ninguém, nem para as garçonetes, e seria capaz de descontar do salário de Danika se ouvisse.— Se não tiver problema para ele, tudo bem.

O garoto ficou todo feliz.

— Não tem problema, não é, mãe? Por favor, por favor, por favor.

A mãe sorriu para Danika, agradecida.

— Tudo bem. Obrigada.

— O prazer é meu. Já sabem o que vão pedir? — Ela pegou o bloquinho e o lápis do bolso do avental. Sua mão não estava mais tremendo, mas ela estava com os músculos tão duros que, sem querer, quebrou o lápis ao meio. — Opa. Desculpe. — Tomando mais cuidado, pegou outro lápis no bolso.

Os dois fizeram seus pedidos, e ela anotou. Outra família entrou. Ela deu uma olhada superficial para eles. Estava ficando cada vez menos apavorada quando as pessoas entravam. Em seus primeiros dias trabalhando no Enrique's, vivia esperando que Reyes entrasse pela porta, a jogasse sobre o ombro e a sequestrasse, desaparecendo noite adentro com ela.

Gilly fez um gesto para que a família se sentasse na única mesa vaga e trocou um olhar e um sorriso cansado com Danika, que se sentiu frágil, com os nervos nitidamente à flor da pele por causa

do toque do Número Dois. *Você sabe que não pode agir assim. Você tem de estar preparada, pronta para tudo.*

— Anotou? — perguntou a mulher.

Ela voltou a prestar atenção na freguesa.

— Sim. Dois hambúrgueres, um simples, o outro com tudo, ambos acompanhados de batatas fritas.

A mulher assentiu.

— Ótimo. Obrigada.

— Vou entregar o pedido. Não deve demorar muito para ficar pronto. — Danika arrancou a página do bloco e caminhou em direção a Enrique.

Pássaro Número Um a agarrou desta vez.

— Escute. Não achamos que seja prostituta, só queremos falar com você. A coisa vai ficar feia para o seu lado.

Danika acabou agindo por instinto antes que pudesse pensar duas vezes. Em sua mente, viu o rosto apavorado da irmã na noite em que foram sequestradas do quarto do hotel em que estavam e as levaram para aquela fortaleza, prisioneiras daqueles monstros. Ela ouviu a voz da mãe na cabeça: *Sua avó deve estar morta. Deve ter sido assassinada.*

Ela ficou cega e o ódio voltou com força total, transformando-a numa guerreira selvagem. *Ataque! Não seja frágil, nunca mais!*

Danika enfiou a mão livre no nariz do homem. Ela quebrou a cartilagem dele, e o sangue jorrou por sua camisa e seu prato. Ele uivou de dor, levando a mão ao rosto. Fez-se um silêncio pesado. Então alguém derrubou uma xícara. *Clangue, plá.* Líquido escorreu pelo chão. Alguém soltou um palavrão. Todos os sons ecoaram como trovões, atravessando-lhe a mente e arrancando-a de seu transe vingativo.

Danika ficou boquiaberta. O Número Dois ofegou, os olhos arregalados. Ele se levantou de um pulo, arfando.

— O que pensa que está fazendo, sua vagabunda?

— Eu... Eu... — Seu corpo inteiro começou a tremer. Ela ficou imóvel, tentando controlar o pânico, mas acabou chamando a atenção para si mesma. Bastante, e da pior maneira. — Eu... eu disse para vocês não encostarem em mim.

— Você o atacou! — O outro homem a segurou pelos ombros, encarando-a de modo agressivo, e a empurrou para trás.

Ela podia tê-lo feito parar de empurrá-la, podia ter enfiado o lápis na jugular dele antes de cair. Mas não fez nada disso. Danika sentiu-se ao mesmo tempo humilhada e arrependida. E ambos os sentimentos ofuscaram qualquer sugestão prolongada de fúria. *Cadê a Danika fraquinha agora?*

— Sabe de uma coisa? — ele grunhiu para ela. — Você é exatamente como eles. “Ela deve ser inocente”, me disseram. “Tomem cuidado com ela. Sejam gentis”. Eu não acreditei, nem por um segundo, mas obedeci. Não deveria ter obedecido. Você acabou de provar o quanto é desprezível.

Talvez seja mesmo uma prostituta... A prostituta *deles*.

Você é exatamente como eles, ele disse. Como quem?

— Desculpe. Não tive intenção... Eu... — Não havia nada que pudesse dizer para melhorar a situação. Ela limpou a garganta e alisou o suéter amarrotado. Sua mão devia estar ensanguentada, pois onde ela enconstava ficava vermelho. — Eu sinto muito mesmo.

— Alguém chame a polícia, droga!

Ah, meu Deus. Ela ia ter que fugir de novo, logo agora que estava se ajustando. Se o caso chegasse aos jornais... *Ah, meu Deus*, pensou de novo. Seu coração estava batendo cada vez mais forte.

Enrique saiu da cozinha pisando ruidosamente e empurrando a porta dupla com força. Ele era um homem grande, alto, gordo e bastante imponente. Os cabelos já escassos lhe caíram sobre os olhos fulminantes enquanto ele berrava:

— Você, garotinha, está demitida. E esse é o menor dos seus problemas. Entre e espere os policiais chegarem.

É claro que ela estava despedida. E, no fundo, já sabia que ele ia dispensá-la depois daquele expediente.

— Eu vou — ela mentiu —, assim que receber meu dinheiro. O senhor me deve...

— Você vai para dentro agora! Está espantando os fregueses.

Danika olhou para o salão do restaurante e parou o olhar na mãe com o filho. A mulher envolvera o corpo do filho em um abraço protetor e afastara o refrigerante que Danika lhe dera. Mãe e filho olhavam para ela com medo. *Eu? Mas eu estava apenas me defendendo*.

Ela olhou para outro lado e viu Gilly. A garota começou a se aproximar com uma expressão preocupada, nitidamente querendo apoiar Danika. Ela ia acabar perdendo o emprego e o salário do dia também, e Danika não podia permitir que isso acontecesse.

— Vou esperar pela polícia em meu apartamento — mentiu.

— Não vai, não — disse Enrique. — Você vai...

Ela deu meia-volta e saiu do restaurante de cabeça erguida e ombros empinados, com dignidade. Felizmente, ninguém tentou impedi-la, nem mesmo Pássaro Número Dois. A noite estava cálida e agitada, iluminada por letreiros de néon. Ela se sentiu exposta, como se tivesse um farol sobre si e todos na rua estivessem olhando para ela.

Deus do céu, o que iria fazer?

Danika apertou o passo, quase correu. Tinha quarenta dólares no bolso. Dava para pegar um ônibus para qualquer lugar. Para onde iria? Talvez para a Geórgia, o Estado do Pêssego, que ficava bem longe. Mais importante ainda, a caminho da Geórgia ela passaria por Oklahoma e poderia procurar pela avó.

O pensamento mal acabara de se formar em sua mente quando sentiu uma pancada nas costas que a empurrou para um beco escuro. Ela caiu na calçada com tanta força que ficou completamente sem ar. Sentiu que pedras cortavam o suéter e a camiseta e começavam a rasgar sua pele. Bateu com o queixo no cimento. Fechou os olhos e viu estrelas.

— Vagabunda do inferno! — berrou um homem logo acima de sua cabeça, lançando gotas de

saliva em seu cabelo. Pássaro Número Dois. Ele não a deixara fugir, afinal. — Você achou mesmo que eu ia deixá-la fugir de novo? Você é nossa, gatinha, e vai sofrer como seus amigos. Não tenho permissão para matá-los, mas você... você vai pedir para morrer.

O instinto de Danika voltou a entrar em ação. *Não grite, apenas lute. Não reaja, apenas ataque.* As palavras lhe vieram à mente e passaram a fazer parte dela tanto quanto um braço ou uma perna. Quando o agressor a agarrou pelos cabelos, levantando-a, ela girou o corpo. Sentiu uma dor forte no couro cabeludo quando alguns fios de cabelo foram arrancados, mas mesmo assim esticou o braço para tapar a respiração dele e ganhar tempo para se soltar enquanto o homem arfava, sufocado. *Contato.*

Ouviu um gemido, um uivo. Ele a soltou. Um líquido quente escorreu pelos dedos de Danika, concentrando-se nas dobras dos dedos. Mas o que era... De repente, se deu conta. Ainda estava segurando o lápis e o enfiara na jugular dele; exatamente o que se controlara para não fazer no restaurante.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus! — Perplexa, tentou se levantar. Cambaleante, teve de se apoiar nos ombros dele para conseguir ficar de pé.

Ficou completamente horrorizada ao vê-lo cair de joelhos, a boca cheia de sangue.

Os raios de luar o atingiram por entre os edifícios, iluminando a figura pálida e a expressão de choque e dor no rosto. Ele tentou falar, mas não emitiu nenhum som.

— Sinto muito! — Danika abriu os dedos da mão, soltando-o completamente. Ela ergueu as mãos com as palmas voltadas para fora, e o sangue lhe escorreu pelos braços. Ao horror misturou-se o pânico. Não havia nenhum sinal de fraqueza. Não até aquele momento.

Um passo, dois, ela ia se afastando. Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. *Assassina*, sua mente gritava. *Você é uma assassina.* O aroma metálico de sangue se misturou ao cheiro de urina e suor. Número Dois desabou no chão. A cabeça estava virada e olhos pareciam totalmente focados nela quando o movimento em seu peito cessou.

Ah, meu Deus. Danika sentiu a bile lhe subindo à garganta. *Você tinha que fazer isso. Ele a teria matado.*

Sem saber mais o que fazer, Danika deu meia-volta e saiu correndo entre as pessoas que se agrupavam do outro lado do edifício. Os letreiros de néon iluminavam todos os seus movimentos, e a respiração ofegante soava como batidas de tambor em seus ouvidos. Ninguém tentou segurá-la.

Duas semanas antes, em Nova York, um de seus instrutores de defesa pessoal lhe dissera que ela não tinha instinto assassino.

Antes fosse.

Sou tão ruim quanto os monstros.

Capítulo Três

— EU SEI onde sua mulher está.

Reyes se aprumou no sofá, a ponta da faca cravada em seu braço. Ele enfiou mais fundo, tão fundo que cortou a veia ao meio. Mas a ferida cicatrizou rápido demais, se fechando ao redor da lâmina. O sangue secou sobre sua pele.

Ele havia pulado do teto três dias antes e só naquele momento se recuperara o suficiente para voltar a andar. Infelizmente. Dor estava ficando cada vez mais escandaloso e exigente; queria algo mais. O quê, Reyes não sabia. E aquele corte não havia ajudado em nada.

Ele arrancou a faca, criando outro ferimento. Lambeu o lábio inferior, tentando saborear a dor. Esse machucado também sarou rápido. *Dor nunca é demais. Nunca.*

— Você não tem nada para me dizer?

— Você é tão mau quanto Gideon. — Ele olhou furiosamente para Lucien, que parou à porta. Os cabelos negros do guerreiro caíam em ondas sobre os ombros, e seus olhos de cores diferentes cintilaram de ansiedade.

— Como se eu fosse mentir.

Estavam sozinhos na sala de entretenimento. Paris, que normalmente poderia ser encontrado ali assistindo a um de seus festivais de corpos nus, no momento estava na cidade, levando para a cama o máximo de mulheres que podia, para assim ganhar força.

Maddox estava no quarto com a mulher, Ashlyn. Como sempre. Sabin e os outros guerreiros no momento estavam na cozinha — já haviam expulsado Reyes havia muito tempo por estar sangrando em cima da mesa — traçando um plano para atacar de surpresa o Templo dos Impronunciáveis em Roma sem que os humanos soubessem.

Reyes tinha dúvidas se o templo conduzia mesmo ao Olho Que Tudo Vê, ao Manto da Invisibilidade ou ao Cetro Divisor, o que quer que isso fosse, mas ele estava em desvantagem numérica, portanto ficou quieto. Mesmo assim, sabia que tinha razão. Se *houvesse* alguma coisa para achar em meio a pedras esfaceladas, musgo e conchas, já teriam achado àquela altura. Além disso, a Jaula da Coação que eles haviam descoberto depois de vasculhar o Templo de Todos os Deuses não os ajudara em nada a encontrar a caixa.

Sim, era uma bela arma para se ter. Qualquer um que fosse trancado dentro daquela jaula era magicamente impelido a fazer tudo que o dono do artefato mandasse. Mas quem deveriam trancar naquela jaula? O que deveriam mandar a pessoa fazer? Até saberem as respostas, ele continuaria desconfiando de que Lucien e Anya fossem continuar a brincar como crianças levadas.

— Reyes — disse Lucien. — Estávamos falando sobre Danika.

— Não estávamos, não. — Ele queria tirá-la da cabeça, mas começava a desconfiar de que Danika passara a fazer parte dele. Assim como seu demônio. Só que era pior. Ela havia destruído sua preciosa paz. Uma destruição sem volta, mesmo enquanto ele estava de cama, arrasado e pulsando em deliciosa agonia.

— Devo lhe contar o que sei sobre ela? — perguntou Lucien.

Não morda a isca. Melhor não saber. Sem Reyes fornecendo um fluxo constante de dor tangível, seu demônio saíria de controle, louco para fazer *alguém* sentir muita dor. Ele, os outros. Não importava. Esta é uma das razões pelas quais mandara Danika embora. Se ele a encontrasse, poderia um dia machucá-la de modo irreversível.

— Conte-me — ele se viu ordenando com voz rouca.

— Há três dias, ela apunhalou um homem.

Aquele doce anjinho, ferindo um humano? Reyes deu uma risada irônica.

— Ah, por favor. Agora tenho certeza de que você está mentindo.

— Mesmo que eu jamais tenha mentido para você?

Não, Lucien jamais mentira para ele. Reyes engoliu em seco a bile que começava a lhe subir pela garganta. As palavras seguintes emergiram duras e tensas.

— Como sabem que ela feriu um homem?

— Foi mais do que ferir. Ela o matou. A vítima ficou internada no hospital por dois dias e só morreu hoje de manhã. Quando fui chamado para levar sua alma, vi que ele tinha a marca dos Caçadores.

— O quê? — Reyes se levantou de repente, uma fúria lhe percorrendo o corpo. Os Caçadores haviam descoberto Danika? Ela fora forçada a matar um deles? Naquele momento, ele não se permitia mais ter a ilusão da descrença. Os Caçadores o odiavam. Eles podiam tê-la visto na fortaleza, então a seguiram e tentaram torturá-la para obter informações sobre ele.

Ele rangeu os dentes. *Malditos Caçadores!* Eram tão irresponsavelmente fanáticos que acreditavam que todo o mal do mundo emanava dos demônios que habitavam os Senhores do Mundo Subterrâneo. Eles eram impiedosos em sua missão de destruir esses espíritos e os homens que os abrigavam, e não hesitariam em atacar aqueles a quem considerassem amigos dos guerreiros.

Danika não era uma amiga, mas não tinham como saber disso. Inclusive naquele instante, eles provavelmente estariam planejando usá-la como Isca para atraí-lo e tirá-lo da fortaleza.

E isso mudava tudo.

— Ela se machucou? Eles encostaram nela? — Ele procurou o segundo punhal que levava consigo antes mesmo de se dar conta do que estava fazendo: se preparando para a guerra.

Lucien continuou sua história como se Reyes não tivesse dito nada.

— Enquanto eu conduzia a alma do Caçador para o inferno, vi os últimos atos de sua vida em minha mente.

— Ela está machucada? — Ele pronunciou as palavras com lentidão extra, rangendo os dentes.

— Sim.

Dor começou a rondar os corredores de sua mente, afiando as garras nas laterais de seu crânio.

— Ela está... — Reyes apertou os lábios. Não conseguia pronunciar as palavras. Mal conseguia pensar naquilo.

— Não — Lucien respondeu à pergunta não formulada. — Ela não morreu. Graças aos deuses.

— A fúria deu lugar à sensação de alívio e ele relaxou os ombros.

— Havia algum outro Caçador?

— Sim. — Novamente, Lucien não entrou em detalhes.

— Quantos?

— Um. Ela quebrou o nariz dele.

— De propósito? — ele perguntou, chocado.

— Sim.

A Danika de quem ele se lembrava era doce e gentil. Ele não sabia direito o que achava dessa tigresa que estavam lhe descrevendo, mas ele apostaria sua vida no fato de que ela estava atormentada por suas atitudes.

— Onde ela está? — Ele iria procurá-la, ver como ela estava, encontrar um jeito de protegê-la de futuros ataques de Caçadores, e então a deixaria. Não se permitiria demorar, sequer começaria uma conversa. Mas precisava vê-la, precisava verificar se estava viva e bem. Depois, iria encontrar e selvagemente matar o outro Caçador responsável pelo sofrimento de Danika. Um nariz quebrado não seria o suficiente para satisfazer seu desejo de vingança.

Lucien não respondeu a ele.

— Vamos viajar para Roma em menos de uma semana para procurar pelo templo novamente. Nós *precisamos* daqueles artefatos.

Ah, então era assim que eles iriam jogar, hein?

— Eu sei.

— Quero que Aeron seja trazido para cá antes de partirmos.

— Então você quer colocar todos nós em perigo. Prefere ignorar a vontade de Aeron para impor a sua.

— Ele é um dos nossos. Precisa de nós agora mais do que nunca.

Reyes avançou, passou por Lucien e saiu da sala. Desde que Anya e Ashlyn haviam se mudado para lá, a velha fortaleza, caindo aos pedaços, se transformara em um lar. Vasos coloridos passaram a estar sempre cheios de flores. As paredes estavam repletas de obras de arte que Anya roubara — a maioria de homens nus; ela era dona de um senso de humor bastante corrosivo — e a mobília fora modernizada. Sofás aleatoriamente combinados deram lugar a elegantes peças de couro.

Bustos meticulosamente esculpidos e polidos, bancos de telas de aço e poltronas forradas por almofadas dominavam os cômodos e adornavam os corredores. No início, ele desconfiava das mulheres. Mas agora já não sabia o que faria sem elas. Elas eram âncoras em meio a uma tempestade

terrível.

As botas dele golpearam os degraus, criando um ritmo selvagem: *bum, bum*. Ao entrar no corredor do terceiro andar, parou abruptamente. Lucien estava esperando à porta de seu quarto, com expressão determinada. Morte só precisava pensar em qual lugar e se teletransportar para lá instantaneamente.

— Não vou desistir — disse Lucien. — E isso deveria agradá-lo. Eu não desistiria se a situação fosse invertida e eu estivesse lutando por *sua* vida.

Com uma expressão de raiva estampada no rosto, Reyes novamente se movimentou. Empurrou Lucien com um dos ombros e escancarou a porta do quarto. Entrou e foi direto pegar as armas que mantinha escondidas estrategicamente.

— Os outros pensam como eu, e estão irritados por você se recusar a falar sobre Aeron. Faz alguns dias que venho pedindo a eles que tentem colocar algum juízo em sua cabeça. Depois disso... — Depois disso, eles partiriam para a briga. Para eles, Reyes estava escolhendo Danika em vez de Aeron, e um guerreiro não podia escolher uma mulher em vez de outro guerreiro. Jamais. Reyes não alegou que Maddox optara por Ashlyn e que Lucien optara por Anya. Ele não alegou, mais uma vez, que Aeron preferia a morte à criatura em que se transformara e não ficaria feliz em voltar para a fortaleza. Não seria bom. Pior ainda, parte dele pensava como Lucien.

Reyes levantou sua pistola Sig Sauer e conferiu o pente cromado de vinte tiros. Completo. Verificou a câmara. Uma bala já estava carregada. Ótimo.

— Vai procurá-la de arma em punho?

— Se preciso for. — Reyes pegou mais três pentes para as armas e uma caixa de munição calibre .45. Já havia adagas em seus tornozelos e estrelas ninjas presas ao cinto.

— Você não sabe para onde ir.

— Isso não vai me impedir. Eu *vou* encontrá-la.

Lucien suspirou longa e ruidosamente.

— Posso teletransportá-lo até ela. Poderá estar com ela e *salvá-la* em segundos.

Salvá-la. Ele admitira que ela estava mesmo em perigo ou seria um truque? Ele prendeu a arma atrás de si e apoiou as mãos abertas sobre a mesa forrada com uma toalha de veludo, a cabeça baixa. Permaneceu em silêncio por um longo tempo, analisando as opções que tinha. Perder tempo procurando Danika ou libertar Aeron, que já podia até sentir o gosto do sangue dela na boca?

Nenhuma das opções o entusiasmava.

Reyes suspirou, repetindo o som que Lucien acabara de emitir. Sua enorme cama com lençóis amarrotados estava localizada do lado esquerdo. Todas as noites, desde que a conhecera, imaginava que ela estava lá com ele, com seus cabelos louros caindo sobre os ombros, em seu corpo nu cintilando de desejo. Os mamilos perolados, ávidos pela língua dele. As pernas abertas, o centro úmido.

Às vezes, no entanto, a fantasia era substituída por seu maior medo: uma imagem de sangue e morte. Danika com a garganta cortada, seu corpo nu tingido de escarlate... inerte. A probabilidade de que este medo se materializasse aumentaria se Aeron fosse solto. *Você sabia que não poderia mantê-lo*

preso para sempre. Solte-o, salve-a e depois a proteja.

Protegê-la implicaria mantê-la consigo em vez de se afastar dela, como planejado. Isto só aumentaria o contato dela com Aeron e sua sede de morte, mas também com *Reyes*. Apesar de ser uma ideia perigosa, era ardente e impetuosa, como deveria ser a carícia da pessoa amada; se Reyes fosse capaz de sentir prazer com coisas suaves.

Ter Danika ao seu lado... abraçá-la...

Seu rosto angelical lhe veio à mente. Grandes olhos verdes que o fitavam transmitindo uma ampla variedade de emoções: medo, esperança, ódio... e desejo? Narizinho arrebitado e petulante. Lábios fartos e rosados que o condenavam ao inferno eterno, ao mesmo tempo que prometiam o mais doce êxtase. Corpo delicado e deliciosamente curvilíneo, pronto para o toque de um homem.

Ele fechou os olhos, sentindo as narinas sendo subitamente invadidas pelo cheiro dela. Noites intensas e inocência, doçura com um toque de mistério... de perigo. Ele enrugou a testa.

Mistério? Perigo? Ela nunca fora nada disso antes.

— Dê-me sua mão — disse Lucien, subitamente diante dele, com seu hálito quente pulsando no rosto de Reyes.

Ele piscou, surpreso, ao ver o amigo. Ele confiava naquele homem, o respeitava, mesmo que o tivesse decepcionando várias vezes nos últimos dias. Mesmo sem saber o que Lucien pretendia, Reyes ofereceu-lhe ajuda incondicional.

Sem tirar os olhos inquietos dos de Reyes, Lucien cobriu os dedos dele com os seus. No momento do contato, um raio lhe abateu o corpo inteiro. Todos os seus músculos se contraindo e relaxando como se tivessem sido ligados a um gerador, com volts de pura energia elétrica bombeados em sua corrente sanguínea. Um calor lhe envolveu o corpo como se fosse uma jiboia enrolando a presa e apertando-a cada vez mais, até que não conseguisse mais respirar. A dor... era tão gostosa. Ele fechou os olhos, apertando bem as pálpebras, saboreando. Seu demônio rugiu.

Por vários segundos, sua mente virou uma tela preta. Depois, foram surgindo pontinhos de luz, crescendo, crescendo... Uma imagem surgiu, ainda indistinta. Só uma silhueta. E então, de repente, ele viu Danika deitada numa cama, exatamente como ele imaginara ao longo de todas aquelas semanas. Mas ela não aparecia como uma deusa alva e pronta a lhe dar prazer. Estava acorrentada à cama, com os cabelos, antes claros, agora curtos e tingidos.

Ela estava tremendo. Lágrimas haviam escorrido e secado em seu rosto, e ela havia mordido o lábio inferior com tanta força que pequenas gotas de sangue se formaram. Naquele momento, o ódio se tornou uma força equivalente a outro demônio dentro de si. Danika era uma mulher feita para o prazer e para a luz, não para as trevas e o medo.

— Parece que ela não está bem. — Lucien o soltou e se afastou, levando a visão consigo. — Quanto mais tempo ela ficar com eles, mais chance terão de lhe fazer mal. Acompanhei o cadáver do Caçador a uma funerária, fiquei por lá em forma de espírito e presenciei a visita dos Caçadores. Eles me levaram, sem querer, direto a Danika. Sabem que ela matou o amigo deles. Pelo jeito estão com ela desde a noite das punhaladas. Eles a acorrentaram à cama e a fizeram dormir. Ela não consegue lutar contra eles assim, está indefesa e vulnerável, a...

— Sim! — Reyes arfou, soltando os braços ao lado do corpo. — Sim — repetiu. Ele não precisava mais pensar no que fazer. — Dê-me Danika e eu lhe darei Aeron. — Talvez fosse essa a solução para seu tormento. Salvar Danika, protegê-la e ajudar a fazer com que Aeron voltasse a ser o mesmo guerreiro de antes. Apesar de ainda não saber como poderia conseguir este último feito. — Mas você vai me dar sua palavra de que, quando o trouxerem para cá, ele terá o isolamento de que tanto precisa.

— Você tem minha palavra. — Lucien assentiu com uma expressão pesada. — Saiba que faço isso em parte porque Anya acha que Danika pode nos levar a descobrir um dos artefatos. E não tenha dúvida: quando a garota estiver aqui, *vou usá-la* para achar este artefato.

— Não duvide *de mim* também: não sou eu mesmo quando estou com ela, e não sei como vou reagir se você fizer algum tipo de mal intencional a ela. — Ele já se sentia brutal só de pensar. — Leve-me a ela.

— Primeiro me diga que você entendeu que, mesmo que a salvemos agora, ela pode acabar morrendo logo depois. Não quero que me culpe se...

— Ela não vai morrer. — Ele não permitiria. — Chega de conversa. Leve-me a ela.

LUTEI PELA MINHA vida para perdê-la desse jeito? Danika riu amargamente. Acabara de acordar e não sabia direito quanto tempo se passara e nem o que lhe fizeram. Tal pensamento lhe deu ânsia de vômito. Após o... o... ataque — *ah, meu Deus, nem pense nisso* —, ela correrá até seu decadente apartamento para pegar suas coisas.

Um erro. Deveria ter deixado a arma e as roupas para trás, mas sem o pagamento do dia sabia que seria difícil comprar tudo de novo. E como ainda não estava treinada o suficiente para roubar sem ser flagrada, achou que não lhe restava escolha.

Um grupo de homens estranhos estava esperando por ela, parado nas sombras perto da escada de incêndio, como se já soubessem o caminho que costumava fazer. Pelo jeito, vinham seguindo seus passos durante dias e já conheciam seus hábitos.

Ela poderia ter lutado contra um ou dois. Até três. Mas eram seis, todos com tatuagens iguais, em forma do número oito nos pulsos, como a tatuagem daquele homem que ela havia... ela havia... ela nem sequer conseguia pensar nas palavras que expressavam o que fizera. A tatuagem deles era igual à do homem que havia morrido naquele beco sujo. Eles a nocautearam.

Quem disse que nunca mais ficaria indefesa, hein?

Quando abriu os olhos pela primeira vez, pouco antes, sua esperança de que aqueles homens fossem policiais e ela pudesse pagar fiança foi completamente destruída. Um policial não a acorrentaria a uma cama. Quem eram aqueles homens? O que queriam com ela?

Não era nada bom, óbvio. Ela sentiu o pânico rugindo em seu peito, congelando seu sangue. Seus ouvidos reverberavam de medo. O maxilar estava doendo por causa da pancada que levara. Estava sem forças; corroída pela fome. Estava com dificuldades para respirar, sentia as vias respiratórias congestionadas.

Não faça o menor ruído. As amarras eram frias e pesadas, esfolavam sua pele. Ela as puxou, olhando para os lados com ansiedade. O quarto era bem mobiliado, com poltronas estofadas demais, almofadas coloridas decoradas com miçangas e uma penteadeira de mogno com um espelho quadrado de moldura dourada. Seria obra de Reyes?, ela se perguntou, sem saber o que pensar. Ele também a prendera com conforto.

Não, não era Reyes, concluiu logo em seguida. Ele não era o tipo de homem que mandava outros fazerem o serviço sujo por ele. Se fosse o caso, estaria lá, a teria sequestrado pessoalmente. Então, quem a raptara?, pensou de novo. Amigos do homem que ela... ferira, obviamente. Aquelas tatuagens...

Aqueles homens queriam castigá-la por ter ferido o amigo deles? Será que queriam estuprá-la? Torturá-la? Ah, meu Deus. Será que também achavam que ela era prostituta e pretendiam vender seus serviços?

Lágrimas lhe queimaram os olhos. No momento estava sozinha. Ela continuou a puxar as correntes. Pingava suor, encharcando os lençóis debaixo de si. Quanto mais se mexia, mais suas roupas se afastavam das amarras de metal, não mais agindo como barreiras. Logo sua pele já estava cortada, e o sangue se esvaía de seus pulsos e tornozelos.

Uma batida ecoou.

Seu coração parou por um segundo, e ela apertou os lábios para conter um gemido. Ficou imóvel. Deveria fingir que estava dormindo?

A única porta do quarto se abriu, revelando um homem alto e de aparência comum. Ela não conseguia se forçar a fechar os olhos. Só conseguia olhar para ele, avaliando suas medidas. Ele usava uma camisa branca convencional e calça preta, parecia estar com seus 30 e tantos anos. Seus cabelos castanhos estavam penteados para trás. Os olhos eram grandes, verdes como os dela. E parecia bastante profissional, não tinha jeito de assassino. Calmo, talvez até simpático. O que não diminuiu o terror que sentia.

Danika engoliu em seco o nó que se formou em sua garganta. *Não faça o menor ruído.* Ela mordeu a bochecha por dentro até sentir gosto de sangue. *Não demonstre medo.* Calmamente, ela inspirou, expirou, cada movimento era preciso.

— Ótimo. Você está acordada. — Mal fazendo uma pausa, o homem acrescentou: — Relaxe, minha querida. Não tenho intenção de lhe fazer mal.

— Então me solte. — O tom de súplica na voz dela acabou com todas as suas tentativas de parecer forte.

— Sinto muito. — Ele parecia realmente aborrecido. — As correntes são necessárias.

— Apenas me deixe ir e...

Ele levantou a mão, calando-a.

— Lamento, mas não temos muito tempo. Meu nome é Dean Stefano. Meus amigos me chamam de Stefano, e espero que você me chame assim também. Você é Danika Ford.

— Solte-me. Por favor.

— Vou soltar, mas não agora. — Suas sobrancelhas desapareceram debaixo do traçado dos

cabelos. — Podemos ir direto ao ponto? O que você sabe sobre os Senhores do Mundo Subterrâneo?

Os Senhores? Então a questão era o *outro* sequestro que ela havia sofrido? Deixou escapar uma risada nervosa. Em que tipo de confusão Reyes e companhia a envolveram?

— Diga.

— Não sei de nada — disse, pois não sabia que tipo de resposta Stefano queria. — Não sei nada sobre Senhor nenhum.

A irritação ficou evidente nos olhos dele.

— Mentir só vai piorar as coisas para o seu lado, minha querida. Vamos tentar de novo. Você ficou com um grupo de homens em Budapeste. Não eram homens comuns, mas, sem dúvida nenhuma, os homens mais violentos que o mundo já viu. No entanto, não lhe fizeram mal. E se não lhe fizeram mal, significa que lhe consideram uma amiga.

— Eles são monstros — disse, e torceu para que fosse isso que ele quisesse ouvir. — Eu os odeio. Não sei por que eles me prenderam, e não sei por que me soltaram. Por pura diversão, talvez. — Cada sílaba que ela pronunciava emanava sinceridade e ódio. — Solte-me. Por favor. Não tive intenção de machucar... Foi um acidente e eu... — Lágrimas novamente brotaram em seus olhos.

Stefano suspirou.

— Nós a mantivemos sedada enquanto decidíamos o que fazer com você. Sedada, mas em segurança. Você nos levou um bom soldado, Danika, um dos melhores que tínhamos. Nós sentimos muito a falta de Kevin. A esposa dele não para de chorar desde que lhe contei da morte dele; ela se recusa a comer e diz que quer morrer para reencontrar o marido. Acho que você está nos devendo uma, concorda?

Como ele provavelmente já estava esperando, suas palavras a encheram de culpa, e muitas vezes a culpa machuca mais do que qualquer corrente.

— Por favor. Só quero ir para casa. — Não que ela ainda tivesse casa. Ela riu outra vez, sentindo-se um pouco desorientada e tremendo bastante. Estava tonta. — Por favor.

A expressão de Stefano não se suavizou.

— Os Senhores do Mundo Subterrâneo; Maddox, Lucien, Reyes, Sabin, Gideon, é como eles se chamam. Devo continuar? Eles são demônios, criados nos céus, mas gerados do próprio inferno. Você sabia disso?

Ela piscou, confusa, sentindo o ar lhe congelar os pulmões.

— D-demônios? — Poucos meses antes ela diria que ele estava brincando com ela. Mas naquele momento ela balançou a cabeça, assentindo. Isso explicava tanta coisa. Ela vira os rostos dos sequestradores se transformando em esqueletos. Ela sobrevoara a cidade nos braços de um homem alado. Ela vira presas crescendo e garras sendo afiadas. Ela ouvira uivos e gritos de dor e tortura.

Demônios. Como os de seus sonhos, de suas pinturas secretas. Desde pequena ela já soubera que acabaria em Budapeste, com Reyes e seus amigos? E depois com aquele homem? Será que os pesadelos contra os quais tanto lutava a estavam preparando para isso?

— Ah, claro. Você acredita. Você sabe a verdade. — Stefano, irradiando ódio, se aproximou.

Aquele ódio acabara com sua calma e seu tom amigável, transformando-o em uma fera ameaçadora. — Morte é um demônio. Destruição é um demônio. Doença é um demônio. Todo o mal que o mundo já conheceu, todo o mal que se manifestou, pode ser relacionado a eles.

Quanto mais perto ele chegava, mais ela se encolhia.

— E o... o que isso tem a ver comigo?

— Ninguém que você amava morreu? Nada que você já possuiu foi destruído? Nunca ninguém mentiu para você? Nenhuma doença lhe afligiu?

— Eu... Eu... — Ela não sabia o que dizer.

— Ainda não está convencida da maldade deles? Um daqueles demônios seduziu minha esposa. Ela era a pessoa mais pura e correta do mundo, e jamais teria me traído por vontade própria. E a mesma cria do demônio que a levou para a cama foi quem a convenceu de que ela era má e tinha que morrer. Então ela se matou e fui eu quem encontrou seu corpo pendurado na viga do telhado da nossa garagem. — A voz dele foi ficando mais incisiva a cada palavra. O queixo se transformou em granito.

Danika conhecia a dor de encontrar o corpo sem vida de uma pessoa amada. Foi ela quem encontrou o corpo do avô depois de seu ataque cardíaco. E ela continuava sendo assombrada por aquela visão que maculou as lembranças do homem cheio de vida que ele fora.

— Sinto muitíssimo por sua perda.

Stefano engoliu em seco, aparentemente procurando se recompor.

— Essa perda me deu um propósito de vida que compartilho com milhares de pessoas em todo o mundo. Enquanto os Senhores do Mundo Subterrâneo representam a escuridão, nós representamos a luz. E não temos a intenção de tolerar toda a dor que eles trazem ao mundo. Ao *nosso* mundo — acrescentou ele. E fechou os olhos como se pudesse saborear sua esperança. — Depois que capturarmos os Senhores do Mundo Subterrâneo e contermos o mal que eles causam de uma vez por todas, as coisas serão como sempre deveriam ter sido. Belas... pacíficas. Perfeitas.

Deixe-o falar. Deixe que se esqueça de você.

— Por que capturá-los? Por que não matá-los?

Ele abriu as pálpebras lentamente, a felicidade desaparecendo de seus olhos. Ele a encarou como se estivesse sondando-lhe a alma. Foi uma sensação sinistra.

— Matá-los significa libertar os demônios que vivem dentro deles, permitindo que esses monstros abomináveis fiquem vagando pela terra, livres e indomados. Nós precisamos que homem e espírito estejam juntos. — Ele deu de ombros como se não se importasse, mas seu olhar se aguçou. — Isto é, até encontrarmos a caixa.

— Caixa? — Tentando aparentar tranquilidade, ela balançou os pulsos amarrados. As correntes eram apertadas demais, mas sua pele estava molhada de suor. Se ela conseguisse se soltar...

Faria o quê? Sairia correndo? Havia *demônios* perseguindo a família dela. Não eram humanos. As pessoas que ela amava estariam realmente bem?

— A Caixa de Pandora — Stefano disse, ainda observando-a atentamente.

Ela arregalou os olhos e ficou imóvel. *Será que isso é um sonho? Outro pesadelo?*

— Você está brincando, não é? — Sua avó costumava lhe contar histórias sobre Pandora e sua caixa infame. — Isso é um mito. Uma lenda.

Ele cruzou os braços sobre o peito, esticando o tecido de sua camisa e definindo a linha esguia de seus músculos. Sem dúvida ele treinava com pesos e armas, assim como os Senhores do Mundo Subterrâneo.

— E por acaso não existem demônios andando pela terra?

Ela sentiu um frio na barriga de pavor.

— Vou lhe contar uma história, está bem? Ouça com atenção.

Ele ficou esperando. Ela assentiu, torcendo para estar fazendo o que ele queria. Claro que estava.

— Centenas de anos após a criação da terra — começou —, uma horda de demônios fugiu do inferno. Eles eram as criaturas mais vis que Hades e seu irmão Lúcifer geraram. Eram incontrolláveis, verdadeiros pesadelos com vida. Na tentativa de salvar o mundo, os deuses usaram os ossos da deusa da opressão para criar uma caixa. Com astúcia e precisão, conseguiram capturar os demônios e prendê-los dentro dela.

— Conheço o resto da história — sussurrou Danika, sentindo o frio na barriga se transformar em um mar de enjoo.

Stefano arqueou uma sobrancelha.

— Conte.

— Os deuses pediram a Pandora para guardar a caixa.

Ela assentiu.

— Sim.

— Pandora a abriu — ela continuou, pois esta era a versão mais conhecida da história. Mas não era a versão que a avó lhe contara.

— Não. É nesse ponto que a lenda está errada. — Stefano passou o dedo sobre a tatuagem em seu pulso. — Pandora era uma guerreira, a maior guerreira de sua época. A caixa lhe fora confiada para ser guardada em segurança. Ela jamais a abriria, nem mesmo sob ameaça de morte.

Ela puxou as correntes novamente, desta vez com menos força. Danika de repente se viu fascinada, escutando, apesar da vontade de fugir. Stefano havia acabado de confirmar o que sua avó havia lhe contado, uma história diferente da que era contada para todo mundo.

— E?

— E os soldados de elite dos deuses ficaram com raiva por não terem sido escolhidos para tomar conta da caixa, seu orgulho fora ferido. Eles resolveram mostrar que os deuses haviam tomado a decisão errada. Enquanto um guerreiro chamado Paris seduzia Pandora, os outros lutavam contra seus guardas. No final, os soldados venceram. O líder deles, Lucien, abriu a caixa, mais uma vez deixando todos aqueles demônios odiosos livres em um mundo inocente. Morte e Escuridão reinaram.

Danika afundou no colchão outra vez. Ela olhou para o teto, tentando imaginar Reyes como a criatura hostil que Stefano dizia. Orgulhoso, invejoso. Quando esteve com Reyes, Danika não pareceu se importar com o que os outros pensavam dele. Ele ficava berrando ordens e comandos. Era grosseiro e taciturno.

— E então?

— A caixa desapareceu. Ninguém sabia para onde ela havia sido levada e nem quem a levava. Vendo que não restava alternativa, os deuses reuniram os demônios e os colocaram dentro dos guerreiros responsáveis pela rebelião, e então os baniram da terra. Esses homens perderam todos os seus traços de humanidade; eles *se transformaram* em seus próprios demônios, banhando nosso mundo com sangue. E eles continuam trazendo destruição a todos nós. Enquanto estiverem à solta, ninguém está a salvo.

Stefano esfregou seu pomo de adão, inclinando a cabeça para o lado com uma expressão intensa.

— Eu já lhe perguntei, mas vou perguntar de novo. Você consegue imaginar um mundo sem ódio, sem dor, mentiras ou infelicidade?

— Não. — Ela não conseguia. Nos dois últimos meses, só havia experimentado essas coisas. Foram suas únicas companheiras.

— Os Senhores do Mundo Subterrâneo mataram sua avó, Danika. Está ciente disso?

— Você não pode ter certeza! — gritou, as palavras saindo numa explosão. Lágrimas inundaram seus olhos de novo, mas ela as conteve, como fizera antes. — Ela pode estar viva.

— Não está.

— Como sabe? — ela perguntou com uma voz rouca, claramente em pânico. — Você só saberia se a tivesse... se a tivesse...

— Visto.

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Não. Droga, não!

— Você a viu? — Ela quase não ouviu a si mesma, mas não tinha forças para perguntar de novo.

— Sim e não — admitiu ele. — Um de meus homens viu aquela criatura, Aeron, carregando o corpo dela caído sobre o ombro. Ele entrou com ela em um edifício, do contrário meu agente os teria seguido. — Stefano coçou a ponta do nariz, lamentando. — Primeiramente, planejamos observá-la e esperar que os Senhores do Mundo Subterrâneo voltassem a lhe procurar. Nós achamos que você estava do lado deles e pensamos em capturar todos vocês ao mesmo tempo. Mas você fugia continuamente, como se não quisesse ser encontrada por eles. Isso me deixou intrigado.

Como se ela se importasse com os planos dele! A avó dela *estava* morta ou não? Um corpo caído não era necessariamente um cadáver. Vovó Mallory podia muito bem estar viva, rindo, tomando uma tigela de sua sopa favorita. Ela visualizou a cena e quase chorou de tanta vontade de que fosse mesmo verdade. A imagem logo foi substituída por outra, na qual uma adaga estava cravada no peito de sua avó. *Não. Não!* Ela teve vontade de gritar, de protestar.

Emoções fortes não lhe fazem bem. Você sabe disso. Não se deixe levar por elas, do contrário vai entrar em colapso.

E não fazia muita diferença se ela entrasse em colapso, pensou, quase histérica. Não estou exatamente em condições de sair correndo agora.

— Você pode nos ajudar a capturá-los, Danika. Pode impedir que eles continuem fazendo aos outros o que fizeram com você e comigo. Pode castigá-los por fazer mal aos seus entes queridos. Sua família poderá finalmente parar de fugir. Vocês poderão ficar juntos de novo.

Sem vovó Mallory?

Daquela vez, ela não conseguiu evitar o choro. Seu queixo tremia e o maxilar estava doendo. Lágrimas quentes correram livremente pelo seu rosto.

— Ajude-me — acrescentou Stefano seriamente. — E eu a ajudarei também. Tomarei conta de você e da sua família até que todos os Senhores do Mundo Subterrâneo estejam mortos. Aqueles demônios nunca mais lhe farão mal de novo. Dou-lhe minha palavra de honra.

Saber que a família estaria segura e permaneceria protegida... Ela não teria pensado duas vezes, nem que o preço fosse vender a alma ao demônio. A esperança de que Stefano ajudaria sua mãe e sua irmã era irresistível. A ideia de vingança era impressionante.

— O que tenho de fazer?

Capítulo Quatro

UM DE CADA vez, Lucien teletransportou a maior parte dos guerreiros para um edifício abandonado. Num segundo, estavam cercados pela noite profunda em uma fortaleza em Budapeste, no outro, estavam em algum lugar quente e ensolarado.

Lucien levou Reyes por último. Na última vez em que fora teletransportado, vomitara. Daquela vez, sua preocupação com Danika superara qualquer possibilidade de náusea.

Inalando poeira e gesso esfarelado, Reyes abriu os olhos. O muro de pedras da fortaleza havia desaparecido, os confortos do lar e da lareira se foram. Paredes nuas cinzentas, pisos de cimento e pilhas de sucata o saudavam naquele instante. Várias janelas estavam quebradas; foram cobertas por sacos de lixo pretos que já estavam caídos, como se estivessem se abaixando para permitir que eles espreitassem um desconhecido mundo de... silêncio e tranquilidade, percebeu, sem ouvir nada nem ver ninguém.

Os outros invadiram o edifício procurando um inimigo oculto, com lâminas e armas de fogo levantadas e prontas para agir. Todos, menos Anya, que viera no lugar de Maddox e apresentava expressões confusas.

— Onde estão os Caçadores? — alguns murmuraram.

— Não estão aqui — respondeu Lucien.

— Onde estamos? — perguntou Reyes baixinho. Suas lâminas estavam pressionadas de encontro às coxas. Sentiu o ímpeto de urgência lhe correr pelas veias.

— Nos Estados Unidos. — Sabin fechou os olhos e inalou profundamente. — Acho que em Los Angeles. Nenhum lugar fede tanto como Hollywood.

— Correto — disse Lucien, assentindo com seriedade.

— Os Caçadores têm uma facção enorme aqui. — Havia um quê de satisfação na voz de Sabin. — Uma facção que desprezo com todas as forças do meu ser. O líder e eu temos uma história juntos, e ele também me odeia. Portanto, estejam preparados para qualquer coisa. Ele se juntou aos Caçadores depois que sua esposa e eu... — Ele deu de ombros e sua expectativa foi calada pela mágoa. — Nós tivemos um caso, mas não sou bom para os seres humanos e as coisas terminaram mal. Os Caçadores o recrutaram e desde então ele está me perseguindo.

Sabin e seus homens vinham lutando contra os Caçadores bem antes de Lucien e seu grupo.

Paris, Maddox, Torin, Aeron e Reyes haviam rompido com Sabin, Strider, Gideon, Cameo, Amun e Kane milhares de anos antes.

O amigo deles, Baden, Guardião de Desconfiança, fora brutalmente assassinado pelos Caçadores. Depois que se vingaram, metade dos Senhores do Mundo Subterrâneo quiseram paz. O que seria melhor para uma alma combalida do que cessar a luta constante entre bem e mal, escuridão e luz? A outra metade queria ver o sangue dos Caçadores derramado pelas ruas da Grécia antiga, rios escarlates de dor e terror.

Não conseguiram chegar a um acordo e resolveram seguir rumos distintos. Isto é, até Sabin levar a disputa sangüinária para Budapeste. Apesar de Reyes ter se afastado tantos anos antes, ele não iria, não poderia fazer o mesmo agora. Estava envolvido, a ilusão de paz se despedaçara em definitivo. Os Caçadores recentemente cortaram a garganta de Torin, numa tentativa de enfraquecê-lo e capturar todos os demais.

Felizmente, aqueles Caçadores fracassaram.

Já Reyes *não* falharia em sua missão. Faria o que fosse preciso para destruir o inimigo. E se ele tivesse que destruir os deuses que podiam estar apoiando os Caçadores, encontraria uma maneira de fazê-lo.

Entretanto, era difícil saber o verdadeiro objetivo dos deuses. Inconstantes e misteriosos, eles eram como um quebra-cabeça faltando várias peças. Enquanto os silenciosos gregos enfureceram Reyes com seu desleixo, os misteriosos Titãs lhe despertavam um ódio assassino.

Diziam querer harmonia para o mundo, tanto nos céus quanto na terra. Eles diziam querer adoração e veneração, libertação da morte e da destruição. E mesmo assim, ordenaram a execução de Danika. Eles ordenaram até mesmo a execução de Anya, embora tivessem mudado de ideia depois. E o que eles estavam fazendo com Aeron...

Não vá por esse caminho. Aqui não, agora não. Suas unhas já estavam alongadas, ele sentiu picadas pressionando as palmas de suas mãos. Pontos vermelhos lhe turvaram a visão, e o demônio sussurrou sedutoramente: *Corte-se. Machuque.*

— Não. — Ele rangeu os dentes.

— Por aqui — disse Lucien, mas quando Reyes falou, ele parou e olhou-o com expressão inquisidora. — Algum problema?

— Não. Estou bem. — Quando Danika estivesse sã e salva, deitada em sua cama, ele alimentaria seu demônio. Até então, nada de se machucar. Acabaria ficando fraco pela perda de sangue, e precisava ser uma força de liderança no combate que tinham pela frente.

Porém, quanto mais resistia, mais estrondoso seu demônio ficava. Reyes sabia bem disso. Ele ficaria cada vez mais distraído. Essa era a desgraça daquela maldição demoníaca. Ele precisava se cortar, mas no final se enfraquecia como qualquer um que estivesse ferido, ainda que temporariamente.

— O que estava dizendo? — perguntou a Lucien.

Todos os olhares se voltaram para ele. Lucien revirou os olhos.

— A garota está presa numa rua adiante. A área está cheia de inocentes; precisamos tomar

cuidado.

Ele não se importava com os inocentes. Era insensível de sua parte, mas ele nunca fora mesmo um homem agradável e sociável. Bem, isto não era verdade. Ele se lembrava de que, antes de ser unido ao demônio Dor, costumava rir e brincar com os amigos.

— Quantos Caçadores estão com ela? — Um músculo se mexeu no seu maxilar quando ele pensou no sofrimento pelo qual ela devia estar passando naquele exato momento.

O que os Caçadores fizessem com Danika ia ser retaliado por Reyes de modo cem vezes pior. Ele podia odiar seu demônio pelo tormento constante que lhe causava, mas não hesitaria em soltar as rédeas da criatura para que agisse com toda sua força. Mas hoje, não. Dor podia enxergar as profundezas de uma alma humana, descobrir todas as suas vulnerabilidades, mesmo as menores rachaduras, e arranhá-las sistematicamente com suas garras venenosas até o humano gritar, se contorcer, implorando para que ele acabasse com aquela agonia.

— Hoje cedo — disse Lucien —, havia 23 no edifício.

— Eles se multiplicam como coelhos. — Sabin sorriu, cheio de malícia. — Pode haver mais de cem agora.

Lucien apontou para a janela ao longe, com seus cabelos negros caindo sobre a testa.

— Temos muitas horas até o cair da noite. Vou me teletransportar para o edifício, permanecer no mundo espiritual e escutar. Observar. Precisamos saber o que ela disse a eles, saber o que estão planejando.

Tudo que Reyes ouviu foi “muitas horas”.

— Devíamos estar aqui? — ele rosnou. — Sem fazer nada?

— Sim. — Lucien o encarou agora, revirando novamente os olhos que não combinavam. — Se eles estiverem monitorando a área, vou desabilitar seus computadores. Depois, no escuro, quando fica mais difícil para os humanos perceberem seu tamanho e suas armas e chamarem a polícia, você vai caminhando para lá. Estarei à espera nas sombras do lado de fora.

Mais inatividade. Mais espera.

Era doloroso saber disso, tanto no sentido emocional quanto no físico. Reyes queria entrar em ação, socar alguma coisa, e isso ele não podia fazer... o demônio se alimentava de agonia corporal e exigia mais. Ele queria o controle.

Em breve, ele prometeu.

Esta era uma das muitas razões pelas quais Reyes mandara Danika embora e uma das poucas razões pelas quais não deveria estar lá para resgatá-la. Ela o provocava, a ele *e* ao demônio, como quem atija um animal faminto e enjaulado batendo na grade com um graveto.

Se ele deixasse o demônio à vontade, perderia o controle de suas ações. E se ele ferisse Danika? E se ele sentisse prazer em machucá-la? Será que ele iria triturar todos os ossos dela com um sorriso no rosto? E se ele a matasse, fazendo exatamente aquilo que queria impedir o amigo de fazer ao aprisioná-lo?

Ele não conseguiria conviver consigo mesmo se fizesse isso, sabendo que destruíra algo tão... precioso. Sim, só então percebeu. Ela era preciosa para ele. Era o anjo de seu demônio, o bem de seu

mal. O prazer de sua dor. E ela estava dentro do reduto dos Caçadores, amarrada e indefesa... sofrendo.

Novamente, sua visão foi tomada por pontos vermelhos e em vez de aceitar, ele lutou contra isso. Maldição! Ele não poderia se render ao seu demônio, nem mesmo para combater os Caçadores. Reyes tinha que estar no comando.

Alguém lhe deu um tapa nas costas, arrancando-o de seus devaneios.

— Guarde para depois, meu amigo — disse uma mulher.

Acalme-se, relaxe. Reyes virou a cabeça e deparou com Cameo, guardiã da Infelicidade e a única Senhora do Mundo Subterrâneo.

Ele rapidamente desviou o olhar. Com seus longos cabelos negros, olhos prateados e pele de pêssego, ela era a própria encarnação da beleza. E também era uma guerreira forte e feroz, apesar de seu corpinho lindo. Mas era difícil encará-la quando toda a tristeza do mundo parecia brotar-lhe dos poros e penetrar o coração dele.

— Vamos resgatá-la sã e salva — disse Cameo, querendo tranquilizá-lo, mas causando-lhe uma dor ainda mais forte no peito. — Não se preocupe.

Deuses, aquela voz. Reyes tentou não se encolher quando o demônio em seu interior suspirou de satisfação pela dor que ela causou sem querer. Por que ele não podia se sentir atraído por *ela*? Sua vida teria sido mais fácil.

Você só está sofrendo agora porque o assunto discutido é Danika. Por mais que seu demônio gostasse de dor física, Cameo representava uma avalanche de confusão e disfunção emocional. Então, não; desejá-la não teria sido mais fácil. Sua voz trágica podia levar qualquer homem ao suicídio, e Reyes já tentava se matar o bastante.

— Os Caçadores já capturaram um namorado meu — disse ela.

Reyes esfregou o peito. Ela já tinha ido mesmo para a cama com alguém?

— E você conseguiu salvá-lo?

— Ah, não. Ele teve uma morte horrível. Tiraram-lhe o coração e o mandaram para mim.

Reyes piscou, tentando conter uma onda de pânico, mas não olhou para ela de novo. *Isso não vai acontecer com Danika.* Ele olhou com atenção para o edifício, respirando lentamente, desacelerando sua pulsação enlouquecida, procurando se acalmar.

Lucien já havia partido e os outros estavam sentados, encostados ao longo das paredes, polindo as armas com eficiência mortal. Finalmente, ele se sentiu capaz de falar sem gritar.

— Esta historinha é para me tranquilizar?

— Sim. Eles já nos superaram desse jeito uma vez. Não vamos permitir que isso se repita.

Grande consolo. Naquele exato momento, Danika podia estar levando um soco no rosto ou um chute no estômago. Podia estar sendo chicoteada nas costas. Podia estar tendo os órgãos perfurados por uma faca. Ela podia estar chorando e implorando para que ele fosse salvá-la. E lá estava ele, perto mas aguardando, deixando-a desprotegida. Saber que essas coisas podiam estar acontecendo era simplesmente insuportável.

Ele se afastou de Cameo a passos largos. Ficou andando de um lado para outro. Ele deveria

ignorar a ordem de Lucien e atacar logo? *Deixe-o trabalhar. Ele sabe o que faz. Ele pedirá sua ajuda se ela estiver correndo algum tipo de perigo.*

Mesmo sabendo disso, o tempo passava com lentidão angustiante, cada tiquetaquear do relógio se transformara em tortura. Só conseguiu relaxar quando o sol começou a se pôr, o tom dourado vibrante dando lugar ao rosa nebuloso, em seguida ao púrpura profundo e, finalmente, ao bendito cinza.

— Nunca vi você assim — observou Paris. — Agitado, distraído.

— Tomara que não me veja assim de novo.

— Estou pedindo aos céus para que *eu* nunca fique assim — murmurou Sabin. — Não que vá adiantar. Mas mesmo assim.

Strider sorriu.

— Mas você fica tão bonitinho quando está amando — Sabin o provocou.

Amando? Reyes era capaz de possuir tal sentimento?

— Anoiteceu. Vamos. — Ele seguiu em direção à porta da frente.

Anya agarrou o braço dele, cravando as unhas na carne exposta.

— Espere aí, docinho. Você não conhece o caminho.

Ele mal conseguiu pisar o concreto.

— E você conhece?

— É claro. — Ela cravou as unhas mais fundo, cortando a pele, e ele quase gemeu com a picada violenta. — Lucien me conta tudo.

— Então nos mostre o caminho, mas faça isso agora. Não vou passar nem mais um segundo dentro deste edifício, e *vou* invadir todas as lojas, casas ou estruturas que encontrar pela frente, se preciso for.

— Quanta impaciência. — Ela fez um som de desaprovação com a língua e o soltou. — Eu admiro isso num homem. Apenas... me acompanhe. Se puder.

E assim ela tomou a dianteira. Todos a seguiram. O ar pesado e abafado ficou frio e com cheiro forte, uma mistura de aromas bons e ruins: flores frescas, exaustor de carro, pão no forno e perfume doce. Luzes multicores pulsavam de letreiros onde se lia: “Show com Dançarinas Nuas” e buzinas retumbavam numa sinfonia acelerada. Havia passos apressados por toda parte, mas nada ofuscava a dança frenética do coração de Reyes.

Houve uma época em que ele sonhara em viajar, conhecer este mundo novo do qual vinha se escondendo havia centenas de anos, mas estava preso a Budapeste por causa da maldição de Maddox. Naquele momento, ele não se importava mais com o mundo ao seu redor. A única coisa que queria era encontrar Danika.

Apesar de ele e os outros terem procurado ficar o máximo possível nas sombras, os humanos perceberam sua presença. Alguns se afastaram para que passassem, outros ficaram olhando. A maioria sorriu com aparente fascínio. Não era a reação típica dos mortais; até os moradores de Budapeste eram mais respeitosos do que simpáticos. *Hollywood*, Sabin dissera. Reyes se deu conta de que aqueles humanos achavam que eles faziam parte de algum filme.

Paris parou algumas vezes para roubar um beijo de algumas mulheres que se mostravam receptivas. Ele era tão incapaz de resistir ao seu demônio quanto Reyes ao dele, de modo que, quando Luxúria queria brincar, Paris brincava. Do contrário, ficava insuportavelmente fraco. Mas, pela primeira vez em todos aqueles anos que passaram juntos, Paris parecia não estar gostando de beijar.

Reyes não diminuiu o passo, não esperou pelo amigo nem perguntou o que havia de errado. Foi tomado por um sentimento de urgência que foi se tornando mais intenso a cada batida de suas botas no cimento. Anya dobrou uma esquina, com seus longos cabelos louros iluminando a noite. Desceram um beco imundo, onde o ar estava saturado por um odor de urina.

Ao dobrar a esquina seguinte, ela olhou para trás com um sorriso de expectativa.

— Estamos quase chegando.

Reyes apalpou o revólver e a faca. Já estava tão acostumado às armas que elas eram quase uma extensão natural de suas mãos. *Daqui a pouco você vai encontrá-la.* Breve, muito em breve, a batalha começaria.

Ele não deixaria um só sobrevivente. Ao seu redor, sentiu a adrenalina dos amigos. A guerra era parte deles, estava incutida em cada célula de seus corpos. Afinal, foram feitos para isso.

Os gregos, seus criadores, sabiam que era fácil um ser angelical decair, pois eles mesmos haviam lutado contra os Titãs e os aprisionado. Num esforço para se protegerem do mesmo destino, os gregos usaram o sangue do deus da guerra para gerar guerreiros imortais, formando assim um exército de defensores.

Depois da tragédia da *dimOuniak*, com o assassinato de Pandora, o sumiço da caixa e os demônios aprisionados dentro dos guerreiros responsáveis, os deuses os baniram para a terra. Novos guerreiros foram recrutados para assumir seus lugares. Não que tivessem sido bons para os gregos no final das contas, Reyes pensou, dando um sorriso de satisfação.

— Só um pouquinho mais... — arfou Anya, excitada. Não havia substituto melhor para Maddox. Anya adorava violência.

Uma enorme lata de lixo queimava mais à frente, as chamas douradas cintilavam e a fumaça se espalhava. Quatro homens estavam parados ao redor da fogueira, um deles segurando uma colher para derreter uma massinha e transformá-la num líquido borbulhante. Com a mão livre, ele usou uma seringa para sugar o líquido. Os outros aguardavam sua vez.

Drogas. Como Reyes queria que elas fizessem algum efeito nele. Mas já havia experimentado todas, de cigarros a comprimidos, passando pelos líquidos, inclusive os injetáveis nas veias. Nada aplacou sua necessidade de sentir dor.

Anya parou abruptamente no fim do beco. Lucien estava lá, saindo das sombras. Ele e Anya se beijaram, e Lucien já estava com o braço na cintura dela, como fazia sempre que estavam juntos.

Reyes olhou para outro lado; assistir às cenas de amor deles era demais naquele instante. *A quem você está tentando enganar? Era demais em qualquer momento.*

O beco se dividia em três caminhos: à esquerda, para a frente e à direita. Cinco edifícios o observavam sob a luz da meia lua. Ele nem precisava perguntar em qual deles estaria Danika. De

repente, sentiu seu perfume tempestuoso. Ele podia sentir o medo dela na própria pele, como se esse medo pulsasse através dos tijolos vermelhos da loja à sua frente.

Uma loja de armas. Que conveniente. E irônico. Com toda aquela conversa de paz, os Caçadores deviam ter escolhido uma igreja.

— Há cômodos particulares acima da sala destinada ao público. Ela está lá em cima — disse Lucien com um tom obscuro. — Os homens têm estado estranhamente silenciosos, quase como se soubessem que eu estava lá, esperando.

Reyes sentiu a bile subir-lhe à garganta.

— Ela ainda... está viva? — As palavras mal se formaram.

— Sim.

Ele engoliu em seco. Alguma coisa no jeito de falar de Lucien não lhe desceu bem.

— Mas?

— Ela ainda está dormindo.

Ele posicionou os dedos nas armas.

— Quantos Caçadores estão no edifício agora?

— São 12. Vários já foram embora.

— O líder deles?

— Um dos ausentes.

Canalha. Mas Reyes iria encontrá-lo. Em breve. Assim que Danika estivesse a salvo, nada seria capaz de deter sua ira.

— De fato, há um homem que parece estar tomando conta dela — disse Lucien. — Ele quase nunca sai do lado dela. Ele está lá agora, observando-a dormir.

— Ele... ele... tocou nela?

— Não com agressividade.

Então tocou como? Com luxúria?

— Ela foi estuprada? — Reyes rangeu os dentes, cheio de ódio.

— Não sei.

— Ele é meu. — Apesar da falsa calma na voz de Reyes, ele deixou clara sua intenção. — Ninguém mais chega perto dele.

Lucien assentiu.

— Muito bem. Chegou a hora da batalha.

Pronto, Reyes passou pelos amigos e adentrou o edifício a passos largos. Quando entrou, uma campainha soou alegremente, anunciando sua presença. O humano do outro lado do balcão estava prestes a sorrir, até que avistou o semblante hostil de Reyes. O sorriso se congelou na metade do caminho, e os olhos do Caçador se encheram de ódio.

Até onde Reyes sabia, eles jamais se encontraram antes, mas se reconheceram imediatamente como inimigos que eram.

— Onde está ela?

— Você matou meu filho, demônio.

— Nunca estive com seu filho, Caçador.

— Você é um câncer na terra, todos vocês são! São os responsáveis por *todas* as mortes. Mas não por muito tempo. Vida longa aos Caçadores! — Parecendo ter esperado a vida inteira por Reyes, o homem levantou uma pistola semiautomática com silenciador.

Reyes levantou sua arma também. Ambos atiraram ao mesmo tempo. Reyes, para matar. O Caçador, para machucar. Se ele morresse, seu demônio estaria livre, e os Caçadores fariam qualquer coisa para impedir que isso acontecesse.

O conhecimento era tão bom como uma arma.

Uma bala atingiu o ombro de Reyes, e ele riu ao sentir a maravilhosa dor. O cérebro do Caçador se espalhou em pedaços na parede logo atrás; ele não riu. Reyes teve um momento de tristeza, mas procurou lembrar-se de que não haveria paz enquanto os Caçadores estivessem vivos para espalhar seu ódio.

Menos um. Faltavam 11.

— Nossa. Deixe alguns para nós — murmurou Sabin, passando por Reyes e dando a volta no balcão de armas em direção a uma porta. Ele a abriu com um chute, revelando uma escadaria estreita.

— Bom trabalho, Dorzita. — Anya deu-lhe um tapa no alto da cabeça. — Agora os outros já sabem que estamos aqui.

Com isso, ela voou pelas escadas, logo atrás de Sabin. O sangue escorria da ferida de Reyes enquanto ele subia.

— Que eu me junte à minha querida esposa e assista à destruição de cima — gritou um humano, mas foi silenciado com outro tiro mudo. Ouviu-se um grito. Um engasgo. Um som de corpo inerte caindo no chão. Passos.

— Vejo vocês no inferno, demônios — berrou outro humano, mas também foi silenciado.

— Ela está no terceiro quarto à direita — disse Lucien, aparecendo de repente ao lado de Reyes. Eles chegaram ao topo e correram em direções opostas.

Reyes apenas encontrou um dos Caçador antes de chegar ao quarto de Danika. O tal Caçador também atirou nele, atingindo-o no estômago. Reyes não parou, estava com a adrenalina a toda, e seu demônio estava feliz demais.

Sorrindo, ele se aproximou do humano e lhe cortou a garganta. Em seguida, chegou à porta do quarto. Ele nem perdeu tempo com a fechadura e abriu a porta com um chute. Não tinha tempo a perder.

Um estouro e um zunido estalaram em seus ouvidos quando outra bala o atingiu, desta vez na coxa. Seus membros tremeram de fraqueza, mas ele conseguiu se manter de pé. O sangue jorrou, o demônio comemorou e Reyes vasculhou o quarto com os olhos, avaliando o ambiente. Danika estava deitada na cama, amarrada, inerte. Havia um humano ao lado dela, trêmulo e pálido, apontando uma arma para Reyes.

— Esperei muito por este momento — disse o humano, com voz rouca. — Sempre sonhei com isso. Ansiei por isso. E, agora, aqui está você.

Reyes olhou bem para a tatuagem dele: a marca do infinito, simétrica, preta.

— Aqui estou eu. Você tocou nela?

— Até parece que você se importa com o que fiz com uma humana.

Outro tiro. Reyes pulou para o lado. Ele até gostava da dor, mas não queria perder mais sangue.

Os cinco minutos seguintes eram muito importantes. Aquele tiro passou rente, e Reyes levantou sua arma. Apontou.

— Faça você o que quiser comigo, valeu a pena ficar aqui, observando-a — o homem disse quando Reyes apertou o gatilho. Outro tiro na cabeça. O Caçador caiu no chão acarpetado e não se levantou.

Reyes foi para o lado de Danika logo em seguida, quebrando as correntes e soltando seus pulsos e tornozelos. Ele a tomou nos braços ainda adormecida, o sangue dele pingando sobre a camisa branca manchada que ela usava e sobre seu rosto completamente pálido. Seus cabelos negros estavam emaranhados e as bochechas estavam fundas; quanto peso ela havia perdido? Seus cílios faziam sombras que se misturavam às escoriações debaixo dos olhos. No maxilar havia outra ferida.

— Danika. — O nome dela era ao mesmo tempo uma prece e uma maldição. Ela não se mexeu.

Seus braços pendiam, inertes, ao lado do corpo, e a cabeça dela estava caída para trás. Se estivesse acordada, ela o teria empurrado. Antes disso do que esta... inatividade. Este nada.

Atrás dele, os sons de luta cessaram, substituídos pelo grito das sirenes. Ele ouviu seus amigos se aglomerarem à porta do quarto, entrando todos ao mesmo tempo. Ele não se importava. Segurou Danika com mais força e apoiou o rosto em seu pescoço; fazia tanto tempo que ele a vira e a tivera nos braços.

A pele dela estava fria, muito fria. Como gelo. Seu coração batia arrastado no peito.

— Lucien? — Ele chamou o amigo com uma voz rouca. Lágrimas quentes lhe borraram a visão.

— Estou aqui, meu amigo — respondeu Lucien, pousando a mão em seu ombro.

— De alguma forma, eles descobriram que viríamos e já estavam preparados, mas já foram despachados.

— Não importa. Leve-nos para casa.

Capítulo Cinco

DANIKA ESTIVERA COM o corpo frio por tanto tempo que o cobertor lhe caiu como se estivesse em chamas, despertando-a de seu sono mortal. Suas pálpebras se abriram, e ela arfou. Mas os resquícios de seu pesadelo se recusavam a desaparecer, impedindo-a de ver o que a cercava. Viu somente a escuridão tingida de vermelho, a noite sangrando, com ferimentos mortais. Ela ouviu o tinir de espadas, demônios dando risadas diabólicas e o som de cabeças rolando.

Morte, morte, proclamava cada suspiro.

Calma, apenas fique calma. Isto não é real. Você sabe muito bem. Sua avó já sofrera por causa de sonhos como esses, nos quais os demônios governavam e onde imperava o mal. Sonhos que fizeram uma mulher frágil como ela tentar se matar aos 65 anos de idade.

Os sonhos não eram premonições, pois nunca se tornavam realidade. Isto é, até Reyes e seus amigos entrarem em sua vida. Mas os sonhos *eram* reais o bastante para aterrorizá-la, então Danika entendia a dor da avó.

Eram, em sua maioria, sonhos turbulentos; gritos e desastres povoavam as cenas macabras. E fora assim durante toda a sua vida. Morte sangrenta. Em outros tempos, durante aquelas noites dolorosas e pintaria suas visões, numa tentativa de tirar a loucura de seu subconsciente e mantê-la bem longe.

Certa ocasião, antes de entender o que lhe acontecera, ela mostrara aos pais uma de suas pinturas. Eles ficaram tão assustados e chateados, olhando-a como se fosse um dos monstros que havia pintado, que ela nunca mais mostrou as pinturas a ninguém. Além do mais, *ela* própria não gostava de olhar as pinturas.

Mas, em contrapartida, seus sonhos eram, às vezes, de uma completa serenidade. Anjos de asas abertas em plena glória emplumada, flutuando no azul-celeste. A beleza deles sempre a impressionava e ela acordava sorrindo, cheia de entusiasmo, em vez de suando e tremendo como estava naquele momento.

— Estou aqui, anjo, estou aqui.

Aquela voz grave e profunda fazia parte dos pesadelos dela *e também* dos devaneios angelicais. Céu e inferno combinados em um apelo impressionante e sedutor. Enquanto permanecia deitada ali, o sonho ruim perdeu força e a escuridão começou a desaparecer, à medida que sua mente foi sendo

invadida pela luz.

Ela começou a visualizar um quarto, mas não era o mesmo no qual ela se lembrava de ter adormecido. Armas adornavam as paredes: estrelas ninjas, espadas e lanças. Até machados. Havia uma penteadeira bem polida, mas não havia cadeira. O dono não se sentava em frente à penteadeira? Não se olhava no espelho nem escovava os cabelos?

Ele? *Como sabe que este quarto pertence a um homem?*

Ela inspirou e expirou, o aroma familiar de sândalo e pinho lhe envolvendo o nariz. Ah, ela sabia. Pertencia a um homem, com toda certeza, a um homem específico. Ao se dar conta, Danika ficou profundamente abalada. *Quem sabe você não está errada? Por favor, esteja errada.*

A cama estava coberta por um lençol de algodão preto; Danika virou a cabeça e viu que estava nos braços de um homem seminu. Ele tinha pele de chocolate e mel, era puro vigor e músculos. Não havia pelos em seu peito, mas uma ameaçadora borboleta tatuada se expandia de um ombro a outro, subindo pelo pescoço. *Borboleta ameaçadora*; duas palavras que se uniam para descrever apenas um homem.

Reyes.

— Ah, meu Deus. — Ela se levantou, saindo dos braços dele. Arfando, ela se arrastou até a borda do colchão, sem dar as costas para ele nem por um segundo. Um trecho de conversa com Stefano lhe veio à mente.

— *E se eles tentarem me matar* — ela perguntou.

— *Não vão fazer isso* — ele respondera com segurança.

— *Como sabe? Você não pode ter certeza.*

— *Eles são homens. Você é mulher. Pense nisso. Além do mais, eles poderiam tê-la machucado antes, mas não o fizeram.*

— *Eles me avisaram para ficar longe deles.*

— *Por quê?*

— *Não sei.*

— *Então descubra. Descubra tudo que puder. Suas armas, suas fraquezas, seus planos, seus gostos e suas aversões. Você vai levar um telefone celular. É pequeno, fácil de esconder. Eu lhe dou um dia para se acomodar. Depois disso, vamos conversar todas as noites, se possível.*

— *E você?* — ela perguntara, pois ainda não queria pensar nos perigos de espionar. — *Você não é mulher. De acordo com seu raciocínio, eles vão lhe matar se o encontrarem aqui.*

— *Quando eles chegarem, eu já terei partido, estarei observando-a de longe, se puder. Os outros vão ficar aqui para protegê-la, só para garantir que os Senhores do Mundo Subterrâneo não tenham a intenção de machucá-la, por isso, não se preocupe. Esses homens estão dispostos a sacrificar a própria vida para acabar com a raça daqueles demônios. Não permita que o sacrifício deles seja em vão.*

— *O quê? Ah, essa não. Não quero que ninguém sacrifique nada.*

— *Você se sentiria melhor se eu lhe dissesse que eles vão sair correndo quando os Senhores do Mundo Subterrâneo chegarem?*

— *Sim.*

— *Então eles vão fugir.*

Mas fugiram?

Lentamente, Reyes se sentou e os olhos de ambos se encontraram num confronto tempestuoso; ele com seus olhos tão escuros quanto sua pele. Turbulentos. Os dela, um pouco úmidos. Os lábios dele se apertaram numa expressão confusa. Ela baixou os olhos e observou o resto do corpo de Reyes. Os mamilos dele eram tão duros que seriam capazes de cortar vidro; três feridas estavam cicatrizando, uma formando uma crosta no ombro, uma no esterno e outra lhe desfigurando a barriga.

— Onde estou? — perguntou ela, sussurrando.

— Em minha casa.

— Em Budapeste?

— Sim.

Ela apertou as pálpebras. Sua mente era um buraco negro que não lhe permitia ter absolutamente nenhuma lembrança de ter sido removida de um recinto para outro. — Como vim parar aqui? Como você me encontrou?

Ele desviou o olhar, escondendo-o debaixo dos cílios.

— Você sabe que não sou humano, não sabe?

Sabia, mas preferia não saber, e era melhor nem começar a falar sobre isso. Ah, claro, *Reyes, sei que você é um demônio. Seu maior inimigo me contou esse furo de reportagem, e agora estou aqui para ajudá-lo a destruir você.*

— Você veio atrás de mim — disse ela, mudando de assunto. Parte dela só esperara por isso; parte dela temera isso.

— Sim — ele repetiu.

— Por quê? Sem o calor do olhar dele a hipnotizá-la, ela conseguiu observar o próprio corpo. Ela ainda estava vestida, graças a Deus. Seu suéter lhe fora tirado, mas ela ainda estava com a camisa branca manchada de gordura e agora de sangue, sangue dela, do homem que ela agredira, e a calça jeans rasgada por causa da luta com seu agressor. Ela estava... cheirando mal. Há quanto tempo vinha usando aquelas roupas? De repente a cama balançou e seus olhos se voltaram para Reyes. Ele descansou as costas na cabeceira da cama, aumentando a distância entre os dois. Ela deveria ter ficado satisfeita com isso. Sim, ela deveria.

— Tenho a impressão de que estarei sempre indo atrás de você. — Sua voz furiosa rompeu o silêncio e, com sua expressão acusadora, ele jogou a culpa aos pés de Danika.

Ela novamente apertou os olhos, que ficaram parecendo pequenas fendas.

— Deixe-me adivinhar. Você vai sempre ficar atrás de mim porque gosta de me machucar. Ora, por que não me matou logo enquanto eu estava dormindo? Eu não teria sido capaz de lutar. Você

poderia ter cortado meu pescoço fácil e rapidamente. *Este é seu plano, afinal, não é mesmo? Ou mudou de ideia?*

Um músculo pulsou em seu queixo. Ele permaneceu em silêncio.

— Você capturou o resto da minha família? — Novamente, sem resposta. Só aquele músculo pulsando de forma irregular.

— Responda-me, desgraçado! — Ela deu um soco no colchão.

O gesto frustrado e descontrolado não fez diminuir o horror no peito dela.

— Você sabe onde elas estão? Sabe se estão vivas?

Finalmente ele resolveu voltar a falar.

— Não fiz nada a elas. Tem minha palavra.

— Mentiroso! — Antes mesmo que pudesse se dar conta do que estava fazendo, Danika se levantou e deu um tapa no rosto dele, com força e bem sobre as feridas, para causar o máximo de dor. — Você sabe alguma coisa. Você tem de saber alguma coisa.

Ele fechou os olhos e um sorriso alegre lhe levantou os cantos dos lábios. Ela ficou ainda mais furiosa.

— Você acha engraçado? Bem, que tal isto? — Borbulhando, sem saber de onde vinha o desejo, ela avançou e cravou os dentes no pescoço dele com tanta força que logo sentiu o gosto de sangue.

Ele gemeu. Afundou as mãos nos cabelos dela, não para afastá-la, mas para trazê-la mais para perto. Ela não ofereceu resistência; não conseguia. Brasas de sua raiva e de seu desamparo se reviraram, rompendo-se e se realinhando para formar algo infinitamente mais doce. Aquele calor dele... tão bom, malditamente bom. Fazia sua alma arder nos recônditos mais profundos, consumindo-a. Ela gostava disso, gostava de machucá-lo, gostava de encostar a boca nele, e morria de vergonha de admitir essas coisas para si mesma.

Entre as pernas, ela sentiu o membro dele crescendo e enrijecendo. Quando ele gemeu pela segunda vez, o som se misturou ao gemido dela. Ele se debruçou sobre ela, sim, *sem a menor cerimônia*, e ela passou as unhas pelo seu peito, subindo em direção aos mamilos.

Um uivo animal pungente preencheu os ouvidos de Danika quando as mãos dele lhe seguraram a cintura, apertando-a. Ele se inclinou e apertou a cintura sobre a dela. Novamente. Ela queria que ele fizesse isso de novo. Mas, um momento depois, ele parou.

— Pare, Danika. Você tem que parar.

Não, ela não queria parar. Ela queria... *Que diabo você está fazendo? Beliscando o prato do inimigo?*

Ela parou de morder. Arfando, recuou abruptamente. Ele soltou os braços nas laterais do corpo, e sua expressão estava séria, tensa. Ela esfregou a boca com a parte posterior do pulso trêmulo. Seu corpo inteiro estava tremendo. Seus mamilos perolados doíam e ela sentiu um aperto no coração. Um gosto metálico lhe cobria a língua.

Reyes se mexeu, cobrindo com o lençol o volume do membro ereto dentro de sua calça jeans. As maçãs de seu rosto tinham um brilho rosado. Ele estava com vergonha?

Sangue escorria do seu pescoço, descendo para o peito em remoinho, como se fosse um diminuto e curvilíneo rio. Enquanto ela observava, o sangue secou e as marcas de mordidas sararam

parcialmente, já começando a cicatrizar. *Monstro*, ela se lembrou. *Ele é um monstro*. E então Danika teve horror de seus sentimentos, de suas ações, e dele.

Reyes certamente entendera sua expressão facial, pois disse:

— Não me toque de novo que eu não toco em você.

— Não se preocupe. — Um violento tremor se apoderou dela, e Danika cruzou os braços sobre a barriga. Ela tivera vontade de machucá-lo, e até *gostara* disso. *Sério, que diabo está havendo comigo?* — Não vou chegar perto de você.

— Ótimo. — Ele fez uma pausa, percorrendo-lhe o corpo com os olhos. Estaria verificando se ela estava machucada ou os motivos seriam mais eróticos? — O que aqueles homens fizeram com você? — Ele agora soou frio, demonstrando não se importar com a resposta.

Danika ficou irritada com aquela indiferença. Ela o odiava, por que queria que ele se importasse?

— Eles... — De repente foi atacada por uma vertigem. Um gemido cortou o ar. Percebeu que vinha de si mesma. Fechou as pálpebras com tanta força que não conseguiu mais abri-las. Sua adrenalina explodira, ela supôs, sugando-lhe as forças. Quanto tempo fazia que ela não comia nada? Stefano não lhe dera nada para comer, apenas uns goles de água de vez em quando. E injetara alguma coisa nela. Algo que deixara sua mente descontrolada, atirando-a para o alto antes de soltá-la num mar agitado e quebrá-la em mil pedacinhos.

— *Não podemos facilitar demais para eles* — dissera Stefano. — *Já sabíamos que o demônio Morte seguiria a trilha que deixamos para ele, e que não saberia que estávamos esperando-o. Nós trabalhamos muito para fazer este sequestro parecer real e não vou deixar tudo ir por água abaixo agora. Nada de comida, nada de roupas limpas. Podemos drogá-la ou espancá-la. O que você prefere?*

— *Nenhum dos dois.*

— *Escolha, ou eu escolherei por você. Não se esqueça, Danika, você está fazendo isto por sua família.*

— *Nossa, isso é que é treinamento* — ela deu uma risada amarga. — *Drogue-me. De novo, pelo jeito.*

— Danika, o que estes homens fizeram com você?

O presente colidiu com o passado, arrancando-a de suas confabulações surreais. *Garota idiota. Não baixe a guarda com Reyes por perto!*

Ela abriu os olhos. O mundo ao seu redor estava embaçado, Reyes não passava de uma mancha negra a sua frente. Seus dedos seguravam com firmeza os ombros dela, empurrando-a para baixo... gentilmente... suavemente. À medida que foi vendo melhor, ela percebeu que suas feições, normalmente hostis, agora transmitiam preocupação e até ternura.

— Sem encostar — disse a ele, embolando as palavras. Foi novamente envolvida por um calor gostoso. Talvez por causa do sangue de demônio que ela havia ingerido. — Nós combinamos.

— Shhh. — Ela sentiu a respiração dele em seu rosto, quente como seu toque.

— Relaxe. Conversaremos mais tarde.

— Vá para o inferno.

De inferno ele entendia bem.

— Já não tivemos esta mesma conversa antes? Já vivo no inferno.

Resista. Resista a ele! Ela tentou, tentou mesmo, mas foi atraída por um túnel negro, deixando-a cada vez mais no limite.

— Onde está... minha mãe? Minha irmã? Vovó?

— Tenho certeza de que estão bem. — Ele passou os dedos pela testa de Danika, delicadamente colocando os cabelos que estavam no rosto para trás das orelhas.

— Eu quero... quero vê-las. Não vou... dormir. Não pode me obrigar. Fome.

— Vou lhe dar comida. — Sentiu um toque suave como pétala vindo de... seus lábios? Sim, ela sentira os lábios dele no canto de sua boca.

Inalou profundamente, aspirando de súbito aquele odor masculino e picante, e sentiu uma alegria inexplicável.

— Odeio você — ela disse, querendo que fosse verdade.

— Eu sei. — Ele sussurrou diretamente na orelha dela, seu hálito quente penetrando-a e viajando por todo o seu corpo. — Agora durma, anjo. Está segura. Não vou deixar que nada de mal lhe aconteça.

Ela afundou no colchão frio. Chamas em cima, gelo embaixo. Incapaz de continuar resistindo, ela caiu no túnel. Foi engolida pelo nada.

ELA ESTAVA ALI, em sua cama. *Na cama dele.*

Esperá-la acordar foi uma verdadeira lição de autocontrole e Reyes começara a ficar com medo de que ela fosse dormir para sempre. Então ela despertara de seu sono, abrindo aqueles longos cílios para revelar luminosos olhos cor de esmeralda, e ele teve uma *verdadeira* lição de autotortura. Dor não gostou de ver Reyes prestes a sair do quarto na ponta dos pés. *Mais, quero mais dentes, unhas e dor.*

— Não.

O demônio rugiu dentro de sua mente.

Reyes continuou, dando apenas uma rápida olhada por cima do ombro. Os cachos negros de Danika espalhavam-se sobre o travesseiro, o rosto estava onde o dele costumava ficar. Isso o encheu de orgulho. Naquele mesmo instante, ela poderia estar sentindo o perfume dele, tornando sua essência parte dela mesma.

Ou talvez não.

Danika estava tendo um sono inquieto, revirando os olhos sob as pálpebras, revirando o corpo, soltando gemidos assustados. Será que estava sonhando com o que os Caçadores fizeram com ela? O que eles *havi*am feito? Eles a torturaram para obter respostas? Eles a estupraram?

Quando ele perguntara, ela não respondera, na verdade não dissera nada. Ele não insistiu, pois a pulsação de Danika acelerou na base do pescoço, sua pele estava perdendo qualquer resquício de cor, e o pânico se instalou em seus lindos olhos.

Punhos cerrados, ele desceu as escadas correndo e entrou na cozinha. *Em breve.* Ele ia vê-la de novo, conversaria com ela de novo e saberia a verdade. Ele tinha que saber. E talvez então esquecesse

o horror que vira em sua expressão quando ela percebeu que ele gostava de ser mordido.

Pelos Deuses, aquela mordida. O coração dele ainda estava batendo forte de prazer por causa daquela mordida. Ele abraçara Danika, que estava com seus pequenos e afiados dentes cravados no seu pescoço. Por um único momento, ela reagira de modo sensual; ela o desejara, não conseguira resistir a ficar se esfregando em seu membro. Então ele percebera que ela não o desejara, e sim à dor. O demônio já estava interferindo em sua opinião, e ele ordenara para que ela parasse. Ela se afastara de repente. A agonia física que sentira naquele momento fora a pior de sua vida; e a melhor. Dor queria mais.

Reyes abriu a geladeira com mãos trêmulas. Paris fazia as compras, e Reyes nunca sabia o que iria encontrar. O que tinham para hoje eram fatias finíssimas de carne e pão. Então teriam sanduíche.

— Onde está Aeron? — perguntou Lucien por trás dele. — Já cumpri minha parte do acordo. Está na hora de você cumprir a sua.

Reyes não se virou.

— Vou levá-lo até ele. Pela manhã.

— Não. Você vai me levar agora.

Reyes pegou um pacote de peru e outro de presunto, olhou para ambos, e deu de ombros. Ele não sabia de qual Danika gostava mais, então ia fazer sanduíches dos dois.

— Danika está fraca e com fome. Depois que eu cuidar dela, estarei à sua disposição.

Lucien, que costumava ser calmo, soltou um grunhido contido.

— Cada minuto que ele passa acorrentado é provavelmente uma completa agonia. Nossos demônios não suportam que seus hospedeiros sejam contidos e você sabe disso. Ira deve estar urrando para ser libertado neste exato instante.

— Preciso lembrá-lo mais uma vez de que ele implorou por isso? E o que sei é que quando Aeron for trazido para cá, ele terá que ficar... o quê? Acorrentado. Que diferença faz se a prisão é em outro lugar? Além disso, ele não quer ficar perto de nós. — Reyes jogou os pacotes sobre o balcão e pegou uma fatia de pão. Integral. Será que ela gostava de pão integral ou de pão branco? Após pensar por um instante, ele resolveu usar os dois. Só para garantir. Pegou uma fatia de pão branco. — Só peço mais uma noite.

— E se ele estiver morrendo? Somos imortais, sim, mas podemos morrer sob certas circunstâncias, como qualquer outro ser vivo. E você também sabe disso muito bem.

— Ele não está morrendo.

— Como sabe? — insistiu Lucien.

— De alguma forma, consigo sentir seu desespero queimando dentro de mim a cada minuto de cada dia. Fica mais forte a cada segundo que passa, sinto que ele está perdendo a batalha com Ira.

Reyes respirou fundo, prendeu o ar... e soltou lentamente, permitindo que seu súbito ataque de raiva saísse de dentro dele também.

— Só mais algumas horas. Só peço isso. Por mim, por Danika. E por ele.

Houve uma pausa dramática. Ele colocou as fatias de carne sobre as fatias de pão e as juntou.

— Muito bem — Lucien disse. — Poucas horas. — Ele saiu pisando ruidosamente com suas botas.

Reyes observou os sanduíches.

— Não basta — ele murmurou.

Os seres humanos precisavam de variedade. Não era isso que Paris sempre dizia de suas namoradas? Franzindo o cenho, Reyes abriu a geladeira de novo e procurou lá dentro. Avistou um saco grande com uvas roxas. Sim, perfeito. Da última vez em que Danika estivera lá, devorara uma tigela de frutas em poucos minutos.

Ele pegou o saco inteiro, lavou as uvas e as espalhou ao redor dos quatro sanduíches. O que ela iria querer beber? Ele voltou para a geladeira. Viu uma garrafa de vinho, uma jarra de água e uma caixa de suco de laranja. Já sabia que era melhor Danika evitar o vinho. Naquela casa se misturava o vinho ao manjar dos deuses, roubado do paraíso, o mesmo que já quase matara a mulher de Maddox, Ashlyn. Reyes virou a caixa de suco inteira dentro de um copo comprido.

— Puxa, cara. Você vai alimentar um exército? — Reyes deu uma olhada para trás. Sabin estava encostado ao umbral da porta, com os braços grossos cruzados sobre o peito. Ele era tão moderno quanto Paris, com aquela camiseta boba dos *Piratas do Caribe*, mas sem a sua sutileza.

— Ela está com fome.

— Imaginei. Magrinha daquele jeito, acho que não vai comer tudo. Além disso, ela acabou de passar três dias com os Caçadores. Você devia deixá-la morrendo de fome, interrogá-la para saber o que aconteceu, e só então, depois de conseguir as respostas, dar-lhe comida. — Sabin se aproximou com o braço esticado para pegar um dos sanduíches.

Reyes pegou o pulso do amigo e apertou.

— Faça um para você ou perde a mão. E ela não está mancomunada com os Caçadores.

Sabin arqueou uma das sobrancelhas ruivas, a própria imagem da desconfiança

— Como você sabe?

Ele não tinha resposta, mas não permitiria que *ninguém* a ferisse de forma alguma.

— Apenas fique longe dela — ele disse. — E tire a mão da comida.

— Desde quando você é tão generoso assim? — perguntou Gideon do outro lado, roubando um sanduíche antes que Reyes pudesse fazer alguma coisa.

“Generoso ” quer dizer “pão-duro” no mundo invertido de Gideon.

— Caia fora — rosnou Reyes. Os dois guerreiros riram.

— Então, tá — disse Sabin, e pegou um sanduíche com a mão que estava livre.

Reyes rangeu os dentes. *Eu não vou partir para a briga com meus amigos. Droga, não posso brigar com meus amigos.*

— Ah, ótimo! Comida. — Anya entrou no recinto de braço dado com Ashlyn. — Bem que senti o doce aroma do trabalho do gênio da cozinha.

Reyes ficou com os olhos vermelhos e recolheu o prato e o copo antes que as duas se apoderassem de algo.

— É para Danika — disse severamente.

— Mas eu adoro peru. — Anya fez biquinho para ele. Ela era alta para uma mulher, mas apesar dos saltos de dez centímetros, ela batia no peito de Reyes. — Além do que, quando faço o sanduíche,

nunca fica tão bom quando é feito por você. Tem sempre algo delicioso em comida preparada por homem.

— Isso não é problema meu. — Ele tentou contorná-la, mas Anya pulou na frente dele, mãos em punho nos quadris. Ele suspirou, sabendo que Anya ia avançar sobre ele se tentasse passar por ela. — Lucien vai preparar algo para você.

Outra careta.

— Ele saiu para coletar almas.

— Paris, então.

— Ele está pegando alguma garota na cidade, o ninfomaníaco.

— Morra de fome — disse Reyes sem a menor compaixão.

— Eu preparo algo para nós — ofereceu Ashlyn, esfregando de leve a barriga inchada. Ela estava grávida, o que começava a ficar evidente. — Enquanto isso, quero saber tudo sobre Danika.

Reyes não sabia bem o que pensar daquele nascimento a caminho. O bebê seria um demônio? Ou humano? Ele não conseguia saber qual dos dois seria pior. Tormento interno constante ou mortalidade?

— Ela está bem. Nada mais a dizer.

— Faça alguma coisa para mim também — disse Sabin a Ashlyn. — Estou para lá de esfomeado. Aquele sanduíche que roubei só ajudou um pouquinho.

— Eu estou satisfeito — disse Gideon, o que significava que ele estava prestes a morrer de fome. Ele limpou com a mão os farelos que ficaram sobre a roupa.

— Que vergonha, vocês colocando uma grávida para trabalhar — repreendeu Anya.

— Ei! — Sabin balançou o dedo para a linda deusa. — Você também está deixando uma grávida fazer seu sanduíche. Qual é a diferença?

— Grávida ou não, vou deixá-la fazer um para mim também.

Ao ouvirem aquela voz estridente, todos pararam. E se viraram. Todos pareceram perder o fôlego e em seguida exclamaram: “Torin!”

Sorrindo, Ashlyn caminhou de braços abertos em direção ao guerreiro já curado. Anya puxou-a para trás pelo ombro.

— Ele é Doença, meu bem — disse a deusa. — Você não pode tocar nele, ou vai ficar doente, esqueceu?

— Ah, é. — Ashlyn sorriu para ele. — Estou feliz que tenha melhorado.

Torin devolveu o sorriso, mas sua expressão estava manchada de tristeza e ansiedade.

— Eu também.

Ele ainda era o mesmo, do jeito como Reyes se lembrava; quer dizer, antes de ele ter tido o pescoço cortado de um lado a outro pelos Caçadores. Cabelos brancos, sobranceiras negras e luminosos olhos verdes. Lindamente másculo e totalmente misterioso. Ele usava luvas pretas que iam da ponta dos dedos até as axilas, pois não podia tocar na pele de nenhum ser vivo sem contaminá-lo com alguma doença. Nem os imortais podiam ser tocados. Os guerreiros não adoeciam se fossem tocados por ele, mas *espalhariam* a doença aos humanos.

— Como está se sentindo? — perguntou Reyes.

— Melhor. — Os olhos verdes pararam no prato que Reyes tinha nas mãos. — Com fome.

— Caia fora — Reyes disse. — Fico feliz ao ver que você está melhor, mas não a ponto de dividir comida.

O sorriso de Torin perdeu o jeito triste.

— Você quase me dá vontade de ser preso à cama outra vez. Aí você me traria comida com um sorriso nos lábios. Ah, e você não vai acreditar? — ele disse, virando-se para Anya. — Seu amigo está subindo o monte. Ele está gritando que quer fazer você se ajoelhar e que deseja lhe dar uma surra, então resolvi não matá-lo como Lucien me instruíra. O cara tem uma lâmina presa à coxa esquerda, mas foi a única arma que detectei. Ele deve aparecer à porta a qualquer...

Toc. Toc.

Sorrindo, Anya bateu palmas.

— William chegou!

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Reyes. — Lucien disse para ele nunca mais voltar, do contrário ia matá-lo. E você o odeia.

— Odeio? Eu o adoro! Fiquei tão feliz com sua volta que mantive seu livro favorito como refém. E, para seu governo, Lucien estava brincando quando disse que ia matá-lo. Eles agora são MAPS, juro. — Ela deu pulinhos, batendo palmas alegremente.

— William! — O grupo na cozinha ouviu um instante depois.

— Cadê meu livro, mulher?

— Cadê meu abraço, ursão?

— Este é o mesmo William que enlouqueceu Lucien quando Anya estava se recuperando da perda de sua chave? — Ashlyn perguntou assim que Maddox apareceu por trás dela, envolvendo-a em seus braços. — E que livro?

— O mesmo — disse Maddox, esfregando o nariz em sua nuca. — Do livro, não sei. Esse William não parece fazer o tipo intelectual. O que significa MAPS?

— Melhores Amigos Para Sempre.

Maddox fez uma careta..

— Não me pareceu que os dois fossem melhores amigos para sempre; nem mesmo temporariamente. Alguém devia prender esse cara até Lucien voltar.

Ashlyn se derreteu para seu homem.

— Anya parece gostar dele. Acho que devemos deixá-lo em paz. Quanto mais, melhor, certo?

Reyes revirou os olhos. Aparentemente, havia festa na Fortaleza todos os dias.

Enquanto Ashlyn e os homens começavam uma inflamada discussão sobre quem ia cozinhar o quê, e sobre o que deviam fazer com o misterioso William, Reyes finalmente conseguiu escapar, tomando cuidado para segurar direito o prato e não deixar o copo de suco entornar.

Odeio você, Danika dissera.

Eu sei, ele respondera, e estava falando sério. Ele a havia feito prisioneira junto com sua família. Ele a fizera chamar a atenção dos Caçadores. Ela tinha toda razão para desprezá-lo. Mas agora ele queria lhe dar algo de bom. Algo que a fizesse sorrir no futuro. Mesmo que fosse uma simples

refeição.

Ele subiu a escadaria sem derrubar uma gota. O mais provável era que ela ainda estivesse dormindo. Ele detestava a ideia de ter de acordá-la, mas sabia que era para o seu bem. Ele ficara preocupado com sua palidez e suas olheiras. Ela precisava se alimentar.

Enquanto ela estiver aqui, vou providenciar tudo de que ela precisa. Nada vai lhe faltar.

Ele entrou no quarto, mas parou abruptamente ao chegar perto da cama. Sua boca secou e a névoa vermelha voltou a seus olhos. Os lençóis negros estavam amarrotados. Vazios.

Danika não estava lá.

Capítulo Seis

AERON SE AGACHOU em sua prisão subterrânea, sentindo a raiva lhe invadir a corrente sanguínea. Raiva de si mesmo, dos deuses e de seu demônio.

Reyes. Ele devia ter me matado. Agora é tarde demais. Quero viver. Quero sentir o gosto da morte daquelas mulheres.

Ele teria sido completamente envolto pelas trevas, mas já havia cedido o controle ao seu demônio. Seus olhos brilhavam, vermelhos, emitindo faíscas rubras para onde quer que olhasse. Estava cercado por lama e pedras. Ele estava enterrado tão fundo na terra que podia ouvir os gritos dos condenados, podia sentir o cheiro de enxofre e de carne podre emanando dos portões do inferno. Pensava que Lucien fosse o único guerreiro que tinha acesso ao pós-vida, mas, aparentemente, Reyes também tinha.

Ira, seu demônio interior, espumou pela boca e foi devorando o cérebro de Aeron pelas beiradas, desesperado para escapar daquele lugar odioso. Desesperado para agir.

Perto demais de casa, o demônio gritou. Não vou voltar.

— Não, não vai voltar.

Aeron não conseguia sobreviver sem seu demônio; eles agora eram um só, duas metades de um inteiro, um era incompleto sem o outro. Aeron não estava mais disposto a morrer. Desejar a própria morte fora uma loucura de momento, com certeza. Agora ele sabia, agora ele aceitava. Ele não podia morrer até que o sangue daquelas quatro mulheres manchasse suas mãos, cobrisse seus braços e enchesse sua boca.

Mallory, Tinka, Ginger e Danika.

Ele sorriu, já praticamente sentindo o gosto de suas mortes. *Corte o pescoço delas, ordenara-lhe Cronos, o rei dos deuses. Só saia de perto delas quando seus corações pararem de bater e os pulmões estiverem imóveis.* Aeron acreditava que poderia ter resistido no começo; inocentes, elas eram inocentes. Mas não podia ter certeza. Deixar que aquelas mulheres vivessem parecia... abominável.

— Em breve — prometeu a si mesmo. Ele tremeu de expectativa. Matara recentemente. No fundo sabia disso, mas sua memória estava nebulosa. Só se lembrava de uma velha caída no chão frio com a testa sangrando. Havia lágrimas em seus olhos e cortes no braço direito.

— Não me machuque — implorou ela. — Por favor, não me machuque.

Em uma das mãos, Aeron segurava uma adaga. Na outra mão só se viam as garras afiadas e letais. Ele se debruçou...

E então, como sempre, a visão desapareceu por completo. O que acontecera depois disso? O que ele fizera? Não tinha certeza. Sua única certeza era a de que não teria deixado de matar. Ele não a teria deixado viva.

Quero sair. Quero subir! Quero abrir as asas e voar.

— Eu sei. — Aeron puxou as correntes. Elas cortaram seus pulsos, já em carne viva, mas continuaram firmes no lugar. Ele mostrou os dentes numa expressão ameaçadora. Maldito Reyes.

Maldita Dor.

Aeron não se lembrava de como Reyes o derrotara e o arrastara para lá, mas foi o que aconteceu. Um aflito “Perdoe-me” ainda soava nos ouvidos de Aeron. Eram as mesmas palavras que Aeron murmurava quando estava na periferia de Budapeste, observando os humanos, impressionado de vê-los levando a vida alegremente, sem pensar em suas fraquezas inerentes e no fato de que morreriam em breve. E alguns morreriam por obra dele.

Aeron já perdera a cabeça e derramara sangue, Ira julgava e executava aqueles que mereciam esse tipo específico de castigo. Estupradores, pedófilos. Assassinos; *como eu*. Alguns, contudo, não mereciam o que ele fazia. *Como aquelas mulheres.*

Ele franziu o cenho. Aquele pensamento pareceu deslocado no caos de sua mente; era um conceito que ele teria levado em consideração antes que os deuses lhe mandassem providenciar a linda morte das quatro mulheres de sobrenome Ford.

De repente, pedras começaram a se deslocar no fundo da caverna, interrompendo seus pensamentos. A atenção de Aeron se voltou para o desmoronamento, com olhos aguçados. Havia um buraco estreito no meio da parede da caverna, dentro do qual pulsava um par de olhos vermelhos brilhantes, olhos demoníacos como os de Aeron.

Aeron rosnou de modo ameaçador. Ele estava acorrentado e desarmado, mas não indefeso. Ele tinha dentes. Seria capaz de devorar o inimigo, se necessário. Mais pedras rolaram, aumentando o buraco. Então apareceu uma cabeça careca e escamosa. Aqueles olhos vermelhos intensos olharam para os lados antes de pousar em Aeron. Presas afiadas e cintilantes surgiram num sorriso selvagem.

— Eu sssssenti seu cheiro, irmão. — A criatura sibilava, sacudindo a língua bifurcada. Soava feliz, e não ameaçador.

— Não sou seu irmão.

Os lábios finos fizeram um leve bico.

— Mas você é Ira.

As garras de Aeron se alongaram, expondo as pontas afiadas como lâminas.

— Sou, sim. — *Você o conhece?*, perguntou ao seu demônio.

Não.

Mais rochas se deslocaram e ombros escamosos apareceram, seguidos por um corpo baixo, igualmente coberto por escamas.

— Se chegar mais perto, vai morrer.

— Não vou, não. Mim nunca morre. — A criatura plantou os pés em forma de cascos no chão e se levantou. Era tão baixo que mal batia no umbigo de Aeron. Seu corpo pequeno tremeu levemente, soltando pó de suas sombrias escamas verdes.

— Como pode ter tanta certeza?

— Nósso amigoss.

— Eu não tenho amigos. Quem é você? O que está fazendo aqui?

— Messstre me chamava de Legião, antessso de me chamar de Burro Idiota. — Ele se aproximou mais um passo, cantarolando animadamente. Sorrindo, as presas lhe davam uma aparência diferente.

— Quer brincar?

Legião. Interessante.

— Um dos mil o quê?

— Ssservoss. — Outro passo.

Servos do inferno, completou Ira com nojo. *Inútil, dispensável, indigno. Devore-o.*

Aeron encolheu as pernas, encostando os joelhos no peito, preparando-se para atacar.

— Pare. — Por que ele foi dizer isso? Ele *queria* que a coisa se aproximasse. Queria fazer um banquete com ela.

A criatura obedeceu, voltando a fazer cara de ofendida.

— Masss nósso amigoss agora. Amigoss àsso vezesss chegam perto unsss dosso outrosss. Já vi fazerem issso.

Ele não se deu ao trabalho de reiterar que não eram amigos.

— Por que está aqui, Legião? — Primeiro as perguntas, depois o jantar.

Aqueles olhos rubros cintilaram de expectativa.

— Mim quer brincar. Você brincar comigo? Por favor, por favor, por favor.

— Brincar de quê? — Pingou saliva do canto da boca de Aeron, e ele lambeu. Quanto mais pensava em devorar seu adversário, mais gostava da ideia de fazer do demônio seu aperitivo. Aeron já havia folgado as correntes a ponto de poder pegar uns ratos para matar a fome. O demônio seria uma deliciosa mudança. Mas mostarda cairia bem. Maldito Reyes. — Qual jogo?

— Pega-demônio! Messstre não brinca mais disso comigo. Me expulsar de casa. — Ele baixou os olhos e chutou uma pedrinha com seu casco. — Mim fez uma coisa muito, muito ruim e não pode mais brincar com ele.

— Que coisa ruim? — ele fez a pergunta antes de conseguir se conter.

As presas emergiram, mordendo o fino lábio inferior.

— Comi a mão do messstre. Quer brincar?

E correr o risco de perder uma de *suas* mãos? Ele pensou no assunto e deu de ombros.

— Podemos brincar. — Era uma mudança de opinião justa.

— Oba! — Ele bateu as garras animadamente, mas o outro manteve a distância. — Podemos mudar as regras?

Havia regras?

— Que regra?

— O vencedor não pode me apedrejar.

— Certo. — Aeron ia apenas mastigá-lo com os dentes.

Legião deu uma risada sinistra e pulou no ar. Ele saltava de um lado a outro na caverna, Aeron via apenas um borrão. O demônio passou por ele zunindo duas vezes, gargalhando alegremente, e duas vezes Aeron tentou pegá-lo, fazendo as argolas de metal cortarem a pele ainda mais fundo. A criatura desviava e ficava fora de alcance.

Aeron parou e pensou nas suas opções. Ele não tinha alcance para movimentos longos, e Legião era rápido demais. Tinha que esperar, como uma aranha tecendo a teia, usando seus outros sentidos. Determinado, ele fechou os olhos, acolhendo a total escuridão. Ele colocou as mãos nos joelhos dobrados, torcendo para parecer a própria imagem da tranquilidade.

A risada divertida de Legião ecoou em seus ouvidos, mais perto... mais perto... Os dedos roçaram a testa de Aeron, que nem se mexeu.

— Você não me pega, você não me pega.

Pedras ruíram da parede uma fração de segundo antes da risada ficar mais alta e uma brisa agitar o ar úmido e empoeirado. A qualquer momento... espere... aguarde...

Algo quente lhe roçou o braço, e Aeron quase conseguiu agarrar. Um ofego, um grito. Legião sacudiu o braço dele, parando de rir.

— Ganhei. — Aeron mostrou as presas e jogou a cabeça para a frente. Contato. O sangue ácido lhe encheu a boca, queimando, ardendo.

— Ai!

Tossindo e cuspiendo, Aeron soltou o demônio. Suas pálpebras se abriram, mas logo se apertaram num olhar de raiva. *Por que você não disse que ele era venenoso?*, berrou para Ira.

Eu não sabia, o demônio respondeu.

— Você me mordeu. — A criatura falou em tom de acusação e mágoa. Lágrimas brotaram nos olhos vermelhos.

— Você tem gosto de bile, seu verme nojento.

— Masss... masss... você me fez sangrar. — Legião esfregou o pescoço, tentando conter com os dedos escamosos o sangue negro que jorrava. — Você prometeu que não ia fazer isso.

— Prometi não *bater* em você. — Algo parecido com... remorso? Sim, um ponto de remorso cintilou no peito de Aeron, maior que sua raiva constante e seu gosto avassalador pela morte.

— Eu... — O quê? Quase lhe devorei, mas agora quero dizer que sinto muito? — Pensei que a brincadeira fosse assim.

— Pensou errado. — Legião fungou e deu meia-volta. Aeron percebeu que Legião já fora promovido à categoria de “ser” em sua mente, deixando de ser apenas uma “coisa”. Legião virou para um canto e enterrou a cara na rocha, afundando.

Pelo amor dos deuses. *Como fui parar nesta situação? Demônios subordinados são uns bebezões*, Ira rosnou, como se *ele* não fosse um bebê.

— Eu não conhecia as regras — disse Aeron, chocado ao se perceber mais autêntico naquele

momento do que se sentira em meses, e não sabia direito o motivo disso.

Legião olhou para trás, as escamas faiscando como rubis polidos nas íris demoníacas de Aeron. Mas suas escamas eram verdes, não eram?

— Ssse vamosss ser amigoss, você tem que prometer não me morder maisss. Eu também fico trissste.

Amigos?

— Legião, não quero magoá-lo, mas...

— Viu! — Sorrindo de novo, o pequeno demônio deu meia-volta e bateu palmas com as mãos cheias de garras. — Você não quer maisss me magoar. Já somoss amigoss. O que vamosss fazer, que vamosss fazer? Quer brincar de outra coisa?

Aeron virou a cabeça para o lado, e olhou para o novo... amigo, pensativo.

— Sei de outra brincadeira que podemos fazer.

— Ah, qual? Qual? — As palmas começaram a ficar alegremente frenéticas. — Mim quer brincar. Como ssse chama a brincadeira? Dessssa vezzzz vou vencer, tenho certezzza!

— Vamos brincar de quebra-corrente.

PARIS ESTAVA DEITADO ao lado da humana na cama alugada. Ele já estivera naquele quarto inúmeras vezes. Um colchão *king-size*, paredes brancas com quadros clássicos pendurados estrategicamente. Uma mesa preta, uma luminária dourada. Número 14 do Boutique Hotel Zara. Só que com uma mulher diferente a cada vez.

Ele não sabia o nome da companheira, refletiu, e não queria saber. Ela era turista e ele nunca mais a veria. Nunca voltava a ver as mulheres com quem ia para a cama. Normalmente ia embora assim que terminava o sexo. Demorar-se demais favorecia o despertar de sentimentos, e como não podia transar com a mesma mulher duas vezes, qualquer sentimento era um estorvo. Mas naquela noite ele ficou.

A mulher roncava baixinho ao seu lado. Sua mente estava inquieta, o corpo tenso, mas ele não queria ir para casa. Maddox tinha Ashlyn, Lucien tinha Anya e agora Reyes tinha Danika. Ao vê-los juntos, Paris pensava na mulher que ele queria: a mulher que havia matado.

Sienna.

A simples e adorável Sienna com sua pele sardenta, óculos de lentes grossas e cabelos castanhos ondulados. Magra, muito magra, com poucas curvas e seios muito pequenos. Mas ela o fisgara desde o início. Ele a desejara, fizera de tudo para conquistá-la e seduzi-la. E ela rapidamente o traía. Tivera a intenção de traí-lo desde o início.

Ela fora uma Caçadora, seu pior inimigo, e usara o desejo dele contra ele mesmo, distraíndo-o e drogando-o, largando-o para ser encontrado pelos colegas de trabalho dela, que o acorrentaram e o estudaram. Ele quase morrera, e eles tiveram que jogar Sienna na cova do leão, por assim dizer, para mantê-lo vivo.

Luxúria não conseguia sobreviver sem sexo. Quanto mais Paris ficava sem sexo, mais fraco se tornava. Aqueles Caçadores não queriam que ele morresse. Então como puderam ter estudado seus

dons? Como puderam tê-lo usado para atrair os amigos para o território de Caçadores? Pior ainda, matá-lo significaria libertar seu demônio pelo mundo, enlouquecido e sedento de sangue, insano por estar sem seu hospedeiro.

Os Caçadores não queriam nada disso. Ah, eles queriam que os demônios fossem sugados de seus hospedeiros, mas antes disso queriam achar a Caixa de Pandora. Até então, ninguém chegara nem perto de encontrar o artefato. Nem mesmo os Senhores do Mundo Subterrâneo. Então mandaram Sienna para dentro de sua jaula. Ela o cavalgara loucamente, direitinho, bem do jeito que ele gostava, e assim retomou sua força, na verdade, uma força maior do que o normal. Pela primeira vez desde sua ligação com Luxúria, ele ficara excitado com a mesma mulher duas vezes.

Paris resolvera ficar com ela. Castigá-la, sim, mas ficar com ela pelo resto da vida mesmo assim. Pois, por um breve momento, ele pensou ter encontrado a mulher que poderia salvá-lo. Ele não se importava mais se ela era Caçadora e pensava que o mundo seria um lugar melhor sem ele e seus amigos. Ele só se importava com ela, com a felicidade de ter a mesma mulher repetidas vezes. Saboreando-a, conhecendo-a. Talvez até amando-a.

Ele cometera a tolice de presumir que eles tinham sido feitos um para o outro, que os deuses haviam, enfim, resolvido que chegara a hora de dar-lhe um descanso de seu tormento interno. Ele estava cansado de procurar uma mulher diferente todos os dias, cansado de fazer amor sem amar de verdade, sem se lembrar de quem havia beijado e tocado, sem jamais descobrir do que elas gostavam ou não gostavam, pois havia tantos rostos, corpos, tantas preferências e tantos convites nadando em suas lembranças.

Então ele fugira da prisão dos Caçadores com Sienna ao seu lado. Como um soldado sem treinamento, permitira que ela fosse atingida por um tiro. Não uma nem duas, mas três vezes.

Ela morrerá em seus braços.

Devia tê-la protegido.

Semanas se passaram desde então, mas Paris não conseguia tirar da cabeça o rosto dela. Só conseguia ficar excitado se pensasse nela.

Ela me desejava. Ela não *quisera* desejá-lo, mas o desejara. Ela estava pingando de tão molhada quando ele a penetrou. Apesar de tudo, seus olhos estavam queimando de êxtase. Ela gemeu o nome dele várias vezes. O nome *dele*. Não o de outro homem. Apesar de suas diferenças, eles poderiam ter sido felizes juntos.

— Mas não. Eu permiti que ela fosse arrasada por seu próprio grupo. — Ele riu amargamente. — Grande guerreiro que sou. Culpa minha, tudo culpa minha.

— Que foi? — perguntou sua parceira com voz sonolenta. Ela rolou em direção a ele, pousando a mão aberta sobre seu peito musculoso.

Droga. Ele não queria acordá-la. Não queria conversar com ela. Paris jogou as pernas para a lateral da cama e se levantou, desacomodando-a.

— Hmmm — ela disse. — Gostei da vista.

Ele pegou as roupas do chão com movimentos travados. Havia punhais presos em seus braços e suas pernas, e ele não se deu ao trabalho de tentar esconder. As mulheres gostavam, ficavam

excitadas.

Ela ronronou o nome dele.

Ele a ignorou e se vestiu.

— Volte para a cama — suplicou ela. — Eu quero você de novo. Preciso de você.

Palavras semelhantes às que ele ouvira milhares de vezes, e que provavelmente ouviria mais milhares de vezes. Só de pensar, ele se encolheu.

— Preciso ir embora.

Ela bufou, decepcionada.

— Por favor, fique. Preciso começar meu dia bem, e com você dentro de mim tudo fica *tão* bem.

No momento, ele nem conseguia se lembrar do rosto dela, e estivera olhando para ela segundos antes. Ela não era Sienna, isso ele sabia. Seu membro estava inerte como uma flor seca, e assim ia permanecer.

— Quem sabe outro dia. — Era mentira, mas foi a coisa mais gentil que conseguiu dizer.

Ela repuxou as cobertas e soltou um gemido. Provavelmente estava se masturbando, talvez para tentá-lo ou para se aliviar. De um jeito ou de outro, ele não se importava. Seu corpo não reagiu.

Minha vida sempre será reduzida a isto: transar e ir embora. Eu sou patético.

Ele adorava as mulheres. Elas eram o sangue de sua vida, e ele sempre procurava lhes acalmar as emoções, melhorar a autoestima delas. Mas tinha cada vez menos energia para isso.

— Paris — sussurrou ela, arfante. — Substitua meus dedos pelos seus. Por favor.

— Pelo jeito você está se saindo muito bem. O quarto está pago pelo resto da noite. Vou deixá-la à vontade.

— Deixar? — Ela se levantou de um pulo, esticou o braço e conseguiu apenas roçar o dedo na lateral do corpo dele. — Fique. Estou implorando.

— Esqueça-me. Eu já me esqueci de você. — Ele saiu do quarto a passos largos e deixou o hotel, sem olhar para trás.

Capítulo Sete

DEPOIS DE ACORDAR sozinha na cama de Reyes, após mais um pesadelo turbulento que ficou girando em sua mente, Danika percebeu que não conseguiria. Ela não podia continuar ali, não importava o motivo. Não com Reyes. Só de ficar perto dele, Danika sentia milhares de coisas, e nenhuma delas era boa.

Ela deveria se encher de ódio toda vez que olhasse para ele. Deveria se encher de ódio, raiva e violência. Mas toda vez que ela olhava para aqueles insondáveis e sombrios poços de conhecimento e dor que eram os olhos dele, ela sentia... outra coisa. Ela se afogava, com partes de si morrendo e rapidamente se refazendo por ele. *Ele*. Não pela família dela, não por sua sobrevivência. Mas por ele.

Como ela podia se esquecer assim de seu propósito? Como? Sequestrada todas aquelas semanas antes, estava desprovida até mesmo da vida mesquinha que construía. Como podia ainda querer se aproximar de Reyes? Ser abraçada por ele? Consolada? Até sentir prazer? Como ele conseguia penetrar em suas fantasias mais secretas e despertar seus instintos primitivos?

Sem saber mais o que fazer, ela se levantou da cama e saiu correndo do quarto. Chegou a ir bem longe, depois retornou, temendo virar para o lado errado e se deparar com um dos amigos de Reyes. Suas pernas finalmente pediram trégua, e ela parou na escada. Ela abraçou o próprio corpo na tentativa de se aquecer. O frio havia retornado com força total, e ela sentiu um arrepio.

Só uma coisa conseguira aquecê-la: Reyes.

— Danika!

Falando no diabo, ou melhor, no demônio. A voz de Reyes ecoou pelo corredor atrás dela, agoniada e cortante como navalha. Ela apoiou a cabeça nas grades da escada, derrotada pela fadiga e pela tontura. *Eu deveria correr*. Ela ficou no mesmo lugar. Parecia uma idiota; estava ansiosa em vê-lo.

— Danika! — Ele soou mais próximo.

Ela não perdeu tempo respondendo. Ele a encontraria logo. Não havia razão para ajudá-lo.

— Dani... — O som de seu nome se desfez no momento em que ela sentiu um sopro roçando-lhe a nuca. Ele devia ter parado de repente. Ela não conseguia vê-lo, nem perifericamente, mas sentia seu calor até nos ossos. Deus, ele era quente. Ela parou de tremer de frio.

Então, de repente, ele estava lá, sentado ao lado, roçando a coxa na dela. Ondas de eletricidade

foram disparadas nas veias de Danika, percorrendo-lhe o corpo inteiro. Ela engoliu em seco. Por um bom tempo simplesmente ficaram em silêncio. Até que ela finalmente olhou para ele. Seu olhar passou pelas botas enlameadas e pelo jeans desgastado. Subiu em direção aos braços fortes que descansavam sobre as coxas. Havia três sulcos profundos em sua pele. Sangue gotejara e secara.

Ele olhava para os degraus, mas devia ter sentido o olhar dela, pois levou os braços para trás e apoiou o peso nos cotovelos, tirando o rosto do campo de visão.

— Você se machucou de novo — disse, tentando disfarçar a repentina preocupação que estava sentindo.

— Não é nada.

— Nada. — Ela deu uma risada irônica. — Você é o homem mais desajeitado que já conheci. Vive se arranhado e sangrando.

— Você pensou em fugir de mim? — ele perguntou após uma pausa.

— Sim. — Não havia razão para negar.

— Por quê?

— Como se você precisasse quebrar a cabeça para descobrir a resposta.

— Não, quero dizer, por que você desistiu?

Temendo a verdade e cansada demais para mentir, ela ignorou a pergunta.

— Por que você e seus amigos querem matar a minha família? Você nunca me disse. Até onde sei, nós não os insultamos, não passamos dos limites nem fizemos nada para merecer... isso.

Ele deu um suspiro pesado, exausto.

— Não, você não fez nada de errado. E não quero matar você.

Se ele estava falando a verdade ou não, ela não sabia. Mas, de qualquer forma, reagiu. Seu coração disparou como se tivesse escutado o tiro que anunciava a largada para uma corrida, batendo tão rápido que ela receou que ele fosse pular do peito. A voz dele fora envolvida por um tom áspero, as palavras soaram quebradas. Ela sentiu um nó se formar em sua garganta e teve de engolir em seco para conseguir falar.

— Não foi isso que você disse da última vez. Da última vez...

— Não vamos falar sobre a última vez. Acabou. Passou.

— Não. Não passou. — Ela sentiu a raiva brotando dentro de si, quente e faminta, alimentando suas forças. Ela deu um soco no joelho. A perna se ergueu em reflexo. — Nunca vai passar.

— Não se machuque, Danika — disse Reyes, soando tão furioso quanto ela se sentia.

— Palavras hilárias vindas de você. Da última vez você me ameaçou. Disse que eu ia morrer se você me achasse. Bem, você me achou.

Ele virou a cabeça em direção a ela com um movimento abrupto, os olhos subitamente perfurando-a até a alma. Olhos escuros, inebriantes, aquelas órbitas de ônix que pareciam ter vida própria.

— Eu disse isso, sim. De lá para cá já provei que não sou capaz de feri-la de modo algum.

Verdade. Desgraçado. Tudo dentro dela se suavizou, e ela não conseguia evitar. *Desvie o olhar. Ele está puxando você para baixo de novo, está lhe confundindo os pensamentos. Está destruindo você.*

Ela baixou os olhos em direção ao pé da escada. Um exuberante tapete vermelho aguardava, tão grosso que seus pés nem alcançavam o piso de mármore abaixo dele.

— Seus amigos ainda querem me matar.

— Querem? — Ele riu, mas não foi uma risada simpática. — Não. Ninguém quer matar você, mas farão o que têm de fazer.

— E eles *têm* de me matar?

Ele permaneceu em silêncio.

— E você vai fazer o quê? — insistiu ela. — Vai deixar?

Outro suspiro, desta vez triste.

— Alguma vez já machuquei você?

Não.

— O que você sabe sobre minha família, Reyes? Minha avó... — Ela quase engasgou — sumiu há mais de duas semanas.

Reyes esticou o braço e entrelaçou os dedos aos dela.

Ela arfou e puxou a mão.

— Nós combinamos. Nada de toques.

A pele dele era quente demais e o corpo de Danika sensível demais. Bastou aquele mínimo contato para ela sentir um calor que alcançava até os ossos. Seus mamilos ficaram intumescidos.

— Nada sei sobre sua avó, mas... eu sei quem sabe.

Danika riu e, assim como a risada de Reyes, não foi um som bonitinho.

— Ah, tá. Sei.

— Estou falando a verdade. Não mentiria sobre uma coisa dessas.

A seriedade de seu tom não a convenceu. Mas as palavras, sim. Das três vezes em que interagira com ele, Reyes jamais mentira nem distorcera a verdade. Ele era franco até demais. Ela sentiu um frio na barriga, de esperança e de... medo. O que ela ficaria sabendo ao falar com essa pessoa desconhecida? Que sua mãe, irmã e avó estavam sãs e salvas ou que sofreram horivelmente antes de morrer?

— Leve-me a essa pessoa. — Uma ordem. Ela o encarou, virando o corpo até ficarem frente a frente. Suas respirações se mesclaram em um aroma cálido de hortelã. Ela inalou fundo. Tão fundo que temeu que ele se tornasse parte dela. *Ele faz parte de você desde o começo.*

Não. Eu me recuso a acreditar nisso.

— Não vou levá-la até ele, mas perguntarei para você.

— Nem pensar. — Ela queria agarrar Reyes pelos ombros e sacudi-lo, mas sabia que tocá-lo espontaneamente o faria perder a compostura.

— Vou com você.

— Eu... — Ele massageou a nuca. — Não.

— Você não vai me convencer do contrário e, se me forçar a ficar, vai ter briga.

Um suspiro longo e cansado.

— Muito bem. Mas primeiro você vai comer. Você mal consegue manter a cabeça erguida. — O

olhar dele percorreu todo o corpo de Danika. E, para crédito dele, não havia malícia naquele olhar. Sua expressão ficou reservada, nada revelando sobre suas emoções.

— Preciso saber o que aconteceu com elas. Não vou conseguir engolir nada antes disso.

Ele já estava fazendo que não com a cabeça antes mesmo de ela terminar de falar.

— Isto é inegociável. Você vai comer, tomar banho e depois nós vamos.

— Não me diga o que fazer! Não sou a mesma garota da primeira vez em que você me sequestrou. *Não* vou ser dócil e obedecê-lo cegamente.

— Foi assim que você se viu antes? Dócil?

Ela olhou fixamente para ele; não estava acreditando.

— Não era você quem me via assim?

— Não. Achei você uma mulher forte e orgulhosa, disposta a fazer qualquer coisa para tranquilizar sua família e mantê-los vivos.

Não reaja. Não ouse reagir.

— Eu era fraca e medrosa. Agora sei como me defender. — Seu tom de voz inflamado praticamente o desafiou para que ele experimentasse por si próprio. Idiotice dela, pois agora tinha a força de um recém-nascido. Mas ela queria que ele soubesse que haveria consequências se a machucasse.

Ele assentiu, compreendendo, mas sua expressão pensativa não mudou.

— Ouvi falar que você matou um humano. — Humano, ele dissera, e esta única palavra enfatizou claramente as grandes diferenças entre eles. Em seguida, houve um clarão preto e vermelho em sua mente, um ofego de dor nos ouvidos, o concreto queimando-lhe as palmas das mãos e os joelhos, um lápis quebrando, um suspiro de morte ecoando, e ela não se importava com as diferenças. Ela só queria que Reyes a protegesse.

— Danika.

Por alguma razão, bastava ele dizer seu nome com aquele timbre rústico para apagar as lembranças ruins. Ela engoliu em seco, balançou a cabeça.

— Não me arrependo do que fiz. — Ela bem que queria que isso fosse verdade. No momento, ela estava entorpecida demais para ter certeza.

— Fico feliz.

É claro que ele ficava... espere um momento. *Ele disse mesmo “feliz”?*

— Por quê?

— Ele queria machucá-la. Você fez o que foi preciso para se proteger. Pena que eu não estava lá.

— Bem, não me protegi muito bem — disse ela amargamente e soltou um palavrão. Falar dos momentos que passou com os Caçadores não era boa ideia. Além disso, tinha um trabalho a fazer. — Como você ficou sabendo do que aconteceu? Estou sendo procurada ou algo assim? — Ela falou tão baixinho que mal ouviu a si mesma, mas mesmo assim ele respondeu logo em seguida.

— Nada disso. Ninguém sabe. Mas o que estou prestes a lhe contar, Danika, jamais pode ser repetido. Você nos odeia. Com razão. Por isso, passar-lhe a informação que vou passar é tolice da minha parte. Mas mesmo assim quero que saiba por que fizemos o que fizemos.

De repente ela ficou com medo até de respirar para não interrompê-lo e impedi-lo de continuar. Que segredo sombrio ele iria revelar? Que tinha de sacrificar virgens nas noites de lua cheia? Ela era a próxima? Bem, notícia de última hora: ela não era virgem.

Ele inalou profundamente e soltou cada molécula de ar bem devagar. Desviou o olhar.

— Eu lhe disse que os guerreiros aqui não são humanos. O que não lhe disse é que todo guerreiro aqui é possuído por um... um demônio. — Ele sentiu vergonha do que disse. — Lucien, lembra-se dele? Ele é possuído pelo espírito da Morte. Quando seu humano morreu, ele foi convocado.

Eu sei, ela quase deixou escapar, mas conseguiu se controlar. Só que Stefano dissera que os homens haviam *se tornado* os próprios demônios, que não eram simplesmente *possuídos por* eles. Mesmo assim, Danika sentiu os ombros relaxarem de alívio. Engraçado ela se sentir aliviada com o que ele acabara de dizer. Agora ela não precisava mais esconder que sabia.

O que você está fazendo? Uma voz gritou na sua mente. Ele não sabia que ela sabia, e ela precisava manter as coisas desse jeito. Seria estranho demonstrar alívio. Então... como ela devia reagir a tal revelação? Cair na gargalhada? Gritar?

— Demônios — disse ela com a voz contida. O que mais podia dizer?

— Sim.

— Eu... eu desconfiei — ela disse, resolvendo revelar meia verdade. — Da última vez em que estive aqui, havia coisas que não consegui explicar. Coisas sobrenaturais.

Ele assentiu, e ela ficou duplamente aliviada.

— Não quero que tenha medo de nós — disse ele. — Somos demônios, sim, mas não vamos machucar você. Não mais do que já machucamos — acrescentou amargamente.

Não foi uma promessa de conforto, mas ela quis se apoiar nele assim mesmo, quem sabe confessar a razão pela qual estava lá, para que assim ele pudesse resolver o problema para ela.

Idiota. Será que Reyes seria tão gentil se soubesse a verdade? Se soubesse que ela estava lá para saber tudo a seu respeito, para que a informação pudesse ser usada contra ele. *Você está fazendo isso por sua família. Não se esqueça*.

— Eu não o vi naquela noite.

Novamente se apoiando em seus cotovelos, mantendo distância entre os dois, Reyes olhou para ela, intrigado.

— Não viu quem?

— Lucien. Quando aquele homem morreu, eu não vi Lucien. — Perguntas giravam em sua mente na mesma velocidade com que o calor de Reyes lhe abandonou o corpo, deixando-a trêmula e com frio. — Você disse que ele estava lá, que ele viu o que fiz.

— O humano não morreu naquele beco e sim no hospital, dias depois. Mas mesmo se ele tivesse morrido naquela noite, você não teria visto Lucien. Ele tem o dom de permanecer no mundo espiritual, invisível enquanto cumpre suas tarefas.

Ela precisava fazer com que ele continuasse falando. Era exatamente esse tipo de informação que Stefano queria. E quando esse pensamento lhe ocorreu, Danika sentiu no peito uma pontada de

culpa. Culpa? Por quê? Reyes e sua horda mereciam ser eliminados.

— Como isso é possível? Como ele pode continuar no mundo espiritual? O que ele vê?

— Isso não posso responder.

Pressioná-lo poderia despertar suspeitas. Certo? Sua mente simplesmente não estava funcionando bem.

— Você disse que todos vocês são possuídos. Que... Por qual demônio você é possuído?

Ele enrijeceu as costas.

— Os homens que lhe atacaram eram Caçadores.

— Caçadores — ela repetiu. Reyes ignorou a pergunta que ela havia feito, do mesmo modo que ela às vezes ignorava as dele. Talvez fosse melhor não responder. No momento, ela estava quase conseguindo fingir que aquilo era apenas outro sonho, que na verdade sua família estava a salvo e que o único problema a afligi-la era saber se conseguiria ou não terminar a próxima tela dentro do prazo prometido ao cliente. Ela quase conseguiu fingir que Reyes era um homem normal que estava lá para amá-la. Quase. — Ashlyn chegou a mencioná-los, mas, na época, não sabíamos o que eles eram.

— Eles formam uma liga de homens cujo objetivo é nos matar. Eles acham que o mundo seria um lugar melhor sem nós.

— E seria? — ela não resistiu a perguntar.

O olhar dele ficou pesado.

— Enquanto os humanos tiverem livre-arbítrio, o mundo jamais será perfeito. Nós não os forçamos a fazer maldades. Eles fazem porque querem. — Suas palavras transbordavam amargura. — Mas os Caçadores não querem encarar este fato. É bem mais fácil simplesmente jogar a culpa naquilo que eles não compreendem.

O que ele disse fazia sentido, mas ela não se deixou levar por isso. O que estava em jogo era sério demais.

— Bem, você capturou minha família *voluntariamente*. Por quê? Diga. Eu mereço saber. Por que nos capturou? O que minha família tem a ver com isso tudo? Com você?

— Danika...

— Estou implorando. Diga-me!

Ele esfregou o ponto logo acima do coração.

— Os deuses ordenaram que Aeron... você se lembra de Aeron?

Ela estremeceu, e seu coração bateu alterado quando sentiu que estava quase conseguindo as respostas de que precisava. Não era possível para ela se esquecer daquele homem. Logo depois de seu *primeiro* sequestro, Aeron fora escolhido para levá-la à cidade para pegar um remédio para a namorada de Maddox; como uma mulher poderia ser louca o suficiente para se envolver com um desses guerreiros ela não sabia, apesar de ter aprendido a gostar da companhia de Ashlyn. Ele havia tirado a camisa, revelando um corpo coberto por tatuagens violentas, e ela entrou em pânico, achando que ele pretendia estuprá-la. É claro, ela havia resistido todas as vezes em que tentara se aproximar, e ele quase batera nela por causa disso.

Reyes a acalmara. Como, ela ainda não sabia, e finalmente permitira que Aeron a tomasse nos

braços. Asas se abriram nas costas dele, e sobrevoaram Budapeste. *Sobrevoaram*. Só para pegar o Tylenol dentro de sua bolsa para dar a Ashlyn, que estava passando mal. Danika se lembrou de achar aqueles homens esquisitos, uma estranha combinação de antigo e moderno. Eles não entendiam nada de remédios humanos, apesar de terem tevê com tela de plasma e um console de videogame. Eles se vestiam como guerreiros antigos, com armas penduradas pelo corpo, apesar de um deles constantemente aproveitar a noite em clubes e boates da cidade. Eles mimavam Ashlyn, mas tentavam destruir Danika. As contradições a confundiam. E continuavam a confundir.

— Sim, eu me lembro de Aeron — disse, enfim.

— Os deuses o mandaram assassinar você e sua família.

Ela arregalou os olhos, incapaz de acreditar.

— Você está mentindo. Primeiro que não existem *deuses*. Segundo...

— Também não existem demônios, tenho certeza.

Ela abriu e fechou a boca, tentando elaborar uma resposta coerente. Stefano havia usado a mesma lógica com ela. Danika tinha certeza de que os dois não gostariam de saber como pensavam parecido.

— Existem deuses *sim*, e eles *querem* matá-la. Quanto antes você começar a acreditar nisso, mais cedo poderá começar a se proteger.

— Tudo bem. Mas por quê? Não fiz nada de errado. Minha família não fez nada de errado.

— Não sabemos a razão. Minha esperança era de que você pudesse desvendar esse mistério para mim.

— Desculpe, mas não posso. — Ela riu de novo, e desta vez o som foi como alguém arranhando uma lousa com um caco de vidro. — Eu costumava frequentar a igreja todo domingo. Sempre tentei ser boa para as pessoas em minha vida e eu nunca fiz mal a ninguém de propósito. — Ela fez uma pausa ao se lembrar novamente daquele homem morrendo. — Não posso mais dizer isso, posso? Até conhecer você e seus amigos eu me considerava um ser humano bastante decente.

— Você é.

Ela olhou para ele com irritação.

— Você não sabe nada de mim, e nem quero que saiba. Quero que você me leve para ver esse homem, droga... — Então ela se deu conta e a raiva virou perplexidade. — É Aeron, não é?

Reyes assentiu, relutante. Ela quase vomitou ao pensar em encarar o guerreiro alado outra vez, mas repetiu:

— Quero que me leve até ele.

Mesmo assim, as feições de Reyes se mantiveram calmas e controladas.

— Tenho uma bandeja com comida no meu quarto. Sabe o que precisa fazer primeiro.

Grrr! Não seria possível convencê-lo. Ele irradiava determinação.

— Está bem — disse, para não perder mais tempo. — Vou comer. — Ela agarrou o corrimão e se levantou. Seus joelhos rapidamente cederam. Reyes levou o braço à cintura dela, para ajudá-la a se equilibrar. Seu braço estava quente como uma brasa. Ela chiou para ele. Chiar era mais seguro do que rugir. — Eu disse nada de toques.

Ele não se afastou, na verdade ajudou-a a se levantar, embalando-a junto a seu peito firme. Seu

coração batia sobre o ombro dela, forte e decidido.

— Deixe-me ir embora. — O rosto de Danika esquentou de vergonha quando ela percebeu que estava sem fôlego. — Deixe. Por favor.

— Acho que jamais vou conseguir deixá-la ir embora.

REYES LEVOU DANIKA de volta para seu quarto e a colocou na beira do colchão, tomando cuidado para não derrubar os pratos que estavam por perto. Ela se afastou dele, sem lhe dirigir o olhar.

Ela se concentrou na comida e pegou um dos sanduíches. O sanduíche de pão integral com peru. Ela beliscou um pouquinho, enfiou várias uvas na boca. Ela fechou os olhos e sua expressão se cobriu de êxtase. Ele se afastou, pegando a adaga e escondendo os braços atrás das costas para enfiar a ponta da lâmina no pulso. *Bom, bom demais.*

Enquanto isso, ele a observava. Ela não tivera a reação que ele estava esperando quando confessou sobre o demônio que habitava dentro de si. Ele esperava terror, gritos, ou até mesmo que ela não acreditasse. Em vez disso, ela aceitara tudo, mantendo a calma e sem pedir provas.

Ou seja, ela já sabia.

O que mais os Caçadores tinham dito a ela? Por mais que ela odiasse Reyes e seus amigos, ele de repente temeu que os Caçadores tivessem convencido Danika a trabalhar para eles como Isca. E se ela fosse mesmo uma Isca, havia permitido que a drogassem. Provavelmente para ele não desconfiar. Ele ficou triste ao pensar que ela podia ter chegado a esse ponto. Seria a função dela distraí-lo e levar seus inimigos para dentro da fortaleza? Ou será que ela só tinha que colher informações? Talvez a última opção, pelas perguntas que fizera. Quis saber sobre os dons de Lucien. Ela quis saber sobre o demônio de Reyes. Será que ela iria contar tudo aos Caçadores? Se alguma coisa tivesse acontecido à família dela, ela *iria* traí-lo, sem sombra de dúvida. *Você pode culpá-la por isso?* Não, ele não podia culpá-la, mas também não poderia deixar de ficar magoado ao pensar que ela seria capaz de se voltar contra ele. Maddox quase matara Ashlyn por causa desse tipo de desconfiança.

E se os outros pensassem, por um momento que fosse, que Danika pudesse ser uma Isca? Exigiriam que Reyes a assassinasse imediatamente, se não, eles mesmos o fariam.

A não ser pelos últimos meses, fazia milhares de anos que ele não lutava contra os Caçadores. Mesmo assim, lembrava-se muito bem de como havia começado sua disputa sangüinária. As lutas e as mortes, os gritos e a destruição. Deles, dele. Qualquer sombra era suspeita, qualquer estranho era um assassino em potencial.

Reyes não vivia com medo; afinal era guerreiro até a alma. Ele sempre fora convencido, arrogante e seguro de seu sucesso, tanto nas batalhas quanto com as mulheres. Ele matara sem remorso, possuía as mulheres que o desejaram, ensinando-lhes a ter prazer com a dor sem se preocupar nem um pouco com o impacto que isso teria sobre elas.

Algumas delas espancavam os parceiros, já outras gostavam de ser espancadas. Todas aprisionaram sua personalidade anterior em conchas e se tornaram tão desesperadas por sentir dor quanto ele. Não faria isso com Danika e nem deixaria que seus amigos a machucassem. Não importava qual fosse sua intenção. Ele se esforçara demais para salvá-la, precisava muito tê-la ao seu

lado; ele simplesmente sentia que não funcionava sem ela. Ou ele acabaria conquistando sua afeição para que ela não o traísse, ou a impediria de entrar em contato com os Caçadores.

Estava decidido. Ele simplesmente não poderia deixá-la partir. Ele se deu conta de que ela... aliviava seu tormento. Sempre que chegava perto dela, sua vontade de sentir dor diminuía consideravelmente. Não sentira vontade de pular da fortaleza. Não tivera vontade de sentir os ossos quebrando e os órgãos se desfazendo. Uns cortes aqui e ali pareciam sustentá-lo. Impressionante.

— Obrigada. Pela comida — disse Danika, com raiva. Enfiou outra uva na boca, e mastigou.

— O prazer é meu. — Ela já ficou um pouquinho mais corada, e menos trêmula. Ainda estava com o rosto sujo de terra, mas as veias azuis que antes eram visíveis tinham desaparecido. — Quando você terminar, vai tomar um banho.

Ela ficou tensa, mas não o encarou.

— Vai ser perda de tempo.

— Não importa.

— Aeron se recusa a conversar com mulheres sujas? — rebateu ela. — Eu não sabia que demônios eram tão rigorosos com questões de higiene pessoal.

— Quero que você fique confortável — disse ele, suspirando. — Quero que você esteja em perfeitas condições, com a mente limpa. Você vai precisar de todas as reservas de força que tiver. Um banho vai ajudar.

Ela ficou mais tranquila.

— Tudo bem, mas não vou tomar banho com você no quarto.

— Que pena — murmurou ele.

Finalmente, ela voltou seu olhar verde e incisivo para ele.

— O que disse?

Quando ela o fitava, mesmo com aquela expressão hostil, ele era invadido por um desejo avassalador. Seu membro ficou inchado e latejando imediatamente, e as mãos coçavam de vontade de tocá-la. *Você não pode fazer isso. Sabe muito bem.*

— Há roupas na cômoda. Pegue o que precisar.

Ainda observando-o, ela mordeu a uva. Ele ficou ainda mais excitado. Bem podia se imaginar sendo mordido novamente por aqueles dentes brancos e afiados. A dor... o prazer... um coquetel de êxtase. Seu anjo o transportaria ao paraíso.

Seu anjo? Que coisa mais perigosa de se dizer; mas não conseguia evitar. Tudo dentro de si bradava que ela pertencia a *ele*. Que foram feitos para ficar juntos. Ele duvidava de que ela fosse concordar, e assim era melhor.

Se ela o desejasse como ele a desejava, como conseguiria rejeitá-la? E se a tivesse, como conseguiria aguentar a própria consciência pesada por destruí-la? O demônio da Dor *sem dúvida* a corromperia; ela passaria o resto da vida querendo sentir dor.

Infelizmente, nem mesmo esses pensamentos sinistros fizeram diminuir sua excitação..

— Já volto. — Danika olhou para o meio das pernas dele e rapidamente desviou o olhar, as bochechas já ardendo e rosadas. Ela engasgou com a uva.

— Claro. Leve o tempo que precisar.

Se ela soubesse a extensão do desejo que ele tinha de sentir agonia, e o fato de ele ficar completamente insano se não sentisse dor... Se transmitisse essa informação aos Caçadores, seria um desastre completo. Ele tinha de tomar cuidado estando perto dela. Por mais que a desejasse, por mais que quisesse aliviar a dor na qual sua vida se transformara, tinha de ser cuidadoso. Era um desejo estranho de aliviar a dor, em vez de provocá-la.

Suspirando, ele deu meia-volta para sair.

— Reyes — ela chamou.

Ele parou, olhou para ela.

— Sim.

— Eu o conheço — ela disse, de repente soando tímida —, mas não sei nada sobre você.

— E quer saber mais?

Ela assentiu com relutância.

Será que ela estava realmente curiosa ou queria informações para transmitir aos Caçadores? Ele achou que não se importava com a intenção de Danika, mas agora *queria* que ela ficasse curiosa. Ele queria que ela *quisesse* saber mais sobre ele. Pois ela gostava.

— O que quer saber sobre mim?

Ela deu de ombros e passou um dedo pelo edredom preto. As bochechas estavam lindamente rosadas.

— Há quanto tempo você mora aqui? O que gosta de fazer nas horas vagas? Você tem filhos? Quais são seus desejos e sonhos?

Perguntas inocentes, ele pensou.

— Moro aqui desde bem antes de você nascer. Tenho um hobby: armas. Construí-las, limpá-las, colecioná-las. Não tenho filhos. — Ele sempre tivera medo de machucá-los. Ou, pior ainda, de viver mais do que eles, pois teriam uma parte mortal. Sentia pena de Maddox, que um dia poderia passar por essa tristeza. — Meu maior sonho é ter... — *Você...* paz, e uma vida sem dor.

— O quê...

— Já respondi perguntas suficientes para você poder ficar à vontade no meu quarto. Hora do banho. Volto daqui a meia hora. Esteja pronta. Vamos descobrir tudo que for possível sobre sua família.

— Vinte minutos. — Seus olhares se encontraram. O olhar dela transmitia determinação e... ódio? Dele? Ou de Aeron? — Volte daqui a vinte minutos.

Ele assentiu, já sentindo falta dela.

— Até já.

Capítulo Oito

REYES CORREU ATÉ a sala particular de Lucien, tomando cuidado para evitar os outros guerreiros. Ele estava a ponto de explodir, seu corpo quente demais. Foi preciso usar toda sua força para deixar Danika. Naquele instante a água já devia estar descendo por aquelas curvas, empoçando em seu umbigo para então escorrer pelos cachos entre as pernas.

Ele imaginou como seria seu gosto. Doce, como o anjo que ela parecia ser? Ou picante, como seu olhar diabólico? O demônio de Reyes também ficou imaginando, percorrendo os caminhos de sua mente, praticamente gemendo de curiosidade.

— ... ponha Willie no quarto ao lado do nosso. — Ele escutou Anya dizer do outro lado da porta.

Reyes teve de se esforçar para ouvir, seu demônio grunhindo mais alto a cada segundo. *Danika.*

— Não quero que ele fique aqui, mulher — disse Lucien. — Ele tem de ir embora.

— Eu aguento seus amigos todo dia, droga — reclamou ela. — Você pode aguentar os meus por uma semana, ao menos.

— *Seu amigo* tentou matá-la.

Algo zuniu como se tivesse sido atirado no ar.

— Isso é passado. Mal me lembro do que fiz há cinco minutos, que dirá semanas atrás.

— Você o odeia.

— Está brincando? Eu o amo. Vivemos muitas coisas juntos. Ele foi meu primeiro amigo de verdade na época do Olimpo.

— Mulher, ele também tentou me matar e me lembro de você jurando castigá-lo pelo resto de sua vida infeliz.

— E que castigo é melhor do que tê-lo por perto? Espere, não foi isso que quis dizer. Olha, no final tudo deu certo, então eu estava pensando em lhe dar outra chance.

Lucien deu um grunhido ameaçador.

— Os guerreiros vão matá-lo. Sorte sua ainda não terem matado.

— Por que eles iriam querer matar o homem que vai me distrair para que eu não preste mais tanta atenção *neles*?

Vinte minutos, Reyes procurou lembrar, era o tempo que faltava para ele rever Danika.

Danika. Ele não podia culpar seu demônio por tanta ânsia.

Apesar de não querer interromper o casal, ele bateu na porta. As vozes pararam abruptamente. Passos. Um segundo depois, Lucien abriu a porta com cara de poucos amigos. Anya olhou para ele e sorriu.

— Oi, Dorzita — disse ela. Estava abraçando a cintura de Lucien, as unhas azul-gelo alisando a parte do peito logo acima do coração. — O que está acontecendo?

O ciúme queimava dentro dele, e ele se odiou por isso.

Danika.

— Estou pronto para levá-lo até Aeron — disse.

UMA VIDA SEM dor.

As palavras de Reyes continuaram a ecoar na cabeça de Danika depois que ele saiu e fechou a porta. O que ele quis dizer com isso? Ela poderia ficar ponderando sobre o assunto para sempre, mas duvidava que um dia viesse a ter essa resposta.

Finalmente satisfeita e fortalecida, e se sentindo... bem, se sentindo humana outra vez, rapidamente abriu a cômoda de Reyes e, para sua perplexidade, encontrou roupas femininas. Do seu tamanho. Como assim? Ela pegou duas camisas e as levantou, estudando-as. Não cabiam no corpo avantajado do guerreiro, o que eliminava a opção de ele ser *drag-queen*.

Ou ele tinha uma namorada do mesmo tamanho e altura de Danika — por que sentiu uma pontada no coração ao pensar nisto? — ou então as comprara especificamente para Danika. Como eram camisetas e suéteres macios e calças jeans desbotadas como a que ela trouxera na mala de férias, Danika desconfiou de que ele realmente havia comprado as roupas para ela e engoliu em seco. Por que ele havia feito isso?

A resposta é realmente importante?

Engolindo em seco outra vez, ela pegou uma camisa e uma calça. Nem ousou procurar pelas peças íntimas, simplesmente pegou um sutiã e uma calcinha em meio ao mar de rendas coloridas. Ela correu para o chuveiro e o sabonete e o xampu a fizeram lembrar-se de Reyes. O aroma tórrido de madeira, envolvendo-a num vendaval. *Ele é um demônio. Você não pode se esquecer disso.*

Quando escutou a batida leve na porta, já estava com uma camiseta cinza, um suéter preto e uma estilosa calça jeans rasgada; seus cabelos molhados pingavam nas costas. Parte da tinta já havia saído, deixando-a parecida com um gambá, e ela *não* queria que Reyes a visse assim. Mas não importava o que ele achava dela, pensou. Não podia se dar ao luxo de ser vaidosa.

Ela apalpou os tornozelos para se certificar de que os punhais que havia tirado da parede e escondido ali estavam bem encaixados. Estavam.

— Entre — chamou. Ela pisou separando bem os pés, preparando-se para brigar, caso Reyes tivesse mudado de ideia e não quisesse mais levá-la para ver Aeron. A porta se abriu e uma mulher entrou, surpreendendo-a. Ela arfou, lançando-lhe seu olhar cor de mel. Um segundo depois, a

mulher se aproximou com um sorriso satisfeito.

— Danika!

— Ashlyn. — Sorrindo também, pela primeira vez em muito tempo, Danika abriu os braços e deu boas-vindas à melhor lembrança que ela tinha daquele lugar: sua amizade com Ashlyn. Ambas tinham sido feitas prisioneiras naquela fortaleza e rapidamente se tornaram amigas de verdade.

Elas se abraçaram, suspirando alegremente. Danika soubera que sentiria falta da amiga, mas não imaginara o quanto.

— Eu pensava em você todo dia — disse Ashlyn, apertando-a forte. — O que anda fazendo? Como você está?

— Estou indo. E, sinceramente, já estive melhor. E você, como está?

— Não me odeie, mas a verdade é que estou bem demais. — A doce mulher deu uns passos para trás e olhou-a de cima a baixo. Seu sorriso desapareceu, dando lugar a uma expressão preocupada. — Você perdeu muito peso e está com olheiras.

— E você está ótima. Está radiante. Os homens realmente a *têm* tratado bem.

— Como uma rainha. — Ashlyn parou para observá-la de novo. — Posso fazer algo por você? Precisa de alguma coisa?

— Uma passagem para casa. Minha família. A cabeça de Reyes numa bandeja. Fora isso, não. Nada. — Ashlyn voltou a sorrir, desta vez com um toque de sabedoria feminina. — Reyes não é tão mau. Ele é um homem intenso, mas dócil. — Ela deu as mãos a Danika, entrelaçando os dedos, e direcionou para a cama.

— Olha, não quero que você se preocupe com nada enquanto estiver aqui. As coisas estão diferentes agora. Isso aqui não é mais o Clube do Bolinha. Anya e Cameo se mudaram para cá e estão ajudando a colocar os rapazes na linha. Você já os conheceu? Não? Bem, você vai gostar deles. Juntos, vamos todos dar um jeito de salvar sua família, não tenho dúvidas sobre isso. E os rapazes vão ajudar. Depois que os conhecer, verá que eles têm corações de ouro.

— Odeio ter de dizer isso, Ash, mas eles são demônios. Demônios do inferno. De verdade.

— Sim. Eu sei.

Danika olhou para ela, perplexa, achando que não havia escutado direito.

— Você sabe? E está ficando com eles assim mesmo? Por livre e espontânea vontade?

— Sim. — Ashlyn olhou para ela por debaixo de seus grossos cílios. — Na verdade, pode cumprimentar a próxima geração de demônios. Maddox e eu vamos ter um filho. — Praticamente gritando de alegria, ela esfregou a barriga ligeiramente protuberante. — Mal posso esperar!

— Ah, Ash. Parabéns. — Danika estava sinceramente feliz por sua amiga e só queria o melhor para ela. — Você tem certeza de que Maddox vai...

— Ele vai ser um pai maravilhoso — disse Ashlyn com segurança.

Se eu não ajudar a acabar com ele. Ela fechou os olhos ao se deparar com esta nova complicação. Ferir Maddox seria ferir Ashlyn, uma das pessoas mais doces que já conhecera. E o bebê? O que os Caçadores fariam com o inocente filho de um demônio?

— O que houve? Você está ficando pálida.

— Dor de cabeça — ela mentiu, esfregando a testa.

— Ah, coitadinha! Você passou por poucas e boas nesses últimos meses. Mas para dor de cabeça eu tenho a solução. Você já voou até a cidade para pegar Tylenol para mim, e agora posso fazer o mesmo por você.

Ashlyn a abraçou mais uma vez.

— Na verdade, temos Tylenol na cozinha. Maddox passou a ter estoques enormes ultimamente, só para garantir. Eu já volto.

A cama balançou e passos ecoaram. Dobradiças rangeram. *Estou enrolada. Até o pescoço.* Ela não havia considerado a possibilidade de destruir a vida de Ashlyn, e se sentia mal só de pensar na ideia. Mas Danika não teve chance de pensar em como conseguir seu objetivo e impedir a desgraça de Ashlyn. A porta do quarto se abriu pela segunda vez, batendo na parede. Seus olhos se arregalaram no momento em que entrou no quarto um guerreiro que ela não reconheceu. Ele era alto e musculoso como todos os outros. Mas enquanto os outros tinham aparência hostil e selvagem, ele exibia um rosto tipicamente americano, com seu queixo quadrado e aqueles olhos castanhos de filhotinho de cachorro. Ela se levantou de um pulo, com os cabelos molhados pingando pelo braço.

— Quem é você? O que quer? Onde está Reyes?

— Eu sou Sabin — disse ele, e era o homem mais arrogante que ela já tinha visto. Ele entrou e fechou a porta, mas não se aproximou dela. — Vim lhe fazer umas perguntas. E não faço a menor ideia de onde Reyes possa estar.

— Bem, você pode ir embora. — Ela estava com os dedos coçando para pegar uma das adagas. *Fique firme, controle-se.* Não havia razão para revelar seu segredo. Ainda não. *Você foi treinada. Você sabe o que fazer se ele atacar: vá direto à garganta, aos olhos e à virilha.* Nesta ordem.

Em vez de sair, Sabin se recostou contra a porta e cruzou os enormes braços sobre o peito. Ele era um homem bonito, de uma forma rústica. As mulheres deviam se derreter por ele. Mas ela preferia arrancar-lhe o coração do peito.

— Você é um deles — disse.

Ele caminhou em direção a ela, se segurou e recuou. Por quê?

— Deles quem?

Ela foi surpreendida por sua calma. Seu olhar era tão cortante que quase a partiu em dois pedaços.

— Um dos demônios.

— Reyes lhe disse que somos demônios?

— Sim.

Os olhos sombrios dele cintilaram de modo ameaçador.

— Duvido que ele tenha se comportado tão mal. Quer saber o que acho? Você esteve recentemente com os Caçadores. Aposto que *eles* lhe disseram.

— E daí?

— E daí. Interessante você não precisar me perguntar quem e o que são os Caçadores, nem qual é o propósito deles.

Droga! Ela empinou bem o queixo.

— Repetindo, Reyes me contou. — *E disse para você jamais repetir o que ele havia dito. Grrr!*

Não vou me sentir culpada por entregá-lo a seu próprio amigo. E este demônio não vai me fazer sentir culpada por ter sido sequestrada pelos Caçadores.

— O que eles pediram para você fazer com a gente, hein? Diga, e talvez eu a deixe viver.

O sangue dela congelou de imediato, raspas de gelo pareciam se cristalizar em suas veias. Ela certamente empalideceu.

— Eles me pediram para matar vocês — disse ela, sendo o mais sincera possível. Assim era mais difícil dar um escorregão.

A raiva dele se transformou em surpresa, como se não esperasse ouvir isso.

— E você pretende tentar?

Ela apertou os olhos, irritada.

— Depende das notícias que terei da minha família.

Sem alterar a expressão do rosto, ele tirou uma adaga e um pedaço de pano do bolso. Começou a polir lentamente a afiada lâmina com movimentos precisos.

— Não permitirei que ninguém faça mal aos meus amigos. Jamais.

O peito dela ardeu como se tivesse ácido.

— E eu não permitirei que ninguém faça mal a minha família. — *Por favor, que elas estejam bem.*

— Essa arma é para me assustar? — Bem, deu certo. Canalha. Não que ela fosse recuar. — Vai ter que tentar algo melhor. — *Por favor, não.*

— Você está sob o radar deles agora, sabia? — disse ele casualmente, como se ela não tivesse falado nada. — Os Caçadores nunca a deixarão em paz. E se você os trair para nos ajudar, o que duvido que queira fazer, eles vão sequestrá-la e torturá-la. Quer dizer, se sobrar alguma coisa de você depois que eu terminar de fazer o que pretendo fazer.

— Então estou ferrada de um jeito ou de outro? — Ela riu, mais uma daquelas risadas feias. A felicidade que ela sentira ao ver Ashlyn já se transformara em lembrança distante. — Grande novidade. Eu já havia percebido isso, otário.

Ele retorceu os lábios. Achando graça? Ou estava irritado?

— Você devia saber que a tortura dos Caçadores vai parecer brincadeira de criança perto do que farei com você se simplesmente *der a entender* que vai atacar meus amigos. Eles não são maus, eles não são a fonte dos problemas do mundo e merecem ser felizes.

Ela foi profundamente tocada por alguma coisa no tom monótono da voz dele.

— E você não?

Novamente, ele a ignorou. Ela já estava percebendo que Reyes e os outros eram mestres em se esquivarem. Eles respondiam apenas às perguntas que queriam responder e descartavam as demais como se simplesmente nunca tivessem sido pronunciadas.

— Você devia saber que minha família é tudo para mim e que vou decapitar qualquer imortal que sequer *pense* em lhes fazer mal.

— Falou como um verdadeiro Caçador — ele disse, balançando a cabeça. — Bem, adivinhe só.

Corte as cabeças deles e diga adeus ao seu lindo mundo. Se eles morrerem, os demônios ficarão à solta, causando um caos que você nem imagina.

— Para salvar minha família, qualquer preço a pagar vale a pena.

— Sinto o mesmo em relação à minha família. — Havia uma outra ameaça em sua voz. — Mas eu mesmo a protejo.

Minha família está fugindo por minha causa. O pensamento se infiltrou na mente de Danika, e ela empalideceu. Será que era tudo culpa dela? Talvez pudesse ter se esforçado mais, lutado mais durante o sequestro.

Se elas morrerem, serei a culpada.

Lágrimas lhe queimaram os olhos subitamente. Lágrimas de vergonha e horror. Ela *era* responsável. Ele tivera tanto medo na noite em que Lucien e Aeron foram ao seu quarto de hotel que ficara sem ação. Ela não gritara. Deixara-se levar com a família, e foram trazidas para aquela fortaleza.

Como ela pôde ter sido tão... passiva?

Sabin lançou-lhe um olhar de compreensão total.

— Talvez você vá resolver suas coisas sozinha, não? Assim me poupa o trabalho.

Ou seja, talvez ela se matasse. Ele não a conhecia muito bem. O suicídio nunca seria uma opção para Danika. Ela ainda se lembrava muito bem de quando a avó tentara o suicídio e do impacto que isso tivera na família. Ela se lembrava dela e da mãe em prantos, lembrava-se de vê-la parada num canto escuro. Ela se lembrava das mentiras que todos lhe contaram, lembrava-se dos sussurros humilhantes e dos olhares evasivos. *Sua avó sofreu um acidente. Vai levar alguns meses para se recuperar.* A portas fechadas, o que se dizia era bem diferente. *Por que ela faria uma coisa dessas? Sua vida era ótima, não havia razão para dar fim a ela.*

Já no presente, quando Danika pensou no assunto, era engraçado aquilo vir de seu pai. Ele tivera uma vida maravilhosa, mas pouco depois da crise nervosa da avó de Danika, ele passara desta para melhor. Deus, de onde estavam saindo aqueles pensamentos deprimentes?

A porta se fechou repentinamente com um estrondo, assustando-a. Um furioso Reyes entrara no quarto, seguido de perto por Lucien e suas cicatrizes. Ao ver seu belo oponente, ela perdeu o fôlego e seu coração quase parou.

Inimigo, ela procurou lembrar. Quantas vezes ela seria forçada a fazer isso? Por que sua mente não conseguia captar a mensagem? Ela tentou desviar o olhar dele, mas se deparou com um corte feio lhe enfeitando o rosto. Os dois homens deviam ter lutado. Os dois tinham feridas nos rostos, cortes sangrando e lábios arrebentados. As peles estavam enlameadas. Havia manchas vermelhas na camiseta de Reyes, como se ele tivesse levado a maior parte das pancadas.

Eu não vou me preocupar com Reyes.

Eles cheiravam a rosas e... ovos velhos? Ela torceu o nariz de nojo. Eca.

Reyes deu uma olhada para Sabin e agravou ainda mais sua expressão de raiva. Seus olhos iam do guerreiro para Danika, de Danika para o guerreiro. Fúria brilhou em seu rosto, e ele avançou em direção a Sabin, de punhos em riste.

— O que você está fazendo aqui?

Os dois homens se confrontaram.

— Alguém precisava interrogá-la — disse Sabin, as sobrancelhas dançando junto à linha do cabelo. — Você se recusou a cuidar disso, então eu cuidei.

— Você não devia chegar nem perto dela.

Eles retesaram os músculos, os corpos tensos. Se Danika não estivesse tão dividida entre o medo e a repulsa, teria apreciado a cena.

— Ela está viva, não está? Então qual é o problema?

Reyes lambeu os lábios de um jeito ligeiramente ameaçador.

— Você se machucou?

— Estou bem — disse Sabin secamente. — Obrigado por perguntar.

— Não estou falando com você. Danika, você se machucou? — Reyes não desviou seu olhar letal de Sabin.

Fisicamente?

— Estou bem — disse ela, com um aperto na garganta.

Reyes empurrou Sabin, que tropeçou para trás.

— Não se aproxime dela de novo.

Danika prendeu o fôlego, esperando que o guerreiro com olhos estreitos pulasse para cima de Reyes e os dois rolassem no chão, numa luta pelo domínio do território. Mas isso não aconteceu. Sabin empinou o queixo e passou a língua nos dentes.

— Eu lhe fiz um favor, garoto. Você devia me agradecer.

Danika caminhou em direção a eles. Não sabia o que ia fazer ou dizer. Mas nem precisou pensar nisso. Lucien se colocou na frente dela, bloqueando seu caminho.

— Chega — disse aos homens. — Sabin, avise seu pessoal. Partimos de manhã para Roma.

— Isso ainda não acabou — disse Sabin.

— Eu sei. — Um suspiro exaurido.

— Por que os planos mudaram? — Reyes perguntou a Lucien.

— Ficar pesquisando não estava nos levando a lugar nenhum — disse o amigo. — Vamos voltar para o templo, ver se encontramos algo lá.

A pele cor de oliva de Reyes ficou tão arrepiada de ansiedade que ele estava parecendo uma tomada elétrica ambulante. Seus cabelos negros estavam em pé. Ansiedade por quê? Por se imaginar a sós com ela? Então Danika arregalou os olhos. Fazia diferença? Os acontecimentos sobrenaturais se acumulavam. Em breve ela estaria deixando para trás qualquer normalidade, e em caráter irrevogável.

E quando você já foi normal?

Quando criança, as garotas de sua sala na escola queriam brincar de boneca. Danika preferia brincar de anjo. Tantas vezes fingira ter asas, fingira sair voando pelo pátio, combatendo o mal. Apesar disso, quando o mal de fato lhe batera à porta, não lutara. Ela se curvara em posição fetal e chamara pela mamãe.

Nunca mais.

— Ainda não acabou — repetiu Sabin e saiu do recinto, batendo a porta.

Danika engoliu em seco. Sozinha com Reyes e Lucien. *Não ouse se acovardar.* Ela empinou o queixo. Lentamente Reyes virou-se para encará-la. Seus olhos castanho-escuros estavam soturnos; as feições, tensas.

— Você tinha lágrimas nos olhos quando entrei. — Um músculo se contraiu na testa dele. — Do que Sabin lhe fez duvidar?

Aquela contração de músculos indicava que uma tempestade estava se formando dentro dele. Ela podia não conhecê-lo profundamente, como já lhe dissera, mas disso sabia.

— Duvidar?

Reyes assentiu em um gesto contido.

— Ele a fez duvidar de si mesma.

— Não. Ele me avisou para não machucar você.

— Ele nãoalaria dessas dúvidas abertamente. Você teria de ouvi-las dentro de sua mente.

— Do que você está falando? A única coisa de que duvidei foi... — Santo Deus. Ela arfou. — É esse o demônio dele? Qual é seu poder? Fazer as pessoas questionarem a si mesmas e suas ações? Fazer com que se sintam mal pelo que fizeram ou deixaram de fazer?

Ele assentiu novamente.

Todos os pensamentos cruéis que Sabin conseguira infiltrar em sua mente voltavam a ecoar.

— Aquele canalha! Vou matá-lo.

Grunhindo, ela foi em direção à porta. Ela ia atrás dele e...

Reyes a agarrou pelos braços e a segurou até que se acalmasse.

— O que ele usou contra você? — Ele levantou a mão lenta e gentilmente, e afagou-lhe o rosto com as mãos. Ela sentiu um frio na espinha. Não conseguiu se afastar. Ele lhe ofereceu apoio, que ela aceitou de bom grado. Suas mãos eram quentes, cobertas por cicatrizes, e lhe davam exatamente o que ela precisava. — M-minha família. Minha culpa.

Ele balançou a cabeça enfaticamente.

— Não foi culpa sua. Foi culpa dos deuses, culpa nossa, mas não sua.

Lágrimas lhe queimaram os olhos outra vez. Ultimamente sua vida se resumia em chorar e depois tentar parar.

— Eu não lutei.

Ele a segurou mais forte. Não machucou, mas não foi delicado.

— Nós somos guerreiros. Nada menos que imortais. Fomos treinados para matar e ferir. O que você poderia fazer contra nós?

— Algo mais — ela disse simplesmente. Deus, como era bom ser tocada por ele. Por que não podia se permitir esse prazer?

— Nada teria mudado.

— Agora não dá para saber. — Como seria maravilhoso mergulhar o rosto na curva de seu pescoço! Sentir seu perfume! Nunca fora tão difícil ficar imóvel. — Dá?

Um sorriso se formou gradualmente nos lábios dele.

— Você é teimosa.

A visão daquele sorriso quase lhe derreteu os ossos. Sempre que ela estava com ele, ele franzia o

cenho, ficava irritado, xingava, mas nunca sorria. A gloriosa expressão iluminou-lhe o rosto, suavizando os olhos que pareciam quentes favos de mel.

Ela sentiu outro arrepio na espinha e fez um esforço para se afastar dele. Chega de estímulos. Chega de ficar perto dele, buscando apoio, quando sabia muito bem que não devia fazer isso. Estava amolecendo. Deixando-se levar pelo desejo.

Você não se permite ser feliz porque isto seria sua derrocada, ela procurou lembrar. Se ela tivesse ficado perto, teria tentado tocá-lo, talvez tivesse se deitado sobre seu corpo. Talvez emaranhasse as mãos em seus cabelos e o beijasse até deixá-lo sem fôlego. Ele soltou os braços e suspirou. Danika cravou as unhas na palma da mão para lembrar a si mesma de que isto era real. Uma realidade carregada de dor e desespero. Determinação. Não havia tempo para romance. Principalmente com Reyes.

— Aqui está o Ty-lenol — Ashlyn gaguejou após olhar para eles e entrar no recinto. Estava com a mão estendida e dois comprimidos vermelhos e brancos na palma. Na outra mão, um copo de água. — Desculpe. Não quis interromper.

— Tudo bem — afirmou Lucien, enquanto Reyes se afastava de Danika. Droga, ela se esquecera de que Lucien ainda estava no quarto.

— Obrigada pelos comprimidos — Danika disse a Ashlyn, aliviada por ter um descanso daquela situação. Ela se aproximou e pegou o que lhe estava sendo oferecido. Sua cabeça podia não estar doendo antes, mas naquele momento estava. Ela engoliu os comprimidos com um só gole de água.

— Ashlyn — disse Reyes. — Obrigada por cuidar de minha... de Danika.

— O prazer é meu. — Ashlyn ficou olhando para os dois guerreiros e, mesmo curiosa para saber o que estava acontecendo, não queria ser rude e perguntar. — Desculpe-me por ter demorado tanto. Eu esbarrei com Maddox e, bem... Se tiver algo mais que eu possa fazer...?

Danika fez que não com a cabeça. Parte de si queria sequestrar a amiga daquele lugar, ir embora e nunca mais voltar.

— Estou bem.

— Desculpe o atraso. Ashlyn me disse que... — Outra mulher entrou no quarto, alta, branca e absolutamente perfeita. Usava um vestido azul curto com um decote profundo entre os seios e sandálias da mesma cor, cujo trançado lhe subia pelas panturrilhas. Seu olhar igualmente azul vasculhou a área e ela sorriu. — Legal. Uma reunião secreta. A propósito, meu nome é Anya.

— Prazer em conhecê-la — Danika disse a ela. Ashlyn havia falado dela, mas não de que guerreiro ela era mulher. Fosse quem fosse, era evidente que a tratava bem. Danika jamais vira uma mulher tão feliz.

Lucien suspirou.

— O que você está aprontando, Anya? Você só sorri desse jeito quando está tramando alguma coisa.

Lucien, o homem das cicatrizes, era o homem dela? Uau. A bela e a fera, de verdade. A linda mulher enrolou uma mecha de cabelo no dedo, lançando para o guerreiro um olhar atrevido, do tipo “venha me pegar”.

— Coisa de mulher, só isso. — Os elétricos olhos azuis se voltaram para Danika outra vez. — Estes rapazes a estão tratando bem, minha querida?

— Eu... Eu... — Não sabia o que responder. Eles estavam, exceto Sabin, mas ela não queria reconhecer. A cada minuto que passava, alguma coisa nova surgia e a impedia de agir contra esses homens. Esses demônios.

— Se a tratarem mal, é só chamar a Anyazinha aqui que eu cuido de arrancar os corações deles pessoalmente — disse Anya. — É uma promessa. Não que eu seja de confiança. Mentir é um hobby que tenho. Lucien, benzinho, você vai demorar muito? Eu quero dar uma festa de boas-vindas para William aqui na fortaleza e quero que me ajude com a decoração.

Lucien fechou os olhos e balançou a cabeça, aparentando simplesmente não acreditar no que estava ouvindo.

— Estou pensando em dar um baile de máscaras com o tema de criaturas da noite.

Anya mudava de assunto rápido demais para Danika, mas Ashlyn acompanhava tudo calmamente.

— Nada de festa. Não enquanto a caixa, os artefatos, os Caçadores e sabe Deus o que mais estiverem pairando sobre nossas cabeças. Danika, pode me chamar se precisar de alguma coisa, tá? Qualquer coisa mesmo. — E assim Anya foi puxada para fora do quarto pela amiga, muito a contragosto.

Mulheres tão doces. Inteligentes também. O que elas estavam fazendo com esses guerreiros? *O que eu estou fazendo com esses guerreiros?* Danika suspirou. De que artefatos Ashlyn estava falando?

— Estou pronta — disse ela, trazendo todos de volta ao Assunto Número Um. — Onde está Aeron? — Reyes e Lucien trocaram um olhar arrepiante.

— Onde? — ela exigiu.

Reyes a encarou de novo com uma expressão vazia no rosto.

— Aqui — ele disse. — Aeron está aqui, na fortaleza.

O rosto dela foi invadido por uma estonteante e súbita ansiedade.

— Leve-me até ele. — Ela precisava saber. Não importava o que aconteceria, ela tinha que saber. — Agora. Por favor. Eu quero vê-lo.

— Ele está acorrentado, mas você não pode se aproximar dele. No caso de Aeron, estar acorrentado não significa ser inofensivo. Prometa que vai manter distância.

Naquele momento, ela teria lhe prometido a lua e o céu.

— Prometo. — Mas se Aeron se recusasse a responder suas perguntas, Danika sentiu que seria capaz de pular em cima dele e atacá-lo. Quem sabe até acrescentar um número dois à sua lista de mortes. Se o seu ex-professor de defesa pessoal a visse naquele instante...

Reyes olhou para o teto, como quem pede orientação aos deuses. Então disse:

— Muito bem. Venha. Espero que obtenha as respostas que deseja.

Capítulo Nove

APESAR DE SER um guerreiro dos deuses, Reyes havia lutado contra criaturas celestiais das quais agora pouco se falava nos livros e nas fábulas. Cérbero, um cão com três cabeças tido como guardião dos portais do inferno. Quimera, híbrido de humano e animal. Harpias, criaturas metade mulher, metade ave louca. Todos o fizeram sangrar em agonia. Naquela época, a dor não era um prazer.

Em seus primeiros anos na Grécia antiga, o demônio se agitava dentro dele, controlando-o suas ações, obrigando-o a matar e mutilar as pessoas. Quando os humanos finalmente começaram a reagir, a guerra passou a reinar e havia destruição por toda parte. Ele perdera membros, recuperara-os e os perdera de novo; quase fora decapitado várias vezes. E mesmo assim jamais sentira tanto medo como o que sentia naquele instante.

Danika em breve estaria face a face com Aeron. O homem cujo demônio o induziu a matá-la com o mesmo tipo de persuasão incansável que sempre atormentou Reyes. Um homem que nitidamente tentara destruir o próprio pulso para se libertar das correntes às quais estava preso. Felizmente, ele só havia alcançado a primeira camada de músculo quando Reyes e Lucien chegaram.

Mas e se Aeron conseguisse se libertar com Danika por perto? E se sua força aumentasse exponencialmente e se soltasse num piscar de olhos e avançasse sobre ela com seus dentes afiados à mostra...

Pare! Reyes quis pegar Danika no colo e tirá-la da fortaleza, mas ela queria respostas, então ele lhe daria as respostas.

Simples assim. Os desejos dela eram mais importantes que os dele.

Ele desceu a escada que dava para o nível mais baixo da masmorra, seguido por Danika e, por último, por Lucien. Eles partiram de um lar aconchegante, passaram por um ambiente levemente cuidado e chegaram a um lugar completamente abandonado.

As paredes de pedra estavam se esfarelando e soltando lascas que caíam no chão e perfuravam as solas de suas botas. Reyes não sabia dizer se estava pisando num assoalho de madeira ou de mármore, tamanha a quantidade de pedras e pó no chão. Sua culpa voltou, ainda maior. *Como posso tratar meu amigo desse jeito?*

E daí que Aeron, o verdadeiro Aeron, não queria matar as mulheres? E daí que Aeron queria

morrer? Ele não merecia sofrer assim, amarrado e isolado como se fosse um objeto descartável. Em um lugar que Anya considerara ainda mais funesto do que Tártaro, a prisão dos deuses.

Malditos deuses que reduziram Aeron a um assassino e, Reyes a um carcereiro!

Felizmente, nenhum dos outros guerreiros estava por perto. Andavam ocupados demais juntando e embalando suprimentos para a viagem a Roma. Uma viagem que Reyes não tinha certeza se queria fazer. Ele queria encontrar a Caixa de Pandora e derrotar os Caçadores de uma vez por todas, mas não queria carregar Danika pelo mundo afora.

Ela podia fugir de novo. Ele podia não saber onde encontrá-la. Os Caçadores podiam resolver que era melhor que ela morresse e por isso persegui-la. Cada vez mais, começava a perceber que sua existência dependia dela. Ele não entendia isso, não gostava disso, mas era assim. Ainda se impressionava com o fato de que, ao se aproximar dela, tanto ele quanto o demônio ficavam mais calmos.

Danika tossiu. Ele fez uma curva e deu uma rápida olhada para trás. Ela estava balançando uma das mãos na altura do rosto. O pó formava um halo ao redor de seus cabelos. Alguns dos cachos já estavam sem tinta, revelando um pedaço tentador do louro original. Ele se lembrava de ter achado que os cabelos dela pareciam raios de sol na primeira vez em que a vira, de tão luminosos e radiantes que eram.

— Quer voltar para o meu quarto? — perguntou ele. — Eu ficaria muito triste se você ficasse doente.

Ela olhou para ele fazendo uma careta exagerada, uma expressão seca de divertimento.

— Eu tossi. Não vou morrer por causa disso. Vamos em frente.

Resmungos masculinos ecoaram pelas paredes.

— Não quero mais brincar de Pulsos e Sangue. Já disse para você parar.

Pelo menos Aeron não estava gritando.

Reyes virou mais uma vez e viu as jaulas gradeadas. Ele parou abruptamente, levantando o braço para não deixar que Danika o ultrapassasse. Os seios fartos e macios de Danika roçaram no antebraço de Reyes por uma fração de segundo, e suas mechas úmidas bateram na pele dele.

Ele engoliu o palavrão que ia dizer; ela recuou trocando as pernas como se tivesse sido empurrada. Ele sentiu seu corpo inteiro subitamente envolvido por chamas incandescentes. O perfume dela lhe invadia o nariz, um aroma de tempestade e inocência.

— Fique aqui. — Ele ficou constrangido com a rispidez da própria voz. Ele não se importava se os outros, até mesmo Danika, soubessem como ele a desejava. Não havia como esconder esse fato. O que ele não queria era que soubessem da *intensidade* daquele desejo. Aquilo podia ser usado contra ele.

— Por que não posso continuar? — perguntou ela.

Ele ficou satisfeito ao perceber que a voz dela tremia.

— Quero vê-lo primeiro, ver se ele mudou de humor depois que o deixei. — E ver se os pulsos dele já haviam sarado e não corriam mais o risco de se separarem do braço, mas isso Reyes não disse. — Se ele estiver relativamente calmo, você chega perto das grades. Você não vai entrar na cela em nenhum momento. Entendido?

— Sim.

— Você pode fazer perguntas a ele, mas não o insulte e nem provoque sua... ira.

— Tá! Entendi. Manter distância, perguntar com educação. Vamos logo com isso.

Ele não se mexeu. Continuou onde estava.

— Quando você o vir, não tenha medo. Não vou permitir que nada de mal lhe aconteça.

— Claro, e amanhã vou contar até o infinito. Duas vezes. Se você não andar logo com isso, vou entrar.

Reyes olhou para Lucien, que o observara de cara fechada.

— Fique com ela. Por favor.

Com essa, Danika resmungou. Ele não achava que ela estava com raiva por ele querer protegê-la, e ainda achava que ela não sabia se defender.

Ela realmente chegara ao seu limite e precisava de respostas.

Lucien assentiu. Reyes se virou e se afastou. Mais que respirar, ele queria ver Danika, acalmá-la, confortá-la. Abraçá-la. Mas bastava olhar para ela uma só vez e não conseguia mais deixar de fazer *tudo* isso. Ele não conseguiria deixá-la.

Com o punhal numa das mãos e a chave da cela na outra, ele destrancou a porta. As dobradiças rangeram quando o metal se abriu. E quando fechou também. Aeron se agachou no canto mais fundo da cela, coberto de sombra. Ele parou de murmurar no momento em que avistou Reyes.

Reyes observou atentamente o amigo na esperança de ver o guerreiro de antes, não o monstro em que se transformara. Olhos: ainda dilatados e famintos. Dentes: ainda expostos e afiados. Ele ainda era um monstro, mas também um homem que Reyes estimava. As tatuagens que cobriam Aeron da cabeça aos pés já lhe eram familiares.

Reyes não sabia por que Aeron se tatuara com representações coloridas de coisas que ele provavelmente desejava não ter feito: matar, mutilar, destruir. Reyes nunca perguntara, e Aeron nunca dissera. Certas coisas eram simplesmente dolorosas demais para se conversar. *Disso* ele sabia muito bem.

— Vá embora — berrou Aeron.

A ordem soou clara, sem a interferência da voz do demônio, e Reyes piscou, surpreso. Será que a sede de sangue do guerreiro havia diminuído, ao menos levemente?

— Vejo que está lúcido agora. — Reyes deu uma olhada nos pulsos de Aeron e viu que estavam quase curados. — Você ficou louco quando Lucien e eu aparecemos na caverna. Sinto muito se o machuquei ao tentar trazê-lo para cá.

— Solte-me. Preciso fazer uma coisa.

— Duas semanas atrás, você agradeceu por estar preso. Você odiou a ordem que recebeu e me implorou para matá-lo.

— Já não estou mais agradecido. — Aeron mudou de posição, dobrando as pernas mais junto ao peito. — Aquelas mulheres têm que morrer.

Sim, a sede de sangue continuava com ele.

— Quer dizer que elas ainda estão vivas? As quatro? — Danika irradiou uma tensão que o

envolveu. Havia distância entre eles, sim, mas ainda assim ela sentia aquela tensão extrema.

A culpa brilhou nos olhos de Aeron. Culpa; ao mesmo tempo linda e terrível. Linda porque significava que Aeron ainda estava dentro daquela mente, ainda estava lutando. Terrível porque provavelmente significava que uma delas, ou mais, já estava morta.

A pele de Reyes lhe apertou os ossos e ele soltou um gemido decepcionado. Ele estava desesperado para ouvir boas notícias. Agora tudo que podia fazer era rezar para que houvesse sobreviventes.

— Aeron. Fale sobre as mulheres.

Silêncio.

— Por favor — disse ele, pronto para implorar se preciso fosse.

Novamente, silêncio.

Não, silêncio não, ele se deu conta depois de um instante. Ao fundo, ouviu-se um grunhido baixo, mas ameaçador.

— Responda! — gritou Danika.

Aeron ficou imóvel, parou até de respirar. Seus olhos se inflamaram com uma fúria carmesim que sobrepujou qualquer traço de culpa. Então, de repente, ele deu um pulo à frente. Suas asas surgiram dos cortes nas costas, negras e tênues, rasgando o que restara de sua camisa e ocupando a cela inteira. As pontas afiadas e cortantes arranharam as paredes. Reyes se conteve. Aeron queria atacar, então Reyes permitiria que Aeron o atacasse. Era melhor atacá-lo do que a Danika.

A corda no pescoço de Aeron esticou, dando um solavanco, deixando o guerreiro a centímetros do rosto de Reyes. Tão perto que ele sentiu a brisa de enxofre acariciá-lo. Estava tão perto do inferno que ia passar dias cheirando mal. Reyes quase desejou que seu demônio não tivesse se lembrado do caminho, para que Aeron fosse logo enterrado.

— Garota — gritou Aeron. Ele agarrou o pescoço de Reyes e apertou. — Eu quero a garota.

— Minha — Reyes conseguiu dizer. — Diga o que aconteceu com a família dela.

— Morra!

— Fale.

Ele ouviu Danika arfar. Pensou ter ouvido Lucien berrar uma rápida ameaça.

— Fale. — Reyes pediu com voz fraca. Ele soltou a faca, pois não queria usá-la contra o amigo, e agarrou os pulsos de Aeron. Se isso era necessário para arrancar as respostas de Aeron, ele o permitiria.

Mas, antes do que ele esperava, a sensação das mãos de Aeron apertando cada vez mais forte se tornou gostosa demais. A dor era completamente inebriante. Seu demônio ronronou alegremente. *Mais.*

— Ela tem que morrer — Aeron resmungou.

— Ela é... inocente.

— Não importa.

— Houve um tempo em que isto importaria. — Antes que Reyes pudesse acrescentar mais alguma coisa, sua mente ficou embaçada, envolvida por uma tontura que o atingia como ondas na praia.

Você tem que proteger Danika. Enquanto tentava arrancar as mãos de Aeron de si, sentiu a traqueia se esfacelar como se a garganta estivesse sendo perfurada por mil agulhas. O oxigênio não passava. O sangue misturado a lascas de ossos foi parar no estômago, cortando tudo que encontrava pelo caminho.

Isso iria matá-lo. Mas seria por pouco tempo. Seus olhos se fecharam de felicidade, mas a mente gritava que não.

— AJUDE-O! — gritou Danika para Lucien. Ela agarrou as grades da cela, sentindo a alma congelar. Nunca sentira tanto frio antes. No momento não via Reyes. Nem sombra dele.

Aeron, o canalha, envolvera Reyes com aquelas asas negras letais.

— Ajude-o. — Nenhum de seus instrutores a preparara para ataques de demônio contra demônio, e ela não sabia o que fazer.

— Por favor.

— Ele vai sobreviver. — Lucien tirou uma arma do cós da calça e conferiu o pente.

— Ninguém sobreviveria a isso — disse ela ao ver a arma. A primeira coisa em que pensou foi que ele quisesse atirar nela. A segunda coisa foi que ele já teria feito isso se fosse esse seu plano.

— Aeron, solte-o — gritou Lucien.

— Não! — rugiu o guerreiro.

Um momento se passou. Sentindo a tensão nos músculos, Lucien murmurou:

— O que *é* aquilo? — E tirou uma bala do bolso. Ele colocou a bala mortal no revólver.

Danika tremia violentamente, não conseguia parar.

— E se você acidentalmente atingir Reyes? — Ela queria Reyes... o quê? Vivo, sim. Sem estar machucado, definitivamente. Ele a protegera duas semanas antes, e naquele dia se submetera à fúria de Aeron, e agora ela precisava protegê-lo. No momento, ele era sua única salvação. Pelo menos foi disso que Danika tentou se convencer. Apenas isso explicaria seu súbito interesse por ele.

— Como já disse, ele vai sobreviver.

Iria mesmo? Ele era imortal, ele era um demônio, mas seria completamente imune a estrangulamento e balas de revólver? Todas as vezes em que ela vira Reyes, ele estivera todo cortado e sangrando. Sem dúvida, ele poderia estar machucado. E se Aeron tentasse lhe cortar a cabeça enquanto ele estava indefeso? Stefano lhe dissera que decapitação é a maneira mais certa de matar um imortal de vez. Ou seja, “maneira mais certa” queria dizer que havia *outras maneiras* de matá-los. Transtornada, ela encarou Aeron, que provavelmente ainda tinha Reyes em suas garras mortais. O furioso guerreiro estava imóvel naquele instante, de cabeça baixa, sem emitir nenhum som. Ah, meu Deus. O que significava aquilo?

— Apenas... me deixe distraí-lo. Vou fazê-lo soltar Reyes, *só então* você atira em Aeron.

As dobradiças rangeram quando ela abriu a porta da cela. Lucien agarrou-lhe o braço, detendo-a.

— A arma não é para Aeron. — Ele apontou para um canto da cela com o queixo. Danika acompanhou e viu, no canto, uma... coisa magra e baixinha. Chocada, arregalou os olhos.

Escamas verdes cobriam seu corpo nu. Tinha dentes compridos como sabres que pingavam saliva

e orelhas pontudas. Tinha olhos vermelhos como os de Aeron haviam ficado logo antes de atacar Reyes.

— Até onde sei, essa criatura não estava aqui — disse Lucien. — Não é nosso amigo.

O que *era* isso? E por que ela tinha a impressão de já ter visto aquela coisa antes?

— Demônio — disse Lucien, como se ela tivesse perguntado em voz alta. Talvez ela tivesse mesmo. Lucien apontou a arma.

— Não atire perto de Reyes — preveniu ela, quase sem ar.

Surpreso, Lucien olhou-a sem entender como podia estar defendendo seu sequestrador.

— Vou tomar cuidado. — Aeron recomeçou a tremer, quase entrou em convulsão. Ele começou a grunhir de novo, como um animal faminto. O que ele estava fazendo? Ela soltou as grades e cravou as unhas nas palmas das mãos. O suor pingava por suas costas, mas ela tremia de tanto frio.

Ela se sentiu totalmente indefesa parada daquele jeito, sem fazer nada.

Bum.

Os ouvidos de Danika apitaram. Mas sob o apito ela ouviu uma gargalhada lúgubre. Alarmada, viu a criatura acuada em um canto se arrastar até o teto.

— Brincar, Brincar. Isso é legal demais.

Já vi isso antes, ela voltou a pensar. Mas como? Em seus pesadelos?

Ela arregalou os olhos. Sim, é claro. Ela sempre sonhava com demônios e com o inferno, então dava para imaginar que já tivesse visualizado uma criatura como aquela.

Lucien acrescentou outra bala e atirou de novo.

Mais risada.

Aeron ajeitou a postura. Sangue jorrava da boca, manchando suas mãos. Danika avistou Reyes pela primeira vez desde que Aeron começara a sufocá-lo e tapou a boca com as costas da mão. Ele estava caído no chão, inerte, com o pescoço... caído.

Você devia estar feliz, devia estar feliz

Mas ela não estava. Lágrimas lhe queimavam os olhos. Ela devia odiar aquele homem por tudo que lhe fizera. Devia, devia, devia. A palavra não significava nada para ela no momento. Danika se abaixou e segurou uma das lâminas que roubara, sem se importar que seu furto estivesse sendo revelado.

Aeron tinha que morrer, e ela tinha que matá-lo. Simples assim. Ele era um assassino enlouquecido. Ele ferira Reyes, não o matara, ele não poderia estar morto. E queria feri-la também. Pior ainda, ele provavelmente ferira sua avó. Não restava dúvida de que sua família jamais teria segurança enquanto ele vivesse. Sim, ele tinha que morrer.

Agora ou nunca.

Determinada, ela finalmente entrou na cela. Lucien não reparou, estava ocupado demais seguindo o demônio com a arma em riste.

Ela se aproximou com hesitação. Aeron fitou bem nos olhos dela com seu olhar furioso, observando cada movimento dela.

— Legião — disse Aeron. — Preciso de você.

A criatura escamosa pulou nos ombros dele e se equilibrou com firmeza.

— Mim aqui. — Dedos ossudos acariciaram o couro cabeludo de Aeron. A coisa sussurrou no ouvido dele coisas que Danika não entendeu. Palavras delicadas e agradáveis.

Aeron relaxou os músculos, desistindo de atacar. O vermelho de seus olhos desapareceu.

Lucien parou fora da cela.

— Danika — disse ele. — Tire Reyes daqui. O corpo dele não aguenta mais do que isso.

Danika continuou a se aproximar lentamente. Quando chegou perto de Reyes, se agachou ao seu lado. Não tirou os olhos de Aeron enquanto colocava um dedo no pescoço de Reyes na esperança de sentir a pulsação.

Não sentiu.

Não entre em pânico. Ele era vigoroso e forte demais para morrer assim. Não era? Ele precisa de cuidados médicos com a máxima urgência.

— Lucien. Pelo amor de Deus, venha pegá-lo.

— Ele está bem, e não quero tirar os olhos desse demônio que está solto.

Droga! Ela não podia deixá-lo ali. Na verdade, se ele sofresse mais algum ferimento, não ia sobrar nada. Salvar Reyes ou interrogar e tentar ferir Aeron? Ela nem precisou pensar duas vezes. Agarrou Reyes pelos ombros, com a faca abaixada — ela *não* iria soltá-la — e tentou arrastá-lo. Quando Reyes estivesse fora de alcance, ela poderia atacar Aeron sem se preocupar com ele. Mas o corpo enorme de Reyes era pesado demais e ela perdeu as forças depois de arrastá-lo por pouco mais de meio metro.

Aeron ajeitou as costas, dobrou os joelhos para equilibrar o próprio peso e se preparou para atacar. A qualquer minuto daria o bote.

— Ele era seu amigo — ela disse, se levantando para arrastar Reyes por mais alguns centímetros.

— Mas você não — replicou Aeron.

— Não, eu não.

Ele sorriu, maldoso e lúgubre.

— Você quer me ferir, humanazinha?

— Sim. — Não havia razão para mentir. A verdade estava injetada em seus olhos, disso ela tinha certeza. — Eu quero acabar com você.

— Tente.

— Para você se sentir melhor em relação ao que pretende fazer comigo? Não, obrigada. Não enquanto Reyes estiver precisando de ajuda. Mas depois que ele sair desta cela, você será meu.

Por alguma razão, a conversa parecia acalmá-lo enquanto a criaturinha continuava a sussurrar em seu ouvido.

— Eu assusto você?

— Você, me assustar? Nunca mais. — Mais alguns centímetros. Mais um pouquinho e os ombros de Reyes passariam pela porta.

— Então por que você não vem me pegar?

— A diferença entre nós é que me importo mais com outra pessoa do que com meus próprios desejos.

Ele perdeu o sorriso de repente.

— Você não pode gostar de Reyes.

Ela não queria gostar, sabia que não devia. Mas...

De repente, passos ecoaram atrás dela, salvando-a de ter que formular uma resposta.

— Os outros estão chegando. — Finalmente Lucien resolveu ajudar. Ele se aproximou e levou as mãos à base do pescoço de Danika antes que ela pudesse reclamar de seu toque. Num instante, ela estava abraçando Reyes, mas no segundo seguinte, estava no quarto dele.

Ela ficou tonta. Quando Lucien a soltou, ela percebeu que não se aguentava em pé e caiu de joelhos no chão. Ela se encolheu de medo, mas estava ligada demais para sentir dor.

— Que diabo você fez comigo?

— Fique aqui — disse Lucien.

Ela tentou se levantar, fuzilando-o com os olhos.

— Eu não...

Sem dizer mais nada, ele desapareceu, deixando-a perplexa. Canalha! Ela não poderia, não iria deixar Reyes lá embaixo com aquele... aquele... animal. *Você devia ter matado a fera quando teve oportunidade.* Decidida a voltar, ela se arrastou até a porta. Tropeçou num par de botas e mal conseguiu se manter de pé.

— Eu disse para você ficar quieta.

Danika se virou, sentiu outra onda de tontura e arfou de susto. Lucien voltara a aparecer, estoico, inflexível. Ele se aproximou com Reyes nos braços. Deitou gentilmente no colchão o guerreiro ainda inerte. O estrado rangeu.

Danika correu para o lado de Reyes.

— Cuide dele — disse Lucien em tom de leve ameaça.

— Eu... vou cuidar — respondeu ela com um suspiro. Lucien sumiu de novo.

Quase com medo de olhar, Danika virou a cabeça vagorosamente. Pousou os olhos sobre Reyes e seu estômago se revirou. Aquele homem tinha tantos lados: sequestrador, salvador, demônio, homem. Mas ainda era um grande mistério para ela, este ser que primeiro atentara contra sua vida para depois salvá-la. E lá estava ele, derrotado. Estava com a garganta esmagada, o pomo de adão parado e sem cor.

O peito dele estava totalmente imóvel.

As lágrimas que atormentaram os olhos de Danika tantas vezes naquele dia agora corriam livremente por seu rosto. Como alguém tão forte pôde ter sido... Em meio às lágrimas, pensou ter visto Reyes mexer o peito e a garganta. *Por favor! Que seja real.*

Ela levou a mão ao coração dele, sentiu a batida frenética sob a palma de sua mão. Algo apitou em seus ouvidos, e foi um ruído glorioso.

Ele estava vivo!

Ela se ajoelhou, gritando. Agarrou a mão dele, sentiu seus dedos apertarem os dela de leve. A força de seu alívio foi impressionante. Indesejada. Pois significava que jamais conseguiria trair aquele homem. Aquele demônio. Nem agora, nem nunca. Aeron, sim. Sabin, sim. Mas não a ele, nunca.

Nem mesmo para salvar sua família.

— Estou aqui, Reyes.

Suas pálpebras se abriram vagarosamente.

— Não tente falar. Só saiba que estou aqui. Vou cuidar de você. — Só que não era médica e não sabia o que fazer. Engoliu uma risada amarga que lhe subiu à garganta. Já passara por aquela situação antes. Ashlyn estivera doente. Em troca de proteção para sua mãe, irmã e avó, ela mentira, dissera a Reyes que era médica e cuidara de Ashlyn do melhor jeito que pôde.

Ashlyn conseguira se recuperar. Será que Reyes conseguiria?

Ele abriu bem os olhos de íris negras. Não havia dor neles; havia... prazer? Certamente que não. Seus olhares colidiram pouco antes de ele fechar os olhos outra vez. Um suspiro escapou dos pulmões de Danika.

Os lábios de Reyes se mexeram, mas sem produzir som.

— Você está se machucando — disse ela. — Avisei para você não falar. Nós vamos...

— Não volte para perto de Aeron sem mim — ele conseguiu dizer. — Prometa. — Ele agarrou-lhe o braço com uma das mãos. — Proteja-se.

Novamente, ele queria protegê-la. Não era de admirar que ele tivesse derrubado todas as resistências de Danika, transformando-a em um filhotinho obediente.

— Prometo.

Capítulo Dez

REYES ACORDOU GRADUALMENTE, mas logo se pôs em estado de alerta devido a vários acontecimentos estranhos.

Primeiro: ele estava sentindo um peso no peito. Quente, bem quente, e suave. Estava acostumado a acordar sentindo frio. Segundo: o cheiro de tempestades e céus angelicais preencheu-lhe o nariz, lascivo e provocante. Era um cheiro que ele desejava com cada fibra de seu ser, mas que também ameaçava sua paz de espírito. E terceiro: não queria mais deixar aquele paraíso.

Dor não concordava.

Dor estava circulando pela cela da mente de Reyes, rugindo. Rugindo tão alto que Reyes tapou os ouvidos. O peso em seu peito passou para o lado, levando consigo aquele calor e aquela maciez deliciosos. O rugido ficou mais alto, e ele se encolheu de medo.

— Você está bem?

A voz de um anjo, que combinava perfeitamente com o aroma.

Danika. O rugido virou um choramingo tímido, o timbre forte de Danika acalmava a fera.

Como ela fazia isso? O que a tornava tão diferente das demais mulheres que ele conhecera?

Ashlyn aliviara o tormento de Maddox. Anya renovara o desejo de amar em Lucien. As duas mulheres aceitaram os guerreiros como eram. Danika intensificava a dor de Reyes e o enlouquecia. Ela jamais o aceitaria. Mas mesmo se ocorresse um milagre e ela o aceitasse, ele jamais conseguiria levá-la para a cama e deixar que Dor lhe cravasse as garras e a transformasse.

Como casal, eles não tinham esperanças.

Esse fato não fez diminuir o desejo que ele sentia por ela. Novamente ele se perguntou o porquê. Ela era linda, inteligente e corajosa, mas não era a única com essas qualidades, havia outras mulheres. Não havia? No momento, ele não conseguia pensar em ninguém cujo olhar lhe penetrasse a alma como o dela. Ninguém cujos cabelos sedosos lhe roçassem a pele de modo tão perfeito. Ninguém que o tivesse encarado e se recusado a entregar os pontos.

Só Danika.

O nome dela lhe adentrou a mente num sussurro, e ele afrouxou as pálpebras, abrindo-as. A primeira coisa em que reparou foi que aquela manhã ensolarada estava penetrando pelas cortinas

escuras, pintando fracos pontos amarelos em todas as direções em que ele olhava. Bastante normal. Em seguida, um halo estonteante apareceu em frente a ele, com mechas de cabelos louros lhe fazendo cócegas no peito. Seios macios roçaram a lateral de seu corpo.

— Você está bem? — Danika perguntou de novo. Seus olhos sonolentos transmitiam preocupação. Os olhos de um verde elétrico, a nova cor favorita dele, brilharam sob os grossos cílios. — Você apanhou muito ontem à noite.

— Ontem à noite? — A voz dele soou ríspida e cada palavra que ele dizia lhe arranhava a garganta seca. Deliciosa sensação. — Seu cabelo. — Ele pegou várias mechas com os dedos. — Está claro de novo.

— Tomei outro banho e a tinta semipermanente desbotou.

— Gosto assim.

Aparentando desconforto, ela mordiscou o lábio inferior. O corpo dele esquentou mais ainda. Ah, que vontade de sentir aqueles dentes *nele* de novo.

— Ontem à noite? — ele perguntou.

— Com Aeron. Na cela dele.

Foi invadido pela memória, as imagens vinham em flashes, uma após a outra, e ele se levantou de um pulo. Ele levava Danika para dentro da masmorra. Entrara na cela de Aeron. Aeron parecera culpado ao ouvir a menção à família de Danika, como se já tivesse eliminado uma, ou até mais de uma.

Então Aeron o atacara, e Dor adorou. Ficou tão arrasado que uma sinfonia fúnebre nasceu dentro dele: a batida de seu coração, o sangue correndo nas veias, o ronronar de seu demônio. Ele se alegrara com isso, e Danika estava lá, vendo o prazer que ele sentia com algo tão cruel.

Morto de vergonha, ele fechou os olhos e apoiou a cabeça sobre as mãos. *Ela não sabe*, afirmou para si mesmo. *Do contrário, não estaria sentada calmamente na cama, conversando com você. Ela estaria bradando xingamentos, como “pervertido” e “depravado”*. Algumas mulheres podiam aceitar esse tipo específico de prazer. Mas a maioria, não. Durante alguns anos, Reyes encontrou parceiras em clubes de sadomasoquismo. Na época, esses eventos eram secretos. Reservados. As mulheres gostavam de ser amarradas, chicoteadas, e também gostavam de causar dor. E quando ele lhes ordenava que o machucassem, elas o faziam, felizes, com a maior boa vontade.

Mas após ficar sabendo que essas mulheres que ele levava para a cama acabaram se degradando em orgias violentas, ele resolvera parar de frequentar tais clubes. Já fazia séculos que contava apenas com a própria mão, cortando-se enquanto alisava seu membro com a outra mão. Então tivera aquilo que chamam de epifania. Sem dúvida aquelas mulheres eram predispostas à violência. Sem dúvida *essa* era a razão pela qual agrediram inocentes de forma tão casual depois de dormirem com ele.

Então tentara de novo, daquela vez aceitando o conselho de Paris e escolhendo bibliotecárias e professoras da escola dominical para levar para a cama. Quando ele lhes pedira que colocassem esporas nos tornozelos e as cravassem em suas costas, Reyes escutara muitas coisas que preferia esquecer, como “seu doente pervertido, vá se tratar”.

Se ao menos elas tivessem continuado a resistir a ele...

Não demorou muito para também começarem a desejar sentir dor. Por elas mesmas e milhares de outros. Quando percebia aquela faísca ardendo no fundo dos olhos delas, Reyes interrompia todo o contato na esperança de que voltassem a ser as mulheres de antes. Mas não haviam voltado.

Sentiu dedos macios em sua testa, afastando uma mecha de cabelo. Antes de Danika, aquele tipo de toque o enojava. Fisicamente não sentira nada, de modo que o gesto só o fazia pensar em coisas que jamais poderia ter. Só conseguira sentir prazer com unhas e mordidas.

Mas agora, com Danika, continuava não sentindo nada em termos físicos, mas a generosidade do gesto tocou seu coração de um jeito que ele acabou achando tão tentador quanto as unhas e mordidas. Ela jamais o havia tocado daquele jeito antes. *Seu demônio contamina toda mulher que você deseja. Levar Danika para a cama significa condenar sua alma. Não se esqueça.*

— Reyes?

Ele piscou e Danika foi entrando em foco lentamente.

— Sim.

— Você se distraiu.

— Desculpe. Você está bem? — ele perguntou.

— Sim.

Ela tirou a mão da sua testa e tanto ele quanto o demônio quiseram gritar em protesto. Ele piscou, surpreso. O demônio estava aborrecido? Estava querendo sentir um toque suave?

— Havia uma... criatura com Aeron.

— Sim — disse Reyes, assentindo com a cabeça. — Eu me lembro.

— Você já tinha visto aquela criatura antes? Sabe de onde veio?

— Nunca vi antes, mas sei que veio do inferno. — O demônio Dor reconheceu a criatura como seu semelhante. Reyes virou a cabeça, encarando Danika. — Não se preocupe com isso.

Ela ficou pálida como neve. Não podia estar pensando em nada agradável.

— Por que você não lutou contra ele?

— Contra o diabinho?

— Não. Contra Aeron. Já o vi em combate. Você não tinha medo. Você era forte e... — Ela engoliu em seco; foi difícil para ela reconhecer. — Capaz. Mas, desta vez, você não fez nada. Deixou que ele o machucasse.

Reyes endireitou as costas sem tirar seus olhos dos dela. Ela estava com as pernas dobradas para trás e com o quadril no colchão. Apoiava o peso num dos cotovelos e seus magníficos cabelos formavam uma cortina de seda que lhe cobria os ombros. Ela ainda estava de calça jeans. A calça que ele escolhera para ela. Ele sentiu orgulho e satisfação, pois havia passado horas fazendo compras para ela na esperança de um dia vê-la vestindo as peças que escolhera.

Suas feições eram tão delicadas. Se ela tivesse caído direto do paraíso, para ele não seria surpresa. Narizinho arrebitado, bochechas rosadas. Lábios brilhantes e vermelhos.

Como sempre, só de vê-la, sentia uma dor no peito. Dor amava isso, amava a dor e a sensação de vazio no estômago que vinha em seguida. Reyes sorriu amargamente. Talvez ele fosse apenas ficar contemplando Danika pelo resto de sua curta vida humana. Seu demônio estaria sempre saciado.

Quando Reyes pensou na morte de Danika, a dor ficou devastadora.

— E então? — perguntou ela.

O que ela havia perguntado? Ele reviveu a conversa inteira em sua mente. Ah, sim. Aeron. O prazer secreto de Reyes. Ele tivera boas intenções antes de Dor assumir o controle.

— Eu o feri muitas vezes. Ele tinha uma dívida comigo.

— Não. — Danika balançou a cabeça. — Não foi por isso que você fez o que fez.

Ele franziu o cenho. Era impossível para ela adivinhar a verdade.

— Por que, então?

— Você queria as respostas. Para mim. E achou que só assim poderia consegui-las.

Tudo bem, talvez não fosse impossível. Até então, ela só havia esperado o pior dele. Será que ela estava... será que ela estava começando a amolecer seus sentimentos por ele?

— Você e Aeron ainda são amigos? — Desta vez ela usou um tom duro. Muito forte para alguém que estava amolecendo.

— Sim. Somos. — Ele esperava que fossem. Ele estimava Aeron. De verdade. Mas Danika... Ainda não tinha certeza do que sentia por ela e nem o que, exatamente, ela representava para ele. Só sabia que representava algo que não devia existir, e ele não conseguia conter as emoções que ela lhe despertava.

Não pode ficar com ela.

— Pare — disse ela asperamente e virou-lhe as costas. Ficou olhando para o teto.

Ele cerrou as sobrancelhas, sem entender nada.

— Parar com o quê?

— Não sei. Esse brilho em seus olhos quando você olha para mim. Ele... me deixa agoniada

— Não consigo evitar.

Uma pausa.

— Não pode haver nada entre nós, Reyes. — A voz dela falhou no final da frase.

— Eu sei.

Ela envolveu os braços ao redor de si mesma.

— O que estou fazendo aqui?

— Eu não podia deixá-la com os Caçadores. — Verdade.

— Talvez devesse ter deixado.

Naquele momento, ele entendeu claramente que os Caçadores haviam pedido que ela fizesse o papel de Isca. Seu estômago deu vários nós, um sobre o outro. Ele tinha de ficar de olho aberto com ela. Sempre alerta. Não revelar nada que pudesse prejudicar seus amigos. Ele tinha que observá-la, certificar-se de que ela não tentaria colocar aqueles cafajestes para dentro da fortaleza e nem contar para onde estavam indo os guerreiros; e por quê.

Mas ele não podia deixar que ela fosse embora. Não podia matá-la, apesar de ser a coisa mais inteligente a fazer. Mesmo que seus amigos exigissem que ele a matasse, caso soubessem a verdade. Eles tinham suas desconfianças, do contrário Sabin não teria entrado no quarto de Reyes para interrogá-la.

Até que ponto Reyes estava brincando com o perigo ao deixá-la viva? Fazia diferença para ele? Eu

sou muito idiota. Talvez ele realmente a amasse.

Dor começou a gargalhar com esse pensamento, pois o amor trazia seu próprio tipo de tormento. Aos montes. No coração, na alma. Ambos causavam uma dor física intensa demais para ser aliviada.

Reyes fez uma careta.

— Não mencione os Caçadores quando conversar com meus amigos — ele ordenou severamente.

Ela riu. Ao contrário de Dor, não por frivolidade. O tom falsamente divertido de Danika deixava entrever o esforço que estava fazendo.

— Eu não poderia, nem se quisesse.

— E por quê?

— Porque eles partiram.

A confusão que Reyes estava sentindo se transformou em raiva e ele se levantou. Sentiu na pele o frio da pedra. Foi até o armário.

— Quando?

— Hoje de manhã.

— Todo mundo?

— Menos o de nome Torin. Talvez alguns outros. Não consigo decorar os nomes dos seus amigos.

Reyes parou na soleira da porta e apertou o nariz. Houve ocasião em que teria ficado furioso por ter sido deixado para trás. Naquele momento, o que ele sentia por Danika era ainda mais forte do que seu desejo de encontrar a *dimOuniak*.

— Eles vieram procurá-lo. Quando viram que você ainda estava se recuperando, me disseram para entregar um recado. — Um músculo se contraiu debaixo de cada um dos olhos dele, enquanto se virava para encará-la.

— E então? Entregue-o.

Danika empinou o queixo. Foi um gesto de desafio, do tipo que ela costumava fazer com frequência, pronta para enfrentar o mundo.

— O de nome Sabin disse para você parar de agir como uma mulherzinha e cumprir seu dever. O que tem em Roma? Alguém falou de um templo.

Reyes ignorou a pergunta e baixou os olhos para esconder o brilho furioso que ele sabia que estava em seus olhos. Suas armas já não estavam presas aos tornozelos e às coxas, mas ele ainda usava a calça jeans, que estava desabotoada. Apesar de adorar a ideia de ser despido por Danika, ele não ia gostar nada se ela tivesse pegado suas armas.

Estava irritado consigo mesmo por ter dormido como uma pedra. Ela podia ter feito qualquer coisa, provavelmente tinha feito tudo, e ele nem saberia. Franzindo o cenho, ele pegou a calça afobadamente e se virou para o armário. Pegou seu estojo aveludado de armas e facas, viu que estava tudo em ordem e que nada havia desaparecido. Ótimo. Não seria necessário revistá-la.

— Não roubei nada de você — ela disse de modo incisivo.

— Tudo bem. — Não que ele acreditasse nela. Ele apalpou cada arma e conferiu se as balas

estavam no cartucho. Sim, arma carregada. Ele teria que tomar mais cuidado agora que Danika estava vivendo com ele. Não podia deixar armas por aí. Ele franziu mais ainda a testa ao guardar a semiautomática nas costas, e então olhou para ela.

Pálida como uma rainha da neve, Danika também olhava-o cautelosamente. Ele voltou a sentir dor no peito e mordeu a parte interna da boca. Os deuses deviam ser castigados por permitir que tanta beleza se concentrasse numa só mulher.

— Está indo a algum lugar? — perguntou ela.

— Talvez. — Ele fitou as paredes com atenção. Duas adagas estavam faltando, embora ela tenha tentado encobrir seu rastro mudando de posição as armas que as cercavam antes.

Ele não a culpava, e não as tiraria dela. Ele ficou surpreendentemente... excitado ao pensar que aquela mulher estava armada. *Idiota*. Ela provavelmente queria ver seu sangue derramado no chão, formando poças entre as pedras.

Ele estremeceu ao imaginar. Ela teria de apunhalá-lo para derramar sangue, e só os deuses sabiam como seria gostosa a sensação. *Se ela quisesse matá-lo, já teria cortado sua cabeça ontem à noite.*

— Por que você não fugiu de mim quando teve oportunidade? — perguntou ele.

Ela deu um tapa na testa e deixou-se cair sobre as almofadas.

— Não sei. Sou uma burra.

— Por que você não me machucou?

— Já disse que não sei. Tá bom? Você é o maldito inimigo. Eu devia conseguir cortar seu pescoço sem problema. Fui treinada para isso, sabia?

Ele piscou.

— Para cortar meu pescoço?

— Sim. Tive aulas. Não só de defesa pessoal, mas aulas para aprender a acabar com o inimigo e ainda escapar sem sofrer punição. — Ela puxou um fio solto da calça. — Eu jamais ficarei indefesa de novo.

Eu ajudei a destruir sua inocência, e nem precisei tocá-la para isso. Que vergonha!

Reyes apoiou o ombro contra o armário.

— Não fique tão chateada consigo mesma. Talvez você não tenha tido coragem de atacar um homem inconsciente. É uma atitude honrada.

— Sim, mas você não é um homem.

Não era mesmo. Ele era um demônio, e achava doloroso lembrar-se disso. Era o bastante para fazê-lo dizer as palavras seguintes.

— Estou acordado. Tente agora.

— Vá se ferrar — rebateu ela.

— Tente.

— Vá para o inferno.

— Tente, Danika. Prove a si mesma que pode me derrotar.

Ela o fuzilou com os olhos, raios idênticos que atravessavam a pele e os ossos.

— Para você ter oportunidade de me ferir? Não, obrigada.

— Não vou me mexer. Juro.

Ela estalou a língua no céu da boca.

— Você *quer* que eu o ataque?

Ela parecia não estar acreditando, mas ele percebeu que era exatamente isto que o estimulava. Ele queria que ela pulasse da cama e o atacasse. Ele queria as unhas dela cravadas em sua pele, os dentes afundados em seu pescoço de novo. Ele queria sentir dor. Causada por ela. Só por ela. Ele queria prazer, do único jeito que poderia conseguir. Apesar de saber bem o que isso significava. Ela já havia mesmo perdido a inocência. Que mal haveria em levar as coisas um pouquinho mais adiante?

— Se não vai me atacar, então me beije — disse ele, já tremendo de tanto desejo. Se não conseguisse sentir a dor que tanto desejava, teria que dar outro jeito. Sentir o gosto dela. Ele duvidava de que aquilo fosse satisfazê-lo, mas não se importava.

Ela arfou, mas ele não sabia se era de horror... ou de ansiedade. Então Reyes viu que ela estava com os mamilos intumescidas e entendeu. Era de ansiedade.

Ele sentiu um aperto no peito como se estivessem pressionando barras de ferro sobre ele.

— Beije-me — disse, falando tão baixo, com tanto desejo, que *ele* mal ouviu as próprias palavras.

— Vá para o inferno — repetiu ela, olhando fixamente para os lábios dele. Desta vez, contudo, não havia calor na voz. Só um desejo ardente.

— Se você não vier até mim, talvez eu vá até você.

Ela não reclamou. Ficou com a pele toda arrepiada, com a respiração presa e a pulsação disparando no pescoço. Mas, no fundo, ele desconfiava de que, se a beijasse, ela o odiaria. O odiaria mais do que já odiava. Ela não queria desejá-lo, teria vergonha de ceder ao próprio sequestrador, um dos homens responsáveis pela situação deplorável em que sua família se encontrava.

Tranquilo, ele percebeu que caminhava na direção dela.

Ela se levantou de um pulo, com pânico nos olhos.

— Por que está fazendo isso?

Ele parou no meio do quarto para se orientar. Seu peito começara a doer de novo, Dor estava absorvendo tudo, saboreando cada pontada.

— Preciso saber.

— O quê? O que você precisa saber?

— Como é o seu gosto. — Outro passo.

— E o que acontece quando você souber? — perguntou ela, irritada.

— Eu paro de ficar imaginando. Paro de sonhar com você todas as noites, paro de pensar em você o dia inteiro. — Outro passo mais para perto. — Acho que você também fica pensando em mim. Acho que você sonha comigo. E você fica com raiva de si mesma por isso. Você me odeia por isso, mas não consegue parar.

Ela balançou a cabeça, seus cabelos iluminados flertando com os ombros e acariciando o pescoço esguio. Ele queria que fosse ele a tocá-la, a excitá-la. Ele queria lhe dar prazer, mesmo que ele próprio não sentisse prazer nenhum.

Finalmente, ele admitiu a verdade. Ela *era* diferente das outras mulheres que conhecera. Apesar

de serem consideradas seres vivos, aquelas mulheres não eram vivas de verdade. Danika era. Ela era o símbolo da vida e da vitalidade. Talvez, por um momento abençoado, ele pudesse absorver aquela força vital e sentir prazer num ato amoroso. Talvez ela pudesse lhe dar alívio; sem dor, sem sofrimento e agonia. Uma única vez.

— Não quero você — disse ela, quase engasgando.

— Mentirosa. — Se não fizesse isso, ele viveria atormentado pelo resto da eternidade, imaginando o que poderia ter acontecido se... Mais dois passos e estava ao lado do colchão. Ela não fugiu; dobrou as pernas e abraçou os joelhos. Seus dentes pequenos e brancos mais uma vez mordiscaram o lábio inferior.

— Como já disse, você já poderia ter ido embora desta casa, deste quarto, mas não foi.

— Um momento de insanidade. — Seus olhos percorreram o rosto dele. Ele não entendeu o que ela estava procurando.

— Muitos momentos. Eu dormi por horas.

— E daí? Isso não significa que eu queira beijá-lo. Isso não significa que eu queira suas mãos sobre mim, pele na pele.

Santo Deus.

— Significa o quê, então?

Ela abriu os lábios exuberantes e os lambeu, umedecendo-os.

— Nada a dizer? — Lentamente, bem lentamente, ele se abaixou.

Lentamente, bem lentamente, ela se esticou, deitando na cama, aumentando a distância entre suas bocas. Quando as costas dela encostaram no colchão, viu que não tinha mais para onde escapar. Mas não se virou, não o empurrou.

Finalmente ele estava a um sussurro de distância. Ele colocou as palmas das mãos nas laterais do corpo de Danika. Mechas do cabelo dela lhe acariciavam a pele. Deuses, que agonia. Agonia de estar tão perto fisicamente, sabendo que um beijo era tudo que podiam compartilhar...

Mais, seu demônio implorou. Por favor, mais.

Reyes estava duro como rocha, o desejo à flor da pele.

— O que significa? — insistiu ele.

— Você fala demais. — Danika o encarou com olhos penetrantes, tão ásperos quanto sua voz. Exigente. *Desejosa.* — Vá em frente. Acabe logo com isso.

Bem que ele queria que fosse simples assim. Vá em frente, não volte a pensar nisso. Não queira mais isso. Não volte a desejá-la. Talvez até esquecê-la, para que, se Aeron a exigisse, Reyes não se importasse. Também não ia querer morrer.

— No que está pensando? — perguntou Danika, suavemente agora.

Pelos deuses, ela era linda. Mesmo irritada, irradiava uma beleza que fazia doer. Tinha cílios longos e grossos, e uma única sarda ao lado da sobrancelha direita.

— Você... mudou de ideia em relação ao beijo?

— Não. — Como poderia, se era o que ele mais queria? — Pode ser que você não me dê outra chance. Quero saborear cada momento desta.

— Se vamos fazer besteira, é melhor fazermos logo. Saboreie depois. — Nitidamente cansada de esperar por ele, ela agarrou-lhe o rosto e o puxou para baixo. Ele caiu sobre ela e Danika respirou, ofegante. Ele inalou profundamente, absorvendo cada molécula, preenchendo-se com a essência dela.

— Isso não significa nada — ela disse.

— Menos que nada — ele mentiu.

— Vou ficar com ódio de mim mesma depois.

— Já estou me odiando agora mesmo. — Ela abriu a boca para responder, mas ele mergulhou nela e absorveu-lhe as palavras.

Capítulo Onze

SANTO DEUS. *COMO* *consegui viver sem isso?*

Danika emaranhou os dedos nos cabelos sedosos de Reyes e apertou forte, arranhando seu couro cabeludo. A língua dele estava quente, com gosto de homem apaixonado. O corpo duro sobre o dela.

Por alguma razão, ele apoiou as mãos na cama e levantou o corpo, para que apenas seus lábios se tocassem, Não. Não, não, não. Ela queria sentir seu peso, seu calor, sua força e sua firmeza.

Ela não deveria. Nada deveria importar além de sua família e sua liberdade. Mas, a partir do momento que vira Reyes caído e inconsciente, quase morto, ela não conseguira pensar em mais nada, só nele. *Errado, muito errado.* Como isso poderia ser errado se era a primeira vez em meses que ela se sentia bem? Como isso podia ser errado se ela estava se sentindo viva de verdade?

Só mais um pouquinho, ela pensou. Assim que sua curiosidade estivesse satisfeita e ela soubesse que o gosto daquele homem, ah, meu Deus, o gosto dele, não a abalaria mais do que o de qualquer outro, poderia então se afastar dele.

Depois voltaria a agir como a mulher inteligente que sua maravilhosa mãe criara. Ela agiria de modo responsável e daria um jeito de interrogar Aeron de maneira satisfatória. Iria embora daquela fortaleza para nunca mais voltar.

— Danika — sussurrou Reyes. — Anjo.

Anjo.

— Não pare.

Os lábios dele eram macios, e a barba por fazer no queixo lhe pinicava seu rosto levemente. Sempre que ele inclinava a cabeça, avançando mais com a língua, investindo com mais força e arranhando-a um pouco mais, ela sentia um arrepio de prazer que passava por seus mamilos e chegava ao meio de suas pernas.

Ela gemeu, incapaz de se conter.

— Você gosta do meu beijo? — perguntou ele. — Não estou lhe machucando?

— Eu gosto. Não dói. — Ao apertar os músculos fortes dos ombros dele, ela pensou que não se importaria de sentir uma dorzinha. Ela queria que ele a mordesse, queria sentir o corpo dele batendo contra o dela. Dentro dela.

— Fico feliz. — Ele passou a língua nos dentes dela, brincando com o céu da boca, massageando.

Muito gostoso, ela pensou, porém, mesmo assim, ela precisava de mais. Talvez precisasse de tudo que ele tinha para dar. Ela definitivamente precisava que ele se esfregasse nela; por que ele não estava se esfregando nela? Parte de seu desejo diminuiu. Por que ele parecia tão controlado? Tão... insensível?

As perguntas apagaram as chamas mais quentes de seu desejo, ela começou a perceber outras coisas. Ela havia aberto as pernas, mas ele não se deitara sobre o leito que lhe fora oferecido. Ela o agarrara, desesperada por mais, mas ele continuou como estava, apenas a tocou com a língua. A respiração dela ficara ofegante, ele seguiu respirando normalmente.

Danika afundou no travesseiro, afastando-se dos lábios de Reyes. Ela ainda estava ofegante; ele seguia respirando normalmente. Ela olhou seriamente para ele, sem saber direito o que pensar.

— Você começou isso — disse, sentindo a raiva crescer dentro de si. Ele começara, mas nem participara de verdade. — Por quê? E não me venha com esse papo furado de que precisa acabar com o desejo. É óbvio que você não me deseja.

Dizer isso só fez a raiva dela aumentar mais ainda. Ele abriu os olhos. Normalmente as pupilas pareciam se mesclar às íris, de tão escuras que eram. Mas, naquele momento, elas brilhavam e se remexiam como um mar de emoções revoltas, emolduradas por um leve toque de carmesim.

Olhos de demônio.

Ela engoliu em seco. Era aterrorizante se lembrar do mal que habitava nele. E, mesmo assim, o desejo continuou. Mesmo assim, seu corpo doía e ansiava. Por ele, só por ele. Por quê?

Por mais que tentasse se convencer de que ele era como qualquer outro homem, só conseguira fazer o contrário. Ele era Reyes, uma combinação de homem e demônio que a atraía e repelia ao mesmo tempo. Ele era o certo e o errado embalados no mesmo pacote sensual, com um beijo e um gosto que a transportavam das alturas do céu às profundezas do inferno.

Ele surgira de seus pesadelos, mas se tornara sua fantasia, entrelaçando as asas tênues de desejo com cada célula de seu corpo. Ele era a única coisa que ela queria e tudo que não deveria ter. Ela teria sido capaz de identificá-lo em meio a outros até com uma venda nos olhos, pois o perfume amadeirado dele era como uma corrente que os mantinha ligados.

O que ela realmente sabia sobre ele além do fato de estar possuído por um demônio? Ela sabia que todos pareciam fracos e pálidos comparados a ele; cravos murchos ao redor de uma única rosa cheia de espinhos. Ela sabia que ninguém a havia incendiado daquele jeito. Ela sabia que estivera fria por muito tempo e que apenas ele fora capaz de aquecê-la.

Sem dúvida aquele calor a estava entorpecendo, atraindo-a para o caminho da tentação. Não era Reyes em si. Isso ela creditava ao calor. Por enquanto. A alternativa a assustava demais.

— Saia de cima de mim — disse, impressionada com a própria calma.

— Eu realmente quero você — disse ele e pareceu atormentado, como se estivessem enfiando facas sob suas unhas.

— Mentiroso — repetiu a mesma acusação que ele lhe fizera e empurrou-lhe os ombros.

Ele não se moveu. Mas franziu o cenho.

— Pare, anjo. Você não quer que eu vá embora.

Anjo. Ele a chamara de anjo novamente. Uma vez, na masmorra, até dissera que ela era o anjo dele. Danika tentou não amolecer. Outros homens já haviam usado nomes carinhosos com ela antes, mas nenhum deles de um modo tão possessivo, como se dissesse que ela pertencia a ele e somente a ele.

— Você não sabe o que quero — ela reagiu —, e é claro que não sou quem você deseja. — *Fique feliz com isso, seu idiota.*

O constrangimento cobriu as feições rústicas de Reyes. Constrangimento e tristeza.

Os olhos pousaram no ombro dela, onde a alça caída da camiseta revelava uma parte de sua pele.

— Eu quero você. Juro pelos deuses. Eu quero.

Enquanto falava, a parte inferior do seu corpo estava roçando o dela. Ele não estava excitado. Suas faces se aqueceram. Quando conversou com ela pela primeira vez, seu membro havia ficado tão duro e grande que conseguira ultrapassar o cóis da calça jeans. Mas bastara ele prová-la e ficara mole. *Eu beijo tão mal assim?*

— Não me faça mandá-lo sair de cima de mim de novo — disse ela. — Não sei qual é o seu jogo, mas já disse que isso seria burrice. Eu preciso...

— Não é um jogo — replicou ele, inflamado.

Ela continuou como se ele não a tivesse interrompido.

— Preciso voltar para dentro da masmorra imediatamente e estou perdendo tempo com isso. Preciso falar com Aeron.

— Primeiro você vai me ouvir.

— Reyes. Saia. Agora!

— Nós *vamos* conversar, Danika.

Ela olhou para ele, séria.

— Se forçar, *vou* machucar você.

Ele fechou os olhos de novo, escondendo qualquer emoção que eles pudessem transparecer. Seus cílios eram como dedos convidativos, acenando para atraí-la para um mundo de sombras e misteriosa sedução.

— Eu não posso... eu não...

— Masmorra. Aeron. Nada mais importa. Chega de papo. Chega de beijo. Como queríamos, está tudo acabado. Não vou voltar a imaginar como é o seu gosto.

Infelizmente, ela sabia que sonharia com aquele beijo pelo resto da vida. Ela sonharia com o que poderiam ter feito, fantasiaria sobre o que teria acontecido se ele realmente a desejasse.

— Danika, eu...

Ele fez outra pausa e Danika sentiu uma curiosidade dolorosa.

— O que é? — O coração martelava suas costelas. — Fale logo para eu poder ir embora!

Ele abriu as pálpebras, revelando as pupilas vermelhas como fogo. Encostou o rosto no de Danika, pressionando o nariz contra o dela. Sua respiração quente fez a pele de Danika arder.

— Nem mais uma palavra sua. Tenho algo para lhe dizer.

Nos últimos meses, a vontade de Danika vinha sendo completamente ignorada. A vida

maravilhosa que tinha lhe fora tirada, sua existência se limitava às necessidades mais básicas. Não tinha mais ao lado as pessoas que mais amava. Não tinha mais a pintura, que era sua salvação para manter a sanidade.

Ela não se renderia àquele momento.

— Nem mais uma palavra, hein? — *Você foi treinada para o combate. Sabe o que fazer.* — Com o coração batendo forte, Danika apoiou a palma da mão no colchão frio. Gotas de suor se formavam em sua pele. Da última vez em que se defendera, Danika matara um homem.

Cuidado desta vez. Ela não queria machucá-lo muito. Queria apenas feri-lo um pouco.

— Nunca quis lhe dizer isso, esperava que fosse diferente com você, mas não posso permitir que pense que não a desejo intensamente.

Bloqueie a voz e as palavras amargas dele. Aja!

— Eu...

Danika atacou.

Com toda a sua força, esticou a mão e a enfiou no nariz dele. *Crac. Pá.* O sangue quente jorrou dele e respingou nela. Reyes gemeu. Ela se deu conta de que não foi um gemido de dor, mas de prazer; exatamente do tipo que ela tanto quisera ouvir quando a língua dele lhe adentrara a boca.

O choque que sentiu ao ouvir aquele gemido a imobilizou.

Que. Droga. É. Essa?

Reyes virou a cabeça lentamente e a encarou de novo. O sangue já havia parado de jorrar, seu nariz estava voltando para o lugar sozinho. Ela arregalou os olhos. Ele era um guerreiro imortal, sim, ela sabia disso. Ele se curava rapidamente. Disso ela também suspeitava após o estrangulamento da noite anterior. Mas como poderia prever o desejo explosivo que apareceu em seus olhos por ela ter lhe quebrado o nariz? Seu membro inchou rapidamente de novo, ela sentiu o volume em suas coxas por sobre a calça jeans. O que teria sentido se estivessem nus? Ela engoliu em seco, e Reyes lambeu os lábios, como se de repente sentisse neles o gosto dela.

Um arrepio violento percorreu-lhe a espinha. Seus corpos roçaram um no outro, os mamilos dela de encontro àquele corpo forte, a delicadeza de encontro àquela bravura de guerreiro; faíscas elétricas surgiram. Por um momento, só por um momento, a sensação foi dolorosa e a dor, um prazer dentro dela. Reyes se afastou e as faíscas cessaram por um instante. Ele parou junto a uma parede mais afastada, com a ereção visível dentro da calça apertada.

— Reyes — disse ela, hesitante. Cheia de desejo de novo; estava com medo e confusa.

— Eu quero você, mas não posso tê-la a não ser que me machuque. — A difícil confissão pareceu ter sido rasgada de sua garganta. Sua vergonha retornara. Sua culpa. Sua esperança também? — Só consigo sentir prazer através da dor.

Ela se sentou lentamente, sua mente nebulosa demais para extrair algum sentido do que ele estava tentando dizer.

— Não entendo.

— Ontem você perguntou qual demônio me possuía. Bem, meu demônio é Dor. Ele me faz desejar agonia física, e quanto mais intensa a dor, melhor. O sofrimento físico é minha única fonte de

prazer.

Como também fora a dela naquele momento único.

Não, não foi um momento único. A verdade caiu sobre ela como uma chuva gelada em um dia de tempo perfeito. Isto *já havia acontecido* antes. Ontem, quando ela acordara na cama de Reyes. Ela o mordera, e gostara disso.

— Seu demônio pode entrar em *mim*? — O estômago de Danika começou a dar voltas. Isso não era possível. Era?

— Não — disse ele, mas com um olhar mais incisivo.

Não pense nisso agora. Você vai entrar em pânico e se desconcentrar.

— Você está querendo dizer que, para ficar com você, preciso torturá-lo? — Várias vezes?

Ele assentiu.

Danika sentiu um gosto ruim na boca já seca. Se ela viesse a gostar dele — *se*? — e se entregasse a ele, o que ele esperaria dela? Será que ela teria de arranhá-lo, beliscá-lo, mordê-lo?

— As outras mulheres ... o machucavam?

Ele assentiu gravemente.

Danika cerrou os punhos e cravou as unhas no lençol. Naquele momento, não teve dificuldades em reunir vontade suficiente para machucar alguém. Pensar em Reyes com outra mulher fez Danika sentir um ciúme inédito em sua vida.

— E funcionava?

— Por um tempo. Dor é dor, não importa como é sentida.

— Você ainda... — Se entrega a esse tipinho de mulher?, ela terminou em silêncio. — Ainda procura esse tipo de mulher?

— Há muitos anos não faço isso.

A raiva e o ciúme se misturaram.

— Você quer que eu machuque você? — Ela conseguiria?

Para sua surpresa, ele fez que não com a cabeça. Os cabelos negros oscilaram sobre a testa de Reyes.

— Eu gosto de sentir dor, não vou mentir. E adoraria que fosse você a me machucar. Mas... — Ele lambeu os lábios e desviou o olhar.

— Mas o quê?

— Eu jamais permitiria que você me machucasse desse jeito.

— Por quê? — A pergunta saiu de sua boca antes que ela pudesse se segurar. Como não queria ver brotar o sentimento de pena no rosto dele, Danika desviou os olhos e, de repente, percebeu que olhava fixamente os cortes recentes no braço dele. Ele estivera se retalhando durante todo esse tempo.

Trêmula, ela passou os braços ao redor do próprio tronco. *Era disso* que ele precisava, facas em suas veias. Ela sempre imaginara que ele fosse apenas desajeitado. Deu uma risada sem sombra de humor. Ele não era nada desajeitado. Como ela fora boba.

— Você iria mudar depois disso — ele disse. — E não seria para melhor. Você é perfeita do jeito que é.

Não reaja. Ignore o que ele diz. A conversa era perigosa, e não iria terminar bem. Ou ela perderia a cabeça, e imploraria para dar a Reyes o que ele queria e depois ficaria com nojo de si mesma, ou então ele continuaria a rejeitá-la, humilhando-a. *Afaste-se dele.*

— Você disse o que queria dizer. Eu... eu preciso falar com Aeron agora. Já perdi tempo demais. Preciso encontrar minha família.

O rosto de Reyes foi coberto por uma máscara inexpressiva. Seu peito doía. Por ele? Por ela? Pelo que poderia ter sido? Ela não sabia.

— Que tipo de pessoa eu seria se continuasse a colocar minhas vontades em primeiro lugar? Minha família pode estar em apuros, elas devem estar com medo e preocupadas comigo.

— Vou falar com ele de novo e você pode ouvir — disse Reyes.

— Mas...

— Você viu como Aeron ficou só de ouvir sua voz. *Eu* vou falar com ele. Entendido?

Ela assentiu de modo relutante. A informação que Aeron possuía era preciosa demais para ficarem discutindo.

— Você vai me deixar procurá-las se ele disser onde estão?

— Receio que jamais poderei deixá-la ir. — Era a segunda vez que ele dizia isso, mas desta vez as palavras foram sussurradas, portanto mais difíceis de ouvir para Danika. Quando sua mente registrou o significado dessas palavras, Danika quase pulou na cama para atacá-lo. Só ficou onde estava por saber que ele ia gostar disso.

— Tente me fazer ficar, então — resmungou ela. — Você vai ver o que acontece.

— Você entendeu mal. Vou ajudar você a encontrá-las — disse ele. — E vou levá-la aonde elas estiverem. — *Se estiverem vivas.* A frase não pronunciada reverberou entre os dois. — Em troca, você não vai entregar meus amigos aos Caçadores. Nem mesmo Aeron.

Cada gota de calor abandonou seu rosto. Ele sabia. Provavelmente já sabia o tempo todo.

— Eu... Eu...

— Você não precisa me dizer o que lhe disseram, o que lhe pediram nem o que você lhes prometeu. Não importa. O fato de eu ter essas informações pode fazer com que você seja morta. — Ele fez meia-volta, dando-lhe as costas. — Aceita o acordo?

Os Caçadores prometeram ajudá-la a localizar e proteger sua família. Mas eles eram mortais, humanos como ela. Eles odiavam Reyes e os demais Senhores do Mundo Subterrâneo, queriam se vingar deles e fariam qualquer coisa para vencer. Inclusive fazer picadinho dela se os atrapalhasse, desconfiava. Eles pediram sua ajuda, pediram que entrasse em sua fortaleza e se informasse sobre eles. Até o momento, ela não conseguira fazer o que prometera. Não houvera tempo e ela não se sentia inclinada a cumprir a tarefa. Reyes a distraía.

Agora ele estava lhe pedindo para trocar de lado completamente e confiar no inimigo.

— Você concorda? — perguntou ele de modo autoritário.

— Concordo — disse ela, mas não tinha certeza se estava sendo sincera.

Ela havia combinado falar brevemente ao telefone com Stefano naquela noite, e faria o que fosse preciso, usaria *qualquer um* para encontrar sua família. Para garantir a segurança delas, Danika seria

capaz de matar os amigos de Reyes, um a um, se preciso fosse.

E arruinaria a vida de Ashlyn. E a de Anya também.

Seu estômago deu voltas. Deus, a equação só piorava. Ela já dera provas de que não seria capaz de destruir Reyes. Até aí tudo bem. Ele não faria mal a sua família. Ou faria? Se ela conspirasse contra os amigos dele, ele poderia se transformar facilmente de doce protetor em um demônio assassino. O que significava que teria de morrer também.

Droga!

— Você não vai nos trair, mesmo que seus entes queridos não estejam mais entre nós? — pressionou ele.

Será que suas intenções estavam estampadas no rosto? Ela fechou os olhos.

— Eu concordo, está bem? — repetiu ela, e desta vez as palavras saíram embargadas. Os dias seguintes poderiam ser os piores de sua vida, pois poderiam frustrar suas esperanças, destruir sua família e... devastar aquele homem que ela ao mesmo tempo temia e desejava.

Reyes assentiu de forma sóbria.

— Então vamos cuidar logo disso.

Capítulo Doze

— JÁ NÃO fizemos isto antes?

— Não funcionou da última vez — disse Reyes. Ele estava de pé dentro da cela como fizera no dia anterior, mas Aeron notou que seu velho amigo mantinha distância dele. — Achei que poderíamos tentar de novo.

— Não. Acho que você voltou porque está querendo mais. — Aeron encarou Reyes, que parecia exatamente um guerreiro pronto para a batalha. E quando ele não estava? — Acho que você gostou de sentir minhas mãos.

Um músculo se contraiu sob cada um dos olhos castanho-escuros de Reyes.

— Anos atrás perguntei se podia açoitá-lo, bater em você. *Alguma coisa*. Eu teria até apunhalado você. Eu não queria fazer isso, não queria machucá-lo, assim como você não queria matar Maddox todas as noites, mas sabia que você precisava da dor, então me prontifiquei. Eu amei você o suficiente para fazer isso.

— E eu o amei a ponto de dizer que não. Lembra-se disso?

Aeron ignorou a pergunta, pois ele *de fato* se lembrava. Pensar nisso poderia enfraquecê-lo. Ele acariciou a cabeça careca de Legião quando a criatura se aninhou em seu colo, dizendo:

— Ainda quero ajudá-lo. Se você quer sentir dor, me dê sua mulher.

Ele riu, mesmo que o rosto do amigo fosse tomado pela fúria.

— Um corte, é tudo de que preciso. Ela vai cair e seu coração vai literalmente se partir. Dor será seu eternamente. Meu presente para você. Pode me agradecer depois.

Reyes roçava a ponta da língua nos dentes. Sinal de agressividade. Bem, *necessidade* de agressão. Mas Reyes ficou onde estava. Ao contrário de Aeron e Maddox, ele raramente explodia. Era o tipo de homem que atacava somente quando o inimigo menos esperasse.

— Você mudou. Antes você estava desesperado para deixá-la ir embora. O que aconteceu?

— Simplesmente percebi que não posso controlar minha sede de sangue. Já me entreguei a ela e nunca fui tão feliz — ele disse.

— Mentiroso. Você odeia ser quem é. Já sei disso. — Reyes suspirou ao ver que Aeron não ia responder. — Diga onde está a família dela. Por favor.

Aeron torceu seu pulso, sem tirar a outra mão de Legião, arrastando as correntes que o prendiam.
— Solte-me.

O rosto de Reyes denotava agonia, mas não do modo típico. Ele parecia arrasado de dor. E dessa dor ele não estava gostando.

— Você sabe que não posso soltá-lo.

— Eu sei que você *não vai*.

Frio, Reyes assentiu.

— Tem razão. Não vou.

— Então você já tem sua resposta. Você não vai e eu não vou.

Legião deslizou ao seu redor e duas mãozinhas logo estavam sussurrando pelas costas de Aeron. Mãos escamosas, porém macias. Mãos dedicadas. Massageando-lhe os músculos para relaxar.

Quando conseguiu o resultado desejado, a criatura tirou a mão. O peito dele estava apoiado nos ombros de Aeron. A criatura olhou para Reyes e estalou os lábios, como se estivesse faminto.

— Ainda não — disse-lhe Aeron. Ele não entendia por que o pequeno demônio gostava dele e não dos outros, mas aceitou o fato. Ele não entendia por que o demônio o seguira, mas estava contente com isso. Por alguma razão, ele precisava da criatura. Legião o acalmava como ninguém, abrandava Ira, sossegava sua sede de sangue, mantinha-o alerta. Menos quando Lucien e Reyes vieram tentar tirá-lo da caverna. Aeron enlouquecera.

Ele estava tão perto de escapar. Legião vinha devorando sua pele, e estava prestes a alcançar os ossos quando sentiu a chegada dos guerreiros e desapareceu. Só voltou depois que tudo fora resolvido.

— Você sabe onde estão as mulheres? — perguntou Reyes, provavelmente ignorando o fato de que Legião já o visualizava em uma bandeja prateada, garfo e faca opcionais. — Diga pelo menos isso.

Ah, Aeron sabia onde as mulheres estavam. Ele sabia o tempo inteiro. Saber disso era uma provocação constante, era como se rissem de seu desamparo, enlouquecendo-o. Quando as mulheres morressem, não teria mais risada nenhuma. A loucura perderia a força e Aeron iria parar de destruir tudo que encontrasse pela frente.

— Fale — repetiu Reyes.

— Sim — ele finalmente admitiu em voz alta, sabendo que assim atingiria o alvo, cortando fundo. — Sei onde elas estão.

No que você se transformou? Ele sabia que devia se sentir culpado, mas não tinha energia para isso. Suas emoções estavam enterradas em algum lugar muito profundo, só sobrava o ódio. A necessidade de causar morte.

Reyes inflou as narinas, seus olhos brilhavam como o fogo de um vulcão. Isso, contato.

— Possso sssugar o sssangue dele? — perguntou Legião, afundando as garras nos ombros de Aeron. — Por favor, por favor.

— Não — disse Aeron. Ele devia a Reyes uma morte rápida. O guerreiro adoraria uma morte longa e dolorosa. Dentes lhe rasgando as veias, sangue jorrando, essas coisas seriam prazeres. E Reyes

não merecia sentir prazer. Afinal, Reyes estava escondendo a garota dele. Um crime desses merecia castigo severo.

Crime? Isso não é crime, é clemência. Você não é assim. Resista.

Ele apertou os olhos. Não havia nada contra o que resistir. Ele recebera uma tarefa a cumprir e iria cumpri-la.

— E a moça? — perguntou Legião. — Possso sssugar moça?

Reyes soltou um grunhido comprido e ameaçador.

— Não — disse Aeron. — Ela é minha.

Reyes avançou com a lâmina cintilando na mão.

— Ela é *minha*. — Ele percebeu o que estava fazendo no meio da cela e parou, mantendo distância suficiente para não ser alcançado.

Que pena.

— Sei que ela está por perto — Aeron disse suavemente. — O cheiro dela é forte e me estimula a lutar neste instante.

Reyes recuou um passo, protegendo a única saída. Protegendo-a. Aeron fechou os olhos, já tendo os ouvidos subitamente invadidos pelos gritos de morte de Danika. *Não me machuque. Por favor, não me bata*, ela diria.

Ele franziu o cenho ao entender tudo de repente. Aqueles gritos não eram de Danika. Eram reais, lembrança de algo que de fato aconteceu, e pertenciam a outra pessoa. Cada grito era uma carícia lasciva que lhe agradava os dizimados sentidos. Evidentemente, ter ferido — ou matado — aquela pessoa lhe causara um imenso prazer.

O odor de sangue lhe adentrou o nariz, doce e opressivo, como uma noite cálida após um dia terrivelmente frio, um luar gentil após passar muito tempo torrando sob um sol cruel. Ele se sentiu transportado, como se estivesse sobre o corpo dela outra vez, zombando de sua fraqueza.

Este não é você. Você odeia isto, odeia ser quem é, odeia ter se transformado no que se transformou. Na época — uma eternidade antes? — em que ele observava os mortais, ficava fascinado pelo contraste entre suas vidas e a dele. Ele costumava desejar a morte, porém o mais provável era que continuasse vivo para sempre. Os humanos morriam um pouco todos os dias, mas abraçavam a vida de um jeito que ele jamais fizera. Eles eram fracos; ele era forte. Mas eles não tinham medo de rir e amar.

Amar; como se eles não percebessem que tudo poderia desaparecer num piscar de olhos. Por quê? Ele sempre se perguntara. Ele procurava uma resposta ansiosamente fazia muito tempo, porém jamais encontrara nenhuma. E lá estava ele, apreciando as lembranças de tortura de uma mortal e tramando a morte de outra. Até Ira achou seus pensamentos confusos e errados.

Aeron não se esquecera de que ele e seu demônio haviam tentado resistir aos impulsos mórbidos de matar. No começo. Mas os deuses venceram e eles acabaram sucumbindo. A morte agora corria em suas veias, mais grossa que o sangue, e se tornara, numa ironia que Aeron não conseguiu ignorar, sua única razão de viver.

— Você quer que eu implore? — perguntou Reyes seriamente.

Queria? Aeron sorriu, pela primeira vez achando graça de alguma coisa em semanas. Ele achou

que talvez quisesse, sim. Nunca vira o orgulhoso Reyes se curvar para ninguém. Convencê-lo a fazer isso certamente fortaleceria Aeron.

— Eu quero, eu quero — Legião bateu palmas, o som estalando na orelha de Aeron.

Reyes não hesitou. Caiu de joelhos.

— Por favor. — Mal se ouviram as palavras. — Diga onde elas estão.

Legião gargalhou e Aeron parou de sorrir, percebendo que não ficava nem um pouco fortalecido ao ver seu amigo de joelhos. Na verdade, era constrangedor.

— Você a ama?

— Não. — Ele sacudiu a cabeça violentamente. — Não posso.

Mentiroso! Devia amá-la. Por que outro motivo ele se humilharia daquele jeito? Reyes jamais fizera nada parecido por ninguém. Nem por um dos Senhores. Aeron e Reyes estiveram lá no dia em que seu amigo Baden foi decapitado pelos Caçadores. Assistiram, horrorizados, ao guerreiro sendo atacado pelas costas, apunhalado repentinamente, degolado. Correram em sua direção gritando, furiosos, desesperados, loucos para guerrear. Mas não imploraram aos Caçadores que parassem. Não imploraram pela vida de Baden. Simplesmente atacaram.

Implorar poderia ter salvado o guardião da Desconfiança? Provavelmente não, ele pensou, mas por que não tentaram? Eles amavam Baden como a um irmão, e sua morte destruíra os pequenos pedaços de humanidade que conseguiram proteger de seus demônios.

— No que está pensando? — perguntou Reyes, ainda de joelhos.

— Na pior noite da minha vida — admitiu ele.

— A abertura da caixa, então.

— Não. Baden. — Naquela noite terrível, a culpa entrou nele para ficar. Culpa por não ter conseguido proteger um amigo. Culpa por ter punido poucos dentre os homens responsáveis antes de fugir do Caçador-mor na esperança de encontrar um pouco de paz numa eternidade de caos e morte, quando ele não merecia.

Nunca ameí ninguém o bastante para lutar, para guerrear e nem para implorar.

— Ele era um bom amigo — disse Reyes. — Ele detestaria nos ver assim.

— Ele teria nos dado um olhar de decepção, com aqueles olhos amarelos. Nós o teríamos ignorado, porque ele insistiria para que fizéssemos as pazes, e no final acabaria nos apunhalando para chamar nossa atenção.

— Ele não suportava ser ignorado.

— Não mesmo.

Entreolharam-se em silêncio. Reyes não se mexeu, mas permaneceu de joelhos. Ficaria assim até que Aeron lhe dissesse o que queria saber, disso Aeron não tinha mais dúvidas. Mas se ele dissesse a Reyes onde as mulheres estavam, e se Reyes conseguisse escondê-las, Aeron ficaria sempre naquela situação. Nunca mais voltaria ao normal e não conheceria nada além de sua sede de sangue

— Por favor. — Outro grunhido. Legião deslizou o ombro de Aeron e desceu por seu peito, e então apoiou o queixo no joelho levantado de Aeron. — Assim não tem graça. Por que não podemos brincar? Por que não podemos beber?

— Em breve — disse Aeron. Então se voltou para Reyes e disse: — Diga à garota para aparecer

aqui, pertinho da grade.

Reyes enfim ficou de pé. Ele balançou a cabeça, sacudindo os cabelos negros, o rosto transfigurado pelo pânico.

— Não. Ela...

— Está aqui. Estou aqui.

Ao ouvir o som daquela voz feminina e cheia de determinação, Aeron virou a cabeça. Reyes pulou diante dela, permanecendo dentro da cela enquanto ela ficava fora, mas bloqueando a visão mesmo assim. Aeron fez uma careta.

— Saia da frente. Não vou machucá-la. — *Agora não.*

O guerreiro pareceu lutar consigo mesmo por um tempo. Finalmente ele foi para o lado num movimento áspero, permitindo que Aeron desse uma olhada na garota. Ela chegou perto da grade, como ele ordenara, segurando as barras com força.

Ira explodiu em um frenesi de atividade, andando de um lado para outro na prisão da mente de Aeron, babando de ansiedade. *Aja.*

— Não — respondeu ele, rangendo os dentes.

Aja! Ela está aqui, ela é nossa.

— Não!

Legião lhe acariciou a testa e a gritaria em sua mente virou um sussurro fraco.

— Com licença? — disse Danika, olhando para o pequeno demônio.

Reyes voltou a tomar a dianteira, o corpo tenso, pronto. Ela pôs os dedos delicados no ombro de Reyes e o empurrou para o lado gentilmente. O guerreiro poderia ter resistido, poderia ter segurado firme, e suas feições severas sugeriam que era esta sua vontade, mas ele não resistiu. Ele se moveu para o lado.

Aeron estava novamente encarando Danika. Ela era baixa, batia no ombro de Reyes. Cabelos claros lhe emolduravam o rosto e seus olhos verdes cintilavam como esmeraldas. O nariz era arrebitado como o de uma rainha, como se esperasse que os servos realizassem seus desejos. Ela era esguia, um pouco magra demais, e tinha seu rosto delicado como uma asa de anjo, mas na expressão não era nada suave. Ela irradiava uma força de vontade inabalável.

— Você ainda quer me matar — disse ele.

— Quero. — Tinha os lábios vermelhos e inchados. Estava claro que havia beijado, e não fazia muito tempo.

Aeron olhou para a boca de Reyes. Também estava com aspecto de ter sido bastante usada. Ele não diria que a humana fosse o tipo de Dor. Também não diria que Dor fosse o tipo *dela*. Mas *sentira* a tensão entre eles desde a primeira vez em que ela estivera na fortaleza. E essa tensão estava mais forte naquele momento, mais intensa. Reyes chegou a dizer que ela era a mulher dele.

Eram inimigos, mas haviam se tornado amantes. Que lindo, ele zombou em pensamento. Mas será que debaixo da ironia não havia um toque de... tristeza e despeito?

Legião lambeu o rosto de Aeron e enroscou seu corpo minúsculo no pescoço dele, depois desceu para apoiar os cotovelos nos joelhos de Aeron. Pelo jeito, sua posição predileta. Voltou-se para

Danika e falou, mostrando a língua bifurcada.

— Acho que conheço você. Quer brincar?

Danika piscou os olhos e balançou a cabeça como quem espanta um pensamento indesejado.

— Você me viu ontem. E não.

— Ah. — A decepção da pequena criatura demoníaca foi visível. Ele se apoiou sobre o peito de Aeron, e suas escamas verdes desbotaram levemente.

— Você magoou Legião — rosnou Aeron, estranhamente ofendido com aquilo. A infelicidade do demônio fez a sede de sangue de Aeron ameaçar explodir; seu precário controle estava se esvaindo. — O que significa que a conversa está encerrada. Vá embora.

— Sinto muito, sinto muito — disse Danika, olhando para Legião com olhos arrependidos. — Não tive intenção de magoar você. Sério. Foi só... um jogo. Sim, um jogo.

— Adorar jogosss — Já mais relaxada e com a cor original de volta, a criatura ainda disse — Ver você antesss de ontem.

Aeron também relaxou.

— Sinto muito, mas deve estar enganado — disse Danika, balançando a cabeça.

— Você voar em chamasss. Assissste servosss torturarem osss mortosss.

Danika voltou a piscar os olhos, com uma mistura de horror e assombro.

— Sim, mas só nos meus sonhos. Como você sabe? Já viu minhas pinturas? Espere, isso não é possível.

— Não responda — Aeron disse a Legião ao ter uma ideia de repente. Ele poderia usar a informação como moeda de troca. E, além disso, talvez ainda pudesse decifrar o quebra-cabeça que a garota acabara de apresentar. Chamas. Demônios subordinados. Só podia ser o inferno, lar de Legião e o único lugar onde a criatura poderia tê-la visto. Aeron não estava certo de que a garota havia ido ao inferno de alguma maneira ou se era outra das brincadeiras de Legião. Mas, pela primeira vez desde que os Titãs tomaram o controle do céu e ordenaram a Aeron que matasse Danika e sua família, aquela ordem terrível começou a fazer sentido. Se a garota *pudesse mesmo* viajar até a escuridão do submundo, não teria também acesso ao mundo dos deuses? Será que ela conseguia vê-los? Talvez até desvendar seus segredos?

Por que eles mesmos não acabavam com ela de uma vez? Seria tarefa fácil para qualquer deus. Por que forçar Aeron a fazer seu trabalho sujo? Ele olhou para Reyes, que estava pálido. Eles devem ter encontrado as peças que completavam o quebra-cabeça ao mesmo tempo. Se Danika fosse capturada pelos inimigos dos deuses e forçada a revelar segredos celestiais, os deuses jamais a deixariam em paz. Eles não descansariam enquanto ela não estivesse morta.

Não haveria salvação para ela.

— Eu não... eu não... — Ela esfregou a mão no rosto como se assim seu cérebro fosse começar a funcionar. Quando parou, seu rosto parecia talhado em pedra. — Pare de tentar me distrair. — Ela virou os olhos em direção a Aeron e assim permaneceu. — Onde está minha família?

— Vamos trocar informações, você e eu.

— Está bem. — Sem hesitação.

Ele ficou observando enquanto ela lentamente soltava as barras da cela, baixava o braço e o

esticava em direção a Reyes. O guerreiro deu-lhe a mão, entrelaçando os dedos. Buscaram apoio um no outro, Aeron percebeu. Um pediu silenciosamente, e o outro atendeu também silenciosamente. Eles entendiam o que haviam acabado de fazer?

— O que você quer saber? — perguntou ela, a voz trêmula. Apertou os olhos, limpou a garganta e perguntou mais uma vez, já com a voz limpa.

— Você já viu o inferno? E não minta para mim. Uma só mentira e fim de papo.

Antes de responder ela fez uma pausa, parecendo avaliar as opções em sua mente.

— Como já disse, vi em meus sonhos — finalmente respondeu.

— Sua irmã, sua mãe e sua avó sonham com o inferno?

Ela balançou a cabeça, agitando as mechas loiras.

— Nunca falaram sobre isso. — Havia um nó em sua voz, mas ele fingiu não reparar. Se ela havia mentido, ele também, pois não queria que a conversa acabasse. — O que...

— O acordo era que trocássemos informações — ela interrompeu incisivamente. — Então vamos trocar. Onde está minha mãe?

— Nos Estados Unidos. Numa cidade pequena em Oklahoma.

De repente, seus traços adoráveis foram iluminados pela mais perfeita expressão de alívio, e ela fechou os olhos. Sentiu um calafrio e várias lágrimas se acumularam entre suas pálpebras antes de rolar pelo rosto. Ele não permitiu, *não poderia* permitir, que aquela visão o afetasse.

— Já sonhou com o céu?

— Sim.

— O que você...

Ela balançou a cabeça de novo.

— Não. Já respondi. Agora é sua vez. Onde está minha irmã?

— Isso é chato — disse Legião, suspirando, se aninhando no colo de Aeron e fechando os olhos.

— Sua irmã está com sua mãe.

— Ah, meu Deus. — Outra lágrima de alegria e alívio desceu, deixando um rastro cristalino que terminou no queixo.

Aeron achou que suas pernas poderiam ter cedido, caso Reyes não tivesse soltado sua mão e passado o braço pelas grades para segurá-la pela cintura e mantê-la de pé. Ela não reclamou. Não, ela se aproximou dele.

Como podiam confiar um no outro, precisar um do outro daquele jeito? Eram uns idiotas; ele não tinha ciúme.

— O que você vê quando viaja por estes planos espirituais? — perguntou ele.

— Vejo um mal terrível e um bem infalível. Vejo morte e vida. Trevas e cores do arco-íris. Criaturas demoníacas que destroem e vivem cercadas por gritos. Anjos que reparam os danos e de cujas asas emanam canções de glória.

Ao ver que ela não entrou em maiores detalhes, Aeron franziu o cenho. Nada do que ela descreveu justificava que os deuses a marcassem para morrer, e com o tipo de morte dele: os pecados de seu passado dilacerando-lhe a pele e os ossos como se não passassem de manteiga.

— O que você viu dos deuses? O que...

— Minha avó — ela interrompeu. — Onde está minha avó?

Ele apertou os lábios, o coração batendo mais rápido, o suor se acumulando em sua testa. Se ele dissesse a verdade, ela iria embora, e ele não estava preparado para que ela partisse. Ainda não. Milhares de perguntas continuavam girando em sua mente.

— Não estou satisfeito com sua última resposta — disse. — Diga se você viu os deuses.

Apesar de estarem separados por alguns metros, ele a ouviu rangendo os dentes.

— Não sei se os vi.

— Pense! — ele rugiu.

Ela se encolheu de medo, e Reyes rosnou para ele.

— Como vou saber? Não acredito em deuses e deusas, não sei como são. — A respiração dela estava entrecortada, ríspida. — Posso ter sonhado com eles mil vezes e não ter percebido.

— Ajude-a a descobrir — ele ordenou a Reyes.

Reyes baixou os olhos para fitá-la, sua expressão era dura. Aeron se lembrou da noite em que Reyes lhe pedira para voar com Danika até a cidade. Ela não queria ir, Reyes não queria que Aeron tocasse nela, mas ele recuara e forçara os jogadores a entrar em ação em nome do bem maior.

Ele sempre fora assim, colocava as necessidades e os desejos dos amigos acima dos próprios. Sempre fora determinado, jamais queria recuar quando alguém que amava desejava alguma coisa, mesmo que comesçassem a odiá-lo pelos métodos que empregava para conseguir realizar esses desejos.

— Se estiver retendo informações, pare — disse Reyes. Ele a soltou e saiu da cela, trancando a porta e se voltando para ela. — Aeron não vai trapacear. Diga o que ele quer saber e ele lhe dirá o que sabe sobre sua avó. O que viu recentemente? Descreva. O que ouviu? Nenhum detalhe é irrelevante.

Ela engoliu em seco. Lambeu os lábios. Sentiu outro calafrio ao tirar os olhos de seu homem para encarar Aeron.

— Houve... houve uma guerra recentemente? Tipo... lá em cima?

Aeron ficou boquiaberto. Reyes devia ter arfado. Ele recuou um pouco para enxergá-la melhor.

Então, era verdade. Ela *era capaz* de ver o que se passa no céu. Por isso queriam que ela morresse, não restava mais dúvida.

— Sim — disse Reyes com voz rouca. — Houve.

— Gregos lutando contra Titás? Acho que era assim que eles se chamavam.

— Sim — respondeu Aeron.

Seu rosto perdeu qualquer colorido.

— Os Titás venceram e os gregos foram presos. Bem, a maioria, pelo menos.

— Sim. — A palavra emergiu dos dois guerreiros na forma de um fraco sussurro.

— Os Titás estão lutando para encontrar um conjunto de armas. O... rei, acho que era rei, fez uma reunião com seu novo Capitão da Guarda. Acho que ele é o líder de seu exército. — Ela continuou soltando as palavras desenfreadamente, como se temesse parar e não conseguir recomeçar. — Eles têm um plano. O capitão descerá à terra para observar e esperar, para acompanhar e se infiltrar. Não me lembro de tudo. Meus quadros podem dar mais detalhes do que eu esteja esquecendo. Depois que eu sonho, tento esquecer. Não quero me lembrar.

— Quadros? — perguntou Reyes, mais um resmungo do que uma pergunta. Ela assentiu, os

olhos imersos em lembranças. — Quando sonho com... paraíso e inferno, sempre pinto o que vejo para eliminar tudo do meu sistema.

— Onde estão as pinturas agora? — perguntou ele, socando a parede atrás de si com tanta força que ela deu dois passos para trás, as mãos para cima.

— Algumas estão no meu apartamento no Novo México. A maioria está em um depósito pago por um ano.

Reyes olhou para Aeron, severo, ansioso. Danika também olhou para ele.

— Já respondi tudo. Agora é a sua vez. Fale de minha avó. — Após tudo que ela havia contado, ele tinha obrigação de lhe dizer a verdade.

E ele não tentou aliviar. Olhou bem nos olhos dela.

— Acho que eu a matei.

Capítulo Treze

ROMA. UM LUGAR majestoso, mergulhado em história e opulência, em violência e prazer. Não importava o lugar onde se estivesse nesta magnífica cidade, o mar entoava canções, inocente e tranquilo; o céu respondia com outra canção, melodias serenas ao cair da tarde.

Nada disso fez Paris acalmar os nervos.

Ele estava parado num canto do Templo dos Impronunciáveis, escondido ao lado dos amigos. Esperando. O lúgubre templo surgira do mar não fazia muito tempo. Às vezes ele jurava ouvir gritos agoniados no vento em meio à doce melodia das ondas. A construção estivera velada ao olho humano até pouco tempo antes. Agora, operários se aglomeravam na área, zunindo de um lado para o outro, limpando e procurando vestígios do passado em meio aos corredores esfarelados. Eles não sabiam que os deuses pretendiam usar o templo para fazer os mortais voltarem ao passado, fechando o círculo. Houve época em que fizeram adorações e sacrifícios nos altares de seus criadores celestiais, e logo voltariam a fazer as mesmas coisas.

Fossem quais fossem os desejos deles, Paris tinha certeza.

O surgimento do templo e de seu correspondente na Grécia representava apenas o começo. Pelo menos era o que Paris supunha. Ele talvez fosse o mais humano, mais preso à realidade dentre todos os Senhores do Mundo Subterrâneo, e os outros podiam zombar se ele dava opinião sobre os novos soberanos: os Titás. Mas Paris preferia achar que sua imersão na condição humana o levava a entender melhor as coisas espirituais. Por ter passado tanto tempo entre os mortais, já conhecia muito bem suas emoções. Cobiça, inveja, o desejo de ser amado.

Sim, havia, sem dúvida, uma correlação entre as emoções dos mortais e as emoções dos deuses. Os Titás, afinal, não estavam cobiçando a retomada do poder que um dia fora deles e morrendo de inveja ao ver os gregos colhendo os bons frutos que *eles* haviam plantado com tanto esforço? Não estavam querendo a adoração e veneração que lhes fora negada por milhares de anos? Seus desejos e suas necessidades não foram considerados durante o tempo em que estiveram presos, então agora se permitiriam qualquer capricho.

Ainda assim, tal percepção não ajudou Paris. Ele não sabia como lutar contra eles. Eles tinham poderes impressionantes, eram capazes de ir de um lugar a outro num piscar de olhos, podiam

controlar o tempo e observar o mundo e seus cidadãos sem restrições. Podiam amaldiçoar com uma das mãos e, com a outra, abençoar. Paris tinha um demônio que gostava de sexo. Um demônio que enfraquecia sem sexo e cuja única arma era o jogo da sedução. Nem se questionava quem venceria a luta. Mas se ele não fizesse nada, seus amigos seriam destruídos.

Os Caçadores, seus maiores inimigos, podiam se transformar em guardiões da paz e da prosperidade. Paris se perguntou se já não estaria tudo engatilhado e pronto para começar.

E o que ele poderia fazer?

Achar a Caixa de Pandora, claro. Assim, ele e seus amigos não poderiam ser separados de seus demônios. Isso resultaria na morte de todos, pois, uma vez hospedeiros, se transformavam num único ser. A separação resultaria em morte ou insanidade.

Ele se sentiu completamente impotente. Sentia-se ferido, constantemente enfurecido. Ele se sentia... vazio. E todos esses sentimentos negativos eram embalados com cordas de fúria. Sua Sienna estava morta. Ele queimara seu corpo num funeral digno de um guerreiro e espalhara suas cinzas. Ela não iria mais voltar.

A quem deveria culpar? Os Caçadores? Os deuses? A si mesmo? A quem deveria punir? Quem deveria assassinar em troca? Olho por olho, lhe ensinaram desde muito novo. Se um guerreiro deixasse de vingar os crimes cometidos contra si, seu inimigo o veria como fraco, voltaria a atacá-lo sem parar, certo da vitória. O que um homem devia fazer quando o inimigo talvez fosse ele mesmo?

— Pronto? — perguntou Anya.

Paris levantou os olhos ao ter as divagações interrompidas pela excitação dela. Os guerreiros ao redor da deusa assentiram, tão ansiosos quanto ela. Estavam cercados por sombras, sem chamar a atenção em meio à agitação no interior do templo. Humanos pegavam pedras e limpavam o musgo delicadamente.

— Lá vai. — Anya esfregou as mãos nas coxas reluzentes, parando com os dedos sobre os diamantes que lhe ornavam a cintura. Ela ajeitou os cabelos longos e louros. — É melhor vocês ficarem devidamente impressionados com meu poder e me bajularem quando terminarmos, garotos.

Murmúrios de “Sim, Anya” e “Nós vamos, Anya” foram ouvidos entre eles. Até os Senhores do Mundo Subterrâneo a temiam. Apesar de Anya ter perdido boa parte de seus poderes ao preferir ficar com Lucien, abrindo mão do bem mais precioso que tinha, a liberdade eterna, para permanecer com seu homem, ela ainda era a criadora de desordem por excelência, capaz de engendrar uma tempestade só com o pensamento.

Paris contou cinco Caçadores entre os operários, vira o símbolo do Infinito em seus pulsos. Na opinião de Paris, a marca da morte. Eles *são os culpados pela morte de Sienna. Eles a recrutaram, encheram sua cabeça de mentiras. Faça a eles o mal que fizeram a ela.* Ele cerrou os punhos.

— O que não faço pelos meus homens — murmurou Anya, já passeando em meio aos humanos.

Paris observou enquanto as pessoas diminuía a velocidade de seus movimentos até pararem completamente. As conversas foram minguando até o silêncio absoluto. Todos se viraram para olhar aquela mulher de beleza magnífica com uma saia preta curtíssima e espartilho de renda transparente.

— Desculpe, mas quem é você? — alguém finalmente perguntou. Um humano sem tatuagem nos pulsos. Baixinho, calvo, um pouco acima do peso. Tinha um crachá pendurado no pescoço. Thomas Henderson, Sociedade Global de Estudos Mitológicos. — Tem autorização?

— Sem dúvida, tenho sim. — Seus lábios sensuais se abriram num sorriso ao mesmo tempo que ela levantou os braços elegantes. — Do contrário, não estaria aqui, estaria, meu bem?

Confuso, ele franziu o cenho.

— Qual é o seu nome? Todos os nomes da lista já estão aqui e não me lembro de acrescentar mais nome nenhum.

— Não precisa conferir de novo. Uma tempestade está chegando. — Um raio iluminou o céu de repente, tingindo-o de dourados, rosas e púrpuras. O vento bateu forte, açoitando os cabelos de Anya para toda parte. — É melhor você ir para casa.

Todos os homens estavam olhando fixamente para Anya com perplexidade e desejo indisfarçáveis.

— Minha — disse Lucien, observando-a com desejo em seus olhos descombinados.

Paris teve que fechar os olhos por um momento. *Eu quero uma destas. Quero uma para chamar de “minha”.*

Maddox olhava para Ashlyn desse jeito. Reyes olhava para Danika desse jeito. Era como se as mulheres sustentassem a lua e as estrelas. Mas o que Reyes conseguira para si? Tristeza, sem dúvida. Toda mulher vinha acompanhada de uma sentença de morte, e mais ainda: Sabin acreditava que ela havia se juntado aos Caçadores para recolher e lhes repassar informações sobre os Senhores do Mundo Subterrâneo e a Caixa de Pandora.

Sabin queria que ela estivesse morta, tipo, ontem. Chegara a apalpar a arma na noite anterior, enquanto Reyes dormia; queria plantar uma bala no cérebro de Danika e poupar Aeron do destino que o guerreiro já chegara a considerar pior do que morte. Lucien o impedira. De algum jeito, de alguma maneira, a presença de Danika diminuía a necessidade de Reyes de sentir dor. Desde sua chegada, ele não havia pulado do teto da fortaleza e nem praticado nenhuma das atividades perigosas que já faziam parte de seu cotidiano. Ele ainda se cortava, mas não havia mais sombra do desejo de morte.

Um Senhor não poderia querer mais.

Era o que todos eles queriam: paz após uma eternidade de guerra, agonia e sangue. Como poderiam roubar de propósito aquele milagre de um dos seus? Não poderiam. Então deixaram Reyes lidar sozinho com ela. Bem, não sozinho. Torin, Kane, guardião do Desastre; sujeito que não se leva *a lugar nenhum* sem que as lâmpadas saiam queimando e os rebocos comecem a despencar dos tetos, e Cameo permaneceram na fortaleza, monitorando os computadores, protegendo a casa contra invasores. Ah, e William. Não que Paris confiasse na capacidade dele.

Violência, Doença, Desastre e Infelicidade juntos. Não dava para negar que a coisa seria divertida, Paris pensou com indiferença. Sorrindo, ele balançou a cabeça.

Sienna teria adorado pôr suas delicadas e pequenas mãos naquela informação. Ela teria...

Se ele estava achando divertido, a graça se perdeu rapidamente, deixando-o de novo árido por

dentro e com um vinco ainda mais profundo na testa. Tinha que parar de pensar nela. Ela estava morta. Virara cinzas. Além disso, era uma inimiga odiada.

Fartos pingos de chuva cortaram o céu como flechas, batendo no chão, atingindo toda parte, menos onde os guerreiros estavam; algumas atingiam o chão com tanta raiva que respingavam nas botas recém-engraxadas de Paris. Em seguida, começou a cair granizo, cada pedra batendo forte como um soco.

— Rápido! — gritou alguém.

— O temporal está piorando — outra pessoa avisou.

Passos reverberavam. Paris pensou em hamsters correndo dentro de uma roda enquanto os humanos corriam para seus barcos. A chuva piorava em alta velocidade; os granizos foram ficando maiores e mais pesados. Raios dourados apresentavam uma dança frenética, elétrica. Trovões rugiam; pó e fragmentos eram carregados pelo vento.

A tempestade de Anya era viva, magnética. Os pelos no corpo de Paris ficaram arrepiados. Ele fechou os olhos por um momento, só por um momento, desejando que aquela eletricidade entrasse em seu corpo, matando o homem duro em que se transformara e fazendo com que voltasse a ser o homem tranquilo de antes.

Depois que não restava mais nenhum humano ao redor, a tempestade veio... e formou uma abóbada ao redor do templo. Ninguém seria capaz de passar pelos guerreiros que em breve estariam cercando o local. Nem mesmo pelo ar.

— Área livre? — perguntou Anya.

— Área livre — respondeu Lucien.

Ela baixou os braços devagar. A chuva e o granizo diminuíram e se limitaram à parte externa da abóbada. As trovoadas arrefeceram. Enquanto desaparecia o caos ao redor do templo, Paris vasculhou a área. Ele avistou um brilho prateado, o cano de uma arma escondido entre as paredes de mármore. Ansioso, pegou seu revólver. *Caçador*.

Durante milhares de anos deixou a batalha para Sabin e seu pessoal. Ele tentava levar uma vida boa, tranquila e sem ressentimentos. Afinal, ele ajudara a lançar o mundo na escuridão e no desespero ao soltar os demônios da Caixa de Pandora. Para ele já estava de bom tamanho.

Agora seus antigos pecados não importavam mais. Ele odiava os Caçadores mais do que a si mesmo. E depois de Sienna...

— Caçador — murmurou Lucien, já de punhal na mão. — 11h.

— Meu — disse Paris.

— Estou vendo — disse Sabin —, e me perguntando por que você fica com a parte mais divertida.

— Meu — repetiu Paris.

Sabin revirou os olhos.

— Conte seis antes e aposto que estão todos aqui, esperando.

Seis?

— Eu contei cinco.

— Contou errado. — Foi a única resposta do amigo, que conferiu se o revólver calibre 45 estava

devidamente carregado.

— Nenhum deles tem armas e essas armas não são semiautomáticas de 9 mm — disse Gideon, o mentiroso.

Excelente. Um tiroteio. Paris bloqueou o fluxo de memórias na tentativa de tirá-las de sua mente: tiros ensurdecedores, balas zunindo, uma mulher gemendo de dor.

— Eles ainda não nos viram, do contrário já teriam começado a atirar.

Lucien não respondeu. Ele desapareceu, num momento estava lá, no seguinte, sumia. Reapareceu perto de Anya e disse algo que Paris não ouviu. Anya assentiu e se viu no meio de um pequeno tornado no instante seguinte. Então o tornado se levantou acima, criando um muro grosso entre os Caçadores e os Senhores do Mundo Subterrâneo.

Ouviu-se o primeiro estampido, o voo da primeira bala. Mas ela bateu no muro de vento e caiu no chão, inútil. Lucien apareceu ao seu lado de novo um segundo depois, e Anya não era vista por ninguém. Mas sua revolta ecoava.

— ... me enganaram. O muro era para salvar você, não para me proteger para você poder me teletransportar.

Ele devia tê-la deixado em casa. Ou em cima da abóbada para continuar regendo a tempestade. Outro tiro, e um dos Caçadores berrou “Demônios”!

— Eles vieram — disse alguém alegremente. — Deve ser nosso dia de sorte.

— Você conhece as regras.

O terceiro tiro. O muro de vento havia caído. As pedras explodiram, Paris ficou coberto de pó e a bala o atingiu na parte superior do ombro. Ele se abaixou, já quase se arrastando.

— Vamos dar a volta em direções contrárias — disse Lucien — e nos encontramos no meio quando todos eles estiverem mortos.

— Deixe o sangue correr — murmurou Paris, e encarou Strider, cujos olhos tinham o mesmo tom celeste dos dele. Strider era o guardião da Derrota e não podia perder, a despeito das circunstâncias, do contrário sofria consequências severas e dores excruciantes.

— É preciso deixar um vivo para interrogar — disse Strider.

— Você está pedindo um milagre.

Balas começaram a voar em rápida sucessão, atingindo a todos. Strider sorriu, uma animalesca exibição de dentes que não combinava em nada com seu rostinho de menino bonito. Ele apontou para o sempre silencioso e discreto Amun, um talho negro na noite que caía veloz e que levantou uma arma com tranquilizante.

— Estão aí fora, covardes? — gritou um Caçador.

— Venha nos pegar — replicou Strider. — Se puder.

Paris entendeu, assentiu e guardou sua arma no estojo. Tinham que manter um vivo. Se possível. Com a semiautomática na mão, Paris não tinha certeza se conseguiria manter as coisas num rumo não letal. Strider entrou em ação, mantendo-se abaixado. Ele desapareceu atrás de um arbusto. Poucos segundos depois, ouviu-se um berro na ilha, um berro de dor e choque. Menos um. Só faltavam cinco.

Com a respiração lhe pesando nos ouvidos, Paris deu um pulo à frente. Amun acompanhou seu

passo e os dois deram a volta por paredes de pedra pela metade e se arrastaram pelo chão coberto de musgo. Ele viu seu alvo, um homem por quem ele poderia passar na rua e não olhá-lo duas vezes. Alto. Rosto comum. Tipo comum. O que o entregava era o olhar ameaçador e carregado de ódio.

— Sempre quis ter a chance de encará-lo. Sempre quis capturá-lo. — Sorrindo, ele apontou o cano da pistola de 9mm para a perna de Paris e apertou o gatilho. Apontar para baixo impedia Paris de se abaixar; ele sabia que era essa a intenção do Caçador.

A maior parte das pessoas se abaixou e, se ele fizesse o mesmo, a bala atingiria o coração, imobilizando-o temporariamente. Portanto, Paris voou para cima do atirador na intenção de atacar. E quando a bala o atingiu, ficou alojada na perna. Doeu, porém nada que o fizesse parar.

Ele caiu sobre o Caçador e eles rolaram no chão, indo bater na pedra dura. As peles nuas de ambos sofreram os efeitos dos escombros. Amun apareceu um segundo depois, apontando a arma com tranquilizante e atirando bem no pescoço do canalha. De início, o Caçador não deu sinal de ter sido atingido. Mas quando Paris deu-lhe um soco no rosto, amassando o nariz com a pressão do punho, o homem nem conseguiu levantar a mão sem sentir o dano. Por fim, ele parou completamente e Paris se levantou, arfando.

— Tomara que você... sofra... — conseguiu dizer com a voz engasgada. — Você merece. — Ele fechou os olhos.

O tiroteio continuava, enfurecido, ao redor deles. Strider apareceu um segundo depois e sorriu para Paris outra vez.

— Pronto para o próximo?

— Totalmente. — Ele não olhou para a coxa, que latejava. Mais tarde teria tempo para curativos. Tinha de extrair a bala; ela não atravessara e ele sentia o pequeno cilindro de metal lhe esfolando o músculo. É claro, tinha que arrumar uma mulher e transar com ela para melhorar. Houve tempo em que ria disso. Ele odiava a si mesmo cada vez mais, odiava o que fazia, odiava as mulheres que o aceitavam. *Antes mulheres do que homens*. Seu estômago deu voltas. Do jeito como dependia de sexo, ele *tinha* que ir para a cama com alguém. Se não arrumasse uma mulher...

— Vamos — ele rosnou, e então, juntamente com Amun e Strider, entrou na briga.

Pingava sangue dele, deixando no chão um rastro carmesim que se misturou às poças de lama que sobraram da tempestade de Anya. Suas pernas tremeram e ele tropeçou uma vez.

Não encontrou outro alvo; os Caçadores já haviam sido derrotados. Todos estavam mortos, menos um, e este era o que estava dormindo. Três dos amigos de Paris foram atingidos e Lucien tinha que levar Gideon de volta para a fortaleza em Budapeste para que se recuperasse, pois estava com a barriga toda furada.

Subitamente cansado, Paris afundou no chão. Estava com a calça empapada de água e sangue, devia parecer que havia urinado em si mesmo, mas ele não se importava. *Não consegui matar ninguém*, pensou, decepcionado. Ele queria que um Caçador surgisse do mato. Ele queria atacar esse Caçador. Queria cortar o pescoço do sujeito. Queria apunhalar até cansar e finalmente, era o que esperava, aliviar um pouco seu tormento interno.

Enquanto enfiava os dedos no ferimento latejante, Lucien teletransportou o Caçador até a

masmorra, que passara séculos praticamente sem ser usada e de repente parecia receber um novo ocupante todos os dias. Com todo o trânsito que estavam pegando, também podiam colocar um tapete de boas-vindas em frente à fortaleza. Paris só foi encontrar uma bala poucos minutos depois, quando Lucien retornou. O guerreiro estava pálido, tremendo.

— Você está bem? — Paris conseguiu dizer entre os dentes trincados. Droga, aquilo doía! — O metal estava escorregadio e continuava escapulindo de sua mão.

— Ele acordou e apunhalou a si mesmo com uma pequena faca que tinha enfiado no bolso antes mesmo de eu derrubá-lo. Ele me atingiu no pescoço também. — Havia um buraco perfeito no pescoço de Lucien, do qual jorrava sangue. — Agora estou sendo convocado para transportar os outros.

Enquanto ele falava, seus olhos foram perdendo o brilho e o corpo começou a se mexer mais devagar. Morte o chamara para entrar em ação. Impossível determinar por quanto tempo seu espírito estaria longe enquanto ele e seu demônio conduziam almas ao paraíso. Ou ao inferno. Ele poderia ter levado seu corpo, mas provavelmente não queria lidar com a dor no pescoço.

Paris sentiu pena. O que seria preciso fazer para tirar a bala da coxa? Quando ele finalmente conseguiu, seu braço trêmulo caiu, inerte, os dedos soltando o pedaço de metal. Strider caiu de repente ao seu lado, ileso, e apontou para o ferimento sanguinolento com o queixo.

— Você devia trabalhar melhor os reflexos da próxima vez.

— Vá se ferrar

O amigo sorriu.

— Sinto-me lisonjeado, mas terei de recusar. Você sabe que meu negócio é outro.

Paris jogou a cabeça para trás e fitou a tempestade de raios que ainda mantinha um escudo ao redor do templo.

— Eu caí direitinho nessa.

— Bem, nem todo mundo é tão inteligente e lindo como eu.

Strider tinha que ter a última palavra, então Paris calou a boca e nada comentou. Para se distrair, ele vasculhou o templo para ver o que os outros estavam fazendo. Amun ficou de lado, observando como sempre. Havia sangue em sua mão esquerda. A bala *dele* passara direto, sortudo filho da mãe. O corpo de Lucien ainda estava na vertical, ainda imóvel. Sabin polia uma de suas lâminas.

Estavam quase se sentindo em casa, de tão à vontade.

Ele esfregou a testa na tentativa de aliviar a dor de cabeça que se aproximava, preguiçosamente estudando os demais ocupantes. Danika estava rindo de...

Paris arregalou os olhos. Que diabo? Danika? Aqui? Chocado, ele se levantou com dificuldade. Ao choque seguiu-se uma tontura, fazendo-o cambalear, mas ele conseguiu se manter de pé. No rastro de sangue e água que terminava em seus pés, imagens tremeluzentes formavam uma parede viva.

— Está vendo isso?

— Isso o quê? — perguntou Strider. — Lucien? O cara deveria ter levado o próprio corpo. Por que ele saiu, afinal?

— Não. Isto. — Cada vez mais chocado, Paris apontou.

Strider arqueou uma sobrancelha.

— Sabin? É. Feio como sempre, mas isto não era razão para aquela cara de quem vai vomitar.

— Não, a mulher.

Fez-se uma pausa carregada de tensão. Então ele perguntou:

— Que mulher? — Agora Strider soava confuso.

Paris estava confuso. As imagens eram coloridas, cenas diferentes acontecendo por toda parte, como se fossem distintas telas de cinema. Ele se deu conta de que a única ameaça que tinham em comum era a estrela do show: a linda Danika. Em todas elas Danika pairava nas sombras, meramente observando quem estava ao redor. Como Amun. Havia anjos saltitando alegremente. Havia demônios rindo maldosamente. Na cena final, contudo, Danika ocupava o centro. Seu braço esquerdo estava esticado, com a Caixa de Pandora na palma da mão.

Fazia milhares de anos que ele não via a Caixa, mas ele se lembrava de cada canto, de cada joia encravada, cada faceta do objeto responsável por sua derrocada. Nada mudara na Caixa. Ossos de marfim tirados do corpo moribundo da deusa da opressão foram fundidos, formando um quadrado falsamente pequeno. Rubis, esmeraldas, diamantes e safiras cintilavam em seu centro

Quando Luxúria se deu conta do que seus olhos estavam vendo, o demônio rugiu, retinindo na mente de Paris, louco para destruir aquilo que queria destruir fazia tanto tempo.

Destrua a caixa. Destrua!

— Não posso. Não é de verdade.

O demônio não deu atenção às suas palavras. *Destrua!*

Apesar dos gritos dentro de sua cabeça, Paris se arrastou para mais perto. Naquele retrato vivo final, Danika estendia a caixa, aparentemente oferecendo-a a ele. Ela até acenava para ele.

O queixo dele quase foi ao chão, e até esqueceu a dor que estava sentindo. Que diabo era aquilo?

Capítulo Catorze

— COMO ESTÁ se sentindo, Danika?

Danika sentou na beira da cama de Reyes, a cabeça entre as pernas, a respiração curta. Ela não conseguia encher os pulmões de ar. Uma hora se passara, uma eternidade, talvez, desde que Aeron dissera “Acho que a matei” ao falar da avó de Danika.

Ela exigira saber cada detalhe de Aeron, e o que ele dissera combinava com o que os homens de Stefano haviam visto. *Eu a levei para dentro. Ela já estava sangrando e sentindo dor. Eu mostrei as garras. Ela gritou. É tudo que sei.*

O choque de Danika passara, dando lugar à tristeza e à raiva. Ela não se lembrava de sair da cela. Não se lembrava de entrar no quarto de Reyes. Ele devia tê-la carregado para dentro. Assim como Aeron carregara sua avó para a morte?

— Preciso vê-las — ela conseguiu dizer. — Preciso ver minha mãe e minha irmã. — Será que elas sabiam de vovó Mallory? Será que haviam testemunhado o terrível evento? Ah, meu Deus. Ah, Deus, ah, meu Deus. Lágrimas brotaram, abundantes, em seus olhos. Ela as encontraria, contaria a elas, caso não soubessem, e depois voltaria para apunhalar o maldito coração de Aeron.

Não, nada disso. Ela iria apunhalar Aeron primeiro. Então teria pelo menos alguma notícia boa para dar à família. Pensar nisto não ajudou a animá-la.

Mãos quentes e fortes lhe seguraram os antebraços e a levantaram devagar. A escuridão que lhe assombrava os sonhos havia repentinamente passado a oprimi-la no presente. Mas Reyes parou em frente a ela, determinado a salvá-la.

— Sinto muito pelo que aconteceu, anjo. De verdade.

O queixo de Danika tremia e sua garganta dera um nó.

— Você sente muito? — ela perguntou, sentindo a raiva superar as demais emoções na tentativa de se salvar. — Você participou disso, cafaíste desgraçado! Faça o favor de me deixar em paz! Ela era uma boa mulher. Atenciosa e carinhosa. Amorosa. Reconheça. Você está feliz por ela estar morta, não é? Não está? — gritou ao ver que ele não iria responder.

— Não estou feliz. Sua dor dói em mim.

— E você adora sentir dor, não é?

— Danika, eu... — Uma pausa pesada, opressiva. — Aeron disse que *acha* que a matou. Talvez não tenha matado. Talvez ela tenha sobrevivido.

— Uma mulher de 80 anos contra a força sobrenatural de um demônio? — Ela deu uma risada amarga. — Por favor.

Reyes cravou mais os dedos, quase dolorosamente, enquanto a sacudia.

— Não ouse perder a esperança.

— Esperança. — Ela deu outra de suas risadas tristes.

— Esperança é um demônio pior do que Dor.

Reyes soltou-a como se ela de repente tivesse criado chifres e o apunhalado com eles. Espere. Ele teria gostado disso, pensou ela de modo sombrio, e não teria se afastado. Achou que ele a teria soltado se ela tentasse beijá-lo de novo.

— Responda-me a verdade. Você fez a comparação devido ao seu ódio pelo que ele teria feito ou porque você acredita que Esperança realmente seja um demônio?

— Faz diferença?

— Sim.

Ela deu de ombros, sentindo-se tão anestesiada outra vez que nem tinha mais condições de manter uma conversa.

— As duas coisas.

Que montanha-russa ela vinha vivendo estes últimos dois dias. Era demais.

— Como você sabe que Esperança é um demônio? — perguntou ele de modo autoritário — Os humanos sempre acham que Esperança é boa, maravilhosa e correta.

— Então é verdade? — O que mais havia pelo mundo roubando a alegria e destruindo vidas? — Eu devia estar surpresa.

— Como?

Deu de ombros novamente.

— Vovó Mallory costumava me contar histórias. Eu as achava inofensivas, achei que era o jeito que ela arrumava para lidar com o caos de sua vida.

— Quanto a isto — admitiu ele com relutância —, ela estava certa. Esperança é de fato um demônio. Um monstro alojado agora dentro de um guerreiro imortal.

Como você, ela quase disse, mas se conteve. Reyes não se mostrou maldoso.

— Você conhece esse guerre... demônio? — Ela retorceu os lábios de nojo. — Novamente, por que não estou surpresa? Vovó me disse que Esperança cria expectativas de propósito, faz as pessoas acreditarem no potencial de um milagre, e então ele massacra essas expectativas, deixando apenas cinzas e desespero. — Stefano tinha razão. O mundo seria um lugar melhor sem um demônio desses.

— Nós não somos todos assim — disse Reyes, como se tivesse lido sua mente. — Esperança foi dada a um guerreiro como eu, sim. Galen era seu nome. Mas ele era um homem corrupto, possuído por um demônio corrupto, e a combinação era mais perigosa do que qualquer coisa nesta fortaleza. Quando os conheci, eles adoravam elogiar e levantar a autoestima das pessoas ao redor para depois

esmagá-las.

Ela abraçou o próprio corpo, voltando a sentir frio. Muito frio. De fúria a nada; a *isto*. Uma escala angustiante. Fazia duas semanas que temia esse dia, temia saber que sua maravilhosa avó fora assassinada enquanto Danika estava ocupada demais correndo para salvá-la.

O olhar de Reyes a invadiu, perfurando-a como um raio laser.

— Preciso que você seja sincera, Danika. Algo do que você me disse veio dos Caçadores?

— Não. — Eles não falaram nada sobre Galen e nem sobre Esperança. Um momento se passou em silêncio, ela e Reyes se entreolhando. O que ele estava pensando, ela só imaginava. Que ela tinha de morrer imediatamente e que não havia mais salvação para ela? Que ela não ia cumprir sua palavra agora que sabia que a avó estava morta?

Doce vovó Mallory. Lembranças de uma noite, muito tempo atrás, lhe invadiram a mente. Estrelas brilhavam no céu enquanto ela e a avó acampavam em sua casa na árvore.

Deite-se, garotinha, e vovó vai lhe contar outra história. Trêmula, Danika entrara no saco de dormir. Os aromas frios da noite eram trazidos pela brisa, mas não a acalmavam. As histórias de vovó não eram como os contos de fada que sua irmã gostava de ler para ela.

— *É de assustar?*

— *Talvez. Mas não tem problema sentir medo às vezes. Não quero que você seja como eu. Quero que seja mais forte, mais bem preparada para enfrentar as coisas.*

— *Não quero enfrentar nada. Não gosto de sentir medo.*

— *Ninguém gosta, mas é bom sentir a emoção. É a chance que você tem de provar que é mais forte do que o medo.*

— *T-tá. Vou ouvir a história.*

— *Essa é a minha garota.*

Aquelas histórias de demônios davam medo na época, e isto era quando ela achava que eram pura ficção, mas ela não deixava que elas lhe tirassem o sono à noite nem que a impedissem de aproveitar a vida. Seus pais a mimavam por causa dos pesadelos, mas vovó Mallory a ajudara a encontrar força para que Danika, um dia, não cedesse à pressão como havia feito. Ela ensinara Danika a combater o mal dentro de sua cabeça. Como vencer.

E dera certo... até Reyes e seus amigos entrarem em sua vida. Agora, ela voltara a ser aquela garotinha medrosa. Infelizmente, não havia mais como se iludir, achando que aquelas histórias eram puro faz de conta. Sua avó vira coisas. Coisas feias e más. Coisas *reais*.

— Que outras histórias ela lhe contou? — perguntou Reyes.

— Se eu contar, você me ajuda a encontrar seu... seu... corpo? Vai me ajudar a dar um enterro digno a ela?

— Sim. *Se ela estiver morta.* Ainda acho que há boas chances de ela estar viva.

Não ouse começar a ter esperança. Você acabou de reconhecer que Esperança é um demônio. Danika permitiu que as histórias ocupassem cada espaço disponível de sua mente, selecionando-as, tentando destacar os fatos mais importantes. Quanto tempo levou, isso ela não sabia. Mas quando ela se

concentrou, Reyes estava sentando numa cadeira exatamente em frente a ela, tão perto a ponto de poderem se tocar, com toda paciência, e esperando em silêncio.

— Você sabia que havia mais demônios do que guerreiros imortais? — ela se ouviu perguntar suavemente. — Sem a caixa, alguns tiveram que ser confinados com os prisioneiros do Tártaro. Demônios como Medo. Solidão. Ganância.

Por um fugaz momento ele pareceu não acreditar. Segurou o queixo com dois dedos.

— Algum demônio foi posto dentro dos Titãs? — perguntou, mas a pergunta não foi para ela. Ele estava pensando alto. — Eles eram prisioneiros na época. É claro que havia centenas de outros imortais presos em qualquer década, então... — Ele balançou a cabeça. — Não. Não, isso não é possível. Se isso tivesse acontecido, eu teria sabido.

— Talvez seu demônio não soubesse. Ele estava preso dentro de uma caixinha preta. E duvido que seus deuses lhe digam tudo. Além do que, só sei o que já disse. Acredite ou não. Nem me importo.

— Mas como sua avó podia saber dessas coisas... — Ele parou, sugando o ar. — Ela era como você, não era? Ela tinha visões?

Danika assentiu com tristeza.

— Passamos nossas vidas inteiras assombradas por demônios. — *Ela me ajudou a lidar com o meu, mas não consegui salvá-la do dela. Eu devia ter ficado com vovó, tomado conta dela.*

A pele escura que Danika tanto gostava de tocar foi empalidecendo lentamente.

— Isto é... isto é demais para absorver — disse Reyes. — Mais demônios? Mais guerreiros possuídos? — Ele balançou a cabeça e esfregou o rosto com uma das mãos. — Você sabe o que isto significa?

— Que você tem que cortar minha garganta agora? — A pergunta saiu desprovida de sentimento. Ele estalou a língua.

— Eu lhe disse. Não vou ferir você. Nem agora, nem nunca. Danika, isto significa que estamos ligados desde o início. — Havia perplexidade no seu tom de voz. Reverência. Mas ela não entendeu o sentido disso.

— O começo de quê? — perguntou ela, subitamente tão cansada que mal conseguia manter a cabeça levantada. *Depois de todas as aulas de defesa pessoal e combate que fiz, não consegui salvar a mulher que tomava conta de mim todo verão, brincava de esconde-esconde comigo na floresta e me ensinava a pedalar.* Será que ela estava me vendo do céu, envergonhada? Será que ela agora estava em paz com os anjos que ambas viam em seus sonhos?

Reyes limpou a garganta.

— Nós estamos ligados desde o começo da minha criação, acho. — Isso significaria que o destino desempenhara um papel em suas vidas, e, no momento, Danika não queria pensar no destino.

— A avó que lhe falou de Esperança, é ela quem... — A voz dele sumiu, parecia que ele tinha receio de voltar a tocar no assunto.

— Sim. Foi ela que Aeron... — por Deus, era difícil dizer — ...matou.

Ela nunca mais vai contar histórias. Danika apertou as pálpebras, fechando os olhos com força, impedindo que se formassem lágrimas. *Assim que eu retomar minha força, Aeron é meu.*

Dedos delicados lhe alisaram as sobrancelhas, descendo a curva do nariz de Danika. Ela estremeceu, surpresa pelo calor e pelo conforto que emanava da pele dele para a dela. Como podia ficar lá sentada, deixando um demônio tocá-la assim? Deixando um demônio, *Dor*, confortá-la?

— Fale sobre o guerreiro que carrega Esperança dentro de si. — Ela daria a informação a Stefano sem pensar duas vezes. Não seria uma traição a Reyes informar aos Caçadores sobre um homem que ele desprezava.

Reyes arqueou uma das sobrancelhas.

— Por quê?

— Para me distrair. Não quero mais pensar em... Não quero mais pensar, simplesmente.

Reyes esticou o braço de novo, gentilmente prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Galen e eu já fomos amigos. Soldados do exército de elite de Zeus. Eu ainda não sabia que ele era o tipo de homem capaz de sorrir na frente de alguém e depois apunhalar a pessoa assim que ela virasse as costas.

— Onde ele está agora?

— Não sei. Após a possessão, ele desapareceu. — Reyes se abaixou e beijou-lhe o rosto, roçando a boca suave e gentilmente. — Posso lhe ajudar de alguma forma? Você precisa de alguma coisa?

— Vou destruir seu amigo, Reyes. — Ela reconheceu de modo impetuoso, irredutível. — Aeron. Sei que eu disse que não ia fazer isso, mas...

Ele suspirou, exaurido.

— Só peço que você pense no que faz. Aeron é mais forte do que você. Ele é imortal, você é mortal. Você pode até feri-lo, mas é provável que ele não morra. *Ele* pode machucar você, *e* você sairá destruída.

— Ele tem que dormir. Eu não me importo de cortar-lhe a cabeça enquanto ele dorme. Ou... — Ela o encarou vagorosamente com as pálpebras entreabertas. O quarto sumiu, o foco de Danika se voltou exclusivamente para o guerreiro. — Você é tão forte quanto ele. Você já o derrotou antes. Ele veio me pegar, mas você o impediu.

Enquanto ela falava, o rosto de Reyes foi sendo coberto por uma cortina de hostilidade.

— Mate-o para mim — pediu ela.

— Danika...

— Mate-o, e faço o que você quiser. Corto você quantas vezes quiser.

— Danika — ele repetiu. As três sílabas de seu nome soaram como a deflagração de uma guerra. Ele estava lutando contra si mesmo.

Ela reparou que ele trocou olhares duas vezes com Aeron, mas nunca vira tamanha expressão de tortura no rosto. Um nó se formou na garganta de Danika, que engoliu em seco, sentindo o nó descer e se acomodar no estômago. Mesmo assim, ela não voltou atrás em seu pedido.

— Como já disse, sua avó deve estar viva. Por que você não considera a possibilidade?

— Aeron se lembra de ter visto seu corpo ensanguentado. — Pior ainda, os Caçadores viram

Aeron carregando uma mulher inconsciente. Não que ela fosse capaz de admitir esse detalhe.

— Mas Aeron não se recorda de dar nenhum golpe mortal. Um guerreiro como ele não se esqueceria de algo assim. Isso só pode significar que, quando ele a deixou, ela ainda estava respirando.

Talvez... é possível... e se...

— De manhã vou levá-la até onde estão sua irmã e sua mãe, e talvez você consiga localizar sua avó. Esta noite farei com que Torin as cace... Ah, droga. Quero dizer, as encontre. Torin irá encontrá-las para você.

Danika enrijeceu todos os músculos do corpo, transbordando tensão.

— Ele vai feri-las? Se ele as ferir, vou...

— Não, não. Garanto. Elas não vão sofrer nada.

Ela acreditava nele. Idiotice, mas acreditava. Ela não tinha outra possibilidade de salvação naquele instante.

— Não importa o que aconteça, nós *vamos* encontrar sua avó também. Você vai saber, de um jeito ou de outro, o que aconteceu com ela.

Não importa o que aconteça. De um jeito ou de outro. Frases agourentas. E mesmo assim, a segunda pontada de maldita esperança *brotou*. Talvez... é possível... e se... As frases lhe adentraram a mente outra vez. É da natureza humana desejar o melhor, ela pensou; era duro acreditar no contrário sem prova concreta. Ela não vira o corpo da avó; como Reyes a lembrara; Aeron dissera que *achava* que a havia matado, não que ele realmente tivesse matado. Vovó Mallory *poderia* estar viva.

O torpor que a envolvia começou a derreter; o alívio foi evidente.

— Prefiro partir hoje à noite — ela disse. — Aeron sabe onde elas estão. Faça-o dizer.

— Eu tentei. Duas vezes. Mas você quer mesmo ficar lembrando a Aeron que elas estão por aí? Sabendo que ele está louco para matá-las? Torin pode cuidar disso, não tenho dúvida. Ele só precisa de tempo.

Ela apertou-lhe o pulso e olhou para ele, com vontade de beijá-lo e afastá-lo ao mesmo tempo. Abraçá-lo e bater nele.

— Obrigada.

— Você é tão linda — sussurrou ele. Então balançou a cabeça, parecendo não acreditar que dissera aquelas palavras e precisava clarear as ideias. — Na cela, você disse que pinta para extravasar os pesadelos. Por que você não pinta hoje à noite? Talvez assim se acalme.

Não amoleça. Você já está no limite.

— Você só quer ver dentro da minha cabeça outra vez.

— Tenho o direito de não estar interessado ao mesmo tempo em seu conforto e no conhecimento que você tem sobre os deuses?

Ela o soltou, sentindo-se desolada, e deu de ombros.

— Eu precisaria do material apropriado. — Em seu peito floresceu uma animação ao se imaginar com um pincel na mão. Ela chegou a pensar que jamais fosse pintar de novo. Dois círculos rosados de repente coloriram as bochechas de Reyes, que limpou a garganta. Ele aprumou os ombros e desviou o olhar.

— Eu... eu já tenho tudo de que precisa. — Danika observou atentamente seu perfil. O nariz dele era um pouquinho mais comprido do que os dos outros guerreiros, muito aristocrático. Seus cílios eram grossos e curvos. O queixo sobressaía tenazmente.

— O que quer dizer?

— Visitei sua casa. Eu estava com a sua bolsa, seu endereço, e, depois que você partiu, não consegui ficar longe de você. Fui até sua casa, vi seu material e trouxe algumas coisas para a fortaleza. Só para garantir. — Ele disse com uma voz travada. — Vai usar o material?

Só para garantir o quê?

— Eu... Talvez. — Ele havia entrado na casa dela? O que ele pensou de sua casinha pequena e entulhada? Adorou? Odiou? E por que a imagem dele cercado por suas coisas parecia algo tão... natural? Reyes não tentou pressioná-la. Ele simplesmente assentiu, demonstrando compreender sua relutância.

— Preciso sair um pouco para conversar com Torin. Pode ficar sozinha sem problema?

Ela não tinha certeza se algum dia ela se veria livre de problemas, mas disse:

— Sim. É claro.

Reyes a encarou, se abaixou e deu-lhe um beijo suave nos lábios. Ela abriu a boca automaticamente, recebendo-o. A língua quente e comprida de Reyes avançou devagar, com ternura, dando conforto em vez de paixão. Ela aceitou, não conseguiu resistir.

— Anjo — ele sussurrou.

Ela abraçou-lhe o pescoço por iniciativa própria, puxando-o mais para perto. Talvez continuasse assim, abraçada, para sempre. Naquele lugar, naquele instante, não havia dor nem perda nem se... Apenas um homem forte que espantava *seus* demônios. Ele encaixou os dedos na cintura dela e a puxou para junto de si. As pernas de Danika se abriram para permitir o contato final, o encontro da rigidez com a suavidade. Um gemido de puro desejo escapou dos lábios dela, afastando-lhe a fadiga.

Ela se lembrava de como ele a beijara pela manhã, sem sentir prazer de verdade. Até ela machucá-lo. Ele chegou a dizer a ela que não conseguia *sentir* de verdade sem um beliscão, uma mordida ou arranhão. Mesmo assim, aquele beijo representava a transmissão de sua força para ela, e Danika queria que ele gostasse. Disse a si mesma que queria que ele gostasse, para que assim continuasse a protegê-la. Queria que ele a escolhesse, optando por matar Aeron. Ela disse a si mesma que era porque, se Reyes a desejava, não lhe faltaria com a palavra. Ele a levaria ao encontro de sua família pela manhã.

Infelizmente, sabia que estava mentindo. No fundo, ela o desejava loucamente, e o desejava desde a primeira vez em que o viu. Ela fora aprisionada naquela fortaleza e se vira cara a cara com Reyes depois que ele adentrou impetuosamente o quarto onde estava trancada, exigindo uma médica para Ashlyn. Foi como se tivessem acendido um fósforo dentro do peito de Danika, incendiando-o. Calor e ardência. Todo homem com quem ela já saíra, todo homem que já beijara, além dos dois homens com quem dormira na vida simplesmente desapareceram de sua mente, como se jamais tivessem existido.

Que estranho.

Tirando seus sonhos e suas pinturas secretas, jamais fora uma garota extravagante. Ah, ela acreditava no amor, apesar de seus pais terem se divorciado quando estava entrando na adolescência, apesar de seu pai ter ido embora e constituído outra família, esquecendo-se da família que já tinha, mesmo assim ela acreditava. Seus avós haviam se amado loucamente; só se separaram na morte.

E apesar de Danika jamais ter amado ninguém, sempre se contentara em esperar, não forçar a barra como muitas de suas amigas faziam. Ela costumava viver como se sempre fosse haver amanhã, como se o presente não importasse. Como se o futuro representasse mais do que o presente.

Tudo mudara após o sequestro. Seu mundo caíra e enquanto juntava, pouco a pouco, as peças de sua vida, Danika percebeu que o futuro não estava garantido. O que importava era o presente. Nada mais.

No momento, tinha Reyes. Ela teria de feri-lo para que gostasse dela. Antes, ao vê-lo se cortando, Danika achou que jamais seria capaz de fazer isso. Mas naquele momento...

— Eu quero — disse, só se dando conta de que pensara alto quando as palavras reverberaram em seus ouvidos.

Ele mordiscou o lábio inferior.

— O quê? O que você quer? — Seus dedos apertaram-lhe a cintura, indo bem fundo.

— Você. — Ela mal conseguiu respirar. As finas linhas que lhe contornavam os olhos se suavizaram.

— Você não sabe o que está pedindo, anjo.

— Então me mostre.

— Não. — Ele voltou a juntar seus lábios aos dela, e a lamber sua língua com aquele sabor viciante que parecia uma droga para os sentidos sedentos de Danika.

Desde quando não a abraçavam desse jeito? Quando foi que ela parou antes para se entregar a uma *sensação* dessas?

— Nós temos que parar em breve.

— O quê? — Ela o abraçou com mais força. — Não!

— Temos que parar. — Ela envolveu seus pulsos com os dedos, apertando com firmeza, preparando-a. Ele afastou-lhe os braços do corpo e então ousou soltá-la. Ela abriu os olhos. Ele estava suando, seus lábios apertados formavam um traço delgado. Sua respiração estava irregular. Linhas de tensão lhe delineavam os belos olhos castanho-escuros, olhos vivos que transmitiam mil desejos diferentes, desejos que ele não permitiria que ela alcançasse.

Parece que daquela vez ele a desejava, mas ela não o ferira. Ele tinha dito que lhe era impossível desejá-la sem dor. O que isto significava?

— Você não precisa de carícias masculinas no momento. — Um passo, dois, ele recuou.

Ela espalmou as mãos sobre as coxas, cravando as unhas bem fundo.

— Você não estava me acariciando.

— Mas queria.

E ela teria se importado? Surpreendentemente, Danika achava que não. Ele lhe dera esperança, odiava ter esperança, mas estava grata. Ou será que estava novamente possuída pelo demônio dele? Ele esticou o braço e afastou várias mechas de cabelo da testa dela. O braço dele tremeu.

— Descanse, anjo. Amanhã viajaremos, e teremos de ser rápidos e ficar nas sombras.

Por causa dos Caçadores, ela completou em silêncio. Aqueles a quem ela devia estar ajudando.

Sentindo-se vazia, ela assentiu.

— Se você mudar de ideia sobre a tela, o material está atrás daquela porta. — Ele apontou.

Ela soltou um suspiro, observando-o dar meia-volta e sair do quarto. Havia uma faca em sua mão.

QUANDO REYES CHEGOU ao banheiro do quarto vazio no fim do corredor, desabou sobre o chão frio e duro. Ele fizera de tudo para esconder de Danika sua fera interior. Reyes não quisera que ela soubesse que ele estivera a ponto de rasgar suas roupas e possuí-la violentamente, como também estivera perto de implorá-la que o apunhalasse.

Ele ficou surpreso com a profundidade do desejo que sentia. Ela não o havia ferido, mas mesmo assim ele estava pronto, ávido. Era a primeira vez que acontecia algo assim, e era chocante demais para acreditar.

Ele precisava entrar em contato com Lucien e contar-lhe sobre os outros demônios e os guerreiros possuídos. Ele precisava achar Torin e colocar o guerreiro na trilha da mãe e da irmã de Danika e, possivelmente, sua avó. Mas não assim. Reyes estava alterado demais, o demônio estava berrando demais dentro de sua cabeça, pedindo dor. Fazia semanas que ele não sentia tanto desejo, foi pego de surpresa. Como mantivera o controle, como se segurara para não machucar Danika, isso ele não sabia. Por que isso acontecera, ele tampouco sabia.

Com mão trêmula, ele abriu a calça. Suas unhas eram garras que cortavam a pele, a pele que pegava fogo e lhe apertava os ossos. Sorriu quando seu membro pulou, liberto, mas não houve alívio. Doía, ah, deuses, era doloroso o prazer que ele sentia ao respirar o cheiro de Danika, ao ver seus lindos olhos devorando-o, ao sentir seus lábios nos dele.

Seus dedos envolveram o membro rijo com tanta força que as juntas dos dedos embranqueceram, e ele soltou uma mistura de suspiro e assovio. *Não é a minha mão*, ele fingiu, *é de Danika*. Sim, ele podia imaginar facilmente aquela mão macia e delicada segurando-o, apertando-o e levando-o ao limite do prazer-dor. Reyes gemeu, apertando mais e aumentando o ritmo, depois diminuiu. Com a outra mão ele pegou a faca e apertou a ponta fria sobre a coxa. *Vamos. Corte*. Fazendo um traço vertical, ele cortou fundo, bem fundo. A pele se rasgou e o sangue brotou. Com um traço para baixo, ele cravou a lâmina ainda mais, abrindo uma veia.

Não basta. Não chega nem perto.

Havia talhos fundos no cabo do punhal, e esses talhos lhe cortaram a mão, tirando ainda mais sangue. Sentiu ódio de si mesmo e girou a faca no músculo, só parando ao atingir o osso.

Por que não posso ser normal? Por que não posso fazer amor com uma linda mulher com a gentileza que ela merece?

Ele torceu o pulso, abrindo um buraco no fêmur. Jogou a cabeça para trás e soltou um grunhido pela maravilhosa sensação, sentindo um jato de prazer que lhe atravessou o corpo como se fosse uma

droga fazendo efeito em seus sentidos, como se fosse outro demônio.

Só mais um pouco.

Ele continuou o movimento para cima e para baixo, formando um grosso rastro de sangue que escorria. Ele retorceu os quadris, continuando a torcer a faca. Outra onda de dor, de prazer lascivo.

E se ele não precisasse de dor? E se Danika estivesse ali, sugando-o?

— Sim, sim — ele ficou repetindo. Imaginou aqueles cabelos ensolarados esparramados sobre sua perna; talvez conseguisse ver a ponta rosada da língua dela na ponta de seu pênis. Ele estava quase sentindo o leve roçar dos dentes dela ao engolir o membro.

Será que ela gostaria do sabor dele?

Talvez ela o engolisse enquanto ele a lambia e sugava também. Outro gemido lhe escapou. Ela estaria molhada, molhada para ele e mais ninguém. Ela teria gosto do manjar dos deuses que ele misturava em seu vinho. Imaginou-a pingando de desejo. *Por mim, só por mim.*

Por nós, o demônio interferiu, rugindo em sua mente.

Reyes trincou os dentes. *Por mim. Nunca por nós.* É por culpa sua que não posso tê-la.

Eu não abri a caixa, abri?

Reyes girou a faca mais uma vez, e a ponta da lâmina quebrou o osso e atingiu direto o músculo seguinte. No momento da penetração, ele foi tomado pelo clímax. Rugiu alto e longamente, contraiu os músculos e emitiu jatos de sêmen que se misturaram ao sangue. Ambos lhe escaldaram a pele como ácido sulfúrico sobre seda.

Reyes só perdeu seu último resquício de força após o último jato, e então caiu, totalmente depauperado. Ele soltou os braços, sem vida. Estava arfando, com um gosto metálico na boca. Durante o orgasmo ele mordera a boca por dentro. *Não posso ficar aqui. Tenho que limpar isso antes que alguém me encontre.*

Abriu os olhos devagar e a luz dourada do sol lhe adentrou a consciência. Ele precisava achar Torin e...

Os pensamentos desapareceram com o susto.

Danika estava parada em frente à porta do banheiro, fitando-o, horrorizada.

Capítulo Quinze

DANIKA NÃO SABIA como assimilar o que acabara de presenciar. *Era disso* que Reyes precisava para sentir prazer? Antes, parte dela chegara a pensar em lhe dar o que ele queria. Mas ele não se contentara em cortar a pele. Ele cortara as veias, o músculo e até o osso. Havia tanto sangue, um verdadeiro rio que se empoçava e congelava ao seu redor.

Ele estava olhando para ela com olhos entreabertos, lábios retorcidos, respingos carmesim no queixo.

— O que você está fazendo aqui? — Frieza, emoção zero.

— Eu se-segui você — ela extraiu as palavras com esforço. — Eu... Eu... — Ela estava tremendo demais e sua garganta ameaçava se fechar devido à sensação da bile subindo.

Será que outras mulheres o haviam machucado daquele jeito antes? Será que alguma lhe dera prazer daquela maneira? A ideia a perturbou um pouco, mas não tanto quanto deveria ter perturbado. Ela não gostava de pensar em outras mulheres atendendo os desejos de Reyes. Ela não gostava de pensar em outras mulheres fazendo com ele coisa nenhuma que ela não tivesse feito, ou que talvez não pudesse fazer.

Reyes se levantou tropeçadamente, vacilando. Jorrava sangue de sua coxa. Ela achou ter visto o osso quebrado debaixo do músculo e não conseguiu desviar o olhar. Seu olhar foi aprisionado e acompanhou cada gota que caía. O pênis dele ainda estava orgulhosamente ereto, repleto de desejo e de sangue, com os testículos pesados pendendo logo abaixo.

Mesmo possuído como estava pelo demônio da Dor, ela não entendeu como ele podia ter prazer com algo tão brutal.

— Olhe para mim — ele berrou.

— Estou olhando. — Um sussurro quebrado.

— Para o meu rosto. — Ele levantou a calça com um só movimento, fechando-a em seguida.

Aquele gesto a tirou do estado de transe. Ela foi tirando os olhos do corpo dele gradualmente. Seu umbigo era cercado por pelos leves como paina — como ela não percebera antes? — e a barriga tinha músculos bem desenhados, sinal de sua força extra-humana.

Ela tremia mais à medida que os olhos se aproximaram do rosto dele. A barba por fazer lhe

escurecia o maxilar, endurecendo os ângulos do rosto, dando-lhe um aspecto mais perigoso. Ele a fitava, sério, seus lábios se afastaram dos dentes. Suas narinas inflavam quando ele inalava.

— Eu disse para você ficar no meu quarto. — Os olhos dele, normalmente cor de ônix, estavam vermelhos. Brilhando. Pulsando.

Ela engoliu em seco.

— Eu não pude, eu não...

— Vá embora!

— Não fale assim comigo. Ouviu?

— Vá embora. Por favor. — Um sussurro.

Ao vê-lo arfando, furioso, ensanguentado como se tivesse acabado de chegar da guerra, ela perdeu seu... o que quer que estivesse sentindo. Nojo? Confusão? Choque? *Eu quero pintá-lo assim, ela pensou.* Ele era uma beleza. Moreno, uma combinação de canela e mel, com olhos que eram como o sol em eclipse; era difícil optar entre fitar aqueles olhos e ficar cego para todo o resto ou desviar o olhar rapidamente.

Mas o que mais a intrigava era sua tatuagem. Aquela borboleta, que com suas asas abertas em pleno voo consumia parte do peito e do pescoço, parecia observar Danika e chamá-la para que se aproximasse. Ela sempre fora nefasta e agressiva, quase má, mas naquele momento parecia... simpática. A pele colorida brilhava em uma mistura de rubi, ônix e safira. As asas normalmente afiadas e duras como aço estavam mais suaves.

Já vi isto antes, ela pensou. *Já pintei isto antes.* Havia algo inquestionavelmente familiar na borboleta, mas não o suficiente para ela identificar com objetividade. Talvez fosse o fato de já ter visto algumas das tatuagens dos outros guerreiros. Cada um deles tinha uma em diferentes partes do corpo, e cada um com uma cor diferente. Maddox tinha uma nas costas; Lucien, no peito. Aeron, ela pensou sentindo um arrepio, no corpo inteiro.

Danika se viu esticando o braço trêmulo, desesperada para sentir a marca de Reyes, conhecer sua textura, sua temperatura. Quente e saliente? Ou fria e lisa?

Ele deu um pulo para trás e bateu com as costas na parede, os braços abertos para se equilibrar. Ele empurrou a pia, o sabonete escorregou e caiu no chão. *Tum.*

— Não me toque, Danika.

Ela baixou a mão, o rosto vermelho de vergonha.

— Desculpe — murmurou ela. — Sinto muito.

Você já devia saber. Ele está animalesco no momento; você precisa ter cuidado.

— Não peça desculpas. — Com gestos curtos, ele pegou uma toalha ao lado da pia e começou a limpar o sangue. — Lamento você ter presenciado isto. Por favor, vá... volte para o meu quarto. Por favor. Estarei lá em pouco tempo. — O pedido soou desconexo, mostrando como ele estava perturbado.

— Vou ajudá-lo a limpar. Eu...

— Não! — Ele gritou tão alto que ela se encolheu de medo. Droga! Onde estava sua coragem? Onde estava sua promessa de nunca mais fugir da briga? Assim que o grito parou de reverberar,

Reyes endureceu o corpo, parou de se movimentar e disse: — Desculpe. De novo. Você não fez nada de errado, só ofereceu ajuda. Mas eu sempre limpo a sujeira que faço, não vou permitir que você suje suas preciosas mãos.

Preciosa? Ela? Não havia o menor sarcasmo em seu tom de voz, apenas sinceridade absoluta. Ele voltou a se mexer, mas ainda lhe dando as costas.

— Por favor, Danika. Saia.

Danika então entendeu que ele estava constrangido pelo que fizera. Ele estava com vergonha. Ela não sabia o que dizer para tranquilizá-lo. Não sabia o que *pensar* para se tranquilizar. Saiu do banheiro. Ela não tirou os olhos de Reyes, que ainda estava se limpando e evitando olhar para Danika, até que o ombro dela bateu na moldura da porta e ela se viu sem escolha. Quando chegou ao corredor, se apoiou junto à parede. Tremia por dentro.

Ela queria encontrar Ashlyn, discutir o assunto com alguém capaz de entender, mas a amiga partira com Maddox e os outros logo cedo. Ashlyn dissera que tinha umas conversas a ouvir, e foi uma surpresa para Danika saber que o superprotetor Maddox concordara que viajasse. Ela devia voltar como Reyes ordenara? Ou ficar e esperar por ele? Ambos apelaram a ela, mas por motivos distintos. Se ela fosse embora, teria tempo de se acalmar, de pensar. Ficar lhe daria oportunidade de acompanhar Reyes quando ele fosse conversar com Torin sobre a família dela.

Reconheça. Você está preocupada com Reyes. Você quer vê-lo de novo.

Ela ficou. Quinze minutos se passaram e seus ouvidos foram tomados por passos arrastados, água corrente e xingamentos. Por estranho que parecesse, ela não explodiu de impaciência enquanto sua mente dava voltas e ameaçava abrigar uma tempestade.

Ela tinha algumas decisões fundamentais a tomar. Combinara fazer contato com Stefano mais tarde, e o pequeno celular que ele lhe dera estava coçando no bolso. O que ele iria fazer se deixasse de ligar? O que ela queria que ele fizesse? Com Reyes assistindo-a em tudo, as coisas ficavam... complicadas.

Ah, ela ainda queria vingança. Se ela descobrisse que Aeron realmente matara sua avó, ela voltaria à cela dele para cortar-lhe a cabeça sem pensar duas vezes. Mas e se ele não tivesse matado vovó Mallory?

Não ouse perder as esperanças. A voz de Reyes sussurrou em sua mente, apesar de ambos saberem que a esperança podia ser uma coisa do mal.

Ela conseguiria deixar os Caçadores invadirem a casa dele, capturarem os moradores, feri-los, aprisioná-los e assassiná-los? Reyes não ficaria de fora disso. Eles queriam pegá-lo, eles o odiavam. E ela não poderia avisá-lo, pois ele avisaria aos outros, o que destruía totalmente o objetivo de manter Reyes a salvo, a única decisão correta que ela havia tomado.

Ela já achava que estava toda enrolada. Naquele momento, então... O que deveria fazer? Sentia-se entre a cruz e a espada. Algo ia acontecer e teria de escolher.

— Danika.

Ao ouvir o som da voz de Reyes, ela abriu os olhos. Quando os fechara? Ele surgiu em frente a ela, esse guerreiro que tanto a dividia. Ele se limpara; e guardara as emoções com a mesma eficiência

com que lavara o sangue. O rosto carecia de expressão, mas bastava vê-lo para seu coração disparar.

— Você esperou — ele disse.

Se isto o irritava ou agradava, ela não sabia.

— Sim — disse ela, aspirando profundamente seu cheiro de pinho fresco. Ele usava uma camiseta preta e uma calça limpa. — Gostaria de acompanhá-lo a esta conversa com Torin.

Ele pendeu a cabeça para o lado, fitando-a bem nos olhos.

— Você não está... com medo de mim?

— Não. — Verdade. Ela só estava mais confusa do que nunca.

Ele soltou um suspiro, sentindo-se banhado por um rio de bem-estar.

— Você me desarmou novamente.

Tanto quanto ele a desarmara?

— Não entendo isto. — Nem a ligação entre eles, nem a falta de vontade de se ferirem quando era isso que se esperava de ambos.

— Nem eu. — Ele estendeu a mão. — Vou levá-la para ver Torin, mas você não vai tocar nele. Você não pode nem chegar perto dele.

— Certo.

— Isto é sério. Você se lembra da epidemia que aconteceu em Budapeste quando estive aqui?

Ela assentiu, entrelaçando seus dedos nos dele. Ao primeiro contato, ela foi tomada pelo calor que dele emanava.

— Se você sequer tocar nele, mesmo que seja de leve, vai acontecer outra epidemia daquelas.

REYES ADORAVA SENTIR seus dedos entrelaçados aos de Danika. Toda vez que estava sozinha e ele a procurava, a tocava, ele a encontrava com a pele fria como gelo. Segundos depois de tocá-la, o gelo sempre derretia dentro dele, causando um formigamento delicioso.

Doloroso.

Ele tentou não pensar no que Danika testemunhara. Mas os pensamentos vinham assim mesmo. Ele deve ter parecido um verdadeiro monstro ao sentir prazer com um ato tão sanguinolento. Ele havia dito o nome dela em êxtase? Não tinha certeza.

Ele dobrou uma esquina, querendo olhar para ela, mas sem se permitir. Ela o vira em seu pior estado, mas nem por isso saíra correndo, gritando, apavorada. Ele se segurou neste pequeno consolo. Mas ao ver a expressão chocada que ela fez, Reyes entendeu que jamais poderia trazer Dor para seu relacionamento com ela. Ou seja, ele não podia fazer amor com ela. Jamais. *Você já sabia disso.*

Ele achou que talvez estivesse nutrindo esperanças subconscientes de que um dia ele *talvez* pudesse ter Danika na cama, total e completamente, sem rezear machucá-la, sem precisar que ela o fizesse sentir dor e sem que ela acabasse virando uma assassina. Esperança tola. Esperança maldita. A esperança era um verdadeiro demônio.

É o melhor, ele procurou se convencer. Seu anjo só merecia o bem. Ela merecia um homem bom, alguém que a fizesse rir. Alguém que não lhe desse nojo. De si mesma e dele.

Pensar assim lhe despertou o ciúme, uma fera bem mais cruel que Dor, gritando dentro de sua

cabeça, raspando-lhe o crânio.

— Você está apertando minha mão — disse Danika, ofegando, aflita.

Ele logo segurou mais de leve.

— Desculpe. — Algum dia ele conseguiria deixá-la partir?

— Sou mais durona do que você pensa — disse ela. — Só não quero quebrar minha mão boa de bater antes de encarar um de seus amigos.

Ela falou de brincadeira, provavelmente querendo animá-lo, mas ele levou a sério. Naquela fortaleza, ela precisava de cada átomo de força. Seus amigos eram uma ameaça ao seu bem-estar e ela jamais seria recebida como Ashlyn e Anya acabaram sendo. Lutando contra um redemoinho de emoções, ele levantou a mão de Danika e deu um beijo suave na parte interna do pulso.

— Vou tomar mais cuidado com você, juro.

Ela sentiu um arrepio.

Chegaram ao fim do corredor e pararam. A porta do quarto de Torin estava fechada. Ouviram vozes abafadas do outro lado. Risadas? Reyes franziu as sobrancelhas e bateu na porta. As vozes cessaram abruptamente.

Cameo abriu a porta e Reyes ficou momentaneamente emudecido, perplexo. Bela como sempre, morena e pequena, e guerreira feroz que poucos tiveram o privilégio de ver em batalha — e viver para contar a história —, Cameo normalmente ficava sozinha ou nas sombras quando estava na fortaleza. Não por opção, ele achava, mas porque os homens não podiam ficar perto dela sem querer matá-la. Ela carregava toda a infelicidade do mundo em seus olhos prateados e voz atormentada.

Ele jamais a ouvira rir antes, jamais a vira sorrir. Nem antes de abrirem a *dimOuniak*. Era chocante vê-la dando risada, ainda mais com Torin, que não podia tocar em nenhum ser vivo, nem mesmo imortal. Torin normalmente evitava mulheres como a peste que ele abrigava dentro daquele corpo aparentemente saudável. Ele não podia ir para a cama com mulher nenhuma, por isso normalmente não gostava de sofrer a tentação de se expor à presença delas.

Que diabo estava acontecendo?

— O que você quer? — perguntou Cameo. Deuses, que agonia. Ouvi-la foi como mergulhar em um pesadelo.

— Por que de repente eu vejo o punho de sua adaga e fico querendo cravar a lâmina em meu peito? — sussurrou Danika, confusa e um pouco atordoada ao ver a guerreira. Até onde ele se lembrava, ela não vira nenhuma mulher guerreira na última vez em que estivera na fortaleza. Ou seja, aquele era seu primeiro encontro com Infelicidade. A primeira vez era sempre mais difícil.

— Tape os ouvidos e feche os olhos.

Danika resolveu não questionar desta vez, obedecendo prontamente.

— Eu preciso falar com Torin — ele disse a Cameo.

Ela recostou a cintura no batente da porta.

— Bem, você pode voltar depois. Eu cheguei aqui primeiro. Esta é sua mulher?

— Sim — ele acrescentou afobadamente — *Você* pode voltar depois. — Ele teve que desviar o olhar. Seu peito doeu, e não foi uma dor boa. Estaria um... romance nascendo entre Cameo e Torin?

Coisas estranhas andavam acontecendo, pelo jeito. Como Danika, que estava lá com ele em vez de fugir.

— Ela é bonita.

Linda, ele diria.

— Vá embora, e eu lhe dou a adaga preta de que gostou. A que está na parede do meu quarto.

A ansiedade cobriu suas feições inesperadamente. Droga, ele estava olhando para ela de novo. Voltou a sentir dor no peito. Ele esfregou o ponto logo acima do coração enquanto Cameo olhou rapidamente para trás, parou e voltou a encará-lo.

— Tudo bem. Eu vou — ela disse, e deu meia-volta. Ao desaparecer corredor abaixo, ela ainda acrescentou: — Mas volto logo, então seja breve.

Reyes pegou a mão de Danika. Não podia ficar muito tempo sem tocá-la de *algum* jeito; sua pele gelada voltaria a esquentar. Ela abriu os olhos, aqueles magníficos olhos verdes de anjo que o cortavam e acalmavam ao mesmo tempo.

— O que aconteceu? — perguntou, ainda um pouco tonta.

— Cameo é a guardiã da Infelicidade.

— Ah. Isto explica muita coisa. Pobre mulher.

Reyes a levou para dentro do quarto de Torin. Um sofisticado sistema de computadores ocupava a parede do fundo. Monitores brilhavam com diferentes cores e cenas, algumas da subida para a colina na qual repousava sua fortaleza, algumas para a cidade e seu povo.

Torin estava sentado numa cadeira giratória, encarando-o com os braços cruzados sobre o peito. Ele tinha cabelos brancos e olhos verdes, um pouco mais escuros do que os de Danika; olhos que brilhavam ameaçadoramente.

— O quê? — disse ele no mesmo tom incomodado que Cameo usara.

— Você quer me dizer alguma coisa? — perguntou Reyes.

Torin olhou para Danika de modo incisivo, voltando-se para Reyes em seguida. — Tem algo a me dizer?

— Não.

— Bem, esta é sua resposta. Por que você está aqui?

— Minha família — disse Danika, já transmitindo ansiedade. Ela deu um passo à frente, conteve-se e recuou.

— Você sabe onde elas estão? Aeron mencionou uma cidade pequena em Oklahoma.

— Esta informação teria sido útil algumas horas atrás. — Torin virou-se para olhar para os computadores. Sua destreza com eles era a razão pela qual os guerreiros sempre tinham bastante dinheiro. — Eu e os caras tivemos uma conversa hoje de manhã antes de partirem. Lucien me pediu para procurar esta mesma informação. Sabe, quando você e sua família estiveram aqui da outra vez, coloquei corante em sua comida.

Reyes lhe acariciou o braço na esperança de fazê-la relaxar. Felizmente ela não explodiu ao ouvir aquilo.

— A sua desaparecia bem mais rápido do que o esperado — continuou Torin. — Não sei se era por você estar com medo e suando mais, ou por que razão. O corante deveria ficar no seu organismo

por meses. Mesmo assim, sua irmã desapareceu em seguida, depois sua avó e sua mãe. Eu passei semanas sem ver o menor rastro de nenhuma delas. Não se preocupe, sei o que está pensando. Eu devia ter colocado um GPS no seu sapato, mas não me ocorreu. Vivendo e aprendendo.

Reyes duvidava de que Danika estivesse pensando nisso, mas continuou quieto.

— Enfim, passei horas nos computadores à procura do menor relance de brilho. Nada.

Danika ficou tensa de ansiedade, e de esperança também? Mas logo afundou em decepção. Ele soltou a mão dela e passou o braço ao redor de sua cintura, procurando transmitir sua força para o interior do corpo dela. Ela apoiou o corpo no dele. Procurando conforto?

— Até — Torin acrescentou, dedos digitando no teclado — isto.

Danika voltou a ficar tensa.

— O quê? — As palavras pingavam excitação, tornando o ar pesado.

Sem tirar os olhos do monitor, Torin fez um gesto no ar com a mão.

— Você já viu Paris assando biscoitos, certo? Ele não tem o menor talento, eu sei, mas não é essa a questão. Quando você come esses biscoitos eles quebram e somem pelo seu corpo. Só que não somem. Há efeitos posteriores. Gordura, colesterol e por aí vai. Nosso corante é uma mistura especial de ingredientes que modificam a química de um corpo humano de modo que cada indivíduo emita sinais próprios. Os efeitos remanescentes são bem mais fortes do que os de um biscoito. Melhor ainda, me lembrei de que ainda podem ser rastreados depois que o corante em si já foi eliminado.

Agora foi Reyes quem ficou tenso. Ashlyn quase morrera ao ingerir um “ingrediente” feito apenas para imortais.

Ao perceber o rumo tomado pelas ideias de Reyes, Torin acrescentou:

— Eu não o teria usado nas mulheres se Sabin já não o tivesse testado em alguns Caçadores.

Reyes foi relaxando aos poucos. Ele se deu conta de que Danika estava respirando com dificuldade. Ele a apertou forte.

— Em cinco minutos — Torin disse —, terei um mapa impresso com a localização atual de sua família. Você pode me ligar depois, quando estiver perto delas, e lhe direi se elas não mudaram de posição.

Então um tremor abalou a frágil silhueta de Danika.

— Minha avó, você também sabe onde ela está?

Uma pausa. Um movimento curto de cabeça.

— Já usei o programa para seguir seu rastro, mas nesta semana houve pouca atividade relacionada ao sinal dela.

A esperança acendeu o rosto angelical de Danika, iluminando o recinto inteiro.

— Ela está viva, então. Está viva mesmo! Aeron se equivocou. Se ela tivesse morrido, não haveria sinal. Certo?

Torin respondeu sem hesitação, com uma expressão impassível.

— Certo.

Arregalando os olhos, ela pôs as mãos na boca.

— Ah, meu Deus. Este... este é o melhor dia da minha vida! — Com uma risada luminosa, ela se jogou nos braços de Reyes, afundando o rosto na curva de seu pescoço. Sua pele era sedosa como

uma pétala e emanava o perfume do céu noturno.

— Estou tão feliz agora que parece que vou explodir.

Reyes a abraçou, mas ficou de olho em Torin. O amigo assentiu brevemente com a cabeça em resposta à pergunta não verbalizada de Reyes. Um corpo morto, ao que parecia, podia emitir sinais, sim.

Reyes respirou fundo e fechou os olhos. Ele a abraçou, adorando senti-la, cada músculo de seu corpo se achegando a ela. Reyes chegou a tremer, tamanho o esforço para se conter, mas não tinha como impedir que suas unhas crescessem e que seus dentes virassem presas. Essas coisas só aconteciam quando o demônio ficava com fome.

Eu já o alimentei. Apenas... aproveite-a. Talvez eles não a tenham por muito tempo.

Quando ela ficasse sabendo que um cadáver podia ser rastreado... Reyes se sentiu consumido pelo horror do que imaginou e fechou os olhos. Ela recebera uma dose de esperança, nefasta esperança. A mesma esperança que ele tentara lhe dar antes. Ele não iria tirar-lhe essa esperança. Ainda não.

Capítulo Dezesseis

— DESTA VEZ, fique aqui — disse Reyes.

Ele deixou Danika em seu quarto e saiu para fazer sabe Deus o que, batendo a porta ao sair. Ela esperou por longos e angustiantes momentos antes de se sentar na beira do colchão, sem tirar os olhos da entrada. Quando percebeu que ele iria demorar, Danika relaxou e pegou o pequeno telefone celular do bolso da calça jeans.

Stefano imaginara que os Senhores do Mundo Subterrâneo fossem vasculhar Danika e tomar o telefone dela para localizá-lo, mas achou que valia a pena correr o risco. Ela pensou o mesmo. Todo mundo levava um celular consigo naqueles dias. Ela não pensara que os Senhores do Mundo Subterrâneo deduziriam automaticamente que algum Caçador tivesse lhe dado o aparelho. Naquele momento, ela bem que gostaria que Stefano não tivesse enfiado o aparelho em seu bolso depois de drogá-la, ou então que os guerreiros *o tivessem descoberto*. Assim ela não teria que passar por este dilema: checar ou não checar as chamadas?

Em tese, a decisão era fácil. A família vencia. Sempre. Nem sempre as coisas eram tão simples, como veio a perceber. Os Senhores do Mundo Subterrâneo sabiam onde estava sua família, mas nunca atacaram. Ponto a favor deles. Por outro lado, os Caçadores nunca tentaram fazer mal à sua família, mas e se ela resolvesse ajudar os Caçadores e eles não conseguissem derrotar os Senhores do Mundo Subterrâneo? Afinal, eles já vinham fracassando há séculos. Os guerreiros talvez ficassem sabendo que ela tentou ajudar o inimigo e assim acabariam com ela de uma vez por todas.

Mas se ela não checasse para ver se havia alguma mensagem ou ligação perdida, os Caçadores poderiam tentar invadir a fortaleza para salvá-la. Poderia haver briga. Se Ashlyn voltasse, poderia ser ferida, e o bebê também. E Anya também. E Reyes.

Ela olhou para as próprias mãos. O teclado do celular estava embaçado. Reyes cuidara tão bem dela. No dia seguinte ele ia levá-la ao encontro de sua família. Ah, Deus, sua família. Todos os pensamentos conflitantes se desfizeram, e sua mente se concentrou por completo nas mulheres que ela tanto amava.

Os lábios de Danika se levantaram num sorriso de felicidade. Elas estavam vivas, e estavam juntas. Ela não entendia por que vovó Mallory saíra da casa onde estava sem dizer nada, apesar de

continuar em Oklahoma, e também não entendia por que ela não dava um telefonema. Não entendia por que as três resolveram correr o risco de ser capturadas e permanecer juntas; ela não queria nem saber. Elas estavam vivas! Isso era tudo que importava.

Teria de ligar para Stefano e dar um jeito de conseguir um pouco mais de tempo para decidir o que fazer. E tinha de ser imediatamente, antes de Reyes voltar. Contendo uma onda de pavor, ela digitou o número. Levou o telefone ao ouvido com a mão trêmula.

— Happy House — uma voz grossa atendeu.

— Sou... eu.

Após uma pausa elétrica, o tom de falso funcionário desapareceu.

— Você ainda está viva.

— Estou. Eles me trataram bem — admitiu.

— O demônio sempre sorri antes do golpe final.

A ligação ficou ruidosa.

— O que você descobriu?

— Existe outro demônio à solta, chama-se Esperança, e é inimigo deles. Fora isso, não consegui descobrir mais nada. Eles me mantiveram isolada, ficaram me fazendo perguntas sobre você e seu pessoal.

— Outro demônio? — Ouviu-se o som de uma caneta rabiscando papel. — O que você disse a eles?

— Que vocês me fizeram perguntas sobre eles, mas que eu não disse nada. — Pelo menos isso era verdade.

— É possível procurar diários, fotos ou alguma informação sobre eles na fortaleza?

— Não. Estou trancada dentro de um quarto.

— Você não sabe abrir fechaduras?

— Não. — Outra mentira.

— Você chegou a pensar... — ele não completou.

Em seduzir algum deles para conseguir informações, ela completou para ele.

— Eu... Eu... — Ela não conseguiu se forçar a responder.

— Apenas pense nisso. — Houve uma pausa. — Tudo que você faz é por um bem maior. Lembre-se do que eu lhe disse. Paz, harmonia. Sem adultério, sem suicídio. O bem-estar de sua família.

Mesmo de um jeito fanático, ele se importava com o mundo e com as pessoas e estava disposto a fazer algo por elas. Não era totalmente altruísta, mas acreditava que a perfeição estava logo ali, e que os Senhores do Mundo Subterrâneo eram a única coisa que a impedia de ser instalada.

Danika não sabia mais no que acreditar. Reyes dissera que haveria mal no mundo enquanto as pessoas tivessem livre-arbítrio, com ou sem demônios à solta.

— Vou pensar nisso. — Mas ela sabia que não ia pensar coisa nenhuma. Ela não viraria uma vagabunda por ele, nem por causa nenhuma. Só iria para a cama com Reyes por desejo.

— Andamos vigiando a fortaleza — Stefano disse —, mas não tem nada acontecendo aí dentro. Faz alguma ideia do que estão fazendo?

Se ela admitisse que a maioria dos Senhores do Mundo Subterrâneo estava em Roma, os Caçadores iam achar que a fortaleza estava ganha e iam invadir. Torin, Cameo e os outros que ficaram na fortaleza não conseguiriam lutar contra todos eles.

— Não sei — disse ela, enfim. *Deus, será que estou possuída pelo demônio das Mentiras?* — Vou tentar descobrir.

— Você ouviu...

— Espere. Alguém está chegando. Tenho que desligar. — Outra mentira, mas assim ela desligou e enfiou o aparelho no bolso outra vez. Por um longo instante, ficou simplesmente parada, tremendo. Então encolheu os ombros e cobriu os olhos com a mão. Teve dificuldade para respirar.

O que há de errado comigo?

Ela já se perguntara a mesma coisa milhares de vezes. Achou que podia ter uma resposta, para variar. Paixão. Ela estava completamente apaixonada por Reyes, e estivera desde o começo.

Pronto. Ela admitira. Sem desculpas desta vez, sem hipocrisia. Ele a atraía; ela o desejava e precisava *parar* de sentir esse desejo, pois estava começando a fazer tudo em função dessa atração; só pensava nisso e no fato de estar perdendo o bom senso.

Danika deu um pulo. Seus joelhos quase entortaram, mas ela se agarrou ao pé da cama e segurou firme. Estar com Reyes não seria um prazer. *Não podia ser.* Ela teria de golpeá-lo. Mas talvez ela precisasse fazer isso para passar pela experiência. Talvez assim finalmente conseguisse tirá-lo da cabeça e parar de fantasiar com ele. Ela podia expulsá-lo de sua mente da mesma forma que expulsava os pesadelos ao pintar.

A ideia deixou sua pele arrepiada e um calafrio lhe cruzou a espinha, fazendo-a tremer ainda mais. Ficou com a boca seca. Desejo e nervosismo corriam em suas veias, um equilíbrio de bem e mal. Ela riu da ideia, mas pareceu grasnar.

Danika lambeu os lábios, soltou o pé da cama e tropeçou para a frente. Não sabia quanto tempo Reyes ia demorar. Ela teria de se manter ocupada, distraída, do contrário estaria ansiosa e desequilibrada demais quando ele voltasse, incapaz de fazer mais nada na cama senão dormir.

Havia apenas uma coisa que ela sabia que podia absorver sua concentração total. Pintar.

Ela foi até o armário fechado com as mãos coçando de vontade. Sentiu o metal frio na pele e girou a maçaneta. Entrou esperando um armário cheio de coisas. Em vez disso, encontrou outro quarto de dormir, espaçoso, arejado e transformado em ateliê.

Ela assimilou o luxo e não conteve um leve ofego. Telas e mais telas em branco esperavam por ela, todas em seus devidos suportes. Junto à parede do outro lado do recinto havia uma mesa com pincéis de variados tamanhos e tubos de tinta.

Ele fez isso para mim. Não por querer ver os sonhos dela. Ele não sabia dos sonhos quando preparara o ateliê. Mas simplesmente porque ele queria que ela fosse feliz. Perceber isso foi tão chocante quanto se deparar com o estúdio, e ela acabou ainda mais suavizada em relação a ele.

— O que vou fazer com você, Reyes? — ela se perguntou com um sussurro. Quantas vezes Reyes a surpreenderia assim? Primeiro, todas aquelas roupas, depois suas tentativas de confortá-la para que não sentisse mais medo e, enfim, aquele ateliê maravilhoso. Tudo que ele fazia e dizia era

um atentado contra seu senso de autopreservação. A mão de Danika vibrava sobre seu coração disparado. Nem mesmo em casa ela podia contar com tamanha variedade de tintas e telas. Ela conseguia pagar as contas pintando retratos, mas dinheiro de sobra era raridade.

Antes que ela se desse conta do que estava fazendo, Danika se viu em frente à mesa, levantando pincéis, avaliando seu peso e sentindo suas cerdas. Reyes queria ver imagens de seus sonhos, os anjos e os demônios, os deuses e as deusas. De repente ela quis lhe dar tudo, qualquer coisa.

Mas ao observar com atenção a paleta de cores, tanto as tintas a óleo quanto as acrílicas, Danika sentiu que não seriam seus sonhos o tema do primeiro quadro. Seria ele.

REYES PREPAROU OUTRA refeição para Danika. Felizmente Paris tinha ido às compras antes de seguir para Roma, então havia muitas opções. Ele levou a bandeja de peixe fresco e salada para seu quarto, mas, ao chegar lá, sentiu um princípio de pânico: onde estava Danika? Não demorou a encontrá-la no ateliê, serenamente pintando algo em uma das telas. Estava tão entretida que não ouviu Reyes entrar. Nem olhou para ele ao ouvir seu nome.

Seus olhos grandes estavam vidrados como se ela estivesse em algum tipo de transe. Seu pulso deslizava para cima e para baixo sobre a tela branca com graça, balançando o corpo de um lado para outro como em uma dança. Ele sentiu uma pontada no peito e seu membro se manifestou. Dor bateu em seu crânio para forçá-lo a possuí-la. *Nada disso.*

Reyes saiu, não queria distraí-la. Respirou devagar, tentando conter o coração disparado. Ele não achou que a linda imagem fosse sair da sua cabeça. Cabelos negligentemente presos em um rabo de cavalo, com várias mechas escapando. Manchas escuras na bochecha e no queixo. Lábios vermelhos e brilhantes, devido à leve mordida de seus dentes.

Ele estava duro de desejo e tremendo incontrolavelmente quando chegou à sala de entretenimento. Ele não percebera o que fizera, mas já estava apalpando suas lâminas. Desesperado para sentir um pouco de dor, ele se jogou na poltrona de tom vermelho-escuro; os homens se recusavam a comprar os estofados de outra cor por causa dele, fato que às vezes o envergonhava.

Pelo menos ele não estava sentindo vontade de pular do teto da fortaleza de novo.

— E aí, qual é a boa da noite?

Reyes virou a cabeça de repente ao ouvir aquela voz desconhecida. Uma de suas adagas voou um segundo depois. Um guerreiro desconhecido estava deitado em uma cadeira reclinável vermelha e felpuda, de pernas esticadas, a própria imagem da tranquilidade. Ele pegou a arma de Reyes sem pestanejar e observou atentamente o cabo da adaga.

— Bom trabalho. É você mesmo que faz?

Então ele o reconheceu de súbito.

— William. — O amigo de Anya.

Não era qualquer um que conseguia subir a colina e entrar na fortaleza sem disparar as armadilhas e os sensores de Torin. Mas Torin os desligara para ele, e Anya avisara a todos na casa para deixá-lo em paz, do contrário, sofreriam as consequências.

— Sim, sou eu. Já sei, já sei. Você está lisonjeado por eu estar aqui e quer jogar pétalas de rosas

aos meus pé, e coisa e tal. Mas não precisa. Apenas tente pensar em mim como um cara normal.

Reyes revirou os olhos. Anya se esqueceu de dizer que o imortal era um babaca arrogante.

— Sim, fui eu que fiz a adaga. O que você está fazendo aqui?

William franziu o cenho e passou a mão forte nos cabelos negros como a noite mais escura.

— Tédio, meu amigo. Tédio. Todos saíram sem me fazer nem uma festinha de boas-vindas nem nada. Resolvi assistir à televisão, mas só tem filme pornô e faz semanas que não pego uma mulher, estou ficando com dor de cotovelo.

— Os filmes são de Paris — disse Reyes.

Uma risada. William balançou a cabeça.

— Não diga mais nada. Conheci o cara.

— Eu não perguntei o que você está fazendo nesta sala. Estou perguntando o que está fazendo em Budapeste. Por que está aqui na fortaleza?

William deu de ombros; ombros *grandes*.

— A resposta é a mesma. Tédio. Bem — ele acrescentou depois de pensar por um instante —, talvez isso mude um pouco. Anya foi me visitar não faz muito tempo e me colocou em situação difícil com o novo deus-rei. Eu pisei na bola e incendiaram minha casa, apesar de ele ter conseguido o que queria de qualquer jeito. Não tenho mais para onde ir e Anya me deve essa.

Reyes enrijeceu cada músculo do corpo, entrando em estado de alerta.

— Se você veio para feri-la, vou...

— Relaxe. — O guerreiro levantou a mão aberta. Seus olhos azuis cintilaram enquanto, com a outra mão, ele levantava a camisa. — Eu não poderia feri-la nem se quisesse, e acredite: eu quis. Ela me apunhalou bem aqui.

Reyes olhou para a barriga dele. Havia uma cicatriz longa e grossa que atravessava o umbigo.

— Legal.

— Essa garota sempre foi boa com as facas. — William baixou a camisa e sorriu.

A não ser pela cicatriz, olhar para William era como fitar o ser mais perfeito jamais criado. Pele perfeita, bronzada e lisa. Nariz perfeito, inclinado e reto. Dentes perfeitos, maçãs do rosto perfeitas, queixo perfeito. Ele tinha músculos exatos e exalava autoconfiança. Reyes não queria aquele homem perto de Danika. Só de pensar em Danika sentia uma frio na barriga.

— Você disse que queria uma mulher? — perguntou Reyes.

William se sentou, o rosto praticamente aceso de ansiedade.

— Tem alguma em mente?

— Encontre-me na porta da frente. Quinze minutos.

Sem dizer mais nada, Reyes saiu da sala e voltou para seu quarto. Danika estava no mesmo lugar em que ele a deixara, ainda perdida em sua pintura. Ela nem havia começado a acrescentar as cores, ainda traçava os contornos.

Ele não entendia a dinâmica de pintar uma tela, mas estava achando que ela ainda passaria algumas horas naquela função. Seu corpo pegava fogo, mais do que antes, e ele precisava de dor. Resolver as coisas ao seu modo não ajudara em nada, o que ele conseguiu foi scandalizar e constranger Danika.

No dia seguinte eles viajariam, passariam algum tempo bem perto um do outro. Ele iria sentir seu doce aroma o tempo inteiro e morreria de desejo por ela. E provavelmente não seria possível ele se cortar. Se não saciasse sua necessidade por completo à noite, acabaria se machucando ou apavorando Danika. Dor podia tentar forçá-la a fazer coisas que ela não ia querer fazer. Coisas que a assombrariam pelo resto da vida. *Isto* Reyes não ia tolerar.

Talvez ele pudesse pegar outra mulher.

Ele foi atormentado pela ideia enquanto tomava banho. Limpo e seco, cheio de armas por todo o corpo, pegou uma camisa limpa e um sobretudo de couro. Enquanto amarrava as botas, observou Danika trabalhar. Levar uma mulher para a cama era perigoso, e podia ser desastroso. Quantas vidas ele já havia destruído?

Talvez não fosse mais assim. Talvez já tivesse passado tempo suficiente para a força do demônio não atacar mais suas parceiras. Talvez. Além disso, Reyes tinha mais controle de si mesmo agora. Mas a mera ideia de ficar com outra mulher o repugnava. Ele queria *aquela*. Ele queria *o corpo dela* sob o dele, *as pernas dela* lhe agarrando a cintura, apertando-o; eram os gemidos *dela* que ele queria em seus ouvidos.

Mas não podia tê-la e sabia disso. Agora, não. Ainda não. Se a mulher que ele levasse para a cama aquela noite não desse sinal de gostar de sangue... talvez. Tudo que ele podia fazer era inalar o aroma de Danika, pelos deuses, aquele aroma de tempestade marinha que o enlouquecia, e sair do quarto.

William já estava na porta da frente, andando de um lado para outro. Ao avistar Reyes, parou e sorriu.

— Aonde vamos?

— Club Destiny. — Antes que Reyes pudesse mudar de ideia e resolver ficar em casa, saiu porta afora. Era dia e o ar estava levemente frio, o céu carregado de nuvens de chuva. Vários raios de sol penetravam pelas copas das árvores.

— Vai ter alguém lá? — perguntou William, caminhando ao lado de Reyes. — É meio-dia.

— Vai ter gente lá. — Muita gente. — Paris visita o clube a todas as horas do dia e da noite, então as mulheres ficavam lá, esperando por ele.

William esfregou as mãos.

— Humanas, não é?

— Sim. — Ele deu a volta pelo grosso tronco de árvore, tomando cuidado com os galhos. Bastava um toque para que atirassem dardos envenenados direto no peito.

— Você não é chegado a humanas?

Ele deu uma olhada no guerreiro.

— Como assim?

— Você falou com uma voz de nojo.

Ah, sim. Ele estava enojado. De si mesmo.

— Eu gosto das humanas. Cuidado com aquela pedra — ele acrescentou sem pausa. — Tem um buraco do outro lado.

Eles desviaram, já na metade do caminho. O vento soprava nas folhas e assoviava por entre as

pedras.

— Por que tantas armadilhas aqui em cima? — perguntou William, nitidamente intrigado. — Eu reparei nas cordas militares, nos dardos envenenados e nas pedras penduradas ao subir.

— Os Caçadores já deram as caras por aqui.

— Ah. Não diga mais nada. Vamos voltar à louca.

Reyes cerrou os punhos, sentindo-se despojado demais sem suas adagas. Ele se sentia como se estivesse sendo observado por olhos ocultos, vendo suas falhas, seus erros. Julgando. Condenando. Deixá-la na fortaleza podia ser a decisão errada, mas ele não sabia mais o que fazer. Ele a desejava tanto, tinha que possuí-la, mas só poderia fazer isso depois que tivesse certeza de que ela estaria a salvo de seu demônio. Ou seja, tinha que estar com outra mulher. Mas será que ela o desejaria se ele saísse com outra?

— Ela tem um ar de agressividade. Gosto disso.

— Ela está fora de questão — rebateu Reyes.

— Ai. Assunto delicado. Vejo que seu pequeno demônio desperta quando se toca no nome dela. Seus olhos ficam vermelhos como os de Lucien costumam ficar quando ele olha para mim. — Rindo sem medo, William levantou as mãos como quem se rende. — Juro que não falo nunca mais da sua garota.

— Você é esquisito — disse Reyes. — A maioria morre de medo do meu demônio. Você ri.

— Não se esqueça de que lutei contra Anya, e ela é pior do que todos os seus demônios juntos. — William abraçou o ombro de Reyes. — Depois de dez minutos comigo, vou poder ajudá-lo a tirar da cabeça essa pessoa de quem não posso falar. Você vai ver.

Eles foram descendo o monte em silêncio por vários minutos até chegar à parte de baixo. A sensação de estar sendo observado aumentou e Reyes estudou a área, vasculhando as sombras. Não percebeu nada estranho nem ninguém espreitando, mas não baixou a guarda.

— Vamos acabar com isso — disse e seguiu em frente.

Capítulo Dezessete

— SEU RELATÓRIO, Stefano?

— Com prazer. Falei com a garota. Ela disse que tem outro demônio. Esperança. Disse que este demônio é inimigo dos Senhores do Mundo Subterrâneo. Está na cara que mentiram para ela. Esperança não é do mal. Além do mais, nunca o vimos nem ouvimos falar dele. Quanto à movimentação, às 3h da tarde, aquele que se chama Reyes saiu da fortaleza com um guerreiro que ainda não conseguimos identificar. A garota também saiu da área.

— Ela estava amarrada?

Dean Stefano se sentou à escrivaninha e segurou o telefone perto da orelha, pingando de suor. Depois de falar com Danika, ele havia passado um tempo em frente ao saco de pancadas, socando com vontade. Depois recebeu uma ligação de uma fonte confiável que lhe deu notícias inesperadas. Notícias que poderiam destruir tudo pelo que ele vinha trabalhando fazia mais de dez anos.

Então teve de parar para fazer, ele mesmo, uma ligação. *Essa* ligação. Seu coração batia incontido.

— Não — disse. — Ela não parecia subjugada, de forma alguma. Ela estava com a mulher demônio, Cameo, acompanhando-a com aparente tranquilidade. Eu diria que ela age por livre e espontânea vontade. Pode estar agora mesmo trabalhando com os demônios. — Seria uma pena se fosse verdade; ele apostara muitas fichas em Danika.

Seu chefe permaneceu em silêncio por vários segundos. Já fazia uma década que vinham trabalhando juntos e ele sabia que Galen era obstinado em sua luta por um mundo sem Senhores do Mundo Subterrâneo. Era implacável, brutal em seu combate. Íntegro.

Era assim que devia ser. Galen era um anjo que veio do paraíso. Um anjo de verdade que voou pelos céus nas asas da glória. Stefano não acreditara nele, não no começo. Até que viu as asas. *Depois* olhou bem dentro dos olhos dele; olhos insondáveis como o céu, olhos que ofereciam esperança em um mundo de desespero. Stefano se agarrara àquela esperança com todas as forças.

Galen garantira a Stefano que, quando os demônios partissem, o mundo se tornaria um lugar tranquilo. Dor e infelicidade, pestes e doenças seriam coisas do passado, memórias distantes. Fazia dez anos que ele estava nessa batalha sem jamais se arrepender. Sua esposa estaria vingada e nenhum mal aconteceria mais a casais felizes como eles eram.

— Fique de olho neles. Não confie na garota e não deixe que eles a levem a parte alguma. Se tentarem tirá-la de lá, mate-a.

— Pode contar comigo. — Na guerra sempre havia baixas. — Mas tem outra coisa. — Ele engoliu em seco. — A garota... ela não é meramente humana. Segundo minha fonte, é uma espécie de arma viva. Sobrenatural, como os demônios. O que ela é exatamente, ele não sabia. Mas se ela *estiver* trabalhando com os Senhores do Mundo Subterrâneo e se ela *tiver* poderes especiais...

Houve uma pausa.

— Então por que você deixou que ela fosse embora? Não só deixou, mas praticamente mandou entregá-la embrulhada para presente ao inimigo?

Porque você me mandou, ele pensou, mas não disse nada. Eles tinham o mesmo objetivo, e discordar só os faria perder tempo.

— Peço desculpas. Como devo agir?

— Resgate-a. E se você não conseguir... mate-a. Antes ela morta do que ajudando-os.

DANIKA OLHOU AO redor do clube noturno. Um estrobo prateado pendurado no teto lançava faíscas de luz para todos os lados. As faíscas brilhavam como estrelas em um céu negro aveludado, feito para sonhar e desejar.

As caixas de som berravam com um rock húngaro. As pessoas dançavam, ondulando os corpos ao ritmo impetuoso. Mãos roçavam, acariciavam, se apertavam... buscavam. O odor de sexo praticamente revestia o ar. Garçonetes equilibravam em suas bandejas bebidas que levavam do bar às mesas em incessante vaivém.

Onde estava Reyes? Na pista de dança? Esfregando-se em outra mulher? Pedindo para outra arranhá-lo, mordê-lo, *feri-lo*? Danika cerrou os punhos. Ela havia terminado os traços básicos de duas telas e chegara até a acrescentar algumas cores. Uma ela escondera. Era apenas para seus olhos. A outra, ela pendurou no ateliê antes de sair à procura de Reyes, sabendo que ele ia querer ver. Mas não o encontrou. Encontrara Cameo, a linda mulher que lhe deixava com vontade de arrancar os olhos e enfiar gravetos nas orelhas.

Cameo a levara ao clube e estava ao seu lado.

— Escute. Eu não devia tê-la trazido aqui, nem deixá-la sair da fortaleza, aliás. Se tentar fugir, não vai gostar quando eu lhe pegar. Mas sou uma romântica de coração mole, por isso aqui estamos. Você o viu?

— Não vou fugir. — A dor sentimental causada pela voz da mulher era quase insuportável, Danika quase tapou os ouvidos para não ouvir. — E não, eu não o vi ainda.

— Quando você o vir, não se esqueça de que ele é um guerreiro com um passado turbulento que você nem sequer imagina. Se você o quiser, terá de lutar contra ele.

Talvez fosse o assunto, porém quanto mais Cameo falava, mais emanava uma sensação de infelicidade.

— Você quer dizer lutar *por* ele?

— Ah, não. Você terá de lutar contra ele. Ele não vai ceder às suas emoções com facilidade. Boa

sorte. Não se esqueça: se fugir, vai se arrepender. — E assim a guerreira desapareceu nas sombras, deixando Danika sozinha à porta.

Bem, sozinha, mas cercada de gente. Será que havia algum Caçador entre aquelas pessoas? A desconfiança lhe provocou um calafrio. E se eles *estivessem mesmo* no clube? Stefano lhe dissera que vários de seus homens estariam na área. E se eles a vissem? E se tentassem falar com ela? Deus do céu. Ela e Stefano não pensaram no que fazer neste tipo de situação porque nenhum deles pensou na possibilidade de ela deixar a fortaleza. Apesar de sentir o sangue congelar, Danika começou a suar.

Droga, onde estava Reyes?

Enquanto abria caminho entre a multidão, seu olhar observava cada rosto. Ninguém conhecido. Quando chegou ao bar, ela já não sabia se estava aliviada ou aterrorizada.

— O que vai querer? — perguntou o barman em húngaro.

Ela passara um mês estudando a língua antes de viajar com a família, então conseguia se virar.

— Uma Coca-Cola — ela respondeu, pois não queria se arriscar a beber álcool. Seria ótimo se embriagar, mas ela precisava estar com todos os sentidos bem alerta. Poucos segundos depois, o homem lhe passou a bebida, e ela lhe entregou um dos tíquetes coloridos que Cameo lhe dera com relutância. Então Danika se voltou para a pista de dança de novo. E nada de Reyes. Já trêmula, Danika seguiu em frente, tentando não derrubar a bebida do copo.

Um homem agarrou-lhe o braço que estava livre, sorrindo e puxando-a para perto. Ela fez cara feia e puxou o braço. Sua expressão deve ter sido apavorante, pois o sujeito ficou pálido e levantou as mãos em sinal de rendição.

Ela tomou um gole de refrigerante e seguiu em frente, sempre olhando atentamente, a pressão sanguínea aumentando. Do outro lado do clube havia uma parede repleta de janelas erguidas com vista para o chão. Outro salão? Provavelmente. E provavelmente era um salão VIP com segurança na porta. É, ela viu dois segundos depois. Havia mesmo um segurança.

Você é esperta. Às vezes. Você pode dar um jeito de entrar. Determinada, ela empinou o queixo e caminhou com passos firmes. O homem alto e musculoso em frente à escada olhou para ela carrancudo, e fechou a cara mais ainda à medida que ela se aproximava. Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Estou à procura de Reyes — disse ela, primeiro em inglês, depois com seu húngaro macarrônico. Os olhos castanhos do homem não indicaram reconhecimento.

— Cai fora, moça. Este salão é particular. — Inglês. Pelo menos ele era educado a ponto de lhe dar um passa-fora em sua própria língua.

Ela insistiu.

— Será que o senhor não poderia apenas dizer a ele que...

— Saia ou vou colocá-la para fora daqui.

— Tenho uma informação de que ele precisa, e ele vai... — O guarda esticou o braço para empurrá-la. Mas dedos fortes lhe envolveram e apertaram o pulso, fazendo-o soltar um uivo.

— Não toque na garota. — Uma silhueta enorme saiu das sombras. — O que você está fazendo aqui? — a figura rosnou, soltando o segurança.

Danika arregalou os olhos, boquiaberta. Seu coração instantaneamente disparou, como se estivesse sendo guiado em um tango frenético, como se imitasse os dançarinos atrás dela. Reyes estava à sua frente com todo seu tamanho, cortado e sangrando. Havia restos de sangue coagulado em seu pescoço. Sua camisa preta estava rasgada, com um furo na altura do umbigo revelando um pequeno pedaço de pele bronzeada.

— Eu fiz uma pergunta, Danika.

Ele estivera com outra mulher. A sensação de saber isso foi como receber uma dúzia de flechas envenenadas no peito. Ela pensou na última vez em que dormira com um homem. Infelizmente, tinha de retroceder muitos anos. Pior ainda, nem fora tão bom. Faltara algo. Algo que o beijo de Reyes prometia. Ou pelo menos ela achava que prometia. A vontade que teve foi de dar uma pancada no nariz dele, enfiar a cartilagem cérebro adentro, mas conseguiu se conter a tempo. Ele ia gostar.

E não haveria mais momentos de prazer para Reyes. Não se dependesse dela.

— Vim lhe dizer que seu inimigo pode estar aqui, observando-o. Eu não sabia que você havia saído para uma caçada. — Ela pôs a bebida na mesa mais próxima, deu meia-volta e saiu. Para onde ela estava indo, não sabia. *Não vou chorar.*

Agora aqueles dedos fortes a seguraram pelo ombro. Desta vez ela não conseguiu se conter. Virou-se e deu-lhe um soco direto no olho, fazendo-o virar a cabeça.

Quando ele se endireitou, ela viu suas narinas infladas de... desejo? Ah, sim. As pupilas dele também estavam dilatadas, consumindo-lhe as íris castanhas. Ele tentou tocá-la.

— Não me toque — gritou, recuando.

Ele baixou o braço.

— Se me bater de novo, vai se arrepender.

— Você vai revidar?

— Não, mas vou me jogar sobre você, não vou conseguir parar de beijá-la.

— Ah, isso aí — uma voz masculina gritou acima deles. — Acabe com ele, gatinha. Vá com tudo.

Ela olhou para cima. Um lindo homem abrira as janelas do salão VIP e estava com metade do corpo apoiado em uma delas. Havia duas mulheres ao seu lado, alisando seus ombros e costas, lambendo-o e fazendo chamego.

O que estava acontecendo com Reyes antes de sua chegada? Danika ficou cega de ódio. Ele, ao menos, ainda estava vestindo uma camisa.

— Traga-a aqui para cima, amigo — disse um estranho, sorrindo. — Deixe-a participar da festinha.

— Cale a boca, William — rosnou Reyes. — Você não está ajudando em nada.

Enquanto ela o ajudava e colaborava com sua causa através de suas telas, Reyes saía para pegar mulheres e fazer amigos. Que lindo.

— Vamos. Traga a loura. Tem espaço de sobra, e sem você vou ficar entediado.

— Não quero que ela suba aí.

Afinal, ela estragaria sua diversão. Não havia razão para dizer isso em voz alta. Danika já tinha

ouvido o suficiente. Havia cerca de três metros entre eles. Se ao menos ela conseguisse parar de tremer. *Por que eu me importo com quem ele esteve? Ele é um demônio. Eles são maus. Às vezes. E estou trabalhando para seus inimigos mortais.* Mais ou menos.

Alguém passou por trás dela, rindo de alguma coisa que alguém disse, e ela abriu caminho com um breve “Desculpe-me”.

— Ei — gritou ele. Qualquer coisa que ele tenha pensado em dizer morreu em seus lábios quando Reyes foi atrás dela e empurrou o sujeito para passar.

Ele a agarrou pela cintura. Ela olhou para ele, séria, mas não resistiu. Não havia razão para resistir. Fisicamente, ele era mais forte do que ela. Onde está *todo seu treinamento*? Ele a conduziu em meio à multidão. As pessoas ficavam boquiabertas quando ele chegava perto, e tratavam de sair do caminho. Se não fossem ágeis, eram empurradas para o chão. Ninguém exigiu pedido de desculpas nem pareceu se importar, ela reparou. Algumas pessoas até *sorriam* quando ele as tocava, como se ele fosse um deus, o salvador de todos.

— Sei que os Caçadores estavam de olho — disse ele. — Mas Torin também os estava observando e me ligou quando houve um problema. E vai me ligar se tiver outro. Como soube que eles estavam aqui? Você viu seu sequestrador?

Eles, Reyes dissera. Mais um problema.

— O que aconteceu?

— Mais tarde conversaremos.

— Não vou voltar à fortaleza com você — ela disse, ignorando sua pergunta.

— Não vai mesmo.

Então... o que era? Onde ele a estava levando? Será que ele ia se livrar dela? Mandá-la para longe?

— Você é um cafajeste, sabia? Mas tudo bem. Não importa! Pode me jogar na rua. Não quero saber. Vou embora amanhã mesmo, e a jornada será bem mais fácil sem você.

Eles chegaram à parede lateral, três portas os receberam. Em duas estava escrito “banheiro” — um masculino, outro feminino — e uma delas dizia *Mantenha distância* em grandes letras vermelhas. Reyes arrombou a última porta com o ombro, destruindo a maçaneta, e entrou. Havia uma mesa, várias cadeiras, arquivos e um computador. Ah, e quatro homens. Os quatro se levantaram, espantados com Reyes.

— Saiam — ele berrou.

Houve uma leve hesitação, mas eles não reclamaram. Quando retomaram o fôlego, assentiram e saíram correndo do escritório, como se estivessem com os pés em brasas. Danika foi até a mesa com passos rápidos.

— Como ousa?

Ele a fuzilou com os olhos.

— Como ousa o quê? Pegar essa sala? O clube foi destruído pelos Caçadores quase dois meses atrás e eu o reconstruí em três dias. Pode ter certeza de que eles ficam felizes de me deixar usar o que quiser.

Inclusive as clientes?, ela quase gritou, mal conseguindo conter as palavras.

— Não, como ousa me obrigar a vir para cá? Estou de saco cheio de você! — E o que ele quis dizer quando falou que os Caçadores haviam destruído o clube? Ela se lembrava de como ele ficara depois da explosão, mas não se dera conta de que os Caçadores haviam sido os responsáveis.

Ele diminuiu a pequena distância que restava entre eles. O hálito de Reyes percorreu seu rosto e ela tentou prender a respiração. Prendeu mesmo. Mas só por um minuto, antes de aspirar seu cheiro com pulmões desesperados.

— Não está, não — ele disse suavemente, ameaçadoramente. Apesar de querer parar de olhar para aquele rosto tão lindo, hostil e furioso, ela não desviou os olhos. *Agora sou forte. Não baixo a crista. Nunca.*

— Você está com raiva porque saí sem você?

— Por favor. — Ela empinou o queixo e enquadrou os ombros como havia aprendido em uma das aulas. Às vezes parecer confiante bastava para assustar o oponente. — Não estou com raiva.

— Mentirosa — ele disse. Os cílios superiores dele se entrelaçaram aos de baixo, bloqueando a vista de suas pupilas por breves momentos. — Por quê? Diga.

— Vá para o inferno.

— Quantas vezes preciso dizer que já estou lá? — Ele se abaixou e se aproximou mais um pouco. Ela foi abalada por mais um tremor.

— Não há o que discutir. Vim lhe avisar sobre os Caçadores, e já avisei.

— Creio que perguntei como você sabia.

— Creio que me recusei a responder.

Ele inclinou a cabeça para o lado, fitando-a de cima a baixo, detendo-se nos pontos certos.

— Você vai me trair, Danika?

— Deveria — ela disse, praticamente cuspiendo as palavras.

— Mas não traiu. — Ele queria saber a verdade.

Os lábios dela se afinaram como uma linha. Ele massageou a nuca, aparentando súbito cansaço.

— O que vou fazer com você? — A pergunta foi nitidamente dirigida a si mesmo.

— Nada. Vou embora e você volta para sua namorada. Não se preocupe. Não vou voltar para a fortaleza. — Cameo escolheu as palavras certas para invadir a mente dela. *Você o deseja, terá de lutar por ele.*

Já perdi, ela pensou. Mantendo o nariz empinado, ela passou por ele. Ou melhor, tentou. Reyes esticou o braço, formando um bloqueio intransponível. Automaticamente, ela agarrou-lhe o braço, cravando fundo as unhas. Mas ele fechou os olhos e gemeu de êxtase. Os olhos de Danika começaram a fechar também; ela começou a gemer, igualmente excitada. Ela sempre ficava aquecida ao tocá-lo, e naquele momento não era diferente.

O sangue dela não estava mais frio. Seus mamilos endureceram e o estômago se agitou. *Como ainda posso desejá-lo?* Danika forçou seus braços a caírem nas laterais. Contudo, ela não conseguia controlar sua pulsação. Não conseguia deter a negra onda de arrependimento que se abateu sobre ela. Lutar contra ele...

— Com quem você estava? Veio aqui para transar, não é? Não tente negar. Já tive namorados e sei

como vocês são. Bem, quem foi que escolheu?

Reyes mostrou os dentes, parecendo uma fera selvagem ao se aproximar mais de Danika. Nariz encostado ao dela, ele resmungou:

— Não quero ouvir falar de nenhum namorado que você já teve. Entendido?

— S-sim. — Deus, aquela raiva... a excitava quando deveria assustá-la.

— E você quer saber mesmo quem eu peguei?

— Quero. — Desta vez, ao menos, ela conseguiu soar um pouco confiante.

— Por quê?

Porque quero matá-la pela ousadia de colocar as mãos em você. Porque você é meu e não vou dividi-lo com ninguém.

— Porque sim. — Foi só o que ela disse, o queixo tremendo. Droga! *Não chore.*

— Vim aqui atrás de uma mulher — ele disse.

Danika mordeu o interior da bochecha e logo sua boca ficou cheia de sangue.

— E encontrei uma — acrescentou ele.

Filho da mãe! O xingamento reverberou em sua mente, inflamado, abrasador.

— Fico contente. — Ela rangeu os dentes. — Espero que tenham se divertido. — *Espero que ela tenha lhe passado uma doença e que os dois morram!*

Deus, desde quando era tão amarga? Tão vingativa?

— Divertido? — Ele riu, mas foi um som sem beleza. — Como, se não consegui tocá-la?

— Não conseguiu... O quê? — As chamas de fúria foram morrendo lentamente. — Não?

— Não.

— Ah. — Danika encolheu os ombros e fechou os olhos. A sensação de alívio foi tomando conta de seu corpo como...

— Então arrumei outra.

Danika o encarou de repente, passando do alívio à esperança, maldita esperança, e finalmente, à fúria.

— E?

— Também não consegui tocá-la. As duas me bateram como eu tanto precisava. Estavam loucas para me amarrar e chicotear. Elas iam me machucar, e todos teriam ficado satisfeitos.

— Teriam ficado? — Seu olhar pousou no pescoço dele, ainda marcado. Ela arqueou uma sobrancelha. — Engraçado. Parece que você já está satisfeito.

Ele lhe agarrou os braços e a sacudiu com força.

— Teriam ficado. Porque o tempo todo só consegui pensar em você. Só queria você. E elas não eram você, então não consegui me forçar a ficar com elas.

Ela lambeu os lábios.

— Então você... se machucou sozinho? — *Por favor. Por favor, por favor, por favor.*

— Não. Quando cheguei havia quatro Caçadores no clube.

Foi quando Danika engoliu em seco. Sua fúria se esfumçou. Sua esperança se renovou. Mas nem assim sentiu um pouco de alívio. Não daquela vez. Ele não estivera com outra mulher, e tal notícia a

alegrara muito. Mas ele havia matado. Matado os homens que ela devia estar ajudando.

— *Estavam aqui?*

Ele assentiu, a expressão pesada.

— Vocês lutaram? — Ela nem precisava perguntar; sabia a resposta, mas talvez precisasse de confirmação. Talvez ela precisasse de tempo para conter aquele desejo que só crescia dentro dela. Aquele homem ainda era dela, ele a desejava com a mesma intensidade.

— Quem eram? — Ela não tivera intenção de perguntar em voz alta, e ficou sem graça ao perceber que o fizera. Será que Stefano estivera entre eles?

Franzindo o cenho, Reyes enfiou a mão no bolso, pegou algumas identidades e entregou a Danika. Ela as conferiu com mãos trêmulas. Nenhuma era de Stefano. Mas eles pareciam homens comuns, e ela sentiu pena deles.

— Quando eles nos viram já era tarde demais. William e eu já os tínhamos arrastado para fora. Nós... cuidamos deles. — Sua raiva pareceu se derreter. — Eu lutei, anjo, e estou machucado. Preciso de você, e desta vez, vou me permitir tomá-la nos braços. Você deixa?

Ela já se decidira a ficar com ele. Se ao menos ela conseguisse extirpá-lo de sua mente e parar de ser atormentada por aquelas fantasias sem fim! Se ao menos conseguisse provar a si mesma que estar com ele não seria um prazer para ela!

— Vai deixar? Eu faço devagar. Com ternura. Vou tomar cuidado com você. Não vou deixar meu demônio sair. Você não vai ter que me machucar. — Ele foi enumerando as razões para que ela se entregasse a ele. Parecia já ter pensado em todas as objeções que ela poderia levantar.

— Eu... Eu... — Ela esperava ter que apunhalá-lo. O que a deixaria enojada. Não deixaria? Agora, ele queria devagar e com carinho? Sem dor? — O que você quer que eu faça com você? — Ela seria capaz de lhe dar o que ele queria desse jeito? Será que *ele* conseguiria se esquecer *dela* depois?

— Quero que me ame. Apenas por um momento.

Ela gemeu baixinho. E se, ao terminar de fazer amor, ela quisesse mais? E se ela ficasse louca por ele? E se não conseguisse mais viver sem ele? Se eles fizessem sexo com carinho e ternura, Danika acabaria mais envolvida por ele ainda.

— Por que devagar? Por que com ternura? — ela se ouviu perguntar.

— No passado, as mulheres acabaram... gostando demais das coisas que fizeram comigo — disse ele. — Começaram então a machucar os outros. Não quero isso para você. Pensei em pegar outra mulher hoje, sem nenhum tipo de violência. Se ela continuasse normal, eu poderia ficar com você sem me preocupar. Se ela se transformasse, seria sinal de que eu teria que ficar longe de você. Mas não posso ficar longe de você.

Assustada, ela se afastou dele, recuando lentamente. Com uma expressão transtornada no rosto, ele soltou os braços. Ela chegou a abrir a boca para falar... falar o quê? Ela sabia o que devia dizer. Não. Eles deviam esperar até que ele voltasse a precisar de dor, pois era a melhor maneira de expulsá-lo de suas fantasias e garantir que ela jamais viesse a ter vontade de machucar ninguém. Mas ela se lembrou de quando ela o mordera; teria sido ontem?. Danika gostara de mordê-lo.

Agora você sabe contra o que lutamos. Você está preparada. Seus mamilos logo enrijeceram, e ela

começou a tremer. O vo entre as pernas umedeceu; ela sentiu um frio na barriga, todas as células de seu corpo despertavam e se expandiam.

— Esta noite — disse. — São esta noite. Amanhã...

Ele soltou o ar que ela não havia percebido que ele estava prendendo.

— Amanhã você pode voltar a me odiar.

Capítulo Dezoito

PARIS CONTARA AOS demais sobre as imagens que vira no templo, e todos achavam que isso havia acontecido porque fora o sangue *dele* o primeiro a se misturar à chuva. Lucien teve que se teletransportar para a fortaleza, mas ele não dera resposta. Sabin tentara ligar para Reyes mil vezes, sem resposta, e havia finalmente desistido e entrado em contato com Torin, que lhes informou que o guerreiro saía para dançar.

Dançar? Não fazia o estilo de Reyes, normalmente tão taciturno. Paris imaginou se Danika teria algo a ver com isso. Como Reyes reagiria à notícia de que sua mulher tinha um papel essencial na busca pela Caixa de Pandora?

Andando de um lado para outro em seu quarto provisório, Paris passou a mão nos cabelos. Os demais estavam empenhados na defesa de seu lar alugado. Ele devia estar com eles, devia estar ajudando. Tinha mais motivos do que a maioria deles para lutar contra os Caçadores. Mas quando seus amigos perceberam que ele não estava observando os monitores como haviam mandado, e sim perdido em pensamentos, mandaram-no embora, revoltados.

Ele saiu da sala agitada sem reclamar; não seria nada mal passar um tempo consigo mesmo. Sua mente estava um caos, girando sem parar ao redor de um só pensamento. *E se...?* E se Sienna pudesse ser trazida de volta? E se ele simplesmente tivesse que pedir aos deuses?

Desde que os Titãs escaparam do Tártaro e derrotaram os gregos, retomando o paraíso, só causaram tristeza a ele e a seus amigos. Eles ordenaram a Aeron que matasse seres humanos e rogaram uma praga sobre o guerreiro quando ele se recusou a cumprir a ordem: condenaram-no à sede de sangue. Perseguiram Anya incansavelmente e marcaram-na para morrer. Deixaram Sienna morrer.

Nada disso, quem deixou Sienna morrer foi você. Não havia como negar, mas, que droga, ele odiava se lembrar disso. O mais provável era que os novos deuses não viessem a considerar seus interesses mais do que qualquer um de seus antecessores o fez. Mas, ao contrário dos gregos arredios, os Titãs desejavam ser adorados e reverenciados.

E Paris lhes daria isso. Por um preço.

Pare de andar de um lado para o outro. Aja.

Com o coração disparado de ansiedade e excitação, ele caiu de joelhos. O carpete recebeu as pernas nuas. Ele havia tirado toda a roupa, pois não queria estar usando nada que viesse a ofender os volúveis deuses. Se um, ou dois ou três realmente se mostrassem, e ele os ofendesse de alguma forma, seria punido. *Mais do que já sou.* Poderia ser banido para o inferno, poderiam matá-lo ou mandá-lo fazer algo que não quisesse fazer.

— Vale o risco — murmurou para se lembrar de seu objetivo. Agarrou uma adaga com a mão esquerda, apertando com tanta força que as juntas estavam brancas e quase estourando. *Agora ou nunca.* Ele levantou a adaga o mais alto possível. O metal prateado cintilou quando foi acesa a vela sobre a mesa de cabeceira. *Quem devo tentar invocar?* Várias possibilidades lhe ocorreram, nomes de seres que ele havia observado atentamente e aprendido na semana que passara se preparando para a procura no templo.

Cronos, o rei dos guerreiros? Cronos entenderia o poder, e o respeitaria. Mas ele parecia odiar os Senhores do Mundo Subterrâneo, e partira dele a ordem de matar Anya.

Reia, esposa de Cronos? Paris nada sabia sobre ela. Gaia, mãe da terra? Ela poderia, talvez, ter alguma simpatia pela sua causa. Oceano, deus da Água? Tétis, que amava Oceano? Mnemosine, deusa da Memória? Hipérion, deus da Luz e pai do Sol? Têmis, deusa da Justiça? Não, ele se lembrava de Anya dizendo que Têmis estava presa. Milhares de anos atrás ela ajudara os gregos a derrotar os Titãs. Imediatamente após retomar o trono, Cronos a aprisionara.

Quem mais ele devia invocar? Havia Febe, deusa da Lua. Atlas, que já carregara o mundo inteiro nas costas. Epimeteu, o deus da Reconsideração. Ele era tido como o mais idiota de todos os deuses. Prometeu, deus da Providência. Esse sim era um deus que entendia de tormento incessante. Ele passara milhares de anos tendo o fígado devorado todas as noites, somente para que voltasse a crescer e fosse devorado novamente.

Mitologia era uma coisa ardilosa. O que os humanos sabiam eram pedaços de verdades misturadas a mentiras. Paris, exilado do Olimpo séculos antes, não sabia em que acreditar. Não sabia quem era mais forte, quem era amado e quem era odiado. Se ele chamara o nome errado, se invocara um inimigo...

Seria mais sábio invocar uma mulher, pois dificilmente alguma resistiria ao demônio Luxúria. Mas se ele tentasse seduzir a esposa de um deus... Anya dissera que William dormira com Hera e, como castigo, Zeus tirou-lhe a capacidade de viajar mais rápido que a luz. Assim, William jamais conseguiria escapar de um quarto no qual não devesse estar. Teria de continuar onde estava e enfrentar o marido traído. Portanto, nada de mulheres.

Ele suspirou, voltando a pensar em Cronos. Ele podia ir direto à primeira classe. O deus rei era o mais enigmático, mais duro e amargo. Mas ele fizera Lucien ressuscitar recentemente, e era desse tipo de coisa que Paris precisava.

Se o templo não estivesse repleto de humanos, ele poderia ter voltado e realizado lá o ritual que estava prestes a fazer. Mas tinha de se contentar em fazer onde estava. Paris fechou os olhos e chamou:

— Cronos, rei de deuses. Eu te invoco.

Vários segundos se passaram e nada aconteceu. Paris não esperava que o deus aparecesse de imediato, sabia que era preciso um sacrifício para atrair a presença de um deus tão importante. Então abaixou o braço, lenta e deliberadamente, e fez um corte no peito com a lâmina. A carne foi rasgada centímetro a centímetro, e o sangue quente escorreu pela barriga, formando uma poça no umbigo. Mesmo assim, passaram-se os segundos e nada ocorreu.

— Deus Rei, preciso de ti. Imploro por tua presença. — O sangue carmesim continuou a fluir, e fluir... Ele havia posto um copo de água no chão antes de se decidir a continuar o ritual. Só para garantir. Era a chuva de Anya, as lágrimas da terra.

Paris enfiou a mão no copo e passou as gotas no ferimento. Sangue e água se misturaram, o carmesim desbotando, rosado, descendo pelos gomos da barriga dele e pingando no chão.

— Imploro por tua atenção. Aguardo humildemente, de joelhos. — Voltou a levantar a mão que ainda segurava a adaga e fez outro corte no peito, formando um “X”. Suplicar era mais difícil do que imaginava. Da última em vez que se ajoelhara daquele jeito, seu suplício fora ignorado e um demônio lhe invadira o corpo. — Esperarei para sempre se assim quiseres.

— É mesmo? — A voz baixa ecoou pelo quarto, irônica e um pouco irritada.

Paris abriu as pálpebras. A fraca iluminação não se intensificara, não havia nenhum halo delineando a figura magra do deus, mas lá estava ele. Cronos. Paris quase foi derrubado com a surpresa e ficou imensamente feliz por já estar de joelhos.

O deus tinha cabelos prateados grossos e uma régia barba. Seus olhos eram escuros, piscinas insondáveis. Um de seus ombros estava coberto por linho branco; o tecido lhe descia pelo corpo em cascatas. Numa das mãos tinha um cajado. A Foice da Morte; uma arma que nem mesmo Lucien possuía.

Ele era alto e magro, tinha idade, mas irradiava poder. Paris não ousou se levantar. Fez uma saudação com a mão, o coração cada vez mais disparado. Cronos viera. Viera mesmo.

— Obrigado por vir.

— Não fiz isso por você. Estou... curioso.

Vá com calma.

— Se agrada a ti, agrada a mim.

— Não me agrada. Não gosto de enigmas.

Não era um bom começo.

— Aceite minhas sinceras desculpas por perturbar-te, meu rei.

Cronos riu, ainda irônico, mas já sem raiva.

— Pelo que vejo, até que você aprendeu um pouquinho de autocontrole e diplomacia nesses milhares de anos.

— Não foi graças aos gregos — disse Paris. Uma coisa ele e Cronos tinham em comum: ambos eram inimigos dos gregos. Como Paris já esperava, as palavras agradaram o novo rei.

— Zeus nunca foi meu igual. — Cronos deu um passo à frente, irradiando o perfume das estrelas e do céu. — Fico satisfeito por você saber disso.

Paris reparou nos dedos dos pés do rei escapando da barra do roupão que ele usava. Calçava sandálias de estilo antigo e tinha unhas enormes como garras, destoando por completo de sua

aparência digna de deus.

Talvez deus e demônio não fossem tão diferentes assim.

Cronos o rodeou, mas sem tocá-lo.

— Você é Paris, guardião involuntário do demônio Luxúria. Dedico a seu demônio a minha compaixão, pois bem sei o que é estar preso.

Sim. Eram mesmo parecidos.

— Então sabes também o que é sofrer.

— Sim. — Outra pausa. Dedos mergulharam nos cabelos de Paris. — Você me invocou porque deseja livrar-se de seu demônio?

Cronos *podia* separar o homem da fera com um gesto de sua mão. Se ele fizesse isso, Paris morreria.

Paris mal se lembrava de como era sua vida sem o demônio. Sim, ele queria paz. Sim, queria liberdade em sua mente, queria voltar a ser dono de seus pensamentos, mas Luxúria era sua outra metade.

— Não, meu rei — disse, enfim.

— Uma sábia decisão. Isso me agrada.

— Como servo teu, orgulho-me em agradar-te.

Uma risada moderada.

— Belas palavras.

Paris continuou de cabeça baixa e observou seu sangue atingir a barra do manto de linho do deus. A mancha tinha o formato parecido com o de um coração.

— Devo admitir que eu esperava...

— Um monstro?

— Sim. — Ele não ousou mentir. Isso era importante demais. — Pensei que desejasses acabar com os Senhores do Mundo Subterrâneo.

Ouviu-se um farfalhar de pano e o deus sumiu da frente dele, depois Paris sentiu um hálito cálido na orelha.

— Você pensou certo — sussurrou o rei. Outro farfalhar e o hálito cálido desapareceu. — Eu sou um monstro. Sou o que a prisão fez de mim.

— Agora anseias pela adoração de teu povo. Irei te adorar por todos os dias da minha vida se...

Paris sentiu um vento por trás, e o vento o atacou, derrubando-o de cara no chão. O sangue que ele derramara, já coagulado, agora estava espalhado por seu rosto, grosso demais para cair.

— Olhe para mim, demônio.

Lentamente, Paris levantou a cabeça. Lá estava Cronos, em frente a ele de novo. Ele não estava acostumado a obedecer a ninguém senão a si mesmo e seu demônio. Seu instinto exigia que ele se recusasse a obedecer por uma questão de princípio. Obedecer era abrir caminho para mais ordens.

Mas, por Sienna, ele aguentaria qualquer coisa. Sem mais hesitar, cravou os olhos no rosto do deus. Braços pareciam crescer nas sombras do recinto, envolvendo Cronos pelo tronco, protegendo-o. Mas seu olhar, apesar de absolutamente soturno, cintilava.

— Você não faz a mínima ideia de quais são os meus desejos.

— Peço desculpas.

Uma eternidade se passou em silêncio até se dissipar a tensão no quarto.

— Devo reconhecer que não sei direito o que fazer com você e com os outros Senhores do Mundo Subterrâneo — disse o deus, enfim. — Vocês são aberrações, disso eu sei, mas, mesmo assim, têm uma função.

Aberrações? Falou como um Caçador. Sinceramente, Paris já achara a mesma coisa. Ele e os outros fizeram coisas terríveis. Ao mundo, aos mortais. Até aos gregos, ao trair sua confiança. Mas eles passaram séculos tentando expiar seus pecados.

— Função?

— Até parece que preciso lhe explicar — zombou Cronos. Não havia nada a dizer quanto a isso. Ou seja, nada que o ajudasse.

— Sei o que você deseja, demônio. A mulher, Sienna. Você a quer de volta.

Foi difícil ouvir seu desejo mais querido em voz alta. Para ele, pois o demônio já estava frenético dentro dele outra vez. Paris podia adorar a ideia de ficar só com uma mulher, mas seu demônio não gostava nada.

— Sim.

— Ela está morta.

— Como já provaste com Lucien, és mais poderoso do que a morte.

Uma risada leve foi sussurrada.

— Bajulação, ah, doce bajulação. Mas não vou lhe conceder esse pedido. O que está feito, está feito. Ela partiu de vez.

Ceder ao peso enorme da decepção que caiu sobre seus ombros não era uma opção. Um guerreiro não desistia enquanto tivesse vida, e mesmo assim Paris desconfiava de que havia chance de negociar.

— Faça um trato para conseguir tê-la de volta.

— Sim, oferecendo sua *adoração* — disse Cronos de modo zombeteiro. — Você, demônio, não tem nada de valor.

Luxúria, para variar, parecia mais preocupado em distribuir dor do que em sentir prazer, pois tanto Paris quanto o demônio rugiram ao ouvir isso, prontos para o ataque.

— Tem de haver alguma coisa — ele respondeu incisivamente.

— Não. Nada. Não preciso de mais guerreiros. Tenho riquezas, liberdade, poder além da imaginação. Você tem a minha gaiola, mas não posso fazer trato nenhum em relação a isso, pois dei minha palavra e minha palavra é lei. Talvez... você devesse encontrar minhas outras armas.

— Por favor — disse ele afobadamente, temendo que o deus sumisse a qualquer momento. — És minha última esperança. Farei qualquer coisa que quiseses, e só faço este único pedido. Sem ela, fico perdido. Preciso dela, pois é a calma de minha tempestade. Minha âncora. Sem ela, sou apenas a concha de um homem. Nunca te sentiste assim em relação a ninguém? Nunca quiseste nada tão intensamente a ponto de dar a própria vida por essa coisa?

Pausa. Suspiro.

— Seu desespero me intriga. Desde que Anya abriu mão de seu maior tesouro para salvar um

homem, fiquei pensando exatamente o que um profundo amor leva um coração a fazer. — Aquelas palavras acenderam todas as células do corpo de Paris. O deus inclinou a cabeça para o lado com uma expressão pensativa.

— Diga, por que escolheu esta mulher acima de tudo que você poderia me pedir? Por que não arriscar tudo e me implorar para liberar o guerreiro Aeron de sua busca?

— Eu... Eu... — Droga. Que tipo de amigo ele era? Aquele deveria ter sido seu pedido, o que ele deveria ter feito semanas atrás. — Tenho vergonha de dizer isto, mas a verdade é que não sei o que responder.

Os dedos do deus roçaram novamente seus cabelos de modo gentil, quase terno.

— O que não esclarece minha dúvida. Ela era sua inimiga, e você a colocou acima de alguém que foi seu amigo por toda a vida. Ele o salvaria. Ela o mataria. Você o ama. Você não a ama.

Não, ele não amava, e seu sentimento de culpa disparou.

— Não posso optar pelos dois?

— Ainda não estou convencido de que você mereça um sequer.

Paris fechou os olhos numa fútil tentativa de calar aquela culpa terrível que crescia continuamente.

— Meu corpo reagiu a Sienna como jamais reagira a ninguém desde que fui amaldiçoado. Eu pensei, esperei que ela poderia salvar-me de mim mesmo.

— Quanto egoísmo de sua parte! Pensei que tivesse aprendido a se controlar depois de tantos anos na Terra, mas quer dizer que continua escravo da Luxúria?

Obrigado por enfiar ainda mais a faca.

— Sim.

— Se eu a trouxesse de volta para você, ela acabaria traindo-o. Você sabe disso, não sabe? Seu amigo continuaria sofrendo, mas ainda amaria você, mesmo sabendo que escolheu uma mulher em lugar dele.

Aquelas palavras eram reais demais, e Paris se inclinou à frente, tentando impedir que as lágrimas caíssem de seus olhos.

— Isto basta por ora. Pense no que eu disse, demônio, e voltaremos a conversar.

Cronos sumiu logo em seguida.

— O QUE está fazendo, Sabin?

— Preparando-me para a guerra — respondeu enquanto dava uma olhada nos guerreiros ao seu redor. Havia um deles em cada canto da casa que alugaram em Roma. Todos observavam Sabin atentamente. — Vocês sabem disso.

Um pouquinho antes, Lucien retornara a Budapeste e teletransportara Gideon, já curado, e Kane para sua atual moradia. A argamassa do teto já estava se esfarelando na cabeça de Desastre. Lucien os trouxera para ver se conseguia fazer com que Sabin “criasse um pouco de juízo”. Mas Sabin achava que *eles* precisavam criar juízo.

— O quê? Por quê? — perguntou Maddox.

— É minha função, é nisto que sou bom. — Ele voltou a prestar atenção na pistola Sig Sauer que estava municiando. — Os Caçadores que matamos no templo não são os únicos por aqui. Há mais deles, e eles devem estar atrás de nós. E digo mais: Paris viu a mulher de Reyes segurando nossa caixa naquela maldita visão que teve. Ela estava segurando a caixa para nos dar, ou para dar a *eles*?

A nefasta pergunta impôs um silêncio soturno à sala de estar. Ninguém soube responder.

— Ela já salvou Ashlyn uma vez. Eu gosto dela — disse Maddox, e não foi por causa de Ashlyn. No momento sua mulher estava descansando num dos quartos. Ele estava sendo sincero.

Mas Sabin não havia terminado.

— Sabemos que Danika esteve com eles. Sabemos que ela não gosta de nós. Os Caçadores ainda podem estar aqui, nos seguindo, tentando tomar a caixa de nós assim que pusermos as mãos nela.

— Nós *não* sabemos disso desde o começo — disse Gideon, concordando. Ele esfregou a testa, os cabelos azuis momentaneamente cobrindo-lhe os dedos.

Strider apalpou a cintura e assentiu ao sentir suas lâminas.

— Estou com você nessa.

Sabin olhou de relance para Amun, que raramente falava. Na qualidade de guardião de Segredos, ele *não podia* falar sem revelar coisas sobre as pessoas presentes na sala, coisas que essas pessoas não deviam saber umas sobre as outras. Mas ele também assentiu.

Anyu pôs as mãos na cintura.

— Não vou a parte alguma sem Lucien.

Amor, Sabin zombou. Ele se apaixonara algumas vezes ao longo dos séculos; equívocos em todos os casos. Onze anos antes, Darla, que era esposa de Dean Stefano, fora a última a ganhar seu coração. Após sua morte, ele jurou a si mesmo que não iria mais se entregar àquele tipo de emoção. As mulheres com quem se envolvia sempre acabavam entrando em depressão, pois não conseguiam parar de questionar a si mesmas e a tudo que faziam; em casos extremos, como o de Darla, essa depressão as levou ao suicídio. Amar era algo que trazia tantos problemas que não valia a pena.

Gideon deu de ombros.

— Você sabe que odeio lutar contra os Caçadores.

Ótimo. Ele também estava nessa.

— Você quer batalhar? Assim, de repente? — Maddox estalou os dedos. — Sem preparação? Nós fizemos isso em Buda, e você sabe o que aconteceu. Uma bomba, Torin quase morto. Uma epidemia na cidade. *Você* foi parcialmente responsável por trazer os Caçadores à nossa porta. Está claro que não mudou. — Quando eles se separaram, centenas de anos antes, Maddox ficara do lado de Lucien, querendo paz, e Sabin sofrera a perda de um grande soldado. Ele não queria romper com ninguém de novo. Mas...

— Você também não — rosnou Sabin. — Não existe harmonia sem guerra. A história, especialmente a que nós *vivemos*, já provou isso várias vezes. Nós devemos lutar pelo que queremos, do contrário isto nos será tomado.

— Eu quero que os Caçadores morram — disse Maddox severamente. — Quero mesmo. — Ele era Violência, tão tempestuoso quanto algumas mulheres humanas. A tempestade dentro dele o

levava a buscar sempre calma interior, Sabin sabia, mas ele também sabia que Maddox agora controlava seu demônio só de pensar em sua mulher. — Eu só quero meus amigos vivos por mais tempo. Você está apressando as coisas. Não sabe quantos Caçadores existem, que armas eles têm e que podem usar contra nossas mulheres. Você...

A linda Ashlyn entrou no recinto. Maddox não a vira, Sabin não pensou, mas o homem apertou os lábios, interrompendo suas palavras. O guerreiro sempre parecia saber quando a garota humana chegava, apesar de Sabin não saber se ele sentia seu doce aroma ou se simplesmente a sentia.

Seus olhos cor de violeta perscrutaram a sala de estar e, ao pousarem nela, sua expressão se suavizou. Sabin também a observou com atenção. Ela tinha cor de mel e era tão doce e adorável quanto um talismã. Ela sempre parecera tão... frágil, o que tornava difícil para ele entender como fora capaz de domar a fera perigosa que era Maddox. Não duvidava de que ela fosse acabar convencendo-o a trocar fraldas do bebê que esperavam.

Maddox chamou-a com um gesto. Ela obedeceu sorrindo. Assim que chegou ao alcance da mão, o guerreiro a envolveu em seus braços. Não haveria mais papo de guerra. Maddox ia matar todos que assustassem sua mulher, e era assim que tinha de ser.

— Oi, pessoal — disse ela.

Soou um coro de “ois”. Maddox olhou para ela de cenho franzido.

— Você está pálida. Precisa descansar mais. Deixe-me levá-la de volta para nosso...

— Não, ainda não. Eu, bem... eu ouvi alguma coisa — disse ela, com as feições sérias.

Todos, inclusive Maddox, enrijeceram. Ashlyn tinha o talento especial de ouvir qualquer conversa acontecida em qualquer lugar em que ela estivesse, não importa de quando seja a conversa e nem a língua em que se tenha conversado. Essas vozes ficavam caladas apenas quando Maddox estava perto. Nenhum deles sabia direito por que era assim, mas Ashlyn gostava de dizer que era sinal de que ela e Maddox foram feitos um para o outro.

Sabin quisera usar o dom de Ashlyn em diversas ocasiões; Maddox não deixou, alegando que as vozes a perturbavam. Mas o guerreiro não voltaria sua ira contra Ashlyn por afastar-se dele e sair escutando por si mesma. Um fato que Sabin mencionara a ela em diversas ocasiões.

— Você saiu de casa? — Maddox perguntou a ela, firme e com um leve traço de raiva.

— Talvez — disse ela, saindo pela tangente. — Sei que você estava preocupado por eu não descansar direito e queria que eu tirasse um cochilo antes de sair escutando conversas passadas relacionadas à caixa com Anya, que, aliás, não para de dizer que foi expulsa da batalha no templo, então não ouvi muito. Mas se for para eu descansar mais, é melhor me enterrar logo. Só saí para dar uma caminhada. Apenas isso.

Boa menina, pensou Sabin. Só não disse que, conhecendo Maddox como conhecia, ele não deixara Anya como única protetora da garota. O guerreiro provavelmente estivera nas sombras, observando-a trabalhar a uma distância segura.

— Ashlyn — Maddox disse em tom de advertência. — São tempos perigosos os que vivemos. Não dá para saber quem pode estar nos esperando lá fora.

— Eu não quis começar de novo, aconteceu. Mas como pode ver, nada de mal ocorreu.

— Dessa vez — ele rosnou. — Nada de mal lhe aconteceu dessa vez. Não consigo acreditar que

você saiu sem sequer me informar. Você *quer* ser capturada por nossos inimigos? Eles não hesitariam em usá-la e lhe fazer mal. — A cada palavra, sua raiva aumentava mais.

— Tomei cuidado. Além do mais, quero fazer minha parte. Quero garantir sua segurança, e se para isto tiver que correr riscos de vez em quando, correrei.

— Sim, mas agora você estará arriscando nosso bebê.

O rosto de Ashlyn se contorceu de dor.

— Eu amo esta criança e jamais a exporia a riscos desnecessários. Mas, para seu governo, você é tão importante para mim quanto nosso bebê. Sua segurança é essencial. E caso você tenha esquecido, estamos conectados. Você morre, eu morro.

Ele estremeceu ao se lembrar disso.

— Eu me disfarcei antes de sair para caminhar, mas realmente não vi ninguém que parecesse um Caçador. Não vi nenhuma tatuagem no pulso. E se isto faz você se sentir melhor, a conversa que ouvi aconteceu poucas horas atrás.

Maddox afundou a cabeça nos cabelos dela.

— Não posso perder você. Eu sofreria a morte mais dolorosa de todos os tempos.

— Também não vou perder você. É a razão por que estou fazendo isso.

— Conte-nos o que ouviu — ordenou Sabin e então acrescentou “Por favor”, quando Maddox resmungou olhando para ele. Paciência, paciência. Educação não era tendência natural de Sabin, ele tinha que se esforçar para ser educado.

Ela envolveu os pulsos de Maddox com os dedos, agarrando-o como se agarra um tesouro precioso.

— Você tinha razão — disse a Sabin. — Há Caçadores mesmo. Estão procurando por vocês. Ou melhor, *estavam* procurando por vocês.

Ela ouvira falar a mesma coisa, certo? Tentou não dar um sorriso falso para Maddox, mas não conseguiu. *Viu?*, ele projetou. *Algo precisa ser feito em relação a eles. A guerra é o único jeito.*

Você estava errado, acrescentou Dúvida, entranhando as palavras na mente de Maddox, Sabin sabia. *Você está sempre errado.*

— Sabin — berrou Maddox.

— Desculpe. — O demônio era incapaz de se conter, e Sabin nem sempre conseguia controlá-lo para que parasse de enfiar dúvidas nas cabeças dos outros. Quando uma oportunidade se apresentava, o demônio aproveitava. Não perdia uma chance que fosse.

Por isso não posso ter uma mulher para chamar de minha.

— Consegui discernir umas 12 vozes diferentes. Eles estão invadindo Budapeste — disse Ashlyn —, porque acabaram de descobrir onde está o segundo artefato. E estão indo pegá-lo.

Capítulo Dezenove

DANIKA E REYES finalmente chegaram à fortaleza, deixando o crepúsculo para trás. Eles não haviam se beijado nem se tocado desde que saíram do clube. Também não haviam conversado. Reyes não tinha certeza se isto era uma bênção ou uma maldição. O que ela estava pensando?

Continuaram envoltos em silêncio, até quando entraram no quarto dele. Sem jamais dar as costas a Danika, ele fechou e trancou a porta. Ela não o encarou. Ele se recostou à porta, sentindo o frio da madeira passar pela camisa rasgada e alcançar sua pele. Felizmente Dor saíra de sua mente, temporariamente saciado por sua batalha com os Caçadores, e não estava fazendo exigências.

Danika parou em frente à cama e olhou para os lençóis pretos. Com temor? Com ansiedade? Reyes esperava que fosse com ansiedade. Os Caçadores o haviam cortado tão profundamente e em tantas partes que ele talvez precisasse levar pontos em todos os membros do corpo. Mas optara por não cuidar de si mesmo. A dor era sublime, pulsava nele, as sensações o faziam estremecer. Ele podia finalmente estar com aquela mulher sem que ela tivesse de feri-lo. Seria gentil com ela e não se preocuparia com a possibilidade de corrompê-la.

— Nervosa? — perguntou.

Ela demorou um pouco a responder.

— Não.

Mentirosa. Ele não sorriu, mas retorceu os lábios.

— Vamos conversar primeiro? — Até oferecer uma pausa era difícil para ele. Ele a queria em sua cama, nua e se esfregando em seu corpo.

— Não. Nada de conversa.

Ele enrugou as sobrancelhas e franziu o cenho. Ela soara tão... decidida. Por que não queria conversar com ele? *E isso importa? Você também não quis falar com ela.*

Ela se virou devagar, finalmente olhando para ele. Como sempre, a visão de seu rosto angelical lhe roubou o ar dos pulmões. Tanta beleza numa embalagem tão reduzida, pensou. Um presente para ela, talvez, mas para ele era maldição na certa. Não conseguia desviar o olhar. Seria capaz de morrer por livre e espontânea vontade, ali mesmo, apenas para ter o privilégio de ter sua imagem como última visão.

Ela estava corada, os olhos cintilantes, esmeraldas emolduradas por cílios pretos. Seu peito se movia para cima e para baixo, mais e mais rápido, como se ela não estivesse conseguindo respirar.

— Nós vamos fazer amor em silêncio? — perguntou. Suas mãos estavam coçando para tocá-la. Para envolver-lhe os seios, brincar com os mamilos duros. Sua boca aguou de vontade de prová-la. Desta vez ia mordê-la. Ele ia... não. Ele ia ser delicado, lembrou a si mesmo.

Ela arregalou os olhos.

— Nós não vamos fazer amor.

— Então o que vamos fazer? — ele perguntou, cruzando os braços sobre o peito.

— Vamos fazer sexo. — Ela empinou o queixo e pisou com os pés separados, a própria imagem de um guerreiro antes da batalha. — E, sim, é bom que seja... em silêncio.

Novamente, ele cerrou as sobrancelhas em sinal de confusão.

— Por quê?

— Quero seu corpo, não a história de sua vida. — Foi tudo que ela disse, mas *quero esquecer você depois de terminar* pairou no ar como a espada de Dâmocles, pronta para cair e cortá-lo em milhares de pedaços.

Ele fez uma careta. Uma vez ela lhe dissera que não sabia nada sobre ele e que *queria* saber mais. O que havia mudado? Talvez fosse um truque para fazê-lo falar sobre seus amigos?

Não. Não, ele achava que não. Ele pendeu a cabeça para o lado enquanto observava-a atentamente, mais de perto. Seu queixo estava rijo como pedra, os ombros empinados. O tom rosado desaparecia de seu rosto. Ela esticou o braço com as mãos tremendo e puxou a barra da camiseta. Começou a levantá-la, revelando a pele leitosa pouco a pouco. A barriga de Danika era lisa, ela tinha um umbigo delicado e feito para sua língua.

Um segundo depois, ele estava em frente, cobrindo a mão dela com a sua, fazendo-a parar. O tecido da camisa cobria-lhe o rosto, impedindo que o olhar ávido de Reyes tivesse acesso às suas feições. Ela arfou ao sentir a barriga dele roçando a sua.

— Você não me quer de verdade — sussurrou na orelha dela. A camisa impediu que seu hálito lhe acariciasse a pele, mas ela estremeceu assim mesmo. — Você quer me manter a distância, acho.

— E você me culpa por isto? — perguntou ela, as palavras suspiradas e trêmulas. — Agora, me deixe tirar a roupa.

— Não, eu não a culpo. — Ele terminou de tirar-lhe a camisa, puxando-a pela cabeça, e a jogou de lado. A massa ensolarada de cabelos batia nos ombros dela. Danika usava um sutiã de renda preto; um dos que ele comprara para ela. Os seios eram fartos. Ele engoliu em seco, imaginando se ela estava usando uma calcinha que combinava com o sutiã.

Com o olhar colado ao de Reyes, ela segurou a barra da camisa dele e começou a levantar. Ele levantou os braços. Acabou tendo de ficar na ponta dos pés e ele teve de se abaixar um pouquinho para que ela pudesse terminar de tirar-lhe a camisa. Quando ele aprumou os ombros, ela soltou outro daqueles seus gemidos.

— Tão forte. — Ela esticou a mão trêmula e passou os dedos em uma de suas feridas.

Assim que sentiu seu toque, Reyes fechou os olhos, entregando-se. Que dor doce e deliciosa

sentia ao ter um ferimento acariciado.

— Quando conseguiu esta? — perguntou ela.

— Achei que você queria fazer em silêncio.

Ela suspirou.

— Há pouco tempo — ele disse.

— Foram os Caçadores?

— Sim.

Os lábios dela se apertaram numa linha fina.

— Pelo menos está sarando.

Sarando? Droga. Se suas feridas sarassem antes de possuir Danika, ele teria que jogar sal nelas ou então reabri-las. Nada o impediria de ter essa mulher. Delicadamente. Suavemente. Do jeito como sempre sonhara possuir uma mulher, mas jamais conseguira.

— Estou machucando? — perguntou Danika, mas logo deu uma risada amarga. — Esqueça. Apenas... me beije, me leve para a cama.

Cama. Sim, ah, claro. Ele abriu os olhos e a fitou. Um passo adiante. Dois. Ele a fez deitar no colchão. Ela bateu com as pernas e tropeçou, caindo na cama. Lambendo os lábios, observando-o, ela recuou.

— Tire a calça — ordenou ele asperamente.

Ela se deitou de costas e levantou os quadris. Desabotoou. Abriu o zíper. Foi baixando a calça. Ah, santos deuses, estava usando uma calcinha que combinava. A peça era como uma violenta nuvem de chuva sobre sua pele cremosa. E molhada, ele esperava.

Seu membro apontava, desesperado, para ela. De repente, Dor começou a se infiltrar em sua mente, bocejando, ronronando. Ele rangeu os dentes.

— Sua vez — disse Danika, apoiando o peso nos cotovelos.

Ele a achara bonita antes? Seu peito até doeu quando olhou para ela naquele momento. Ela era Afrodite encarnada; era a sedução encarnada. Ela era... sua.

Ainda não... Ainda não... Ela queria ir para a cama com ele, não queria conhecê-lo. Ele não permitiria uma coisa sem a outra.

— Você mencionou a história da minha vida. Bem, passei vários anos preso numa cela — ele disse —, como prisioneiro voluntário. Não por causa dos Caçadores, mas porque eu não conseguia controlar minha intensa necessidade de dar e receber dor.

— Eu não acho...

— Naquela época, na Grécia antiga, lutei contra Caçadores e destruí cidades. Gritos eram meu combustível. Depois que um de meus amigos foi morto, um homem com quem eu havia me divertido e que lutara ao meu lado, só então comecei a compreender a verdade sobre o que eu era.

— Não quero ouvir isso. — Ela balançou a cabeça, as mechas sedosas dançando em sua testa.

— Eu sabia que não podia aprender a controlar minha fera com tentações em todas as esquinas. Todos os que sorriam, que tinham alegria, eu queria destruir. Em minha mente demoníaca eles não tinham razão alguma para sentir alegria.

— Reyes.

— Então pedi a Lucien que me prendesse. De todos nós, foi ele quem primeiro dominou seu demônio. Ele não queria, mas concordou. Durante aqueles meses de confinamento, aprendi a me cortar sempre que desejasse sentir dor. No final das contas, me treinei para querer apenas isto, a minha própria dor. Meu demônio também ansiava por sentir dor, quase se esquecendo de todo o resto. — Se ao menos o confinamento funcionasse para Aeron...

— Pare. Por favor, pare agora.

— Por quê? Porque saber do meu sofrimento me humaniza? Porque você não quer pensar em mim como nada mais do que um demônio? Porque um dia, quando nos separarmos, você quer esquecer minha existência? — A última frase saiu como um grunhido animalesco.

— Sim! — ela gritou, se levantando. Seu peito subia e descia com respirações rápidas e curtas. — Sim, está certo. Eu não deveria desejar você, mas desejo. Não consigo tirar você da minha mente, apesar de ter mil outras coisas em que pensar. Nós não temos futuro. Sério mesmo. Um de seus amigos quer me matar e a todos que amo. Você vive uma vida de guerra e tudo que mais quero é viver em paz.

Verdade. Tudo que ela estava dizendo era verdade.

— E, mesmo assim, aqui está você, na minha cama. — *E aqui estou eu, incapaz de deixá-la partir.*

— Sim. — A voz e a expressão de Danika abrandaram. — Estou confiando em você. Estou lhe confiando minha família. Meu corpo. Não torne nosso afastamento futuro ainda pior para mim. Por favor.

Por favor. A palavra reverberou em sua mente. Reyes fitou-a nos olhos. Pelo mais breve momento, ele foi transportado ao céu. Ao passado. Em sua mente, ele se viu de pé ao lado de Aeron, Torin, Paris e Galen.

Galen. Reyes passara séculos sem pensar em Galen, até conhecer Danika. Galen emanava vitalidade; sua mera presença lhes dava mais força e todos se sentiam melhores. Reyes não sabia que o guerreiro tramava contra eles sempre que viravam as costas.

Ao ver a imagem de seus amigos despreocupados, naquela época tão livres de sofrimentos e pecados em suas vidas, teve de se segurar para não berrar aquilo que sabia que eles não ouviriam.

Naquele dia eles estavam comemorando, pelo que se lembrava. Na noite anterior, uma horda de Górgonas invadira em silêncio os aposentos de Zeus na intenção de acordar o deus e transformá-lo em pedra. Bastaria um só olhar. E o rei estaria despreparado, seria pego de surpresa, não conseguiria se defender a tempo.

Paris, sempre o queridinho entre as mulheres, estivera dormindo com uma delas, de olhos vendados, é claro, para não virar pedra. A mulher enlouquecida acabara entregando o plano das irmãs e Paris imediatamente alertara a Guarda. Juntos, eles encurralaram as Górgonas, derrotaram-nas em questão de minutos, praticamente sem derramar uma gota de sangue.

Nós somos imbatíveis, Galen dissera orgulhosamente.

Torin assentira. *É errado eu querer aprisionar uma dessas mulheres com cabeças de cobra?*

Reyes revirou os olhos. *Você é tão mau quanto Paris. A ideia de ser mordido e arranhado durante o sexo...* Ele estremeceu.

Você só não foi mordido da maneira certa, Paris dissera, sorrindo. *Eu prefiro mulheres doces e ternas*, obrigado, Aeron reagira.

— Reyes — disse Danika, trazendo-o de volta ao presente.

Ele balançou a cabeça para clarear as ideias. *Ah, se eu tivesse sabido o que me esperava*.

— Eu quero lhe dar tudo que você me pedir, Danika.

Aliviada, ela afundou no colchão.

— Obrigada.

— Mas fazer você me esquecer facilmente — ele terminou —, isso eu não posso fazer. Você vai assombrar meus sonhos por toda a eternidade. Preciso saber que signifique alguma coisa para você.

— Você significa — disse ela, torturada. Seu olhar baixou para as próprias pernas enquanto ela levantava os joelhos. — Aí está o problema.

— Resista a mim se for preciso, mas faça isso mais tarde. Depois. Eu até ajudo. Mas aqui, agora, me dê tudo. — Ele abriu a calça, puxou-a para baixo e chutou para longe. A não ser por suas armas, estava nu na parte de baixo.

— Olhe para mim.

Ela olhou, e seus olhos foram direto para o membro ereto, e lá pararam. Um calafrio lhe percorreu a espinha.

— Sou cruel e egoísta, mas tenho dentro de mim esta necessidade, este desejo por você e por mais ninguém, isto é mais forte do que qualquer coisa que já encontrei na vida. Duvido que dois anos de prisão fossem diminuir isso, nem de leve.

— Eu... eu não sei o que responder.

— Então não responda. — Ele não precisava ouvi-la confirmar que ele causara impacto em sua vida e que suas defesas estavam se esgotando. O tom rosado que se espalhava das bochechas dela para o resto do corpo inteiro já dizia tudo. — Apenas dê. Receba.

Um a um, ele foi tirando seus punhais. Só quando estava completamente nu, sem nada entre eles, Reyes subiu na cama. Ela o fitou com pupilas dilatadas e a pele arrepiada. Ele prendeu os pés dela entre seus joelhos e subiu, segurou-lhe a cintura e entrelaçou os dedos nas laterais da calcinha. Foi baixando a peça devagar, bem devagar, revelando o paraíso entre suas pernas.

Danika não tentou impedi-lo. Não, ela o encorajou, levantando os quadris para ajudar. Ele sentiu na palma da mão a umidade da calcinha ao mesmo tempo que se embriagava só de olhar. Danika tinha coxas esguias, e o âmago de sua feminilidade era guardado por um leve tufo de pelos ensolarados como os cabelos. Ela era pequena, mas as pernas pareciam alcançar quilômetros de comprimento.

— Linda — ele disse.

— O-obrigada.

Ele se abaixou e apoiou as mãos de cada lado da cintura dela.

— Devo continuar?

— Sim. — Um apelo, desesperado e carente.

Seu membro deu um pulo para cima.

— Sonhei com o momento de possuí-la. — Ele levantou-lhe uma das pernas e deu um beijo suave no tornozelo. Ela tinha uma pele macia, e o frio foi expulso dali pelo calor no momento de contato.

Ela foi sacudida por outro tremor.

Com a mão livre, ele gentilmente abriu-lhe as pernas. Mais... Mais... Ele soltou um gemido gutural, do fundo da garganta, um som primitivo, selvagem. Dor começou a lhe atravessar a mente de um lado para outro, ávido, ainda que contente pelo momento. Danika já estava faiscando de desejo. Ele beijou-lhe a panturrilha, que puxou os lençóis.

— Você quer que... Será que devo...

— Me machucar? — perguntou ele.

— Sim — ela respondeu. Uma tentativa.

— Não. — Segurá-la assim e não mergulhar nela causava uma agonia peculiar. — Você, não.

Ela franziu o cenho.

— Você vai ter prazer sem isso?

— Ah, sim. — Ele torcia para que tivesse. Em seguida, beijou a parte interna da coxa. Pôs a língua para fora a fim de prová-la, para deslizar por sobre a pele macia. Ela soltou um gemido e ergueu os quadris. Ele começou a levantar sua outra perna com os dedos e parou a um sussurro de distância de seus cachos.

— Continuo?

— Reyes — murmurou ela.

— Continuo? — insistiu ele.

— Sim. Por favor.

Ele passou pelos lábios molhados, doce paraíso, e penetrou-a com um dedo. Ela estava quente, firme e deliciosamente molhada.

— Eu sabia que você estaria assim. — Dentro. Fora.

— Isso! Assim.

Prove.

Ele não sabia se o desejo procedia do fundo de sua mente ou se vinha da mente do demônio, e nem se importava. Tremendo, ele se abaixou e passou a língua quente em seu âmago. Paraíso, como ele havia pensado antes. Ambrosia, percebeu então. Sua doçura lhe cobriu a língua e encheu a boca. Ela emaranhou os dedos nos cabelos dele, cravando as unhas no couro cabeludo.

Sim, ele quase gritou.

Ele a lambeu e esfregou, colocou outro dedo e começou a tirar e recolocar. Para dentro e para fora. Tão bom. Deliciosamente bom. O prazer de tê-la sob si, aberta para ele, era intenso, inegável, e um momento se passou antes que ele percebesse que seus ferimentos haviam *começado* a sarar e seu prazer... não diminuía. Era chocante. Algo que não entendia. Por quê? Se ele não fizesse nada, o prazer diminuiria? Seu demônio se manifestaria, exigindo que ferisse sua amante? Seu demônio começaria a influenciar Danika, transformando-a em algo que ela não quer ser?

Reyes não queria esperar para saber a verdade. O risco era grande demais. Ele levou o braço às

costas e cravou as unhas, já transformadas em garras, na pele cheia de cascas de cicatrizes. Sim, sim. A dor, o rastro de sangue. Como esperado, o calor rugiu dentro dele, seu prazer ficou mais intenso.

— Quem está aqui com você?

— Não pare — implorou ela.

— Quem está aqui com você? — repetiu ele, agora de modo agressivo.

— Você.

— Qual é o meu nome?

— Reyes.

— Quem você deseja?

— Reyes.

A fricção no clitóris de Danika ficou frenética. Ela gemeu sem parar, os sons eram uma sinfonia para sua alma calejada. Ela implorou por mais; ela implorou que ele parasse. Ele concedeu o primeiro pedido e recusou o segundo, penetrando com o terceiro dedo e ampliando a apertada abertura.

Ela sentiu os golpes de um orgasmo dentro de si.

Danika apertou os dedos e a língua dele, prendendo-o com suas paredes internas. Ele engoliu cada gota do seu prazer.

Quando ela se acalmou, ele foi para cima. Seus olhares se encontraram e se sustentaram. Ela estava tremendo, saciada, as pálpebras entreabertas, as órbitas de esmeralda ainda brilhando de desejo.

— Você não...

— Não.

Ela lambeu os lábios.

— Você vai...

— Ah, vou.

— Você precisa que...

Ele balançou a cabeça, num gesto curto. Seu corpo ardia de paixão não satisfeita. Isso doía, e era uma dor maravilhosa. Fechou os olhos e saboreou a sensação. Outras parceiras o haviam açoitado, apunhalado, mordido, mas nenhuma o atormentara dessa maneira. O prazer-dor zunia dentro dele, uma melodia contraditória que oferecia o mais doce consolo. Do tipo que ele sempre sonhara, mas tinha medo de sentir. Como ela havia lhe concedido isso?

— Você é tão lindo — sussurrou Danika. — Quero pintar você, do jeito como está.

— Eu gostaria. — Reyes abriu os olhos e foi subindo por aquele corpo macio. Ele tirou o sutiã, que se abriu facilmente em seus dedos. Libertou-lhe os seios fartos. Seus mamilos ainda estavam enrijecidos, mas agora podia ver como eram rosados e perfeitos.

Ele lambeu e sugou um deles, depois o outro, e logo ela estava se contorcendo de novo. Logo estava implorando por mais. Logo ele se perdia na essência dela, impelido pelo demônio, que pedia mais.

— Camisinha — arfou ela. — Preciso de você dentro de mim. Agora.

Ele assentiu, pegou um dos envelopes que roubara de Paris e guardara na cabeceira e se protegeu. Ele não iria correr o risco de engravidá-la, mesmo que parte dele gostasse da ideia, até ansiasse por

isso. Ele jamais faria uma coisa dessas com ela, jamais a forçaria a ter a cria de um demônio. Neste ponto, ao menos, ele não seria egoísta.

— Pronto? — perguntou Danika. Ela se esfregou em seu membro ereto, liso. Maravilhosamente lascivo. Seus mamilos lhe abrasaram o peito, criando uma deliciosa fricção. Pelo menos desta vez ele não preferiu estar sendo cortado por alguma lâmina.— Pronto? — ela perguntou de novo.

Pelos deuses, sim. Ele não precisou levar seu membro para dentro dela. A ponta já estava aninhada na borda, preparada, atraída a ela por uma corda invisível.

— Saborear — ele disse. — Preciso saborear.

Ela mordiscou o lábio inferior.

— Esperar é tortura. Pensei que você tivesse parado de torturar as pessoas.

Os lábios dele se abriram num sorriso tenso.

— Agora. Por favor, Reyes.

Incapaz de continuar resistindo, ele segurou-lhe o rosto e empurrou toda sua extensão para dentro dela, gemendo em liberação absoluta. Ela o envolveu com braços e pernas, não apenas prendendo-o, mas entregando-se por inteiro.

E, assim, ela teve outro orgasmo. Os gemidos dela o incitaram. Para dentro e para fora, como ele fizera com os dedos. Para dentro e para fora, como ele fantasiara. Os pensamentos dele ficaram indistintos, seu único foco era Danika. O corpo perfeito, sua fragrância de tempestade. Seus doces gemidos e suas mãos que não paravam de lhe acariciar as costas. Nada mais importava. Ninguém mais importava. Ah, que deliciosa agonia.

Mais. Preciso de mais.

Seus lábios exigiram os dela na forma de um beijo ardente, sua língua apropriando-se da de Danika. O desejo dela se derretia no dele, aquecendo-se e fundindo-se um no outro. Talvez até a bondade dela imergisse nele, porque as luzes pareciam piscar na escuridão de sua alma, lançando sombras em todas as direções.

Mais!

Ela deu um gemido atormentado, e seus mamilos continuaram lhe abrasar o peito. Reyes foi envolvido pelo doce aroma da satisfação de Danika.

— Como posso querer mais? — ela arfou. — Não quero parar. Preciso... preciso...

O prazer foi demais, cortante, e Reyes explodiu. Ele não tivera que se apunhalar, apenas alguns arranhões, mas isto nem queria dizer nada. No geral, ele gostou. Um rugido de felicidade e choque escapou dos lábios dele ao derramar seu líquido quente. O espírito poderia ter deixado seu corpo.

Ele não sabia o que acontecera, ou como acontecera. Só sabia que seu coração batia disparado e os músculos do corpo se contraíam, apertando-lhe os ossos. Seus olhos só viam o paraíso. Nuvens, asas de plumas brancas deslizando, brilho de ouro, arco-íris iluminando pedras preciosas. Carícias do ar frio. Ele flutuava, pairando, sem peso.

Mas então veio o último jorro de desejo e ele desabou sobre Danika. Sem força. As nuvens desapareceram por completo, as asas, o ouro e as pedras preciosas. Ele se deparou com a mais profunda escuridão e quase não conseguiu respirar. A pele estava banhada em suor. Danika estava

quente sob ele, arfando, tremendo.

— O que aconteceu? — ela arfou.

— Orgasmo. — Um orgasmo diferente de tudo que ele já sentira antes.

— Não, Reyes. Você desapareceu.

Capítulo Vinte

DANIKA SE ANINHOU no calor do corpo de Reyes. Passou várias horas cochilando e acordando, ninada pela inebriante satisfação que nela vibrava. Reyes dormiu como uma pedra e não acordou uma vez sequer. Não mudou de posição, não fez nenhum ruído. Ela chegou a colocar o ouvido em seu peito para ver se o coração ainda batia.

Permaneceu acordada, aquecida e saciada. Mas sua mente continuou agitada, recusando-se a sossegar. Ir para a cama com Reyes fora... tudo que ela não quisera. Perfeito, maravilhoso, impressionante, sublime. Homem nenhum jamais a satisfizera assim.

Cada toque inflamado lhe acendera um maremoto de desejo. As ondas haviam sido infinitas, conduzindo-a de um patamar a outro. E ele não permitira que ela ficasse emocionalmente distante dele... Ela ainda estava trêmula. Eles se conectaram, corpo e alma, e ela secretamente adorou isso.

Mas uma pergunta a atormentava. Bem, à parte o fato de ele ter desaparecido, e ela ter achado que fora sua imaginação. Talvez tenha sido. Seu orgasmo fora tão intenso que poderia ter quase apagado, sonhado que ele havia sumido e depois acordado debaixo dele. O que ela mais queria saber era se ele tinha ou não tinha gostado de estar com ela.

A não ser que ele tivesse fingido, havia chegado ao clímax. Mas ele não deixara que ela o ferisse. *Era disso* que ele precisava para sentir prazer. Ela quisera fazer isso. Não só para ela poder eliminá-lo de seu corpo, lembrando-se dele como o pior parceiro que já tivera, mas também porque queria dar-lhe tudo, qualquer coisa. Até dor. Queria que Reyes se lembrasse dela para sempre, como ela se lembraria dele.

Ele dizia que não queria que ela fosse maculada pela violência de sua vida. Ela também achou que não queria ser maculada. Mas quando ele a acariciou, quando foi devorada por sua boca, Danika quis satisfazer a todos os seus desejos. As outras mulheres o feriram como ele queria. Por que não ela?

Danika virou a cabeça e olhou para o rosto adormecido de Reyes. Tranquilo e relaxado, sem linhas de estresse visíveis. Seus lábios eram exuberantes e rosados, algo que não havia reparado quando ele ficava olhando para ela com aqueles olhos intensos. Afastou cuidadosamente uma mecha de cabelo da testa dele. Reyes respirou fundo e nada mais. Danika sentiu o coração crescer tanto que quase engoliu as costelas.

Eu gosto dele. Apesar de lutar contra isso, não havia como negar. Ele já fizera de tudo: cuidara dela, lhe dera comida e abrigo, comprara-lhe roupas. Ele jamais a machucara, nem ao receber ordens nesse sentido. Chegara a lhe comprar materiais de pintura e montar um ateliê só para ela. Fizera amor com ela como se fosse mais importante do que o ar que ele respirava.

Sua força e coragem sempre a impressionavam; seu passado a fascinava. Ele não quisera mais ferir os outros, por isso se isolara. Isso era disciplina. Compaixão. Determinação. Ele era possuído por um demônio, e mesmo assim tinha um coração de um anjo. Esta contradição a encantava, e ela desconfiava de que talvez fosse capaz de passar o resto da vida descobrindo as nuances daquele homem, e ainda havia muitas a descobrir.

Ah, sim. Ela gostava dele. E que diabo era aquele barulho?

Olhou ao redor do quarto, roçando o rosto na pele quente de Reyes. O coração dele acelerou. O ruído seguiu de modo esporádico e ela conseguiu finalmente localizá-lo: a calça dela. Isto significava que...

O horror caiu em cascatas sobre ela. O celular estava tocando. Só uma pessoa tinha o número. Stefano. Engoliu em seco. Por um momento, só por um momento, desejou que ele *estivesse* no clube aquela noite e tivesse enfrentado Reyes, acabando assim com a dúvida que ainda tinha sobre quem ajudar. Mas assim que esse momento passou, a culpa passou a arranhá-la.

Danika saiu da cama cautelosamente, prestando atenção para ver se Reyes acordava. Mas ele permaneceu em paz, imóvel. Parte queria que ele abrisse os olhos, visse o telefone e a salvasse de si mesma. A outra parte dela torceu para que ele ficasse como estava. Ela estava nua, os mamilos eriçados devido ao ar frio, mas bastaria uma olhada daqueles olhos negros intensos para ela derreter, esquecendo os Caçadores. Ela ia implorar para sentir a boca de Reyes na sua, para sentir seu calor derretendo o frio que sentia.

Com as pernas trêmulas, tropeçou na calça e quase caiu ao se abaixar para pegar o celular no bolso.

O aparelho continuou tocando.

Olhou de novo para Reyes, que ainda dormia. *O que você está fazendo? Não faça isso.*

Tenho que fazer. Não tem outro jeito de salvar Reyes.

Ela caminhou até o banheiro sem fazer barulho e fechou a porta devagar. Sozinha, abriu o telefone. Sentiu a boca seca ao sussurrar “oi”. Como de costume, Stefano não perdeu tempo com amenidades.

— Você saiu da fortaleza. — Afirmação, não pergunta.

Ontem ela ficara contente em saber que estava sendo vigiada por Stefano. Agora...

— Saí.

— Obviamente, eles soltaram você.

— Sim — repetiu, lembrando-se da mentira que dissera a ele antes, que estava presa num quarto.

— Onde você está?

— Em um banheiro.

— Sozinha?

— Sim.

— Você está trabalhando para nós, Danika? Ou para eles? Você se esqueceu de tudo que eu lhe disse? Pelo amor de Deus, eles querem matar sua família!

Aquela pergunta agressiva a enredou por dentro de um jeito que a prendia, apesar da resposta que desse.

— Você sabe que eu... — O quê?

— Se eles tiverem oportunidade, vão estuprar e mutilar sua mãe. Depois sua irmã. Eles já mataram sua avó.

Ela balançou a cabeça, negando, trêmula

— Vamos resgatá-la — disse ele, inabalável. — Para sua própria segurança. Minhas fontes me dizem que o tal de Aeron está quase surtando de tanta vontade de derramar seu sangue. Não queremos que você se machuque. Ao contrário dos Senhores do Mundo Subterrâneo, queremos protegê-la.

Resgatá-la?

— Espere. Você quer me tirar da fortaleza?

— O quanto antes.

Não. De manhã, ela e Reyes iam viajar para Oklahoma.

— Não, não posso. *Você* não pode fazer isso. Eu...

— Você não tem escolha, Danika. Estamos prontos para entrar agora mesmo. Apesar de *eles* não darem valor à vida humana, nós damos. Queremos que você esteja em segurança.

O quê? Eles iam invadir a fortaleza? Claro que haveria uma batalha com sangue e morte. Danika tentou não entrar em pânico, mas o sangue começou a cristalizar e um barulho explodiu em seu ouvido.

— Se acha que estou do lado deles, por que ligou? Por que está me avisando e tentando me ajudar?

— Ninguém está livre de errar. Eles devem ter mentido para você, devem tê-la convencido de que não vão fazer nada com sua família se você ficar do lado deles, quem sabe ajudá-los de alguma forma. Quem sabe até ajudar a nos derrotar.

Ela abriu e fechou a boca, mas não falou nada. Tudo que disse fazia sentido.

— Vai estar pronta? — perguntou.

Não havia mais como ficar em cima do muro. Para sua surpresa, ela nem precisou pensar duas vezes. O que ele disse fazia sentido, mas não lhe parecia certo. Em algum momento ao longo dos últimos dias, a raiva que ela sentia de Reyes desaparecera por completo. O ódio fora substituído por... outra coisa. Ela não sabia que emoção se infiltrara dentro de si, só sabia que era algo ao mesmo tempo suave e quase violento. Ela preferiu achar que Reyes ia ajudá-la a encontrar sua família, e isto implicava abrir mão de sua rede de segurança, os Caçadores.

— Sim — ela mentiu.

— Garota inteligente. — O alívio de Stefano foi quase palpável. — Quantos Senhores do Mundo Subterrâneo estão na fortaleza?

— Todos — disse ela, mentindo outra vez. A maioria dos homens partirá de manhã. Será que Stefano os vira partir? Ou será que os guerreiros simplesmente desapareceram como Lucien fizera em diversas ocasiões?

Se Stefano soubesse a verdade, acharia mais fácil tomar a fortaleza. *Continue mentindo. Ele não deve estar sabendo.* Ela desabou sobre o tampo do vaso, as pernas subitamente fracas demais para suportá-la. Ela se inclinou, afundando os cotovelos nos joelhos. Com uma das mãos, continuou segurando o celular junto ao ouvido e com a outra esfregou a testa para tentar aliviar a dor súbita.

— Eles estão fortemente armados. Você não devia se arriscar a entrar na fortaleza. Não seria melhor eu escapar e ir ao seu encontro?

Ela podia dizer a Reyes onde eles estariam esperando e ele então... resolveria o assunto.

— Você não foi treinada para esse tipo de coisa. É melhor *nós* cuidarmos disso.

O que ela podia fazer? O que ela podia dizer para fazê-lo mudar de ideia?

— Acha que dá para chegar ao telhado sem ser percebida?

— Eu... Eu... — Droga! — Talvez. Daqui a quanto tempo?

— Uma hora.

Santo Deus. Uma hora. Será que Reyes conseguiria entrar em contato com Lucien a tempo? Será que Lucien traria os outros? Ela chegou a ficar enjoada de tão nervosa.

— Farei o que puder — disse, tentando desesperadamente não despertar desconfiança em Stefano. Ela falou em voz baixa, quase inaudível.

— Não me decepcione, Danika. Preciso lhe lembrar o que está em jogo? — Stefano desligou, e Danika fechou o aparelho.

Ela não voltou à posição normal, não conseguiu; estava com dificuldade de respirar. Deus, tinha tanto que fazer, e se fracassasse estaria pondo em risco a liberdade de Reyes, ou sua vida.

— Conversa interessante.

O comentário hostil lhe golpeou os ouvidos e ela deu um pulo. O sangue se esvaiu de seu rosto. Reyes parou à porta agora aberta com uma expressão indecifrável. Ele se recostou no batente com um braço para trás, em pose falsamente casual. Ele usava uma calça jeans que não se dera ao trabalho de abotoar. O peito nu não exibia mais nenhum machucado ou cicatriz alguma.

— Não é o que você está pensando. Juro.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Então você não estava falando com um Caçador?

Ela se levantou de um pulo, abrindo e fechando a boca. Reyes desviou o olhar bruscamente. Ele esticou o braço que estava atrás das costas e um segundo depois a camiseta voava em direção a ela.

— Vista. Lucien está aqui. Ele quer falar com você.

Ela pegou a camisa e a vestiu às pressas. Ela ficou com a visão bloqueada por um segundo, depois do qual Reyes já não estava mais à porta.

A camisa batia nos joelhos dela, mas Danika ainda se sentiu exposta ao voltar para o quarto. Sentiu nas pernas o beijo do ar gelado.

— Reyes, eu estava *ajudando* vocês! Você tem de acreditar em mim.

Ela parou ao ver Lucien. O guerreiro estava totalmente vestido, com as roupas manchadas de sangue. Reyes estava parado ao seu lado. Os dois homens olhavam fixamente para ela, esperando-a falar.

— Escutem — disse. — Minha tarefa é descobrir tudo que puder sobre vocês. Eu tenho tentado, reconheço. Os Caçadores que me capturaram e me pediram para espionar para eles são liderados por um homem chamado Stefano. Dean Stefano. Ele ia me ajudar a encontrar e proteger minha família. Para fazer isto, achei que vocês tinham que ser destruídos. Mas quando cheguei aqui, simplesmente não consegui. Só falei com Stefano duas vezes desde que cheguei, mas nunca passei nenhuma informação útil para ele.

— Acabou de falar? — perguntou Reyes, surpreendentemente calmo.

Ela assentiu.

— Muito bem. Então vamos passar ao próximo assunto. Contei a Lucien o que você me disse, que há outros seres como nós, possuídos por demônios. Há mais alguma coisa que saiba sobre eles?

Ela levantou a mão e balançou a cabeça. Por que ele não a acusava de mentir sobre não saber mais nada?

— Do que está falando?

— Os homens na prisão, aqueles que abrigavam os demônios que nós soltamos.

— Até parece que agora isto tem alguma importância! Você pode me deixar terminar? Por favor. Isto é importante. Caso de vida ou morte.

Ele apertou os olhos, porém não disse mais nada.

— Os Caçadores estão prestes a atacar a fortaleza. Eles vão chegar daqui a uma hora, talvez menos.

— Você estava pintando hoje — disse Reyes como se ela não tivesse falado. Mesmo assim, sua expressão não indicava nada. — Onde está a tela?

Ela olhou para Lucien, que estava de costas para Reyes. Que diabo era isso? Ela pusera as cartas na mesa, admitira seu crime, e era só *isso* que Reyes tinha a lhe dizer? Ela dissera que os homens estavam prestes a invadir sua casa e ele queria saber das suas telas?

— Eu queria ter chegado mais cedo — disse Lucien —, mas umas almas me chamaram e não consegui resistir. Eu *consegui* me teletransportar para cá, mas você não me viu. Como Reyes disse, você estava pintando. Preciso ver essas telas, Danika.

— Não vou lhe dizer onde estão! Primeiro me expliquem por que vocês não estão ligando para os Caçadores. Eles querem capturar vocês e expulsar seus demônios. Estão até procurando a caixa.

Algo cintilou nos olhos de Reyes. O que, ela não sabia. Era algo ameaçador e perigoso, ao mesmo tempo excitante e arriscado.

— Torin tem monitores espalhados por toda a colina. Ele soube assim que entraram na propriedade, e já eliminou vários deles.

Eliminou vários deles. Entenda-se: matou-os. Danika esfregou o ventre na tentativa de conter o súbito turbilhão interno.

— Então Stefano mentiu para mim? Ele não vai esperar uma hora, mas na verdade já começaram

o ataque?

— Sim, ele mentiu. Não acreditou em você — disse Lucien. — Aposto que mandou você ir para o... telhado?

Perplexa, ela assentiu.

— Ele a mandou ir para lá porque queria que você fizesse o contrário. As tropas dele estão vindo por terra e teriam pegado você lá embaixo. Agora, o que sabe sobre a caixa? Qualquer detalhe pode ser útil, mas diga logo porque precisam de mim lá fora.

Ela pousou o olhar sobre ele. Era mais fácil olhar para ele do que para Reyes. Assim seu coração podia diminuir o ritmo e os pulmões podiam se dilatar um pouco.

— Já disse a Reyes tudo que sei sobre isso, e é muito pouco.

— Você sabe onde ela está? Onde estão os demais demônios guardiões? Sabe se ainda estão presos?

— A resposta para as duas perguntas é não. Não sei.

— E sua avó saberia?

— Você teria de perguntar a ela. — Ela torcia para que fosse possível.

A cabeça de Lucien se inclinou para o lado.

— Paris teve uma visão com você.

Seus olhos de colorido incomum produziram um redemoinho que acenava para ela. De repente, um aroma de rosas preencheu o recinto.

— Na visão, você tinha a caixa nas mãos. Você sorria.

Ela riu, sem conseguir acreditar no que estava ouvindo.

— Impossível.

— Se você sabe de alguma coisa... — Lucien se aproximou.

Ela quis fugir, mas seus pés estavam enraizados no chão, aprisionando-a. E então ela não quis mais correr. O guerreiro parou bem em frente a ela, a milímetros de distância, e todas as células de Danika foram invadidas por aquele aroma de rosas. Sua mente foi às nuvens.

Todos os músculos do corpo dela relaxaram plenamente. *Farei o que ele mandar. Feliz da vida.*

— O que você sabe, Danika? Conte.

— Nada — ela disse, a cabeça pendendo à frente. Ela ia cair, não conseguia se segurar. Parte dela não queria se segurar. Reyes de repente surgiu com o braço em sua cintura, mantendo-a de pé. Ele tinha força e calor e espantou o frio.

— Chega, Lucien.

— Reyes — reagiu Lucien, falando em um tom mais duro do que ela jamais ouvira vindo dele.

— Não — replicou Reyes, igualmente agressivo.

— Eu não traí você — ela disse e apoiou o rosto em seu peito, torcendo para ele acreditar nela. Danika não podia perdê-lo. Agora, não.

— Eu sei. — Ele passou os dedos na cintura dela, fazendo carinho para cima e para baixo.

— Espere. O quê? Você sabe?

— Sim.

Ela levantou os braços

— Bem, então por que você estava bravo comigo?

— Bravo? Eu não estava bravo.

— Você saiu correndo de perto de mim. Mal me olhou.

— Anjo — disse ele, suspirando. Ele levantou a mão e segurou o rosto dela, fazendo-a olhar para ele. — Essa coisa de... ser carinhoso é novidade para mim. Odiei vê-la falando com um Caçador, fiquei preocupado com sua segurança e não tive intenção de assustá-la com meu jeito intenso. Além disso, sabia que você estava tentando me proteger quando mentiu para o Caçador sobre o número de guerreiros que havia aqui. Mas eu também sabia que você havia criado problemas para nós sem querer.

— Não entendo.

— Agora eles acham que estamos todos aqui, quando na verdade somos poucos. Eles vão mandar mais homens, trazer mais armas. — O calor que ela estava sentindo se esvaiu, total e completamente.

— Sinto muito. Eu não achei... só pensei... Como Lucien disse, Stefano não confia em mim. Ele devia achar que eu estava mentindo. Devia achar que poucos estariam aqui.

— Eu posso trazer os outros aqui — disse Lucien. — Estaremos preparados para o pior.

Ah, meu Deus. Depois de tudo, ia mesmo haver luta.

— Não se preocupe — disse Reyes. — Tudo vai dar certo. Agora, a tela — lembrou ele. — Traga-a para nós. Por favor. Precisamos ver se o que você criou significa algo que possa nos ajudar.

Ela assentiu e um telefone tocou, o som ecoando pelas paredes.

Franzindo o cenho, Lucien enfiou a mão no bolso. Ele berrou “sim”, colocando o aparelho perto do ouvido. Um momento se passou. Ao desligar, seu cenho estava mais franzido ainda.

— Sabin está impaciente.

— Já volto. — Danika entrou correndo no ateliê e pegou da parede a segunda tela que havia pintado. Ela observou atentamente as cores brilhantes e a complexidade de personagens. Na parte de cima da tela, dois homens e uma mulher, trajando mantos brancos e sentados em tronos olhavam para baixo de um jeito majestoso. Na parte de baixo, um homem estonteantemente lindo com asas de anjo e chifres de diabo conduzia um exército humano por um mar de sangue.

Ele tinha uma tatuagem de borboleta na parte de baixo da barriga, parecida com as borboletas ameaçadoras que Reyes e os outros guerreiros exibiam.

As cores ainda precisavam terminar de secar, de modo que ela tomou cuidado ao carregar a tela. Chegando lá, colocou a tela sobre as pernas.

— Aqui.

Os dois homens ficaram de queixo caído ao ver.

— O que foi? — ela perguntou.

— Você faz ideia de quem são estes seres? — perguntou Lucien com a voz tensa.

— Não. — E não sabia mesmo. Só sabia que os havia pintado. — Mas eu os vi em meus pesadelos — ela admitiu. — Muitas, muitas vezes.

— Cronos, o rei dos deuses, está sentado no trono central. Atlas e Reia estão ao seu lado. Os homens na parte de baixo são Caçadores.

— E este à frente do exército — disse Reyes, parecendo chocado — é Galen. Guardião da

Esperança.

Os dois homens trocaram um olhar carregado.

— Não posso acreditar nisso. Se esta tela diz a verdade, é ele quem está liderando os Caçadores.

— Lucien balançou a cabeça. — Eu nunca desconfiei, nunca imaginei... Por que Os Caçadores o acompanhariam voluntariamente? Ele, um demônio?

Reyes esticou o braço para tocar com a ponta do dedo o rosto do homem alado, mas percebeu que a tinta ainda estava fresca e baixou o braço.

— Danika e eu falamos sobre ele hoje; isso simplesmente não entra na minha cabeça.

— Mais tarde cuidamos disso. Agora não é hora. Preciso trazer os outros guerreiros para cá. —

Lucien lançou um olhar rápido para Danika. — Conte a ela. Ela precisa saber.

E então ele desapareceu.

— Contar o quê? — Ela sentiu o sangue afinar de tanto medo, e seus dedos apertaram a tela.

De repente, Reyes irradiou determinação.

— Ashlyn ouviu alguma coisa. Sobre certos artefatos que estamos procurando. Nós sabíamos que um desses artefatos tem o poder da visão — disse —, e de ver o céu e o inferno.

Ela demonstrou não estar entendendo nada.

— Do que está falando?

— É você. — Ele fitou os olhos dela fixamente, buracos negros convidando-o à queda. — *Você é o artefato, Danika. Você é o Olho Que Tudo Vê.* Por isso os deuses querem matá-la. Por isso os Caçadores estão vindo para cá agora mesmo. Todos querem um pedaço de você. E meu medo é que eles não sosseguem enquanto isso não acontecer.

Capítulo Vinte e Um

QUANDO SABIN CHEGOU à fortaleza, os Caçadores já estavam subindo a montanha. Lucien o teletransportara ao quarto de Torin, onde um sistema de computadores consumia a maioria do espaço. Todos os outros guerreiros, menos Aeron, ainda preso, cercaram o primor tecnológico, olhando para várias telas com atenção. Não, na verdade, nem todos estavam lá. Faltava Dor. De novo.

— Explosão? — Torin perguntou, animado.

— Sim. Exploda os desgraçados — rosnou Maddox com uma lâmina serrilhada na mão. — Caçador bom é Caçador morto.

— Não. — Lucien puxou-lhe a orelha. — Se eles conseguirem passar pelos buracos, redes e flechas, deixe-os entrar. Uma explosão vai atrair humanos inocentes à colina, e isso não podemos permitir.

Maddox inflou as narinas.

— Ashlyn...

Lucien puxou de novo.

— Já levei as mulheres para lugares seguros, mas todas resistiram muito. Anya vai cuidar bem de sua mulher.

Maddox encolheu os ombros, sua raiva diminuindo.

— Muito bem.

— Se os deixarmos entrar, vai haver um banho de sangue em nossa casa — disse Paris. — Não gosto de fazer faxina. E como Aeron está preso, já sei que a tarefa vai sobrar para mim.

— Já luto contra os Caçadores há bem mais tempo do que você — Sabin elevou a voz. — Acredite, é melhor matá-los aqui do que fazer isso na cidade cheia de inocentes, o que pode acabar sendo usado contra nós. E eles *vão* usar gente inocente. Mulheres e crianças são ótimos escudos.

— Tudo por um bem maior — ironizou Cameo com ar triste e ele se encolheu. Alguém tinha que amordaçá-la. Por mais tempo que passassem sozinhos, ele jamais se acostumaria à voz dela.

— Isso é divertido — disse o imortal chamado William, esfregando as mãos.

Sabin olhou para ele. Quem diabo o convidara? Fazer novos amigos não era seu projeto no

momento.

— O que você está fazendo aqui?

Lucien pressionou levemente a ponta do nariz.

— O guerreiro é nosso convidado e será um trunfo na batalha iminente. — Seu tom de voz não transparecia a menor felicidade, mas Sabin seria capaz de apostar que o “guerreiro convidado” fosse ser mutilado na batalha.

— Nós estamos lidando com algo que nem imaginamos.

— Do que está falando? — perguntou Sabin.

— Estou falando de nosso velho amigo Galen. Acabo de saber que os Caçadores estão sendo liderados por ele.

— Galen? — Sabin riu. — Você só pode estar brincando.

Os outros guerreiros também riram, mas foram risadas desconfortáveis. Sabin deu um tapa no ombro de Lucien.

— Faz milhares de anos que não ouvimos falar nele.

Lucien balançou a cabeça com aqueles intensos olhos de cores diferentes.

— Não é brincadeira. De acordo com as informações de Ashlyn, Danika é o Olho Que Tudo Vê. Uma de suas pinturas revela isso. Eles a mandaram subir ao teto. Eles querem roubá-la de nós.

As palavras tão calmamente pronunciadas foram letais para o ceticismo de Sabin. Galen. Responsável por todo o seu tormento. Seu maior inimigo. Que já fora, um dia, amigo de confiança. Fora Galen quem dera a ideia de distrair Pandora e abrir aquela maldita caixa. Fora Galen quem defendera a ideia de mostrar aos deuses o erro que haviam cometido. Galen fora aliado deles, ou assim haviam pensado.

Os deuses não nos confiaram a guarda da caixa, Galen dissera. Já não demos várias provas de nossa força? Já não demos nosso sangue por eles? Não os protegemos por tantos séculos? E mesmo assim eles escolherem uma mulher em vez de nós. Ela não tem metade da nossa força!

Cameo se sentira ofendida ao ouvir isso e arranhara o rosto de Galen. O demente rira. Cameo também se sentira ofendida por ter sido Pandora a escolhida e não ela. Então os guerreiros se juntaram para tomar uma atitude, confiantes. Mas Galen já fizera planos de traí-los, sua inveja não tendo nada a ver com a caixa. Lucien fora escolhido pelos deuses como Capitão da Guarda; não ele. Só mais tarde haviam descoberto que Galen os usara para fazer o trabalho sujo, ou seja, abrir a caixa. Enquanto colocavam em prática sua brilhante ideia, ele mobilizava o exército de Pandora para ajudá-lo a derrotar seus “amigos”, de modo que pudesse capturar os demônios, levar o crédito por salvar o mundo, e usurpar a posição de Lucien.

De início, tudo corria bem. Paris conseguira distrair Pandora, pois já naquela época as mulheres não resistiam a ele. Os outros se aproximaram da caixa furtivamente. Mas quando a alcançaram, foram surpreendidos por um grupo de soldados; Galen entre eles.

A batalha rapidamente explodiu. Sangrenta, violenta. No final, a caixa fora mesmo aberta, os demônios libertados, todos aqueles demônios finalmente livres. Mas apesar dos esforços de Galen, apesar dos esforços *deles*, não houve como alcançá-los. Os demônios eram mais fortes do que

imaginaram. Pior ainda, a caixa desaparecera como um fantasma da noite, enquanto os demônios devoravam a carne dos guardas de Pandora como tubarões famintos e desesperados. Os gritos... eles ainda assombravam Sabin. Apesar de Galen ter se voltado contra eles e “ajudado” Pandora, ele *de fato participara* da abertura da caixa, e assim os deuses o puniram com os demais. Hospedar o demônio Esperança não pareceu um castigo dos piores para Sabin, mas ele não conseguira fazer o tipo de justiça que esperava. Em meio à turbulência posterior à maldição demoníaca que se abateu sobre eles, Galen desaparecera e Sabin ficara ao mesmo tempo contente e furioso. Vingá-lo seria bom. Talvez naquele momento ele tivesse sua chance.

— Como ele ousa fazer isso? — disse Strider. — Uma traição só não bastava?

— Se ele estiver controlando os Caçadores, também não poderia estar comandando, debaixo do pano, aquele Instituto infestado de Caçadores no qual Ashlyn trabalhava? Ela disse uma vez que ninguém conhecia o presidente da instituição, pois ele nunca fizera aparições em público. — Maddox olhou ao redor do recinto.

— Você acha que é Galen?

— Talvez. — Sabin deu de ombros. — É irônico que uma instituição que afirma a superioridade humana seja governada em segredo por um meio demônio, meio imortal. Como você acha que ele impede os Caçadores de saberem a verdade sobre si? Se eles souberem, vão se revoltar. E por que Galen quer nos matar, afinal?

— Por que ele nos convenceu a abrir a caixa e depois se voltou contra nós? — Strider perguntou. — Ele tinha que vencer sempre, a qualquer preço.

— Olha quem fala, Derrota — disse Maddox.

— Talvez ele sempre tenha planejado nos derrotar, derrotar até os deuses e ganhar o paraíso.

Sabin pegou a adaga em seu cinto de armas.

— Sejam quais forem suas razões, se você estiver certo e estivermos prestes a começar uma agradável reunião de família, vou querer a cabeça dele. O crânio dele vai ficar bem no meu criado-mudo. Vai me poupar de me levantar para ir ao banheiro à noite.

Paris lançou-lhe um olhar mordaz.

— Eu conto as piadas por aqui. Seja como for, não tenho esperança de que ele vá dar as caras.

Sorrindo como o louco que era, Torin bateu palmas animadamente.

— Esperança está em alta. Galen é Esperança. Engraçado. Infelizmente acho que você está certo. Seja qual fora a razão, Galen ainda não se revelou a nós. Ele não sabe que sabemos que ele é o líder dos Caçadores.

— Então vamos mandar-lhe um cartão carinhoso, daqueles estofados, convidando-o para nos visitar. Acho que corpos de Caçadores em sacos plásticos dariam bons cartões estofados — disse Strider.

— Ah, isso é um erro terrível! — O que Gideon queria dizer era “ótima ideia”. Regozijado, esfregou as mãos. — Isso vai ser um tédio daqueles.

— Então — disse Torin, dedos voando sobre o teclado. — Deixamos os Caçadores entrar ou não? Eles querem Danika, o Olho Que Tudo Vê, e vão estar desesperados, pois acham que ela

poderá ajudá-los a encontrar a caixa e nos destruir. Se eles entrarem, estarão mais perto dela.

Sabin balançou a cabeça.

— Não vão estar mais perto, não. Reyes vai fugir com ela. Quando os Caçadores chegarem perto de nós, ela estará longe.

— Mas como ela pode ser um artefato, afinal? — resmungou Cameo.

— Deuses, mulher — disse William. — Sua voz é como a morte. Dá para calar a boca até eu sair daqui? Por favor. Sério mesmo, você é a única mulher a quem *quero* resistir nesse mundo.

Ela o fuzilou com o olhar.

— *Você* é quem devia calar a boca — Torin respondeu ao guerreiro, já não mais sorrindo —, se não, é você quem vai parar dentro de um dos sacos de corpos de Strider.

O olhar hostil de Cameo se transformou na coisa mais próxima de um sorriso que Sabin já vira no rosto dela em séculos.

— Ashlyn disse que os artefatos são guardados pelo monstro Hidra, e Anya depois confirmou isso. Ninguém tomou conta da garota.

— Talvez Hidra *costumasse* tomar conta — disse Sabin. — Danika teria de estar viva desde tempos antigos, mas todos sabemos que não é imortal, então ela só pode ter renascido. Talvez reencarnado. Ou talvez tenha herdado o dom de família, razão pela qual, de acordo com os deuses, a família inteira teria de ser aniquilada. Ou talvez Hidra simplesmente a tenha perdido. Caramba, quem sabe *Reyes* seja a Hidra. Vocês já viram como ele está com ela.

Houve um momento de silêncio, então alguém gargalhou, dizendo “Reyes é a Hidra”, até que Lucien falou:

— Deixe que entrem. Vamos lutar contra eles aqui. Assim é mais seguro.

Torin assentiu, sem tirar os dedos do teclado.

Coçando de vontade de lutar imediatamente, Sabin observou os monitores com atenção, oito telas que mostravam toda a área da colina. Já havia caído a noite, o luar permitia que apenas um traço de luz atravessasse a copa das árvores. Todos os Caçadores estavam de preto e chegaram até a pintar os rostos. Mas não podiam se esconder dos sensores de calor e nem do olho treinado de Sabin. Além do borrão vermelho, eles se entregavam em cada farfalhar de folhas.

— Droga. Eles são como gafanhotos — William disse. — Estou falando sério. Como besouros. Deve haver uns cem Caçadores.

— Está com medo? — Sabin perguntou.

— Nem pensar. Estou a ponto de ter um orgasmo.

Era de homens assim que Sabin gostava.

— Quanto tempo falta para eles chegarem? — perguntou Strider. Ele apoiava o peso ora em um dos pés revestidos por botas, ora no outro, não se aguentava de ansiedade. Torin deu de ombros, com os longos cabelos brancos roçando os ombros. — Quatro minutos. Talvez três. Depende do quão inteligentes eles sejam. Alguns já caíram nos buracos, e outros foram mortos pelas flechas escondidas.

Contanto que eu mate alguns, por mim tudo bem, Sabin pensou.

— Eles não vão invadir pela porta da frente todos juntos. Eles vão se separar. Sabem que *nós* sabemos que eles estão lá fora, portanto não adianta ficarmos quietos por muito tempo. Alguns estarão no nível do chão. Outros vão subir e entrar pelas janelas. Alguns devem vir de helicópteros para o caso de Danika ter obedecido as ordens deles e fosse mesmo para o teto.

— Então também vamos nos separar — Lucien disse. — Meus homens e William vão tomar a colina. Os seus podem ficar com o resto.

Sabin sorriu.

— O que você quer dizer é que vamos enfrentar a maioria dos Caçadores. Eu sabia que meu amor por você não era em vão.

Ouviu-se um coro de risadinhas, como era a intenção dele. Lucien e seus homens então saíram rindo. Fazia centenas de anos que moravam lá. Sabiam quais eram os melhores lugares para ficar à espreita, conheciam todas as passagens secretas.

Infelizmente, Sabin não.

— Devemos soltar Aeron? Deixá-lo participar da briga? Ele é um bom homem para se ter ao lado em batalha.

— Claro que não! — Torin disse. — Ele vai querer nossas cabeças tanto quanto os Caçadores. Qual é o problema? Você está com medo? Bem, não fique. Tenho monitores em todos os andares da fortaleza. Coloquem seus celulares no modo de vibração e vou alertá-los quando os Caçadores entrarem, dizendo onde estão.

— Como fui deixar você partir? — Sabin perguntou a ele.

— Não foi você quem deixou — Torin disse secamente. — Eu deixei você para acompanhar Lucien.

— Semântica. — Ele virou-se para os guerreiros e apontou o corredor com o queixo. — Vamos agir.

Todos assentiram e saíram do quarto, pegando os celulares enquanto caminhavam. Sabin estava atrás deles, mas logo tomou a frente com passos longos e determinados.

— Um bom dia para morrer — Kane disse.

Para Caçadores, era mesmo. Sabin enfiou o celular no bolso e pegou sua pistola 9 mm. Ele esticou os dedos da mão livre e estalou as juntas.

— Com que facção você acha que estamos lidando? — perguntou Strider. — Stefano, ainda?

— Não interessa — disse Gideon.

Ao mesmo tempo, Kane falou também:

— Qualquer uma. Todas. Quem se importa?

— Stefano, sem dúvida. Ataque de madrugada, exército superagressivo e pistolas semiautomáticas. Além do que, foi ele quem capturou Danika antes. Ele ainda não sabia que ela era o Olho, senão não a teria deixado partir — disse Sabin, acrescentando severamente: — Ele é meu. Se o vir, deixe-o vivo.

O homem queria punir Sabin por tomar parte no suicídio de sua esposa. Tudo bem, era até compreensível. Mas Stefano vivia perseguindo seus homens, nunca os deixava em paz, e assim não podia ser. Sabin podia ter dado as costas ao amor, mas valorizava demais seus homens para permitir

que ficassem sendo caçados desse jeito.

— Gideon, sala de entretenimento. Você sabe o que fazer.

— Não. Não sei. — Gideon se desgarrou do grupo.

— Kane, corredor norte.

Kane assentiu e dobrou o próximo corredor. Uma das lâmpadas do lustre quebrou no momento em que ele passou, jogando cacos de vidro para toda parte. Ouviu-se um chiado e um palavrão murmurado. Depois, é claro, outra lâmpada explodiu.

Desastre. Ele não podia ir a parte alguma sem sair explodindo tudo por perto. Pobre Lucien.

— Cameo... — Sabin deu uma olhada para trás.

Cameo não estava entre os guerreiros que permaneceram na sala. Onde ela havia se enfiado? Irritado, ele passou a língua nos dentes. Aquela mulher vivia desaparecendo o tempo todo e cada vez mais.

— Amun, corredor sul.

Sem resposta. Nem mesmo um aceno, mas Amun já tomara seu rumo.

— Mais dois minutos — Strider disse —, e então a brincadeira de verdade começa. Duvido que Lucien e seu pessoal consigam matar todos lá fora.

Sabin virou-se para ele de relance.

— Por que dois minutos? Como você sabe?

— Radar interno.

Antes da última palavra sair da boca de Strider, o som de vidro quebrando ecoou por toda casa. Sabin e Strider trocaram um sorriso.

— Seu radar não está funcionando. Acho que a brincadeira começa agora mesmo. — Ele pegou sua outra arma, sentindo na mão o peso bem-vindo da arma. — Corredor oeste para você, meu amigo. Eu vou para o leste.

Strider assentiu e saiu.

— Tome cuidado. — Sabin avançou, devorando a distância com seus passos.

Outra janela se quebrou, esta logo acima dele. Seu telefone celular vibrou no bolso. *Atrasadinho, Torin, ele pensou.* No instante seguinte, três homens pendurados em cabos de rapel adentraram em um pé de vento, a janela já sem vidros.

Suas mãos se levantaram, ágeis como chicotes, pulsos cruzados, dedos nos gatilhos, braços em movimento, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. *Bum, bum, bum.* Os homens pularam, gritaram e caíram no chão.

Ao ver os corpos mortos, foi tomado por uma enorme satisfação. Mas, misturado à satisfação, havia o rugido de seu demônio. Dúvida queria entrar em ação.

— Divirta-se — ele murmurou, e quase viu o demônio esfregando as mãos retorcidas de alegria. Sua mente se rasgou quando o espírito alcançou o plano mental, procurando algum pensamento fraco para poder atacar.

Já acostumado a isso, Sabin nem se abalou. Que bom. Aquela distração poderia lhe custar caro. Dois outros Caçadores voaram pela janela. Atirou neles com a mesma rapidez que atirara nos outros,

sem fazer o menor esforço. Esta era sua vida, sempre fora sua vida. Lutar, guerrear, matar. Desde suas memórias mais remotas, ele sabia que não deveria tolerar inimigo algum. Afinal, fora criado para isso: lutar, guerrear, matar. E, sem dúvida, um dia seria este o seu fim. Lutar, guerrear, matar.

Ouviu um farfalhar atrás de si.

Sabin virou e atirou sem pestanejar. Mais dois Caçadores caíram, gritando de dor. Um deles conseguiu tocar a bota de Sabin. Uma granada rolou dos dedos já sem vida. O pino fora puxado. Droga. Num piscar de olhos, Sabin agarrou a granada e a atirou pela janela, torcendo para não atingir nenhum de seus amigos. Mas era melhor detonar fora do que dentro.

— Olha a bomba! — ele gritou.

Bum.

E ele que queria evitar uma explosão. A fortaleza tremeu nas bases. Fogo e fumaça, irromperam gritos e passos. Uma onda de calor formou buracos enormes no corredor, tostando-lhe a pele. Escombros voaram para dentro também e ele levou a pancada de um galho de árvore no rosto, que o derrubou no chão. Sabin se levantou sobre os corpos, só então percebendo que um dos Caçadores ainda não havia morrido. O homem conseguiu levantar sua arma, sorrindo ao murmurar:

— Sem piedade. Não é esse o seu lema? — Ele atirou.

A bala entrou na coxa de Sabin, latejando.

— Filho da mãe! — Tiros de perto eram terríveis, e ele logo sentiu o músculo se despedaçar. Sabin fez uma careta e descarregou um cartucho no corpo já caído do Caçador, o som tão alto que estalou nos ouvidos.

— Sim — disse com desprezo. — É esse o meu lema.

O homem soltou um último suspiro, um segundo depois, sangrando pela boca.

Você é fraco demais, Sabin ouviu Dúvida sussurrar para um dos Caçadores do lado de fora. Os Senhores do Mundo Subterrâneo vão matar você. O mais provável é que você não sobreviva para ver o sol nascer outra vez.

Nitidamente, como se o Caçador estivesse parado perto dele, Sabin ouviu-o responder.

Não. Não. Sou forte. Vou matá-los.

Você está praticamente se mijando nas calças de medo. E medo é uma coisa que dá para se sentir. Eles vão partir para cima de você como se fosse um animal. E se eles retalharem você e mandarem seus ossos para sua família pelo correio?

Acostumado ao fluxo de dúvida, Sabin procurou ignorar os sussurros. Virou a cabeça para os lados, esquerda e direita, enquanto recuava para o canto ao lado da janela quebrada. Uma rápida olhada pela janela; nenhum Caçador espreitando para entrar. Uma olhada corredor abaixo; também não havia Caçador nenhum por lá.

Ele sugou o ar entre os dentes e olhou para o ferimento na coxa. A calça já estava grudada na pele por causa do sangue que jorrava do buraco que o encarava. Que maravilha. Ele esticou o braço, tocou a beira da ferida e quase gritou. Era pior do que ele pensava. Ele retorceu o pulso para alcançar e sentir a parte de trás. Havia outro buraco. Felizmente, a bala saíra dele. OK. Talvez nem fosse tão

sério. Ele rasgou um pedaço da camisa e amarrou na coxa, estancando o sangue.

Como seus homens estão se saindo? E os de Lucien? Torça para ninguém morrer. Os Caçadores estão em maior número do que vocês, portanto é possível que...

— Cale a boca — ele ordenou ao demônio que o perturbava com dúvidas e insegurança.

A maioria deles foi treinada para manter as mentes em branco, choramingou Dúvida. *Poucas mentes se abriram para mim e agora estão mortos*. O demônio precisava ouvir os pensamentos de suas vítimas antes de atacar.

— Pobrezinho — Sabin murmurou. — Mas se você me matar, vai perder tudo. Ficar doido. Pode até ser sugado de volta para a caixa.

O fundo de seu crânio se agitou com o demônio chacoalhando, horrorizado. *A caixa, não. A caixa, não!*

— Então fique quieto. — Felizmente, a criatura obedeceu. Do lado de fora, Sabin ouviu sons de tiroteio e gemidos humanos de dor. Aço cortando pele e osso. Ele deu uma olhada para a noite do lado de fora, mantendo-se nas sombras o máximo que pôde. Ele viu o brilho prateado de lâminas sendo atiradas e cruzando o ar para atingir o alvo.

Seu olhar alcançou um dos amigos. Maddox estava avançando e pulando no ar, caindo sobre vários Caçadores. Por vários segundos, braços e pernas se enfrentaram num emaranhado. Uma lâmina surgiu súbita e irregular, em uma dança de movimentos animais. Depois, cessaram os movimentos. Será que Maddox...

O guerreiro se levantou, empurrando corpos sem vida.

Maddox se virou e chamou alguém com uma das mãos. Reyes apareceu, segurando com um dos braços a cintura de uma humana, mas sumiram um segundo depois.

O Olho Que Tudo Vê. Graças aos deuses eu não a matei quando pude.

Seu telefone celular vibrou no bolso. Droga. Sabin voltou a ouvir passos. Tarde demais. Ele virou para trás. Quatro Caçadores haviam entrado no corredor.

— Encontrei um! — ouviu enquanto voltavam suas armas para ele e corriam em sua direção.

— Esse é meu. Depois que ele se recuperar das pancadas que vou lhe dar, será todo seu.

— Eu *vou* machucar o sujeito. Agora, depois. Esta é pelo meu filho, demônio!

Ele recebeu uma saraivada de balas: ombro, barriga, perto do ferimento recente na coxa. Bem que sabia que não devia ter se distraído. Ele ignorou a dor e partiu para cima deles, grunhindo. Sabin atirou até esvaziar os cartuchos de suas pistolas semiautomáticas e abriu os braços, ainda levando balas. Ele e os Caçadores se encontraram no meio do corredor.

Eles colidiram e caíram no chão. Um dos Caçadores bateu o crânio no mármore com tanta força que não se mexeu mais. Os outros três pegaram suas lâminas e tentaram cortar várias partes do corpo de Sabin. Mas ele esperava o ataque e pegou a sua própria adaga ao cair.

Humanos, por mais espertos que fossem, não eram páreo para a força e a velocidade de um imortal. Cortou os pescoços deles depois de levar umas poucas facadas. Arfando, Sabin se levantou tropeçadamente. Seu cérebro foi bombardeado pela tontura e ele oscilou. Assim, não conseguiria viver

para lutar contra Stefano. Muito menos para lutar contra Galen, se o covarde aparecesse.

Ele fechou os olhos por um momento, fatigado, fraco. Devia ter perdido os sentidos, porque, quando os recobrou, havia um humano bem em frente a ele, mas reparou que estava a uma distância que impossibilitava o ataque. E não era qualquer humano. Era Stefano.

Ódio brotou em seu peito como um maremoto, mas ele não teve força para levantar.

— Sabia que era você — disse Sabin. Estava com a garganta áspera, curtida pelo sangue.

Stefano estalou a língua.

— Olhe só para você, Dúvida. Deve estar sentindo dor. Que triste.

Sabin passou lentamente o braço bom nas costas, onde estava pendurada uma adaga. Ele sentiu o metal frio na pele.

— Ah, eu não faria isso se fosse você — disse Stefano, levantando o braço e apontando uma arma para o rosto de Sabin.

Sabin ficou imóvel.

— Nós dois sabemos que você não vai me matar.

— Talvez. Mas eu não tenho problema nenhum em ferir você, deixá-lo à beira da morte. Na minha equipe, há médicos capazes de salvar um homem mesmo que ele esteja prestes a morrer.

— Você não é um doce de pessoa? — Droga, sua cabeça estava nebulosa. Uma névoa que não tinha nada a ver com fraqueza e tudo a ver com... droga? Será que Stefano injetara alguma coisa nele enquanto ele estava inconsciente? Sabin não ia deixar por menos.

— Sim. Sim, sou mesmo. Não arranquei seus braços e suas pernas como queria ter feito. Não talhei o nome de Darla em seu peito.

Foi nojento ouvir aquele nome dos lábios dele.

— Ela odiava você, sabia? Acha que eu a tirei de você, mas a verdade é que ela veio para os meus braços por livre e espontânea vontade.

Stefano inflou as narinas.

— Mentiroso! Ela me amava! Ela jamais teria me traído. Mas você e seu demônio mexeram com a mente dela, transformaram-na. — Sua respiração saía e entrava do peito como se fosse uma serra.

— Nos últimos 11 anos, torci e esperei tanto para que tivesse uma namorada, para que eu pudesse tirá-la de você, mas nunca teve e cansei de esperar. Vou matar seus amigos e acabar com sua dignidade. E, por fim, vou acabar com a sua vida.

— E essa violência vai fazer do mundo um lugar melhor? — ele perguntou asperamente. — De paz e harmonia?

Língua nos dentes. Uma mudança de expressão, de raiva para compostura, como se as perguntas de Sabin o fizessem se lembrar de seu propósito.

— Cadê a garota?

— Talvez a tenhamos vendido. — Sabin esticou os dedos, que roçaram a ponta da faca. — Talvez a tenhamos cortado e devorado no café da manhã. — Sabin invejou Gideon naquele momento, pois, ao contrário do amigo, quase desmaiava toda vez que tentava mentir. Odiava ter de falar usando “talvez” e “provavelmente”. Qualquer um que o conhecesse perceberia o truque.

Stefano o conhecia.

— Cadê ela, demônio? Ela tem de estar por perto. Você sabia que ela esteve conosco e não ia querer que ficasse longe.

Outra onda de tontura varreu os corredores de sua mente. *Não perca o controle de si mesmo. Não deixe Stefano levar a melhor.*

Você está machucado. Ele já está levando a melhor.

Sabin trincou o maxilar. *Já não conversamos sobre isso? Se você quiser viver, demônio, é melhor fazer alguma coisa contra esse Caçador.*

Ele bloqueou a mente. Tem que se distrair. Faça-o pensar.

Uma distração.

— Isto traz lembranças, não traz? — perguntou Sabin. — Já estivemos antes nesta posição, só que era você quem estava machucado. Você e seus homens invadiram minha casa em Nova York, para tentar nos matar dormindo. Logo você percebeu como estava errado. Acabou conhecendo minha lâmina favorita. Eu a enfiei na sua barriga, certo?

Stefano inflou as narinas.

— Sim, e você achou que eu estava morto. Pegou suas coisas e se mandou, me largando lá, e meu ódio só crescendo.

Peguei o cara, Dúvida comemorou, e então sussurrou na mente do Caçador: Tanto planejamento, e a perda de tantos homens? De nada adiantou? E se os Senhores do Mundo Subterrâneo escapassem de novo?

— Fale sobre a garota. A verdade desta vez — berrou Stefano. — Você não a mataria. Ela é o Olho.

— Como é? — Ele sabia que os Caçadores já estavam cientes do dom de Danika, mas agora se perguntou quem teria contado a eles. — Você disse que ela era um olho? Mas eu já sabia que ela era espiã e estava de olho. Qual a novidade?

Enquanto Sabin falava, Dúvida continuou a encher a cabeça de Stefano. *Ela podia estar levando os Senhores do Mundo Subterrâneo ao terceiro artefato agora mesmo. Se eles encontrarem a caixa primeiro, não vai ter jeito de conter os demônios. Sabin vai ficar vivo, e você um dia vai morrer.*

Stefano apertou os olhos, segurando a arma com a mão trêmula.

— Pare com isso!

Sabin piscou os olhos inocentemente, os dedos segurando sua lâmina escondida.

— Parar com o quê?

— Pare de encher minha cabeça com esses pensamentos venenosos. Foi isso que você fez com Darla? Foi assim que a matou?

— Ela se matou. — Ele tinha que tomar cuidado. Não queria atacar Stefano e levar o homem a dar um tiro em seu rosto. Esse tipo de ferimento poderia persegui-lo pela eternidade. Talvez até matá-lo. — Parece que sua cabeça está a ponto de explodir. Posso fazer alguma coisa para ajudar? Como, por exemplo, dizer que você está trabalhando para um demônio?

Stefano abriu os lábios num rugido confuso.

— Banque o tapado, se quiser. No final, não vai adiantar para salvar você e nem a garota. E não

tente me enrolar com suas mentiras imundas. Meu líder é um anjo e nossa causa é comandada pelas forças do paraíso.

Sabin viu os músculos no dedo do homem se contorcendo e soube que o Caçador estava a ponto de puxar o gatilho. Com a raiva que estava, provavelmente não queria mais manter Sabin vivo.

As palavras seguintes confirmaram isso.

— Não quero saber o que vai acontecer com seu demônio quando você morrer. Quero que você morra. Seja punido. De uma vez por todas.

Não, ele não estava preocupado com Sabin.

Sabin invocou suas reservas de força, virou-se e saiu rolando, mas não a tempo. Ouviu um estouro e uma bala passou zunindo pelo seu ombro, ardendo, cortando, mas felizmente não se alojou. Antes que seu oponente tivesse tempo para dar outro tiro, Sabin pulou e deu um chute no tornozelo de Stefano. Quando o homem tropeçou e caiu no chão, Sabin arrancou a arma da mão dele.

Em algum lugar atrás de si, ele ouviu o som de sapatos sobre o mármore. Inimigo? Ou aliado?

Stefano recuou, se arrastando. Sabin queria avançar, quebrar o nariz do canalha, cortar seu pescoço, *alguma coisa*. Mas o resto de suas forças lhe havia abandonado. Ele estava arfando, ainda tonto, e seus músculos apertavam-lhe os ossos, imobilizando-o. Ele só podia esperar, torcendo para que fossem os amigos dele que estivessem se aproximando.

— Não terminamos — disse Stefano, ficando de pé. Ele olhou para o corredor e ficou pálido. Graças aos deuses. Isto significava que eram amigos de Sabin a caminho. Ou um deles, pelo menos. Sabin viu Gideon com o canto do olho, e ele estava começando a levantar sua arma.

— Sabin — chamou Gideon. — Droga! Não vim aqui atrás de você, homem.

Sem ver outra saída, Stefano correu para a janela e pulou. A não ser que houvesse algo para amortecer sua queda, ia morrer ao atingir o chão. Ele estava entregando os pontos? Com esta facilidade?

Gideon não parou para ver como Sabin estava. Passou por ele e correu até a janela. Sabin sorriu debilmente. *Eu o treinei direitinho*, pensou e viu tudo escuro. Seus joelhos finalmente cederam e ele caiu no chão.

— Acredito piamente no que estou vendo. O filho da mãe *não foi* pego por nosso amigo favorito e suas asas emplumadas.

Pop. Pop. Gideon esvaziou sua arma até ouvir *clique, clique, clique*.

— Maravilha! Acertei nele.

Sabin piscou e viu o imortal responsável por seu tormento. Lá estava Galen, com suas longas asas brancas abertas e batendo delicadamente, enquanto ele pairava do lado de fora da janela. Ele era alto, forte, e continuava lindo como sempre; nem parecia que milhares de anos haviam se passado.

Ele estava sorrindo.

Sabin achara que estaria preparado para ver o guerreiro. Ou pelo menos em parte depois do choque causado pela revelação de Lucien naquela noite. Não estava.

— Agora você sabe — gritou Galen com a mesma voz carismática e poderosa de que Sabin se

lembrava. — Agora começa a diversão de verdade.

Estas foram as últimas palavras que Sabin ouviu antes de perder a consciência.

Capítulo Vinte e Dois

T RÊS DIAS. T RÊS malditos dias desde que Danika e Reyes haviam deixado a fortaleza. Eles viajaram para lá e para cá, pegaram avião, carro roubado, trem, não pararam no mesmo lugar por muito tempo. Nunca se sabe. Não quiseram levar, sem querer, os Caçadores à família dela. E, por pior que fosse cair na estrada de novo, era mil vezes melhor, pois Reyes estava ao seu lado. Estava sim.

Eles não se falaram muito. Ele berrava ordens de vez em quando: se abaixe, corra, fique quieta. Mas este era o ponto principal das poucas conversas. Ela não vira Caçador nenhum, mas isto não queria dizer nada e ela vivia apavorada. Como sempre.

Dormiram em motéis baratos, sempre no mesmo quarto, mas nunca na mesma cama. Às vezes, à noite, após ele ter fortificado todas as saídas do quarto de motel em que estavam com cadeados extras, Reyes armava uma barricada no banheiro. Como naquele instante.

Com olhos apertados, Danika espiou a porta fechada. Estava deitada em uma cama ampla e o quarto pequeno, sujo e escuro se achava banhado em sombras, iluminadas de vez em quando pelos faróis dos carros, cuja luz penetrava pelas cortinas. Ela tirou o edredom duro de cima do corpo e se encostou à cabeceira da cama. Esperando.

Reyes estava no banheiro fazia meia hora. Ah, ela sabia exatamente o que ele estava fazendo. Saber disso não a enojava e sim... a entristecia. Por que não sentia mais desejo por ela? Por que não *a* procurava para se aliviar de seu demônio? Por ele achar que ela era um tal de artefato?

— Pateta — murmurou ela.

Ele e seus amigos mantiveram contato. Pelas conversas unilaterais que conseguiu “acidentalmente” ouvir quando ele sussurrava em seu telefone celular — teria ajudado se possuísse o dom de Ashlyn de ouvir qualquer conversa —, ela ficou sabendo que os Caçadores haviam mesmo atacado a fortaleza. Stefano escapara ileso. Poucos Senhores do Mundo Subterrâneo foram seriamente feridos, mas estavam sarando, felizmente. Ah, é. E eles queriam que ela pintasse. Respirasse, comesse e pintasse. Era só o que queriam que ela fizesse.

Poucos meses antes, teria ficado feliz com isso.

Reyes lhe dera um bloco de desenho que ela usava todas as manhãs para se livrar dos próprios sonhos conflitantes. Sonhos mais violentos do que nunca, com demônios cravando as garras nas

paredes irregulares e flamejantes do inferno. Quando ela terminava, Reyes destacava as páginas e a fazia enviar os desenhos a Lucien por fax. Ela não sabia se as pinturas haviam ajudado. Ninguém lhe dizia nada.

— Porque sou apenas a humilde pintora — resmungou ela.

A porta do banheiro se abriu. Reyes havia apagado as luzes, de modo que ela viu apenas sua sombra quando ele saiu. O aroma de sândalo se misturava ao sabor amargo e metálico de sangue. Ela não conseguia ver seu rosto, mas o dela estava banhado pelo luar e ele podia ver muito bem. Ela sentiu a intensidade do olhar dele perfurando-a, deslizando sobre ela.

Seu calor; ah, como sentia falta desse calor. Desde que começara a ficar com ele, nunca mais sentira aquele frio mortal. Até o momento.

Seria demais pedir-lhe para mantê-la aquecida por sua megagostosura? Aparentemente, sim.

— Preocupada com sua família? — perguntou ele, se acomodando na cama dura que ele havia feito no chão. Ela havia ligado para amigos de sua avó. Eles continuavam dizendo que não a tinham visto, e Danika acreditava neles.

— Não. Elas estão bem. Talvez eu esteja louca, mas estou convencida de que estão bem. *Estou* animada para vê-las amanhã. Obrigada por finalmente demonstrar piedade, aliás.

— Não tenho pena de você. Eu cedi porque não vi sinal dos Caçadores.

— Não importa. Fico grata assim mesmo.

Os minutos se passaram. Ele não se mexeu. Nenhum som, nem mesmo o de sua respiração, surgiu daquele chão. Ela odiava o silêncio. Ele a fazia pensar e remoer as coisas, preocupar-se com o que Reyes estaria pensando, enlouquecer imaginando o que estava para acontecer, lamentar o fato de ela já ter desejado passar uma só noite com Reyes e agora implorando por outra. E mais outra.

Quanto mais sentia o cheiro de Reyes, mais ela o desejava. Quanto mais corria seu sangue, mais Danika palpitava por dentro.

— Distraia-me — disse, deitando-se no colchão. Ela puxou o lençol, que roçou em seus mamilos cada vez mais duros. Ela mal conseguiu conter o gemido. — Por favor.

— Como?

— Não sei. Conte alguma coisa sobre você. — Ela já lhe pedira isto antes? Ela não se lembrava.

— Pensei que você não quisesse saber nada sobre mim.

Ah, é.

— Mudei de ideia. Sou mulher, posso fazer isso.

Outro minuto de silêncio, então ele disse:

— Não quero participar desse jogo, Danika.

Ela já havia percebido uma coisa em relação a ele. Reyes a chamava de Danika quando queria manter distância entre os dois. E a chamava de anjo quando queria se aproximar. Ela estava sentindo falta de ser chamada de anjo.

Eles tinham ido para a cama todos aqueles dias antes, e tinha sido maravilhoso. Ela queria, precisava de mais. Dele. Só dele. Ele era um vício. Ele acreditara que ela não estava ajudando os Caçadores quando outros homens deviam tê-la achado desleal. Ele se apressara a protegê-la, cobrindo-a com o próprio corpo quando os tiros haviam sido disparados. Ele lhe dera uma amostra

do paraíso que ela às vezes pintava, gentilmente conduzindo-a ao orgasmo.

Agora, ela queria que fosse selvagem. Forte, rude. Sim, certa vez pensara que teria nojo de fazer algo assim. Achara que não poderia ferir outro desse jeito. Mas naquele lugar, naquele instante, já sabia que não era verdade. Não havia nada que a deixasse mais satisfeita do que atender os desejos de um homem, do homem dela. Ser a pessoa a satisfazê-lo por completo, dar a ele o alívio máximo.

Algumas vezes, durante a jornada deles, ela tentara pensar e fazer sexo com Reyes. Chegara a roçar os dedos nos cabelos dele, no maxilar, descendo pelo peito. Na primeira vez, ele a impedira se afastando. Na segunda, disparara um sério aviso.

— Não consigo dormir — ela disse. — Converse comigo sobre *alguma coisa*. Obviamente, você tem estado por aí há muito, muito tempo. — Certo. Agora, a frustração dela estava evidente. Ela basicamente o chamara de velho. — Certamente, você pode me presentear com algum tipo de aula de História.

Ela pensou tê-lo ouvido roncar, zombando.

Os lábios dela se repuxaram.

— Não aceita o desafio?

— Primeiro, diga-me algo sobre você. Como se sustentava? Na sua antiga vida.

Antiga vida. Parecia uma eternidade atrás.

— Eu fazia retratos e murais. Nunca fui rica, mas dava para pagar as contas. No começo, minha mãe ficou decepcionada. A pintura tinha sido o sustento da minha avó durante a vida quase inteira, e elas queriam algo diferente para mim. Medicina, Direito. Algo mais... importante, acho.

— Pintar é importante. Acrescenta beleza ao mundo.

— Obrigada. — As palavras dele a deixaram ainda mais encantada. — Minha avó tentou se matar uma vez. Disse que as pinturas dela a estavam enlouquecendo. Mas então, depois da tentativa malsucedida, seu poço de inspiração secou, e ela nunca mais pintou de novo. Esse poço deve ter brotado dentro de mim, pois comecei a ter os sonhos poucas semanas depois. A vida dela se tornou tranquila e a minha, apesar de eu ser apenas uma criança, turbulenta. Acho que foi por isso que sempre entendi a relutância da minha mãe em me deixar seguir o caminho das artes.

— O que aconteceu com seu pai? Ele ficou em casa quando você viajou a Budapeste, ou ele está... ele havia...

— Morrido? Não. Ele nos abandonou faz pouco tempo. Criou outra família. — A perda a devastara. Ela o considerara um deus. No mínimo, um bom homem com um coração bondoso. Mas ele a abandonara como se ela não significasse nada. — Minha mãe disse que foi por causa da crise da meia-idade.

— Sinto muito.

— Depois disso, meus avós, pais da minha mãe, ajudaram a nos criar. Meu avô virou um segundo pai para mim, e foi por isso que a morte dele quase me destruiu.

— Você já sofreu muitas perdas em sua curta vida.

— Sim. — E ela não queria perder Reyes também. Tentara evitar, resistir, mas, de alguma forma, ele passara a significar tudo para ela. — Sua vez de me dizer alguma coisa.

Uma pausa. Então:

— Dê-me um momento para pensar.

Ela virou-se para o lado. Novamente, o lençol roçou em sua pele, lembrando-a de que havia um homem muito belo e sensual a poucos centímetros de distância. *Mesmo assim. Estou usando uma camiseta e envolta em algodão. Meu corpo não devia reagir como se eu estivesse nua e banhada em seda.* Mas o calor se espalhava, impregnando-se em cada célula.

— Fale sobre suas outras namoradas. — Aquilo deveria abafar a excitação dela. Então, se deu conta do que dissera. — Quando digo outras — se apressou a explicar —, não quero dizer que eu seja sua namorada atual e nem que já tenha sido. — Deus, aquele conversa não podia ficar mais constrangedora!

Um suspiro escapou dele, e Danika poderia jurar que sentira aquele hálito de menta por todo o seu sensível corpo.

— Eu tentei manter mulheres. Duas delas.

Duas? As vadias! *Opa, garota. Vá com calma.*

— Mantê-las? Como assim?

— Ter um relacionamento — ele esclareceu.

— O que aconteceu? — *Elas caíram de um lance de escadas e quebraram as caras feias?* Ciúme era algo que não lhe caía nada bem, concluiu.

— Depois de algumas semanas em minha cama, elas começaram a atacar todos que encontravam. Já mencionei isso antes, mas lhe disse que elas gargalhavam enquanto faziam aquilo? Faziam as pessoas, inocentes, tropeçarem. Empurrar, arranhar, socar. Até cortar.

Ela percebeu o tom de culpa na voz dele.

— E ainda acha que foi você quem as deixou assim?

— Sei que fui eu.

— Talvez essa fosse a natureza delas. Talvez você só tenha ajudado a libertar seus verdadeiros desejos. Talvez tenha sido atraído subconscientemente para esse tipo de mulher, por saber que elas não achariam suas preferências... desagradáveis.

Mais silêncio. Então:

— Talvez — ele disse, e agora, havia esperança em sua voz, a culpa completamente sobrepujada.

Esperança. Ela não questionaria os méritos daquilo. Não naquela noite.

— Sua natureza é gentil — acrescentou. — No entanto, no mesmo dia em que nos reencontramos, depois de meses afastados, você me mordeu.

— Eu estava furiosa com você e com medo pela minha família.

— Ou Dor a influenciou, enganando-a para que me atacasse.

— Ou eu estava furiosa e com medo — repetiu ela.

— Como eu disse, sua natureza é gentil.

— Não é, me desculpe. Odeio desiludi-lo, mas sempre fui temperamental.

— Não acredito.

— Não — ela disse. — Você acredita em mim, só não *quer* acreditar em mim. Por que isso? Não quer admitir que podemos ser mais parecidos do que você gostaria de imaginar? Acha que não vai

gostar da pessoa que sou na verdade? — Ai. A ideia, por si só, despertou uma dor no peito dela.

— Gosto de quem você é. Apenas tenho medo de quem você é. Doce, apaixonado, generoso, atencioso. E, sim, um pouco selvagem. Quero-a mais do que jamais quis qualquer outra.

Deus do céu. Palavras para derreter o mais frio dos corações.

— Fale-me de seus namorados — ordenou ele. As palavras a açoitaram.

— Você disse que não queria que eu falasse deles.

— Mudei de ideia. Sou um homem, tenho direito de fazer isso.

Ela riu. Uma estrelinha dourada para Reyes, por voltar contra ela as palavras que ela mesma usara.

— Você já... amou um homem?

— Não. — Ela amava Reyes? O que sentia por ele era tão mais intenso do que qualquer coisa que já sentira antes. O desejo ardente e a necessidade e a suavidade dentro de si... Droga, droga, droga. — Mas já tive encontros com homens — ela se forçou a dizer. — Muitos.

— O que quer dizer com *muitos*? — Parte da ferocidade já o havia abandonado. Ao menos não mais soava pronto para matar qualquer um que tivesse sequer olhado na direção dela.

— Uma garota precisa beijar mil sapos antes de encontrar seu príncipe, como minha irmã costumava dizer. Eu levava isso a sério e saía com qualquer um que me convidasse. E, só para você saber, eu *não* era fácil.

— Fácil?

— Você sabe, dançar o tango nua com qualquer um que demonstrasse interesse.

Novamente, quase um ronco de zombaria.

— Fique tranquila, sei que você está longe de ser fácil. — Depois: — Alguém *chamou* você de fácil? Se chamou, irei...

— Reyes, pare — disse ela, sem conseguir evitar que a gargalhada saísse junto com a voz. A ferocidade dele retornara com todo o vigor. — Ninguém me chamou de fácil. — Mas ela adorou saber que ele estava disposto a destruir qualquer um que tivesse chamado. — Eu só queria me certificar de que *você* soubesse. Só namorei sério com alguns poucos homens.

— Devo matá-los?

— Ora, Reyes, acho que essa foi a coisa mais bonita que você já me disse.

Danika pensou tê-lo ouvido dar uma risadinha.

— Nunca me apaixonei — ele disse, surpreendendo-a.

Subitamente, ela teve vontade de cantar e dançar. Ele era dela, sempre fora dela.

— Nem mesmo antes de ser possuído pelo demônio?

— Nem mesmo antes.

Ela tentou imaginar como ele havia sido centenas, milhares de anos atrás, mas não conseguiu.

— Como você era? Naquela época?

— Tal como sou agora, apenas... mais relaxado, suponho. — Ele riu, uma lembrança provavelmente sendo revivida em sua mente. Aquela risada a envolveu como uma carícia. — Eu tinha um lado provocador e costumava atormentar Aeron implacavelmente, escondendo suas armas, cortando seu cabelo enquanto ele dormia. Por fim, ele passou a raspá-lo.

— Queria ter conhecido você.

— Talvez tenha sido bom que não tenha feito isso. Éramos como crianças naquela época. Nascemos com os corpos plenamente formados, mas nossas mentes eram novas e nos maravilhávamos constantemente com o mundo à nossa volta. Treinamos para ser guerreiros, mas tínhamos apenas os deuses e suas diversões como exemplo.

Mesmo com aquela descrição na mente, ela não conseguia imaginá-lo tão infantil, gargalhando, correndo e importunando os outros.

— Como é possível que você já tenha nascido como um homem totalmente crescido?

— Mistura-se o sangue de um deus, terra, fogo, água... — A voz dele foi desaparecendo. — Ao menos foi isso o que nos disseram. E você? Como era quando criança?

— Comum, acho. Com ataques de raiva e choramingando para conseguir o que queria. Minha mãe costumava me chamar de diabo da Tasmânia.

— Você, provavelmente, se parecia com um anjo, mesmo naquela época.

Anjo. O coração dela quase parou.

— Reyes — ela disse, arfante.

— Sim — ele replicou, resignado.

— Quero estar com você de novo.

O silêncio retornou, uma cobra que envolvia sua presa e a sufocava. Ele realmente deixara de desejá-la? Apesar de tudo o que ele acabara de dizer? Provara dela, e aquilo já havia sido suficiente? Ou apenas não gostara do que provara?

— Danika...

Ela grunhiu de frustração. *Danika* de novo.

— Esqueça. Apenas... cale a boca e vá dormir. — Ela se virou furiosamente de barriga para baixo e martelou o punho no travesseiro para afotá-lo.

Não houve nenhum som que a alertasse de qualquer movimento de Reyes, mas, de súbito, ele estava em cima dela, seu corpo pesado imobilizando-a, esmagando-lhe o rosto contra o colchão. Ela arfou.

Os dedos seguraram com firmeza o pescoço dela, virando-lhe o rosto e permitindo que respirasse. Mas ele não se mexeu, não a rolou e não a soltou. Ele a manteve imobilizada. Planava sobre ela, e sua respiração era como um chicote açoitando-a. Com o canto do olho, ela viu o rosto dele de perfil. Seus olhos brilhavam de fogo, e os dentes estavam expostos.

O luar finalmente o encontrou, lançando um raio dourado sobre a pele, cor de mel de Reyes. Ele estava arfando, o suor cintilava. A comprida e grossa ereção pressionava suas nádegas. Danika estremeceu.

— Eu não a corromperei — sibilou ele. — Está me entendendo? Se isso significar que não poderei possuí-la novamente, eu não a possuirei.

— Então, você é burro! Já disse isso antes, e estou cansada de ouvir.

— Você não faz ideia do que pode lhe acontecer. Não tem noção de...

— Você tem medo de que eu fique sedenta pela dor, como aquelas mulheres. Bem, adivinhe só?

Esta não é minha natureza! Eu matei um homem, Reyes. Um humano. Um Caçador. Eu o feri e depois o matei. Desde então, ataquei todos que encontrei pela frente? Ataquei você e seus amigos quando tive todos os motivos do mundo para fazer isso?

— Não. — Reyes arqueou o corpo na direção dela. — Não.

Ela não conseguia parar de gemer.

— Fiz amor com você e, no entanto, não comecei depois a tramar as mortes de seus amigos, querendo feri-los. Na verdade, imediatamente depois disso, tentei *proteger* você. — Ela dissera ter feito amor. Antes ela havia insistido que era apenas sexo.

— Porque fui gentil. Porque mantive meu demônio longe de você.

Ele queria que ela exigisse aquela gentileza novamente. Queria que exigisse que seu demônio ficasse longe dela outra vez. Ela sabia disso, sentia isso, mas não o faria.

— Desta vez, dê tudo de si. Deixe-me provar que não vou mudar.

— Não. Não estou disposto a arriscar. — Mas ele não parou de se mexer contra ela, esfregando aquela ereção entre as nádegas. Deslizou as mãos pelos braços e a segurou pelos pulsos. Ergueu-os por sobre a cabeça e os segurou com uma das mãos enquanto descia com a outra pelo flanco dela até parar na curva do seio.

Ela já havia cravado os dentes no lábio inferior fazia muito tempo. Mordiscara, fazendo-o sangrar.

— Sim — ela gemeu. — Continue. Toque em mim.

Ele enfiou os dedos em torno dela, entre seu corpo e o colchão, e já estava envolvendo-lhe o seio por completo, o mamilo preso entre dois dedos.

Uma lança de prazer a atravessou. Ela ergueu os quadris de encontro à ereção dele, implorando em silêncio por um toque mais íntimo.

— Tire minha camisa. Toque minha pele.

— Perigoso demais.

— Vamos fazer isso.

— Pretende me forçar? — perguntou ele, achando graça.

— Se preciso for. Agora tire minha camisa.

Grunhindo como se estivesse sentindo dor, a doce dor, ele a soltou apenas por tempo suficiente para puxar o tecido por cima da cabeça dela e jogar a camisa para um canto.

— Deuses — rosnou ele. — Você está sem calcinha.

— Eu tinha esperanças. — Ela conseguia sentir o jeans dele contra a parte inferior de seu corpo, áspero, como calos. — Já terminou de resistir a mim?

Quantos minutos se passaram antes que ele falasse, ela não sabia. Finalmente, ele disse:

— Seremos delicados. — As palavras saíram tão graves, tão ásperas, que ela teve dificuldades para entendê-las. — Seremos lentos. Como antes.

Danika balançou a cabeça, os cabelos batendo contra a têmpora.

— Forte. Rápido.

— Não. Já me cortei e não tenho mais necessidade de dor.

Ele já se cortara? Após ter saído do banheiro? Quanto ao resto, ela sabia que era mentira. Ele soara muito relutante; precisaria de mais.

— Mas...

As mãos dele afundaram mais uma vez e a envolveram, e Danika esqueceu-se do protesto.

— Ah, Deus! — gritou. — Isso. Mais.

— Está molhada, meu anjinho?

Ela se sentia como se estivesse esperando por ele, por seu toque, durante toda a eternidade. Desesperada e ávida.

— Descubra por si próprio.

No instante seguinte, ela teve o corpo virado e olhou para ele. Reyes era um deus, forte e feroz, toda sua intensa sexualidade concentrada unicamente nela. O olhar de Reyes planou pelos seios dela, ele lambeu os lábios. Então, aquele olhar se moveu na direção do abdômen, e os músculos de Danika estremeceram.

Ele parou e se deteve no fino amontoado de cachos entre as pernas dela. Linhas de tensão se espalharam em torno de seus olhos quando ele levou as mãos aos joelhos e os afastou. O olhar de Reyes se inflamou, as chamas estalando de verdade nas profundezas escuras como uma noite sem estrelas.

— Agarre a cabeça — ele ordenou.

Ela já estava esticando as mãos na direção dele, querendo arrastar as unhas em seu peito. Talvez fazê-lo sangrar.

— Mas...

Novamente, ele a impediu de terminar uma frase.

— Agarre. A. Cabeceira. Agora. Ou voltarei para minha cama.

Ele estava prestes a perder o controle? Se fosse o caso, precisaria de que ela o machucasse. Certo? Ela poderia finalmente provar a ele, e a si mesma, de que era capaz de fazer isso.

— Deixe que eu faça, Reyes. Por favor.

— Não. Não falarei novamente. Agarre a cabeça ou isto terminará agora.

— Tudo bem. Mas não vou ser sempre assim tão obediente. Entendeu? — Olhos estreitados, ela lentamente esticou o braço atrás de si e agarrou as barras de ferro. Elas estavam frias, o que lhe provocou calafrios. — Feliz?

— Ainda não. Não até que eu a prove.

Deus, sim.

— Também quero provar *você* desta vez.

Um gemido entreabriu os lábios dele. Reyes gostara da ideia, mas ela suspeitava de que ele não fosse ceder. Ele provavelmente imaginava que ela exploraria seu corpo, tentando feri-lo enquanto o fazia. Imaginava corretamente.

O que ela teria de fazer para provar-lhe que não seria corrompida pela violência da qual ele precisava?

— Tão linda — arrulhou ele, toda a sua raiva desaparecendo. Dois de seus dedos brincavam entre as dobras úmidas de Danika, circulando o clitóris.

Seus quadris se arquearam espontaneamente, o corpo desesperado para ter mais dele.

— Reyes — sussurrou.

— Mais?

— Por favor.

Os dois dedos entraram nela, uma vez, duas vezes, levando seu desejo a um nível quase incontrolável.

— Você está deixando minha mão encharcada — disse ele, orgulhoso.

— Com a língua. Por favor. — Ela precisava dos dedos dele, precisava da língua. Ansiava por tudo que ele tivesse para dar. E, ainda assim, suspeitava de que aquilo jamais seria suficiente.

Em vez de fazer o que ela pedira, ele se afastou, interrompendo o contato.

— Não! — gritou ela. — O que está fazendo?

— Ficando nu. — Ele tirou o jeans, jogou-o de lado.

Ah.

— Rápido!

Mas ele não voltou para ela de imediato. Danika não conseguia parar de se contorcer enquanto ele se abaixava até o chão.

— Reyes?

— Preservativo. — Ele se levantou, um envelope prateado brilhando ao luar.

— No final das contas, você não é tão indiferente às coisas, hum?

— Comprei-os hoje de manhã. Sabia que minha determinação era fraca. — O envelope desapareceu de vista, e ouviu-se um farfalhar de lençóis.

Então, os dedos dele estavam novamente dentro dela. Três desta vez.

— Deus, sim. Isso.

Em seguida, a boca de Reyes estava sobre a dela, a língua quente investindo para dentro.

Tão bom. Era tão bom. O membro dele roçava contra ela, liso e quente. Outro brilho prateado, ele gemeu de felicidade, e ela pensou, *Outro preservativo?* Obviamente, não. Ele não precisava de dois. O que... por que... Oh, Deus. Ele beijou-lhe o corpo, sabia exatamente onde lambe, exatamente onde sugar e molhar.

— Pare um minuto — ela arfou. Precisava pensar e não conseguia fazer isso com a boca de Reyes sobre si.

— Por quê? — perguntou ele, sugando o clitóris ao se afastar. Ela quase chegou ao orgasmo, um prazer tão intenso.

Prateado. O que havia sido aquele segundo brilho prateado? O que o faria gemer daquele jeito?

— Danika?

Uma faca, subitamente se deu conta. Ele havia se cortado. Ela sabia disso e não gostou. Seus olhos se fecharam brevemente, bloqueando a visão que tinha dele. A excitação de Danika brilhava nos lábios dele, e Reyes estava limpando com a própria língua.

— Entregue a lâmina para mim — ordenou ela. — Agora.

REYES FICOU CHOCADO com a ordem de Danika, excitado até o ponto daquela maravilhosa dor. Ficou impressionado por não ter precisado se cortar para manter a ereção, mas o fizera porque não queria

que Dor se manifestasse. Não queria que sua determinação enfraquecesse, o que daria a Danika a oportunidade de dominá-lo.

Como naquele instante.

Mesmo assim, tinha cada vez menos vontade de impedi-la. Gostava cada vez mais da ideia de ser ferido por ela.

Não vou corrompê-la, não posso corrompê-la. Preciosa demais. Minha demais.

Tempo demais sem ela.

Ele lançou a lâmina para que se cravasse na parede do outro lado, o punho da arma balançando ironicamente.

— Não — disse ele, olhando para aquela mulher que lhe consumia os pensamentos.

Ele a possuía uma vez e não devia tê-la desejado tão ferozmente de novo. Mas precisava dela. Necessária como o ar. E poderia tê-la, se continuasse delicado.

— A faca — disse ela severamente. — Pegue para mim.

Com um esgar, ele se abaixou até que os narizes se tocassem. Ela não soltara a cabeceira, de modo que suas costas continuavam arqueadas. Os mamilos rijos pressionaram contra o peito dele, uma tentação que ele queria em sua boca.

Logo.

Ele segurou o membro intumescido com uma das mãos e o queixo dela com a outra.

— Você me quer? — As pupilas dela, já dilatadas, engoliram o que restava daqueles exuberantes globos de jade.

— Sim. Você sabe que quero.

— Você me terá, então, sem me ferir. E darei o que você quer, sem machucá-la. Apenas assim isso dará certo.

Ele esperou pela reação dela, a ponta de sua ereção a pressionando. Quando um minuto se passou lentamente, sem que ela dissesse uma palavra, ele se inclinou para baixo e sugou o mamilo.

Ela ofegou de novo, desta vez carregada de desejo.

— Diga que tenho razão — insistiu ele. Sugou o outro mamilo, rijo, e depois lambeu.

— Sim. Sim.

Tudo o que ele precisava ouvir.

Ele a penetrou até o fim e ambos gritaram em uníssono. As paredes internas dela estavam quentes e molhadas, como seda forjada por fogo líquido. Todos os músculos dele lutavam pela liberação, pelo maravilhoso prazer que jamais sentira de verdade com mais ninguém.

Desde o começo, o coração de Reyes reconheceu aquela mulher como sua. Como o demônio, ela era parte dele, uma parte necessária para torná-lo pleno. A coragem dela o deleitava. O jeito irônico dela, agora que ele o conhecia, era tentador. Sua disposição em ajudá-lo, apesar de tudo o que acontecera, o emocionava.

Naquele lugar, naquele instante, ela era dele. Um bilhete para sair do inferno e entrar no paraíso.

Ele não sabia se algum dia conseguiria deixá-la ir embora, mas sabia que precisava tentar. Para a segurança dela. Como ela certa vez ressaltara, a vida dele era de guerra e tormento, e isso não

mudaria. Ela merecia algo melhor.

Tentara se afastar dela, mas fracassara. *Amanhã*, pensou, entrando e saindo dela.

Danika se retorceu toda, jogando a cabeça para os lados. Ela gemeu e ficou repetindo seu nome.

— Como pode ser tão bom?

— Anjo — arfou ele. — Não sei.

Ela chegou ao clímax um segundo depois, apertando-o com os joelhos. Ela finalmente soltou a cabeceira da cama e agarrou seu rosto, puxando-o num beijo selvagem.

Suas línguas rolaram juntas numa batalha por domínio, os dentes se chocando. Ela cravou as unhas nele, e ele a seguiu até o topo do prazer, rugindo seu nome, lançando sua semente em jatos quentes. Ele não sabia como era possível, como podia sentir prazer sem uma dor intensa. Não entendia por que Dor se mostrava tão quieto enquanto ele estava com Danika, como se o demônio estivesse contente por permitir que Reyes vivesse esses momentos. Não entendia como podia estar se sentindo quase... normal com ela.

Mas ele também não tinha tempo para ponderar sobre isso. Como da última vez, o espírito pareceu abandonar seu corpo, flutuar, plainar, parando apenas ao chegar aos portões dourados do paraíso. Ele não havia parado para pensar nisso antes; presumindo que estivesse simplesmente bêbado de prazer. Mas, naquele instante, ele via, de olhos bem abertos, anjos voando ao seu lado, plumas roçando em sua pele com carícias delicadas. Nuvens pairavam ao redor, o sol brilhava muito, o céu em tons profundos de azul.

Um anjo olhou para ele, sorrindo lentamente.

— Luz e trevas — disse a criatura celestial com voz melódica demais para ser humana. — Lindo.

Naquele instante, Reyes percebeu algo assustador. Danika era mesmo o Olho Que Tudo Vê, e este Olho era mais complexo do que ninguém jamais se dera conta. Pois ela dera um jeito de abrir um portal entre a terra e o além. Um portal que muitos não hesitariam em matar para possuir.

SONHOS ATORMENTARAM DANIKA a noite inteira. Sonhos soturnos, turbulentos e sanguinolentos. O fogo do inferno a lambeu, fazendo subir ondas de fumaça pútrida, adentrando-lhe o nariz e fazendo-a engasgar. Ela já estivera lá mil vezes antes, porém o mal jamais deixava de persegui-la.

Demônios escamosos de todas as cores se arrastavam pela caverna rochosa. Gritos, muitos gritos, ecoando pelas paredes ensopadas de sangue. Ninguém parecia reparar nela, pois estavam ocupados demais correndo por entre as almas acorrentadas que havia por toda parte. Seu olhar pousou em uma alma humana em particular, percebendo de repente suas feições com clareza.

Ficou de queixo caído. De algum jeito, de alguma maneira, ela estava olhando para o Caçador que ela havia matado. Como podia... Como era possível que... Não, não era possível.

É apenas um sonho, procurou lembrar.

— Diga o que você sabe sobre o Olho — ronronou um demônio ao lado dele.

O Caçador tremeu, permanecendo em silêncio. Rindo, o demônio começou a arranhar-lhe a pele, rasgando-a em tiras. Ele gritava sem parar, e o demônio continuava rindo e logo os gritos *dela* se juntaram ao coro.

— Estou aqui, anjo. Estou aqui.

A voz de Reyes lhe atravessou a mente e a puxou de volta do sonho. Seu corpo estava banhado de suor. Ela não conseguia respirar direito. Reyes a abraçou e ela afundou nesse abraço, absorvendo as forças dele.

— O que aconteceu? — perguntou ele, acariciando-lhe as costas.

— Vi um demônio torturando o homem que matei, e exigindo saber de *mim*. Apenas me abrace — pediu. De manhã, ela ia desenhar o que vira. No momento, simplesmente precisava de seu homem. *Talvez eu seja o Olho. Talvez eu possa ver o além*. Os pesadelos sempre pareciam *bastante* reais. Fazia sentido, portanto, ela pensou, que eles fossem mesmo reais.

Deus, só pensar nisso... a deixava nauseada. Os braços de Reyes a envolveram com força. Seus dedos traçavam caminhos pelas costas dela. Vários minutos se passaram, e ela começou a relaxar. Seu senso de normalidade retornou, o bem dando lugar ao mal.

Engraçado um demônio ter ajudado a espantar seu pesadelo, ela pensou, enquanto adormecia tranquilamente.

Capítulo Vinte e Três

AMANHCEU, MAS O quarto de motel ainda estava totalmente escuro. A luz do sol não penetrou pelas cortinas que cobriam a única janela, e Reyes provavelmente desligara o despertador, pois não havia números luminosos mostrando a hora.

As pálpebras de Danika se abriram lentamente. O aroma de café a despertou, um convite ao qual seria incapaz de resistir, então se levantou. O lençol de algodão caiu até a cintura, expondo os seios ao ar frio.

Tremendo, ela se enrolou de novo no lençol, até o queixo. Enquanto isso, seu olhar circulou a área. Reyes não estava mais na cama. Suas roupas estavam novamente no chão.

Onde ele...

A porta se abriu antes de conseguir recobrar as energias. A luz finalmente invadiu o interior do recinto. Danika piscou, chegou até a levantar a mão para cobri-los, pois já estavam marejados.

— Ótimo. Você está acordada — Reyes disse, fechando a porta.

Depois que as sombras conseguiram afugentar o pouco de luz que entrara, ela deixou a mão cair ao seu lado, seu olhar faminto acompanhava o homem que lhe dera tanto prazer na noite anterior; o homem que não a deixara fazer o mesmo por ele.

Ele parou ao lado da mesa, e ela percebeu que trazia um saquinho na mão.

— O café da manhã está na mesa. Lamento que não seja dos melhores, mas comprei aqui mesmo, no motel, para poder vigiar nossa porta e garantir sua segurança.

Ela tirou os olhos dele, a coisa mais difícil do mundo, e olhou para a mesa. Uma xícara de café, três barras de chocolate e um saco de batatas fritas a aguardavam.

— Perfeito — ela disse, e falou sério. Não porque ela gostasse daquilo, mas por ele ter se dado a este trabalho por ela. O estômago de Danika roncou. — O que tem no saco?

— Uma camisa — ele disse, sem entrar em detalhes.

O que havia com ele? Estava agindo de modo distante outra vez, como se a noite anterior não tivesse acontecido. Ela olhou para ele, desconfiada. Nos últimos dias, havia percebido que ele trocava de camisa pelo menos três vezes por dia. Achou que sabia o motivo. Ele não queria ver sangue coagulado no tecido. Se ele havia comprado outra naquela manhã, significava que devia ter se cortado. De novo.

— Tire a camisa — ela disse.

Um músculo se contraiu no maxilar de Reyes. Ele foi até o banheiro, dizendo:

— Coma, tome banho, se vista. Nós vamos ver sua família hoje.

Só de pensar ela sentia um aperto no coração, que denotava o nervosismo que ela havia conseguido disfarçar na noite anterior, bem como sua excitação. Elas estavam felizes? Sentiram sua falta tanto quanto ela sentira falta delas? Por que elas se reuniram e não a incluíram?

Deixando estas perguntas de lado por um momento, Danika saiu da cama e correu para o banheiro. Nua, ela se virou, abriu os braços e bloqueou a passagem quando Reyes tentou entrar.

Ele parou bem perto dela. Os mamilos de Danika instantaneamente endureceram para ele. Sua boca, seu toque. Aquele perfume de sândalo que parecia segui-lo a qualquer hora do dia, ao fazer qualquer atividade. Ela umedeceu os lábios.

— Tire a camisa.

Seu olhar sombrio encontrou o dela, e foi ficando quente ao descer, mais... mais...

A pele dela explodiu em arrepios, as pernas tremeram.

— Você tem o corpo mais delicioso que já vi — disse ele de um jeito ardente.

— O-obrigada. Agora tire a camisa. Você não vai me distrair.

Com a mão livre, ele agarrou o batente da porta, a mão logo abaixo da dela, como se precisasse se segurar a *alguma coisa*. A madeira rangeu sob o aperto de sua mão, mas ele tentou manter uma expressão indiferente.

— Sei por que você sente tanto frio o tempo todo.

— Eu disse que você não pode me distrair. Além do que, não sinto frio o tempo *todo*. Eu me lembro de duas situações em que quase fui queimada viva.

Ele retorceu os lábios, e o calor em seu olhar se intensificou.

— Não, não o tempo todo.

— Por que, então? Porque o ar é frio?

Ele respondeu ao tom atrevido dela com um sorriso largo. Cada terminação nervosa de seu corpo cintilou, injetando nela eletricidade e calor. Aquele sorriso, ah, aquele sorriso. Tão excitante quanto suas carícias.

— Você é um portal tanto para o paraíso quanto para o submundo.

Reyes se abaixou... se abaixou... Os lábios dele lhe roçaram a orelha.

Ela estremeceu.

— Às vezes seu espírito se conecta com o futuro, lançando imagens em sua mente.

Ela balançou a cabeça, perplexa.

— Se isto fosse verdade, eu teria sentido frio a vida inteira. Mas essa sensação de torpor me veio pela primeira vez depois que conheci você.

— Então devo ser uma espécie de... — Ele fechou os olhos por um momento, obviamente procurando a palavra correta — ...canal para você. Toda vez que estou com você, eu voou até os céus.

Então ela sorriu.

— Isso só quer dizer que sou melhor na cama do que imaginava. — Primeiro eles achavam que

ela era um tal de Olho Que Tudo Vê. Agora um portal? *Alô, sou só uma garota normal, apesar de meio maluca.*

Pelo menos torcia para que fosse normal mesmo. Não queria ser nada além de normal. Não queria que as pessoas a perseguissem pelo resto de sua — curta? — vida. Ela merecia descansar e relaxar, droga. Com Reyes. Eles podiam viajar para uma praia, descansar na areia branca, preguiçosos, e ele podia fingir que era seu massagista.

— Com um pouco de treino, você pode aprender a controlar suas visões. Decidir se vai ao paraíso ou ao inferno. Decidir quanto tempo ficar, a quem observar.

Lá pelo meio de seu discurso, ela estava balançando a cabeça. O suor lhe banhava o corpo, mas ela voltara a sentir o sangue gelar.

— Eu não quero mais falar sobre isso. Quero que você tire a droga da sua camisa!

Ele pendeu a cabeça para o lado, mas não obedeceu.

Tudo bem. Ele queria evitar o assunto de sua autotortura, então ela lhe daria algo pior em que pensar. Talvez depois fosse ele a implorar para falar sobre seus últimos machucados.

— Escute aqui. Você chega ao orgasmo comigo, mas pelo que percebi apenas se machucou um pouquinho. Nada perto do que as outras mulheres tinham de fazer com você. Isso só pode indicar que seu demônio fica mais domado quando você está comigo. É verdade?

Ele hesitou, olhou com desconfiança, assentindo rigidamente. Ela ficou completamente surpresa, pois estava apenas tentando adivinhar. Se o demônio ficava calmo apenas com ela, isto tinha de significar que *alguma coisa* estava acontecendo. Ela *era mesmo* um portal?

— Se sou o Olho e sou um portal, é razoável imaginar que poderia mandar seu demônio para algum lugar quando você está dentro de mim.

Ele ficou boquiaberto.

— Fico me perguntando para onde vai o demônio. Quem sabe não vá visitar os amigos no inferno? Quer testar a teoria?

Parecendo em transe, ele recuou.

— Eu... Eu...

— Esta é uma ótima notícia. — Ela caminhou em direção a ele. — Certo? Você pode estar comigo sem medo de me destruir.

— Não ousou ter esperanças — ele sussurrou com voz embargada. — Você sabe o que acontece quando as pessoas nutrem esperanças.

Droga. Ela não sabia como responder àquilo.

— Você queria ver minhas feridas. — Houve uma pausa tensa na qual ele continuou absolutamente imóvel. Então ele soltou o saco que estava segurando e tirou a camisa com um puxão só, expondo o peito. — Então veja.

O plano dela funcionara. No entanto, ela percebeu que teria gostado de continuar a discussão. Ela fizera excelentes observações. Mas depois seu olhar se voltou para ele e viu as cicatrizes que cobriam todo aquele peito musculoso, algumas até desfigurando a tatuagem de borboleta. Havia cortes longos e curtos, formando um só emaranhado de dor.

— Você fez isso em si mesmo? — ela perguntou severamente.

— Sim.

Alguns dias deixaria que ela o ajudasse? Provavelmente não, pensou em seguida, banhada em decepção. A não ser que...

Um dia, em breve, ela teria de surpreendê-lo. Se ela podia afastar seu demônio, ele não precisaria mais sentir dor. O que ele precisava era de paz de espírito. Apenas se o esfaqueasse ela poderia provar ser *capaz* de feri-lo, *capaz* de atender a seus desejos e não se transformar em uma prostituta qualquer sedenta de sangue.

Com isto em mente, ela apoiou a palma da mão em seu peito e apertou. Apesar de ela ser forte, ele era mais, e só poderia se mexer quando Reyes deixasse. Ele deixou.

— Terminamos por aqui — disse ela, e bateu a porta do banheiro no rosto dele.

MULHERES. SERÁ QUE Reyes as entenderia algum dia?

Ele estava fazendo um favor a Danika ao mantê-la afastada do lado sombrio de sua vida, e mesmo assim ela o olhava com uma expressão de quem acabou de sofrer uma terrível traição. Passaram-se duas horas e aquela expressão continuou assombrando-o. *E se ela estiver certa? E se Dor sair quando ele está com ela?*

Será que ousaria confirmar uma ideia tão fantasiosa? Se ela estivesse errada, será que sofreria algum dano irreparável? Ele simplesmente não sabia.

— Você está bem? — perguntou.

Danika assentiu. Estava quieta demais enquanto passavam pelas calçadas de Oklahoma, fazendo o possível para ficar nas sombras dos edifícios altos de tijolos vermelhos e evitar serem vistos pela maioria dos pedestres. Carros e caminhões buzonavam pela estrada. Ele não vira Caçador nenhum, nem reparara em ninguém olhando para eles mais atentamente.

— Só mais um pouquinho — disse ele, pegando a mão dela. Torin havia mandado um e-mail para ele mais cedo, passando a localização das mulheres. Elas não haviam mudado de endereço, continuavam juntas.

Danika assentiu de novo, balançando o rabo de cavalo. Ela estava pálida e tensa e fingiu não perceber a mão dele.

Reyes odiava vê-la assim. Ele tinha medo do que aconteceria se — quando? — ela descobrisse que a avó estava morta e enterrada, e que teria sido por isso que não houve mudança de endereço. Danika iria redescobrir seu ódio por ele? Iria se afastar de Reyes ou buscaria apoio nele?

Ela se arrependeria de não ter ficado do lado dos Caçadores?

Ele se sentiu apavorado. Devia avisá-la, prepará-la. Mas ele abriu e fechou a boca, e as palavras não saíram. E então pararam em frente ao edifício em questão, uma construção dilapidada, com janelas tapadas por tábuas e tijolos pichados.

— Eu vou primeiro — ele disse.

— Não. — Um tremor — de pavor? De excitação? — a abalou. — Elas vão surtar ao vê-lo.

Reyes segurou-lhe o rosto com as mãos. Nuvens surgiram, deixando escuro e sinistro o céu antes

luminoso. Quando as nuvens passaram, o sol atirou um raio diretamente sobre ela, homenageando sua pele lisa e impecável da maneira que merecia. Ela praticamente incandesceu. Não parecia desse planeta e sim alguma coisa mais poderosa, alguma coisa além.

Eu tive esta mulher nos braços, senti o gosto dela. O corpo dele enrijeceu, preparando-se para tê-la e provar dela de novo. *Ainda não... Talvez nunca mais.* O demônio ronronou alegremente e Reyes não entendeu se era porque ele não ia se permitir levá-la para a cama outra vez ou porque havia uma chance de ser derrotado.

Onde estivera aquele ronronar da última vez em que ele fizera amor com ela? *Para onde você vai quando estou com ela?*, ele não resistiu a perguntar à criatura.

Fogos.

Fogos. Inferno? *Em breve, em algum momento, terei de deixá-la partir. É para seu bem, para sua segurança.* Por todas as razões que ele enumerara antes e mil outras.

Estar com ela abria aquele portal para o paraíso, o que significava que ele podia muito bem fazê-la abrir um portal para o inferno também. Além disso, era lógico pensar que, se ele viajasse ao paraíso, seria ela a viajar ao inferno. As noites dela *já eram* cheias de terror. Ela não precisava de mais terror em sua vida.

No entanto, deixá-la ir embora... Ele cerrou os punhos. Algum dia, ela se apaixonaria por um humano que não a machucasse, não a destruísse ou não a arruinasse? Um homem que lhe desse filhos e...

Um rugido soou em sua cabeça. Dele. Do demônio. Homem nenhum ia tocar nela, nunca mais. Se tocasse, morreria.

— Reyes, você está me machucando.

Ele tirou os braços dela imediatamente. Passou a mão nos cabelos, não mais tendo que imaginar como o demônio se sentia em relação a ela.

— Sinto muito, muito mesmo.

Ela deu um sorriso fraco, esticou o braço e passou a ponta de um dos dedos no contorno do nariz dele.

— Ei, não se preocupe com isso. Estou bem.

Ela quer me consolar. Não sou digno desta mulher. Apesar de sentir vontade de empurrá-la contra a parede e mergulhar naqueles lábios, submergir em seu aroma e seu sabor, ele apontou para a porta.

— Pronta para entrar?

A indecisão se manifestou nos traços delicados de Danika. Ela baixou os olhos e os cílios formaram sombras agudas sobre o rosto.

— Qual o problema?

— Por que elas não querem que *eu* fique aqui?

— Elas...

De relance, Reyes percebeu um movimento na janela acima dele. Duas tábuas cobriam duas janelas, mas deixando uma fresta que permitia alguma visibilidade no meio.

A silhueta que vira era grande demais para ser de uma mulher. Ele pensara que, se as mulheres ainda estivessem vivas, estariam meramente se escondendo. Não considerou o fato de que pudessem ter sido capturadas pelos Caçadores. Ele achava que os Caçadores teriam entrado em contato com ele e com os outros Senhores do Mundo Subterrâneo se fosse esse o caso, sugerindo uma troca. *Tão ridículo.*

— Danika — disse, vasculhando a área com os olhos, e tendo outra ideia. Ele tinha que escondê-la, garantir sua segurança.

Tarde demais. A porta se abriu, revelando três homens. Cada um deles tinha uma arma, e todos os três as apontavam para Danika, parecendo já saber que não adiantaria apontar a arma para Reyes.

Dentro dele despertou uma fúria que só ficou mais intensa quando Danika arfou, horrorizada.

— Ah, meu Deus.

— Mãos para cima, demônio — um dos homens disse a ele. — Entre. Se tentar alguma gracinha, quem sofre é a garota.

Danika sofrer? Ele mordeu a parte interna da bochecha, cortando a carne de propósito. O demônio se manifestou, inquieto, grunhindo.

Pronto, Dor?

Ah, sim. Risada maligna.

— Danika — disse Reyes. — Feche os olhos.

Ele não conferiu se ela havia obedecido. Ele simplesmente soltou seu demônio.

O SANGUE, a carnificina, os gritos.

Em determinado ponto, Danika teve de tapar os ouvidos com as mãos. Ela não conseguia parar de tremer. Idiota que era, ela não fechara os olhos quando Reyes mandara; ela quisera ajudar. Havia se preparado para a guerra, ou pelo menos achou que houvesse.

Reyes pareceu se transformar de um guerreiro em um esqueleto louco num piscar de olhos. Ela não vira mais a pele que tanto amava tocar. Só vira ossos retorcidos e dentes tão compridos, afiados e grossos que poderiam pertencer a um tubarão.

Os Caçadores atiraram em Reyes, mas ele parecera nem notar. Ele certamente não diminuiria o ritmo. Simplesmente os devorara. Ele ainda estava pulando de um Caçador a outro, rasgando-lhes a carne com suas garras. Ouviram-se rugidos e estalos lúgubres que pareciam saídos de um filme de terror.

De olhos arregalados, ela continuou assistindo, com medo de entrar no meio. Com medo de que ele se esquecesse de quem ela era e a atacasse também. Seu medo era tanto que ela queria correr e se esconder. Havia sangue espalhado da cabeça aos pés de Reyes, empapando seus cabelos, suas roupas e seu corpo. Ela estava com tanto medo... mas não correu. Sua família estava dentro daquele prédio. Será que elas estavam bem?

Eu deveria ter vindo atrás delas antes.

Em meio ao terrível caos, ela pegou uma arma caída no chão, passou por Reyes e entrou no

edifício. Onde elas estavam? Ela verificou o recinto mais próximo: vazio. O quarto seguinte: quatro Caçadores estavam lá, falando palavrões e carregando as armas de balas. Um deles a viu e apontou a arma para ela, gritando:

— Vagabunda, prostituta dos demônios! Não quero saber o que dizem que você é.

Ela também levantou sua arma. Ambos atiraram ao mesmo tempo. Mas a próxima coisa que ela sentiu foi que estava sendo empurrada para o chão, comendo poeira, e Reyes passou correndo por ela, apenas uma mancha. Um segundo depois, os homens estavam gritando.

Ah, meu Deus. Danika ficou de pé, suas pernas quase cedendo. Ela tropeçou para a frente, decidida a continuar sua busca. Reyes não a ferira, ainda conseguira protegê-la. Ela dobrou para um lado, viu uma escadaria. Arma apontada como treinara, braço tremendo, ela subiu dois degraus por vez. Virou de novo.

Três Caçadores, trêmulos e pálidos, aguardavam no fim do corredor. Eles a viram e atiraram. Como antes, Reyes estava lá, empurrando-a para baixo e levando os tiros no lugar dela. Ele estava machucado? Ah, Deus, ah, meu Deus.

Ele gosta de sentir dor, lembra? Ele está bem. Seus ouvidos apitaram, e o coração disparou.

Quando ela levantou os olhos, os homens já estavam no chão, imóveis. Reyes havia sumido. Danika continuou subindo os degraus às pressas, tropeçando e caindo duas vezes. Ela sabia que havia arranhado os joelhos, mas sua adrenalina estava tão alta que não sentiu nada.

No fim do corredor, uma mulher gritou.

— Mãe! — ela chamou, reconhecendo a voz. — Estou aqui.

— Danika? — Outro berro. — Danika, meu amor, corra. Fuja daqui!

Ela correu, mas na direção da mãe. No instante seguinte, já estava dentro de um quarto, arfando, suando. Sua mãe e irmã estavam acorrentadas ao aquecedor. Sua avó estava acorrentada à cama, ambas as pernas engessadas.

Reyes quebrava as correntes, o rosto ainda esquelético. Ele estava tremendo, sangrando. Ela não devia ter duvidado dele e não voltaria a duvidar. Mesmo em sua forma monstruosa, ele queria que ela fosse feliz. As mulheres estavam tremendo e chutando-o, mas ele persistiu assim mesmo. Finalmente, as três estavam livres.

Danika correu até elas e caiu de joelhos, abraçando a mãe e a irmã. Lágrimas quentes lhe desceram pelo rosto, misturando-se com as delas.

— Danika, ele é... ele é... — a irmã gaguejou.

— Eu sei, eu sei. Não se preocupe. Ele não vai machucá-la. Ele é um bom homem. — Sua família estava viva. Reunira-se elas outra vez, abraçando-as. Choque, prazer e alívio se misturaram.

— Achei que você tinha morrido — disse a mãe entre soluços. — Disseram que você tinha morrido.

— Estou aqui agora. Estou aqui. — Limpando o rosto, ela as soltou e se levantou. — Não vamos nos separar de novo. Juro. Só lamento ter demorado tanto a chegar aqui.

Elas se levantaram com movimentos fracos e juntas foram para a cama onde estava a avó. Lágrimas caíam de seus olhos também. Danika segurou a mão trêmula da avó.

— O que aconteceu com você? — ela sussurrou, passando a mão livre em um dos gessos.

— O monstro com asas. — fungou vovó Mallory. — Ele me encontrou, me jogou no chão e... e... — Seu queixo tremeu.

Danika quase pediu para a avó parar de falar, mas tinha que saber. Ela tapou a boca para não deixar escapar palavra nenhuma e assentiu para provar que estava ouvindo.

— Ele podia ter me matado depois que caí, mas não matou. Ele me pegou e me trouxe para cá. Acho que eu costumava sonhar com ele. Tentei bloquear esses sonhos tanto tempo atrás que agora eles viraram uma névoa, mas acho que ele talvez tenha me visto naquelas horas de terror, pois olhou para mim como se me conhecesse. Não sei por que, mas disse a ele que não repetisse seus erros do passado. Ele recuou e então me deixou.

Lágrimas lhe cobriram o rosto. Santo Deus. Os sonhos delas sempre tiveram um propósito. Quanta coisa ela poderia ter evitado se prestasse atenção aos sonhos ao invés de temê-los? Mas não importava. No final das contas, os sonhos de vovó Mallory a salvaram. E ainda havia tempo para Danika salvar Reyes de uma vez por todas.

— Sinto muito, sinto muito — disse a avó. — Agora não é hora disso. Você vai querer saber como cheguei aqui. Eu não conseguia me mexer, estava presa neste prédio. Os cafajestes armados deviam estar me seguindo, pois me acharam naquele dia mesmo. Já tinham capturado sua mãe e sua irmã.

Sua mão caiu e ela olhou para o grupo ainda em prantos. Estavam pálidas, com escoriações sob os olhos.

— Alguma de vocês...

— Não — disse Ginger, a irmã. — Estamos bem. No geral, nos deixaram em paz. Deram-nos de comer, nos trataram bem. Aparentemente, pretendiam nos usar para atrair nossos sequestradores anteriores.

Como tentaram me usar, ela pensou, furiosa. Graças a Deus Reyes havia... Ela olhou de novo ao redor do quarto e não o viu. *Dê-lhe um momento para se acalmar. Aproveite sua família.* Porque naquele momento Danika soube, no fundo de sua alma, que ajudaria Reyes a derrotar os Caçadores de uma vez por todas.

Ninguém ameaçava a família dela e continuava vivo. E Reyes era parte de sua família.

Capítulo Vinte e Quatro

A ONDA DEMONÍACA de Reyes já havia passado; a fera já havia sido enjaulada, mas ainda estava afundada em uma dor física intensa, saciada de sua sede de sangue. A fera ronronava de satisfação. Reyes passou a temer os pensamentos que provavelmente passavam pela mente de Danika. Ele tremia, fraco devido a suas feridas, ciente de que ainda não podia tranquilizá-la.

Ela agora estava nos braços de sua amada família; pelos deuses, como ela irradiava felicidade. Se ela sabia que ele estava no quarto, não deu nenhuma indicação. Calmamente, ele foi para o corredor e pegou seu telefone celular.

Ele desejara fazer isto a noite inteira, o dia inteiro, mas não quisera que Danika ouvisse e não conseguira falar com Lucien quando saíra para providenciar aquele café da manhã improvisado. Com Danika preocupada com família dela, não havia hora melhor.

Ao discar o número do celular de Lucien, seus joelhos cederam e ele caiu no chão. Novamente, o amigo não atendera. Desta vez, contudo, o guardião do demônio Morte simplesmente apareceu à sua frente com seus olhos luminosos de cores diferentes, o rosto tenso de cansaço. A fragrância de rosas emanava dele, mais forte do que Reyes jamais sentira.

Reyes esfregou o rosto com uma das mãos e usou a outra para guardar o telefone. Ele não se deu ao trabalho de levantar.

— Veio coletar almas?

— Ainda não, mas senti vontade. — Lucien olhou para a porta aberta atrás dele. — O que aconteceu com você, meu amigo? Você tem mais buracos que um queijo suíço.

— Os Caçadores. Eles estavam aqui, esperando, mantendo a família de Danika cativa para usá-las contra nós mais tarde.

Aqueles olhos incomuns fitaram Reyes com profunda perplexidade e depois se voltaram novamente para a porta.

— Canalhas. E eles se acham os mocinhos da história.

Primeiro veio o som de uma risada feminina, depois silêncio, e então ouviram a mulher dizer com voz urgente:

— Você tem que matá-lo, Dani.

— Não, não. Você não entende.

— Não há nada para entender.

Reyes não ouviu a resposta de Danika. Suas vozes se tornaram sussurros. Era ele o “ele” que precisava ser morto? Provavelmente. Depois daquela última batalha, estava surpreso e lisonjeado ao ver que Danika não se apressara em concordar. Lucien arqueou uma sobrancelha.

— A reunião, pelo que entendi.

Ele assentiu e se levantou tropegamente, levando a mão imediatamente à testa e esfregando, como se o movimento pudesse afastar a tontura.

— O edifício deve estar monitorado e com aparelhos de escuta — Lucien murmurou. — Nós precisamos tirá-las daqui o mais rápido possível.

— Vejamos primeiro com o que estamos lidando.

— Muito bem.

Eles vasculharam toda a construção e de fato encontraram um quarto parecido com o de Torin em Budapeste. Havia computadores e telas mostrando toda a área ao redor, e também havia um monitor que parecia mostrar outra área, onde um grande grupo de Caçadores estava juntando armas.

— Eles devem ter sido alertados, podem até ter visto a batalha — Lucien disse. — Acho que estão vindo para cá.

Reyes arqueou as costas, tentando recuperar a respiração.

— A fortaleza está segura?

— Sim.

— Leve-nos de volta para lá, então — disse Reyes. — Todos nós. Eu por último.

Lucien assentiu, começou a se desmaterializar um segundo depois, quando Reyes o agarrou pelo braço, impedindo-o.

— Como está Sabin?

— Melhor. Ele vai se recuperar.

Ótimo. Lucien desapareceu por completo, então. Reyes não podia permitir que os Caçadores vissem o que estava se passando, por isso usou o que lhe restava de força para desativar todos os cabos. Enquanto ele trabalhava, ouviu várias mulheres gritando e soube que Lucien havia acabado de se materializar em frente a elas. Ele queria que Danika não sentisse medo, mas prezava mais ainda a sua segurança.

Vários minutos depois, Lucien reapareceu.

— Você é o último. Pronto?

Ele assentiu com um único movimento. Foi tudo que conseguiu fazer. Lucien tocou-lhe o braço. Reyes só soube que em seguida estava em seu quarto na fortaleza. Seus joelhos cederam de novo e ele desabou, mas conseguiu manter-se ereto ao agarrar um dos pés da cama.

— Onde estão as mulheres?

— Trancadas no quarto ao lado. Vou ajudá-lo a lidar com elas, eu só preciso... As almas estão me chamando. — Lucien desapareceu. Quando ele voltou, bem mais tarde, fedia a enxofre. Reyes, que não dera um passo sequer, não se surpreendeu ao ver que o descanso eterno dos Caçadores seria no inferno.

Reyes baixou a cabeça, pousando o queixo no peito pesadamente.

— Escute. Preciso que você vá à cela de Aeron.

— Por quê?

— Por favor. Leve seu celular e me ligue quando chegar lá. Se tivesse forças, eu mesmo iria.

Com expressão confusa, Lucien mais uma vez desapareceu. Em questão de segundos, o telefone de Reyes já estava tocando. Ele abriu o celular com dedos tateantes e berrou:

— Chegou?

— Cheguei — disse Lucien.

Ao fundo, além de sua porta, Reyes ouviu murmúrios. Ele daria seu braço esquerdo, literalmente, para ir até lá e colocar a orelha sobre a madeira. Mas no fim, ele nem precisou. Ouviu Danika consolando sua família com voz gentil, mas decidida. Um sorriso se formou nos cantos dos lábios dele. *Minha pequena guerreira*. Ele tinha que vê-la.

Ele extraiu força da avassaladora necessidade, um calor que o envolveu por inteiro e o fez levantar. Pé ante pé, vacilante, ele conseguiu chegar à porta e colocar os dedos na maçaneta.

— Reyes, você está aí?

Lucien.

— Estou aqui. Ouça, ontem à noite Danika me contou de um sonho que ela havia tido — ele sussurrou para que as mulheres não o ouvissem. — No sonho, ela visitou o inferno. Ouviu e viu os demônios por lá, ouviu e viu suas vítimas. Mas Lucien, eu acho que não foi sonho.

Ruídos na ligação. Na masmorra, o celular pegava muito mal.

— Não entendi.

— Quando estou... com ela, não sei por que, mas acabo saindo do corpo e indo para o céu. Acho que ela é um portal para o além.

— Tem certeza? Talvez você...

— Tenho certeza. Da última vez vi um anjo falando comigo.

— Nossa!

— Eu sei.

— Mas o que isso tem a ver com Aeron?

— Não com Aeron. Com o amigo dele.

— O pequeno demônio? — Lucien transmitiu na voz o choque que sentiu. — Reyes, explique-me bem devagar, como se eu fosse uma criança. Por quê?

— Você se lembra do Caçador que Danika matou? Bem, ela o viu no inferno e um demônio o estava interrogando, exigindo saber sobre o Olho Que Tudo Vê.

Houve mais ruído de estática, tenso e pesado.

— A repercussão deve ter sido devastadora.

Reyes sabia bem disso.

— Pergunte ao demônio por que os amigos dele querem saber de Danika.

Ouviram-se batidas nas barras. Xingamentos pesados. Tudo tão alto que foi captado pela ligação oscilante. Lucien suspirou.

— Só vejo Aeron.

— Droga. Tente trazê-lo. Vou me recompor e estarei aí em instantes. — Ele fechou o celular e

voltou a enfiá-lo no bolso, ou melhor, errou de alvo. O aparelho caiu no chão. Com uma expressão de raiva, ele se abaixou e o pegou. Levantou-se e aprumou os ombros, pôs o aparelho no bolso e entrou no quarto das mulheres sem cair.

As quatro estavam na cama e apertaram os lábios ao se virar e olhar para ele. Três delas empalideceram. Ele percebeu que ainda estava coberto de sangue e provavelmente parecia mesmo o monstro que elas imaginavam que fosse. Ele levara tiros. Muitos. Fora apunhalado também. Suas roupas estavam esfarrapadas, as feridas ainda sangravam. Mesmo assim, procurou Danika com olhos ávidos.

— Reyes! — Ela sorriu quando seus olhares se encontraram, mas o sorriso logo desapareceu. — Você está ferido! — Ela se afastou da família e correu para perto dele... tão perto que ele sentiu aquela sua tempestuosa fragrância. Com o coração explodindo no peito, Reyes bateu a porta na cara dela. Girou a maçaneta. Ouviu-a arfar. Ela socou a porta de madeira.

— Reyes! — ela rosnou.

Ele a vira, sabia que ela estava ilesa. Estava na hora de se afastar dela. De vez. Na noite anterior, ela quisera feri-lo durante o sexo. Reyes estava ávido para que ela o fizesse. Ser gentil não bastara para acabar com os desejos dele, como esperava. E apesar de não ter deixado que ela o ferisse, seu demônio já devia ter afetado Danika, trazendo-a para essa vida que Reyes já suportava havia tanto tempo. Dor, sempre dor. E se ela quisesse machucar a própria família? Ela lutara tanto para salvá-las. Ele não permitiria que tudo tivesse sido em vão.

— Reyes! Deixe-me sair.

— Dani — a avó chamou inesperadamente. — Deixe-o.

Ela continuou a bater na porta. Reyes passou o dedo na madeira. Então, lentamente, se afastou. Só se virou ao chegar ao fim do corredor. Deu por falta de alguns dos móveis da casa. Algumas mesas e todos os ornamentos acrescentados por Ashlyn. Não havia sangue nas paredes, de modo que os guerreiros deviam estar trabalhando bastante na arrumação e na limpeza. Felizmente, ele não viu nenhum dos guerreiros em questão. Ele não tinha certeza de como reagiria se lhe perguntassem sobre Danika.

Danika, Dor de repente gritou.

— Quietos — ele replicou.

Mas quanto maior a distância entre ele e Danika, mais o demônio rosnava dentro de sua mente.

Danika, Dor gritou de novo.

— Estou completamente perfurado por balas. O que mais você quer? — Reyes rosnou de volta.

Ela.

— Por quê? — Ela era o símbolo do prazer. — Ela não é para nós.

Minha.

— Não! — Ele desceu a escada com passos pesados, longos e furiosos, devorando a distância que o separava da masmorra. Encontrou Lucien em frente à cela de Aeron, com as mãos nas barras, silencioso. Reyes parou ao seu lado e olhou para dentro. Aeron ainda estava acorrentado à parede, os olhos muito vermelhos, as presas longas e afiadas. Suas unhas haviam virado garras. O demônio,

Legião, deslizou pelo pescoço dele, descendo para os braços e enfim para os tornozelos.

— Ele tem a capacidade de se teletransportar — disse Lucien. — Ele apareceu no meio da cela e agora se recusa a conversar comigo.

— Eu converso — disse o demônio.

— Então me diga aonde você foi.

— Ao inferno.

— Por quê?

— Você sabe por que, para meu amigo se libertar — disse Legião, mostrando a língua bifurcada.

— Ele esstá trissste. Não gosto trissste. Então nósss trocar.

Na verdade Aeron parecia furioso, seu olhar acompanhava cada movimento de Reyes, mas Reyes não ia discutir este ponto.

— Lamento, mas não posso trocar nada com você. Se Aeron se libertar, ele vai tentar matar minha mulher. E, Aeron — disse ao guerreiro —, achei que você ia gostar de saber que na verdade não matou a avó de Danika. Você saiu antes do golpe final.

O guerreiro ficou com a respiração presa.

— Eu fracassei.

— Razão para comemorar.

— Eu fracassei — Aeron repetiu asperamente. Reyes suspirou.

— Uh-oh. Você deixou ele com raiva. — Legião se agachou, ficando em posição de ataque. —

Você paga.

Ninguém o ajudaria?

— Muita calma, garoto — disse Lucien ao pequeno demônio. — Nós só queremos o melhor para Aeron.

Legião chiou como um gato irritado, e a pele de Reyes se arrepiou.

— Mim não ser garoto. Você acha que mim ser garoto? — Todos pararam e ficaram olhando. Até Aeron.

Reyes foi o primeiro a falar.

— Você é... uma garota?

Um aceno afirmativo.

— Mim ser linda.

— Sim, você é. — Reyes trocou um olhar com Lucien. — Linda.

Aeron teve que se recuperar do choque.

— Preciso de sua ajuda, querida. Tem um demônio no inferno que estava fazendo perguntas sobre uma mulher a uma alma condenada — disse Reyes à criatura demoníaca, voltando ao ponto que interessava. — *Minha* mulher. Acho que ele quer fazer mal a ela. Tem algo que você possa me dizer?

— Ah, ah. Grandesss novidadesss no inferno — disse Legião, retorcendo os lábios num sorriso orgulhoso e feliz. Ele, ou melhor, ela, virou-se para Aeron. — Todo mundo falar disso. Demônio que esstava de visita disse a todos. Posso contar, posso, posso?

Ainda em silêncio, Aeron assentiu.

— Ela ser passagem para o paraíso. O demônio que encontrar ela pode usar para escapar.

SABIN SE ARRASTOU até o centro da sala de entretenimento e se virou — com dificuldade, droga — para encarar as pessoas que estavam espalhadas por toda parte. Alguns jogavam sinuca, outros assistiam televisão. Alguns estavam bebendo. Ashlyn estava sentada no colo de Maddox.

— O que vamos fazer com a garota? — ele disse com irritação. A garganta ainda estava seca, se recuperando da bomba de fumaça que ele havia inalado. Todos os olhos se voltaram para ele.

— Estudar as pinturas dela — Lucien disse, com uma bola de bilhar branca na mão. — É só o que podemos fazer.

— Isso e tratá-la bem — Ashlyn entrou na conversa.

Mulheres de bom coração eram a perdição do universo.

— Agora que sabem o que ela é, os Caçadores nos perseguirão mais intensamente.

— Acho que você vai adorar isso — disse Paris, tirando os olhos da tela da televisão, onde estava passando um verdadeiro festival erótico.

E iria mesmo, assim que se curasse. Ele já estava querendo se jogar contra a parede naquele exato momento.

— Nós precisamos trancá-la em algum lugar onde eles não pensem em procurá-la.

Ashlyn concordou com um movimento de cabeça.

— Nem pensar.

— É, desejo boa sorte para quem conseguir passar por Reyes. — William bateu no ombro de Lucien, mas não parou de lançar seu olhar irônico para Sabin. — Ele não tem pena quando está com uma faca na mão.

— Quem foi que chamou você para esta conversa? — Sabin resmungou.

— Anya — replicou o imortal sorrindo. — Ela disse que eu podia ficar o tempo que quisesse. Agora, vai nos deixar terminar nosso jogo ou não?

Sabin tinha que reconhecer que gostava cada vez mais daquele cafajeste irreverente.

— Anya, ponha seu amigo na coleira.

— Por quê? Estou ganhando.

Os dois voltaram ao seu jogo de sinuca enquanto Lucien observava Anya se abaixar para dar uma tacada.

— Acho melhor matar a garota do que deixá-la cair nas mãos dos nossos inimigos. Ela é poderosa demais e poderá acabar nos causando sérios danos.

Ninguém respondeu. Eles já o estavam ignorando.

Kane pegou uma garrafa de vinho e o vidro rachou.

— Droga!

Revirando os olhos, Sabin foi até ele, pegou outra garrafa e encheu uma taça.

— Tome. E daí? — ele perguntou aos outros. Torin, que estava isolado num canto, finalmente respondeu. — Se encostarem um dedo nela, nossos grupos vão se separar de novo. Reyes prefere morrer a perdê-la, e eu prefiro perder vocês a fazer mal a ele.

Sabin suspirou, passou a palma da mão cansada no rosto machucado. Ele estimava esses homens e não queria perdê-los de novo. Talvez um dia eles o considerassem como ele os considerava.

Talvez não.

Dúvida, seu filho da mãe, idiota. Eu odeio você!

— Então teremos de usá-la para encontrar o terceiro e o quarto artefatos para nós — ele disse —, para a coisa se reverter a nosso favor. Se os Caçadores encontrarem os outros dois, a guerra nunca vai terminar.

COMO POSSO GARANTIR a segurança dela se o rei dos deuses, todos os demônios do inferno e todos os Caçadores querem um pedaço dela?

Reyes teve dificuldade para dormir naquela noite. Não só porque as palavras de Legião continuavam a reverberar em sua mente, mas também porque Danika estava a poucos metros dele. Ele só precisava sair da cama, abrir a porta que os separava, e cair em seus braços.

Ele tentou não pensar na primeira ideia, mas não conseguiu deixar de se entregar à segunda. A maioria de seus ferimentos já havia curado, de modo que ele tinha força para ajudá-la.

Mais uma vez.

Perigoso demais, ele já concluía.

Vale a pena arriscar. Vale por ela. Se você for gentil, minimiza o risco. Pelos deuses, ele não sabia de onde tinha saído aquele pensamento. Se de dentro de si mesmo ou de dentro do demônio. E ele se importava? Ter Danika nos braços uma última vez, abraçá-la, sentir seu hálito quente, se faltar em seu corpo macio, naquele doce sabor...

Ele deu um soco nos lençóis e rangeu os dentes. Esses pensamentos eram perigosos. Pensamentos detestáveis.

Pensamentos desejáveis. Ela fazia parte dele de tal modo que ele não gostava de ficar sem ela. Precisava dela. Sem ela, Reyes ficava incompleto. *Pelo bem dela. Melhor assim. Seja egoísta pela primeira vez na sua vida.* Quantas vezes ele teria de dizer isso a si mesmo? A família dela o odiava e tinha todo direito de odiar. Elas acabariam se voltando contra Danika se ela ficasse com ele. Ela ia ficar com culpa e a culpa se transformaria em ódio.

Distraído, ele só sentiu o intruso quando era tarde demais. Sentiu uma lâmina fria no pescoço.

Sentiu o corpo enrijecer. Levantou os olhos e viu Danika. Se ela fosse um inimigo, ele teria reagido com menos violência. Mas o que aconteceu foi que seu corpo inteiro estremeceu fortemente. Ela estava banhada pela luz do luar, e havia uma auréola ao redor de sua cabeça loira. Os cabelos soltos roçavam seus ombros. Ela usava uma camiseta branca grande demais. Era dele. Uma sensação de posse despertou em todas as células do corpo de Reyes.

Ele estava duro. *Resista.*

— Como você escapou? — perguntou asperamente.

— Aprendi a abrir fechaduras na última vez em que estive aqui.

Seu aroma tempestuoso invadiu as narinas de Reyes e ele não resistiu: respirou fundo.

— Volte para sua família.

— Não. Desculpe. Vou lhe provar que posso machucá-lo sem ferir a mim mesma.

Ele não deu tempo para que ela o cortasse. Rápido como um estalo, ele agarrou o pulso de Danika e segurou firme, impedindo seus movimentos. Com a outra mão tomou-lhe a faca e jogou a arma no chão. Ela arregalou os olhos e ele a puxou para si, para cima dele. Rolou na cama e a prendeu sobre o colchão. *Resista. Resista a ela* — Reyes sentiu o hálito em seu rosto. Os seios comprimidos sobre seu peito. As pernas dela lhe envolvendo a cintura, encaixando seu âmago úmido bem junto à ereção dele. Ela era fogo líquido.

Todas as ideias de resistir desapareceram. *A última vez*, ele se viu pensando de novo, tentado. Vencer a batalha. Não que ele quisesse uma batalha de verdade.

— Você devia ter ficado com sua família, bem quieta na cama.

Ela empinou o queixo, teimosa.

— Senti sua falta — admitiu ela de má vontade. Ele esfregou o membro ereto naquele ponto doce, incapaz de parar de mexer os quadris. Ela arfou, ele gemeu. Que gostoso. Era sempre tão gostoso.

— Você está nu — ela disse, arfando rispidamente. — Hmmm, gostei. — Ele abraçou-lhe o pescoço e deu um beijo quente na boca de Reyes, soltando faíscas. A língua dele duelava com a dela, selvagem, indomada. Ele levantou o corpo um pouco para puxar-lhe a camisa pela cabeça e jogá-la de lado antes de mergulhar nela para valer. Seus mamilos o apunhalaram, suas mãos lhe arranharam as costas, ela abriu as pernas e seus corpos ficaram o mais unidos possível, considerando que não havia penetração. O membro dele palpitava, pronto, totalmente pronto.

— Você está sem calcinha de novo — ele conseguiu dizer com a voz engasgada enquanto lhe massageava o seio.

Ela mordeu o lábio inferior de Reyes.

— Gostou?

— Estou morrendo de prazer.

Sorrindo, ela o empurrou e foi para cima dele, envolveu-lhe a cintura com as pernas.

— Não entre. Ainda não.

— Não vou entrar. — Ela se levantou sobre ele, uma sereia sedutora. Ele daria a vida para possuí-la. Uma, duas vezes, ela se esfregou sobre o membro dele, para cima e para baixo, ainda sem penetração. Ela jogou a cabeça para trás, os cabelos ensolarados formando uma auréola.

— Eu quero sugar você — ela disse.

— Sou todo seu.

— Eu sei. — Ela foi descendo lentamente e só parou quando sua boca estava pairando sobre o membro inchado de Reyes. Seus dentes brilharam ao luar uma fração de segundo antes de ela o engolir.

Ele lançou os quadris à frente em movimentos involuntários, empurrando toda sua extensão pela garganta dela. Não era sua intenção, ele não queria machucá-la, mas não conseguia parar de se mover.

Mais. Quero mais.

Ele e o demônio entoavam as palavras juntos e Reyes percebeu, no fundo de sua mente, que isto significava que o demônio ainda estava com ele, que Dor não fora transportado a parte alguma. *Mais, mais, mais.*

Ele mergulhou os dedos nos cabelos de Danika, cujos lábios subiam e desciam, lambendo a cabeça, sugando, massageando a base. Ele mordeu a parte interna da bochecha, extraindo sangue.

— Danika — ele arfou.

Ela desceu os lábios com força ao mesmo tempo em que esticava o braço para trás, procurando debaixo dos lençóis. Ela fez uma pausa... Ele gemeu... Ela levantou o braço, mexendo a boca de novo... Ele se retorceu... Em seguida, ela cravou uma adaga bem no ombro dele.

Ele berrou e explodiu, jorrando em sua boca repetidas vezes. Seu corpo inteiro tremia. Seus lábios se entreabriram em outro rugido; o prazer e a dor juntos, numa inebriante mistura, à qual ele não conseguia resistir. Não queria resistir.

Ela engoliu cada gota que ele lhe deu. E quando ele finalmente se acalmou, quando finalmente seu corpo parou de tremer, ela se levantou, lambendo os lábios e sorrindo como uma gata feliz. Pingava sangue do ombro dele, e doía de uma forma linda.

— Você me apunhalou — ele conseguiu fazer com as palavras passassem pelo nó em sua garganta. Olhou bem para ela, sem saber o que encontraria em sua expressão. Ela não pareceu inebriada, com sede de sangue e nem com vontade de machucá-lo de novo.

Ela parecia satisfeita consigo mesma.

— Achei que você fosse pegar a primeira faca, por isso amarrei outra no tornozelo, esperando que estivesse preocupado demais com a região norte para se ocupar com o extremo sul.

Ele retorceu os lábios.

— Bem pensado.

— Necessário. — Ainda apoiada sobre as mãos e os joelhos e com o queixo sobre o umbigo dele, Danika o observou.

Deuses, ele amava essa mulher. Podia ver o desejo que emanava das profundezas daquelas esmeraldas nas profundezas de seus olhos. E o desejo dele retornou, um fogo incandescente em seu sangue. O membro voltou a crescer, inchar, inchar... Louco para voltar para cima dela.

— Você não vai mais me negar aquilo que é meu direito — ela disse. — Ferir você não vai me transformar, juro. *Gosto* de saber que estou fazendo algo por você. *Gosto* de saber que estou lhe agradando. Sei que você quer fazer com ternura, acho que deve sonhar com isso desde que seu demônio entrou em você, mas você tinha que saber, e eu tinha que saber, que sou capaz de pegar pesado na cama, de machucá-lo se alguma vez você precisar.

— O que é seu de direito? — perguntou ele, pois aquelas palavras lhe chamaram a atenção.

— Eu sou sua e você é meu. Vou atender a *todos* os seus desejos. Você não vai procurar outra mulher. Nunca mais.

As palavras reverberaram em sua mente, resposta a milhares de preces.

— Danika... anjo. — Ele a agarrou pelos antebraços e a colocou sobre si. Segurou-lhe a cintura com as mãos e a colocou na posição para penetração. Quente, molhada. — Espere. Preciso de uma

camisinha.

— Quero sentir você desta vez. Completamente.

Ele ficou imóvel, o coração disparado.

— E se você... engravidar?

— Você se importa? — ela perguntou suavemente.

— Já pensei que sim. Mas agora, com você... — Ele gostava da ideia. Adorava. Seria lindo ver a barriga de Danika crescer, carregando um filho seu.

— Você se importa?

— Acho... acho que eu ia gostar.

— Você não acha que eu seria um péssimo pai?

— Está brincando? Nenhuma criança no mundo seria mais amada e mais protegida.

Ele gemeu, e foi um som de prazer. Prazer de verdade, profundo e inexorável.

— Chega de me afastar. Nunca mais. — Ela fechou os olhos e soltou um gemido de puro prazer. Ele não tinha forças para rejeitá-la. Ia tomar conta dela, cuidar para que ela nunca desenvolvesse sede de sangue e, se ela sentisse, que não saciasse com mais ninguém além dele. Ele faria qualquer coisa que fosse necessária para ela reconquistar sua família. Ele faria Aeron manter distância dela para sempre, iria protegê-la dos Caçadores, dos demônios, até dos deuses. De algum jeito. De alguma maneira.

— Tem certeza de que você me quer? Pense bem. Depois disso, não vou deixá-la ir embora.

As feições dela se abrandaram.

— O futuro pode ser incerto, mas tenho certeza sobre você. Sobre nós.

Palavras mais lindas que essas jamais haviam sido pronunciadas.

— Não vou mais afastá-la — ele jurou. — Minha. Você é minha.

— Sua.

Com um só movimento, ele a penetrou, bem fundo. A mente dele se calou de imediato, o demônio em silêncio. *Ele foi embora?*, imaginou. Seria necessária a penetração, a conexão física, para afastar o demônio?

Reyes parou de pensar ao sentir a mão de Danika em seu peito, cravando-lhe as unhas, picando-o. Em toda sua vida jamais imaginara um momento tão perfeito. Um momento em que seu coração batia por amor, em vez de dor. Ela era dele. Ele era dela.

Reyes não podia abrir mão dela; ele simplesmente não podia fazer isso. Ela era mais importante para ele do que seus pulmões e seus membros. Ele não era nada sem ela. Ele ficaria com ela. Ela lhe causara dor, mas continuou sendo a mesma Danika, ainda era seu anjo. Boa, pura e certa. Ah, sim, ele ia ficar com ela.

A decisão provocou uma torrente de alegria dentro dele, tão doce que ele se mexeu dentro dela, baixou a mão, procurando e acariciando seu clitóris. Isso era tudo de que ela precisava para perder as rédeas de vez.

— Reyes!

— Anjo, meu anjo. — Ele teve um orgasmo tão intenso quanto o anterior, rolando por cima dela e unindo suas bocas, investindo fundo com a língua. Ele ficou com ela desta vez, e Reyes desconfiou

de que o laço entre ambos era forte demais para que ele passasse por algum portal.

De repente, uma lâmina afundou em suas costas. Não foi Danika quem a cravou, pois suas mãos estavam nos cabelos dele. Ele gritou, chocado, e interrompeu o beijo com um solavanco, virando a cabeça. Aeron estava parado ao lado da cama, as asas abertas, os olhos com um intenso brilho carmesim. A faca tivera o propósito de acertar Danika.

Capítulo Vinte e Cinco

PARIS CAIU DE joelhos. Ele havia deixado os guerreiros na sala de entretenimento quando foi preenchido por um senso de urgência, o sussurro do deus-rei, “Agora”, ecoando em sua mente. Ele entrou em seu quarto, sabendo que tinha que, no mínimo, se decidir. Estava na hora. Não aguentava mais esperar. Ele se sentiu dividido, arrasado.

Levantou sua lâmina, gritando:

— Cronos, Lorde Titã, aqui me apresento a ti.

Ao falar, ele cravou a faca no próprio peito. Fundo, o mais fundo que podia. Pele rasgada, órgãos rompidos e sangue jorrando.

A dor era séria e ele quase dobrou o corpo. Mas tinha de provar sua determinação. Ele já havia dormido com duas mulheres naquele dia. Duas mulheres das quais nem se lembrava, e a última, ele havia levado para a cama fazia apenas uma hora. Ele estava cheio disso. Cheio demais.

Ele passara os últimos dias pensando. Era tudo que ele fazia mesmo. Que novidade era isso para um homem que passara tantos séculos usando o corpo e calando a mente? Agora sua mente era um constante redemoinho de perguntas e possibilidades. Aeron ou Sienna.

— Cronos, eu imploro. Apareça. Mais uma audiência, é só disso que preciso. Eu...

— Está gritando sem necessidade — disse o deus-rei atrás dele. O odor de estrelas encheu o recinto com intensidade. Um suave zunido de poder carregou o ar, deixando Paris com os braços arrepiados. Apesar de sentir vontade, ele não se virou para olhar para seu convocado. Ele baixou a cabeça com reverência, assumindo posição servil. Ainda não sabia se Cronos realmente o queria mal ou se estava tão confuso em relação aos Senhores do Mundo Subterrâneo quanto eles estavam em relação aos deuses.

Ele estava inseguro e hesitante, mas pretendia agir como se estivesse apenas hesitante.

— Antes de me decidir, gostaria de perguntar algo — ele disse. — Se for de teu agrado, perguntarei.

— Pensei muito sobre você, demônio. Você e seus desejos me apresentaram um mistério que estou decidido a resolver. — O ruído das sandálias, o farfalhar do pano, e logo Cronos estava parado em frente a ele. — Pergunte.

— Se eu escolher Sienna, receberei simplesmente seu corpo apodrecido?

Uma gargalhada de quem estava realmente achando graça ecoou no ar.

— Que desconfiado. Isto é uma coisa que os gregos teriam feito, tenho certeza, aqueles cafajestes ardilosos. Mas tenho uma natureza mais generosa. De mim, você a receberia como ela era. Para você, ela vai parecer a mesma, falar do mesmo jeito. Não será simplesmente um corpo morto que fala. Ela terá um coração que bate.

Para você.

As palavras reverberaram em sua mente e ele franziu o cenho. Será que aquelas duas palavras representavam alguma coisa ou ele estava simplesmente procurando por sentidos secretos inexistentes? Os deuses foram famosos em todos os tempos como suscetíveis a charadas e truques. *Cafajestes astutos*, Cronos chamara os gregos, mas Paris seria capaz de apostar que os Titãs não eram diferentes.

Mesmo assim, ele continuou.

— Será que ela ia me odiar, como odiava antes?

Outra risada encheu os ouvidos de Paris e ele sentiu os dedos do deus lhe acariciando a nuca. Eram dedos gentis, apesar de emitirem uma forte onda de energia que fez o coração de Paris disparar, descompassado.

— É claro que ela iria odiá-lo. Ela é um Caçador. Você é um Senhor do Mundo Subterrâneo. Mas tenho certeza, Luxúria, de que você pode conquistar seu amor.

Ele podia? Tê-la de volta compensaria a culpa por não salvar Aeron quando ele teve chance? Reyes pareceu achar que sim, pois não conseguia tirar as mãos da mulher que Aeron estava louco para matar.

Paris lentamente levantou a cabeça e olhou para Cronos. O rei estava com uma expressão vazia no rosto, aparentemente indiferente. Droga! O que ele deveria fazer?

DANIKA GRITOU QUANDO Reyes pulou para longe dela para deter alguém. Aeron, ela perebeu, de olhos arregalados. Ela ficou aterrorizada e logo se levantou da cama, se arrastando até sentir o frio da cabeceira nas costas. *Que diabo vou fazer?*

Os dois homens rolavam no chão, trocando socos, rasgando a pele um do outro, mordendo e rosnando como animais. Aeron repentinamente atacou o pescoço de Reyes, gritando que a cabeça dele iria rolar em breve. Aeron conseguiu atingir a garganta de Reyes duas vezes, e ele sangrou profusamente.

Reyes já estava fraco. Ela o apunhalara minutos antes, pelo amor de Deus. A faca. Sim. Era disso que ela precisava. Onde estava a maldita faca?

Ela procurou com os olhos... Lá, no chão. Tão perto, tão longe. Da última vez em que isto acontecera, Aeron a derrubara e ela ficara caída. Reyes a salvara, mas acabara apanhando em seu lugar. Desta vez, ela não iria ficar olhando sem fazer nada, não iria fugir. Ela iria ajudar. Fora *treinada* para ajudar. Saiu lentamente da cama enquanto os dois homens se afastaram, circulando um ao redor do outro, arfando.

— Ela é minha — rosnou Reyes.

— Pertence aos deuses — resmungou Aeron. Ele deu uma volta e a ponta cortante de sua asa cortou a bochecha de Reyes. A cabeça de Reyes pendeu para o lado. Ele aprumou os ombros e sorriu.

— Não pertence mais. Como você escapou da cela?

— Cronos. Ele disse que estava na hora de agir. E quando os deuses falam, eu obedeco.

Legião espiou debaixo da sombra da asa de Aeron.

— Não machuque.

Aeron acariciou a cabeça da criatura demoníaca. Ela ronronou como Danika ouvira Reyes fazer quando sentia dor. Só mais um pouquinho, ela pensou, chegando mais perto da arma e fazendo de tudo para não entrar no caminho dos guerreiros. A lâmina prateada continuou a piscar para ela, provocante.

— É bom ter amigos — disse Aeron de modo ameaçador.

— Sou seu amigo.

— Não.

— Aeron, eu amo você.

— Aeron, não. Ira.

— Você é Aeron. Meu irmão da caixa.

— E mesmo assim você me prendeu, mesmo sabendo como é horrível ficar confinado.

— Você me implorou para fazer aquilo!

— Você não devia ter dado ouvidos!

Danika se abaixou. Quando seus dedos envolveram o cabo da faca, ela viu Reyes empalidecer. As palavras de Aeron deviam ter atingido o alvo, a culpa de Reyes, e devia ter cortado tão fundo como qualquer espada. Ela se levantou. Danika percebeu que Reyes a escolhera em vez do amigo, e então entendeu, pela primeira vez, como devia ter sido duro para ele. Esses homens haviam enfrentado juntos o fogo do inferno. Literalmente!

— Fiz o que tinha de fazer para protegê-lo de si mesmo — rosnou Reyes.

— Não, você fez o que tinha de fazer para protegê-la! — gritou Aeron, socando a coxa. Suas narinas se inflaram, os punhos cerraram enquanto ele se preparava para outro ataque. — Minha inimiga.

Reyes estava nu, desarmado, provavelmente com medo de chegar perto da cama, onde estava a outra adaga. O mais provável era ele não queria chamar a atenção para Danika. De novo protegendo-a, mesmo que se expondo.

Ela lambeu os lábios, observando enquanto ele recuava lentamente. Sentiu calafrios. Ela queria gritar, jogar a faca para Reyes para que ele tivesse *alguma coisa* para usar. E se ela quebrasse a concentração dele com sua voz? E se Aeron usasse essa distração para cortar-lhe o pescoço?

Ela já vira Reyes se recuperar de seus ferimentos, mas sabia que ele não se recuperaria de uma decapitação. Legião pôs os cotovelos escamosos nos ombros de Aeron e olhou para Danika com olhos de quem pede.

— Faça-osss parar. Não machucar Aeron.

As mãos escamosas acariciaram o cabelo do guerreiro.

— Calma, amigo. Calma.

— Estou tentando — sussurrou Danika. Ela se aproximou, mantendo-se nas sombras, com a lâmina pronta para uso. *Corte a garganta dele.*

— Eu sou o demônio da Ira. — Quanto mais Aeron falava, mais sua voz parecia soar em várias camadas, ficava profunda e ríspida, melódica e hostil. — Você me fez muito mal e vai sofrer.

Ele finalmente voltou seu olhar inflamado para Danika. Ela ficou parada, sem conseguir respirar. Reyes rugiu e avançou, caindo de socos no peito de Aeron. Os dois se empurraram e Aeron bateu com as asas na parede. *TUM. CRAC.* Eles bateram na porta com tanta força que as dobradiças saltaram e a madeira caiu. Legião gritou e correu dos homens, se escondendo debaixo da cama. Eles rolaram, os braços e pernas trocando golpes. Danika ouviu dentes rangendo, garras rasgando tecidos. Ossos quebrando e urros de dor. Muitos urros.

Se eles pelo menos se soltassem...

Sem se importar com o fato de estar nua, ela voltou a agir, aproximando-se dos dois. *Vamos lá. Soltem-se, caramba!* Ela talvez nunca conseguisse chegar perto deles para cortar Aeron, mas podia tentar lançar a faca.

— Você quer me prender para sempre — rosnou Aeron. Soco.

A cabeça de Reyes virou para o lado.

— E se a sede de sangue um dia lhe deixar, você vai me agradecer por isto!

Aeron encolheu as asas, que se dobraram e se acomodaram dentro das fendas nas costas.

— Agradecer? Por me enterrar perto do inferno?

— Você conheceu Legião, não é? O novo amor de sua vida?

Finalmente pararam de rolar, Aeron por cima. Ele deu outro soco em Reyes. Aproveitando que a área estava limpa, Danika atirou a faca. Alvo: a artéria carótida de Aeron. Mas a lâmina afundou no braço do guerreiro. Ele começou a se levantar para enfiar sua adaga no pescoço de Reyes.

Aeron parou, olhando confuso para o próprio braço. Franziu a testa. Debaixo da cama, Legião chorava de susto, atraindo a atenção de Aeron. A distração custou caro. Reyes jogou as pernas entre os corpos dos dois. Aeron foi atingido por uma pernada que fez o guerreiro bater com as costas na parede. Mas o impacto não o fez parar. Nem o abalou.

Ele recuperou a posição normal. Reyes se aproximou, cada passo uma ameaça. Mas Aeron não parecia se importar. Sorrindo, ele atirou uma adaga. Uma adaga que Legião pegara e empurrara para perto dele. Reyes se movimentou rapidamente, mas só então percebeu o que havia acontecido, e um grito brotou em sua garganta quando a adaga atingiu seu alvo: *Danika.*

— EUNÃO vou esperar por muito mais tempo — disse Cronos, soando entediado. — Logo perderei minha curiosidade sobre sua escolha e não vou deixar que escolha nem Aeron, nem Sienna.

Paris começou a suar. *Faça isso. Apenas diga um nome.*

Mas quando ele abriu a boca, Cronos jogou a cabeça para o lado, parecendo ter ouvido alguma

coisa além do quarto de Paris.

— Ah, sim — disse o rei com tom deleitado. — Você deve escolher logo. Alguma coisa aconteceu?

O som de passos atingiu os ouvidos de Paris no instante seguinte. Depois, uma batida na porta.

— Paris, você está aí?

Sabin.

Paris olhou de relance para Cronos... não, para um espaço vazio. O rei dos deuses se fora. Será que ele havia perdido sua chance? Ele se levantou com uma expressão de raiva e foi até a porta pisando forte.

— Agora, não — disse ele e a porta se abriu. Sabin viu seu peito sangrando e não entendeu. — Você está bem, cara?

— Sim. O que está havendo?

— Aeron fugiu. Ele e Reyes estão lutando.

Como se para provar as palavras de Sabin, ouviu-se um ruído agoniado, seguido de perto por uma risada lúgubre.

A avidez de Cronos por uma resposta de repente fez sentido. E ao se dar conta disso, veio o pavor. Não havia mais como questionar de que lado ficar nem os desdobramentos de sua escolha.

Talvez ele devesse ter partido muito bem sozinho.

Gideon e Cameo vieram correndo e pararam atrás de Sabin. Ambos com armas na mão. Sabin deu uma olhada para trás.

— Não temos muito tempo.

— Qual é o plano? — Paris perguntou.

Sabin o encarou de novo, já recuando. Seu olhar estava sério.

— O que for necessário para acabar com isso de uma vez.

COM O CANTO do olho, Reyes viu o brilho prateado. Mas só quando ouviu Danika arfar, só quando viu a mancha carmesim se alastrando em seu peito, foi que compreendeu o que havia acontecido. Danika estava ferida. Sangrando. Ela havia caído, estava em silêncio, mal respirava, imóvel.

Não, não, não. Apesar do que ele prometera a ela, fracassara em protegê-la. Ela podia... ela podia...

Não! Ele se recusava a crer em qualquer outra coisa a não ser na recuperação dela, total e completa. E mesmo assim a fúria se acendeu dentro dele. Fúria e ódio, desespero e muita dor emocional, que irradiou para os ossos.

No instante seguinte, ele estava de pé, correndo em direção a ela. Aeron pegou seu braço, detendo-o. Reyes caiu no chão, em pânico. O amigo pulara em cima dele, montando sobre sua cintura.

Um de seus punhos voou sobre ele. Contato. O nariz foi quebrado ao meio. Reyes mostrou os dentes em um grasnado, virou-se e pegou Aeron pelos antebraços. No instante seguinte, era Aeron quem estava por baixo.

Os olhos cor de violeta de Aeron arderam, mas não estavam vermelhos. Será que... com certeza aquilo não era culpa misturada com satisfação.

Ele a feriu. Eu preciso terminar isso, cuidar dela. Ajudá-la. Ele olhou para Aeron, já com as mãos ao redor do pescoço dele. Com a força de Reyes naquele momento, Aeron não podia fazer nada a não ser empurrá-lo ou tentar abrir aqueles dedos que pareciam algemas prendendo sua garganta.

Atrás dele, ouviu os amigos se reunindo. Murmurando.

— Não faça isso, Reyes.

— Solte-o.

— Tem outro jeito.

Ele não sabia quem havia dito o que e não estava se importando. Apertou mais forte, as garras rasgando a pele, passando pelas veias. O sangue quente formou poças em seus dedos. De repente, Legião avançou sorrateiramente e pulou sobre o peito de Aeron. Lágrimas que pareciam diamantes correram por seu rosto pequeno e feio.

— Pare, pare. Ele ser meu.

Reyes apertou mais ainda. Depois que Aeron estivesse morto, Danika ficaria segura. Pelo menos de uma ameaça. Ela podia levar pontos. Sarar. Com um grito de desespero, Legião se jogou sobre Reyes. Mordendo-o, arranhando-o. A saliva da criatura devia ter veneno, pois doía como ácido, atravessando as veias de Reyes, queimando de um jeito que fez seu demônio gemer. Mesmo assim, ele não soltou.

— Meu guerreiro — gritou Legião. — Meu. Não machuque.

Aeron arregalou os olhos, as veias saltando. Seu corpo estava tremendo, sua pele empalidecia. Quase azul. Ele estava resistindo cada vez menos. Logo ficaria completamente parado, e Reyes o soltaria, pegaria uma das espadas penduradas na parede e cortaria sua cabeça. Logo...

— Reyes — disse uma voz debilmente.

Foi a única voz que conseguiu ultrapassar sua raiva e seu ódio, encobrindo-os por completo. Reyes olhou para o lado, para o chão onde Danika estava caída, olhando para ele.

Ela precisava dele. Ele soltou Aeron instantaneamente e se levantou com pernas trêmulas. O corpo de Aeron ficou inerte, mas ele estava acordado, olhando para Reyes. Legião começou a beijar o rosto e o peito de Aeron, arrulhando para o guerreiro.

Um revólver foi levantado.

— Ninguém se mexe até resolvermos isso.

Reyes não deu atenção à ordem, nem olhou para quem quer que tivesse dito. Ele correu para Danika e se agachou ao lado dela. As pedras ao seu redor estavam ensopadas. Ela havia tirado a faca do corpo, abrindo o ferimento. Estava pálida, muito pálida, e lágrimas lhe arderam nos olhos.

— Eu tentei... ajudar — disse com um sorriso fraco. — Pelo menos desta vez.

— Você ajudou, anjo. Você me ajudou, sim. — O mais delicadamente possível, tentando não chorar, ele a tomou nos braços. Seus músculos estavam tão frágeis que ela não conseguia se mexer sozinha.

— Lucien, preciso de você!

Passos.

— Estou aqui. — Lucien parou ao lado da cama, com uma expressão preocupada nos olhos descombinados.

— Não leve a alma dela — falou Reyes engasgado. — Não... não leve. Eu preciso de tempo para curá-la.

— Você sabe que, se sou convocado, não posso fazer nada. — Foi a resposta já aguardada.

Reyes passou a mão trêmula na testa de Danika.

— Fique comigo, anjo. — Ele jamais se sentira tão indefeso.

— Sempre — ela disse, com outro sorriso fraco. — Eu amo você.

Ah, pelos deuses. Aquelas palavras, ditas naquele momento, quase o mataram.

— Eu amo você. Muito. Não posso viver sem você. — Ele não se afastou dela quando implorou: — Lucien, encontre um médico. Traga-o para cá. Por favor.

Lucien assentiu e desapareceu. Vários punhos bateram na porta perto dele, e então ouviram-se vozes femininas.

— Abram esta porta! Vocês não tinham que nos trancafiar de novo. Nós não íamos interromper. O que está havendo?

— Danika. Danika, você está bem?

— Deixe-as entrar — gritou Reyes, torcendo para que a presença da família lhe desse forças.

Alguém abriu a porta, e duas mulheres entraram afobadamente no quarto de Reyes. Elas viram Danika em seus braços, sangrando, e arfaram. Em seguida, correram para o lado dela. A terceira mulher, a avó, estava engessada e tinha de ser carregada.

Um dos guerreiros gritou:

— Não, Aeron. Não!

Outro rosnou:

— Não quero atirar em você!

Foi quando Reyes viu que Aeron havia se levantado. Ver todas aquelas mulheres no mesmo quarto deve ter aumentado a sede de sangue dele, dando-lhe todo o vigor de que ele precisava. A irmã de Danika gritou quando o guerreiro tentou pegá-la, mas ela conseguiu escapar.

A mãe deu meia-volta, abrindo os braços para proteger Danika.

— Deixe minhas meninas em paz, seu animal!

Ao ouvir isso, Danika se esforçou para sentar.

— Não — Reyes ordenou. — Não se mexa.

Aeron se aproximou mais. Os guerreiros pulavam em frente a ele, tentando derrubá-lo. Mas ninguém cumpriu a ameaça de atirar em Aeron. Reyes entendia. No final, ele também não conseguira matar o amigo.

Aeron afastou os guerreiros experientes como se fossem moscas e seguiu se aproximando cada vez mais das mulheres. Legião voava entre os guerreiros e os mordia como fizera com Reyes.

— Não machucar meu amigo.

Ao contrário de Reyes, eles não ficavam mais fortes ao sentir dor. Eles caíram, imóveis, sentido a saliva venenosa da criatura. E logo não havia mais ninguém na frente de Aeron para impedi-lo de acertar seus alvos.

É ISSO. NÃO há mais tempo.

Paris se ajoelhou pela terceira vez no meio de seu quarto. Ele não teve que se cortar, não teve que invocar Cronos, pois o deus-rei apareceu espontaneamente assim que Paris se ajoelhou.

— Já fiz Sienna ressurgir dos mortos — o rei disse. — Ela está esperando na minha sala do trono e pode chegar aqui em questão de segundos. Ela pode ser sua, se você disser as palavras certas.

Ah, abraça-la de novo. Tocar sua pele macia, olhar naqueles olhos lindos. Ter suas mãos delicadas lhe contornando o corpo com reverência. Ela não gostava de Paris, mas sentia atração por ele. Ela permitira que ele entrasse em seu corpo, e fora a melhor coisa de sua vida eterna.

— Se você não a escolher, talvez eu fique com ela para mim. Faz tempo que não me dou ao desfrute com uma mortal.

Cronos deu de ombros, levantando a barra de seu manto branco. Paris mordeu o interior da boca. Ele já devia esperar por isso ao invocar o deus e implorar um favor. Só de pensar em Cronos tocando-a, beijando-a, ele se revoltara. *Ela é minha!*

— Por que nos odeias tanto?

— Odiar vocês? — Cronos riu, mas não havia humor no som. — Ódio é uma explicação simplória demais. Você pode dizer que sinto aversão por qualquer um que tenha um dia servido aos meus inimigos. E, ainda assim, reconheço que ainda fico intrigado com vocês, Senhores do Mundo Subterrâneo. Há mais humanidade em vocês do que eu esperaria encontrar em homens que são em parte demônios. Mesmo agora, enquanto Aeron encurrala sua presa, dentro de sua mente ele grita para parar, ir embora.

Paris se calou. Um suspiro.

— Ele me surpreendeu, devo dizer. Ele estava com a avó nas mãos, faltava só cortar sua garganta. Mas reprimiu sua sede de sangue o suficiente para fugir dela. Ele conseguiu até anular a lembrança em sua própria mente. A força de vontade que se precisa ter para fazer isso... Fiquei maravilhado.

Mas Paris sabia que Aeron não poderia se fazer esquecer da morte daquelas quatro mulheres inocentes. Desde o começo, atormentado, o guerreiro sabia que aquele ato mudaria sua vida para sempre. E não para melhor. Aeron seria eternamente assombrado. E o mesmo era possível dizer de Paris, sabendo que ele podia ter feito alguma coisa para evitar.

— Vejo como sua mente está dando voltas — disse Cronos, agachando-se em frente a ele. Eles olharam fixamente um para os olhos do outro, azul contra o insondável marrom. — Saiba que, se você escolher Aeron, jamais voltará a ver Sienna. Cuidarei disso pessoalmente. Só porque eu posso.

— E se eu escolher Sienna?

— Aeron vai matar as mulheres da família Ford. Todas, menos Danika. Ela, eu resolvi manter. As outras não me servem de nada, então não importa.

— Por que, então, amaldiçoaste a alma de Aeron com a missão de matá-las? — perguntou Paris, incrédulo.

Cronos deu de ombros.

— Sempre soube que uma delas era o meu Olho, aquele que enxerga os domínios espirituais, mas não sabia até recentemente qual delas era. Pensei em destruir toda a família para que o Olho não

pudesse voltar a ser usado contra mim. Portanto, todas tinham que morrer. Ainda agora, após observar a caçula da família, eu me lembro de tudo que o Olho me fez antes de Zeus tê-la seduzido para seu lado e a usado contra mim. Ao contrário de seus ancestrais, o coração de Danika é generoso. Ela não se deixaria levar por outros deuses.

— Por que então não libertar Aeron, simplesmente, se não precisas mais destruir Danika e sua família? Se *desejas* que Danika viva? Por que colocar a liberdade dele em minhas mãos?

— Porque você me apresentou uma questão que entendi que meus humanos encaram diariamente. Quem importa mais, um amor ou um amigo? E agora, demônio, cansei de esperar sua resposta.

Paris engoliu em seco. Última escolha. Ele sabia que teria de fazê-la, mas aqui e agora, na hora da verdade, ele sabia que ele acabaria se odiando, fosse qual fosse sua decisão.

— Escolha — Cronos disse, a voz retumbante de raiva. — Enquanto Sienna caminha pelo paraíso, Aeron está agora mesmo com as mulheres. Ele estava levantando sua adaga. Sienna está chorando, sem saber qual será seu futuro. Aeron está...

— Aeron — ele disse, despencando no chão, já sofrendo de novo o luto pela única mulher que algum dia poderia ter amado. — Eu escolho Aeron.

DE REPENTE, AERON caiu ao lado da cama. Legião foi imediatamente em sua direção e ficou fazendo carinho em seu rosto. Reyes observou, piscando de perplexidade ao ver um sorriso nos lábios do guerreiro, agora adormecido; e paz, muita paz, delineava seus olhos.

Que diabo havia acabado de acontecer? Aeron estava prestes a dar o golpe mortal, Reyes estava impossibilitado de agir. E então tudo parou, congelou, ninguém conseguiu respirar, nem se mexer. Em seguida, os guerreiros que estavam dormindo, envenenados, acordaram como se não houvesse nada de errado. E então Aeron caiu.

Todos se entreolharam e o ar ficou carregado de confusão. Lucien chegou no instante seguinte com um médico, um humano revoltado que quase se borrou ao ver o bando de guerreiros parrudos.

— Reyes — Danika sussurrou.

Reyes se abaixou e beijou-lhe a testa.

— Não diga nada, amor. Poupe sua força. O médico vai...

— Estou tendo uma visão.

Ele não queria saber de visão nenhuma; ele gostava dela.

— Tente empurrar a visão para o fundo de sua mente. Apenas fique comigo enquanto o médico ajuda você, está bem? — Ele se voltou para o homem em questão e ordenou: — Cure-a. Dê Tylenol a ela. Qualquer coisa, mas cure-a.

O humano entrou em ação e se aproximou.

— É claro, é claro.

— Estou no paraíso, deitada em um balcão de mármore. — Danika sorriu com os olhos vidrados. — Estou coberta de branco e os anjos estão cantando.

— O quê? Não, não. — Ele balançou a cabeça violentamente ao se dar conta do que ela estava

dizendo. — Espere, segure firme.

O médico se agachou ao lado dela, tirando os instrumentos de sua mala preta.

— Ande logo — ele ordenou ao humano. Mas ele nem precisou se dar ao trabalho. Danika fechou os olhos, e sua cabeça pendeu para o lado. Ela desapareceu no instante seguinte. O grito de Reyes reverberou no paraíso e na terra, finalmente descendo ao inferno.

Capítulo Vinte e Seis

— ONDE ELA está?

— Que diabo você fez com ela?

Reyes estava desabado em uma poltrona na sala de entretenimento. Na mão, uma taça de brandy misturado a manjar dos deuses. A mãe e a irmã de Danika estavam em frente à televisão que exibia filmes caseiros de Danika quando criança. Sua avó estava sentada ao lado dele, com gesso nas pernas esticadas. Ele mandara Lucien trazer os filmes três dias antes e desde então não levantara mais da poltrona. No momento, aqueles filmes eram sua única ligação com Danika e, ele esperava, a chave para encontrá-la.

Danika. Que saudade de você, meu amor. Ele não se importava que os Caçadores estivessem provavelmente se preparando para outro ataque. Não se importava com o fato de seus amigos estarem se preparando para a guerra.

Passos. Um tapa em seu rosto. Ele tocou o maxilar, mas estava entorpecido demais para curtir a dor.

— Fale conosco! — exigiu a irmã.

— Por favor — a mãe implorou. — Resista a seu lado mau e nos ajude.

— Deixe-o em paz — disse a avó às outras enquanto dava tapinhas na mão dele. — Eu costumava ver demônios nos meus sonhos e esse homem não é demônio. Ele ama nossa garota e está fazendo tudo que pode para trazê-la de volta.

Estava mesmo? Ele achava que devia estar fazendo mais. Só não sabia o quê.

— Se eu soubesse onde ela está, ela já teria sido resgatada a esta altura — ele finalmente respondeu. — Eu fracassei. Pronto. Sente-se melhor assim?

Silêncio.

— Bem, traga-a de volta! — Tinka, a mãe, gritou.

— Não sei como fazer isto. — Foi uma coisa dolorosa de admitir, e não era uma dor gostosa.

Cinco dias haviam se passado desde o desaparecimento de Danika. Nestes cinco dias, Aeron retomara a consciência, já sem precisar matar ninguém, como se jamais tivesse tido essa necessidade. Ele pediu desculpas. *Perdoe-me. Por favor, perdoe-me, pois duvido que eu seja capaz de perdoar a mim*

mesmo. Eu amo você, jamais faria isso de propósito... Pelos deuses, Reyes, sinto muito... E Reyes fizera o mesmo: implorou por perdão. *Eu também amo você, meu amigo. Eu devia ter cuidado melhor de você. Você me perdoa?*

Eles se abraçaram e Legião, que nunca se afastava muito de Aeron, se entusiasmou. Mas a sensação de perda de Reyes não desapareceu. Ele chegou a convocar os deuses várias vezes, rezando, implorando. Tudo em vão.

Ele não sabia mais o que fazer. Tinka e Ginger, irmã de Danika, começaram a andar de um lado para outro, murmurando em frente a ele. De vez em quando, ele via a televisão. Ele achou ter ouvido a jovem Danika rindo.

— Quem a levou? — perguntou uma delas.

— Eu ouvi um dos monstros... há, um dos *guerreiros*... Disse que foi obra dos deuses — a outra disse. — E todas nós ouvimos Danika dizer que ela se viu no paraíso.

— Se Danika viu o paraíso, então ela está no paraíso — disse a avó. — Acreditem em mim. Eu sei.

— Então, tá. Vamos imaginar que o guerreiro estava certo e os deuses a libertaram. *Por que* eles a levaram?

— Provavelmente por ela ser um portal. — Ele se recusou a dizer que ela *era* um portal. Isto seria dizer que Danika estava... morta. Falecida. Fora de alcance.

Todas as três mulheres pararam e o encararam enfaticamente.

— Do que está falando? Que tipo de portal?

Ele explicou, tentando segurar as lágrimas. Dor estava quase choramingando dentro de sua cabeça. Na tela, Danika riu de novo. O que ela estava fazendo? Ele se inclinou para o lado. Ela estava soprando velas de aniversário. Ele imaginou como seria ter um filho dela, *deles*. A criança seria linda como ela... Se Reyes não estivesse tão infeliz, até teria sorrido ao imaginar.

— Minha filha era um portal entre...

— É — ele e o demônio rosnaram ao mesmo tempo. — É um portal. Ela ainda está viva.

— Isto é simplesmente impossível — disse Tinka. Então ela levantou as mãos. — Ela está viva, não foi isso que quis dizer. É que... é difícil acreditar que ela seja um tipo de passagem entre o paraíso e o inferno.

— Você viu um homem com asas nas costas, filha — disse a avó com convicção. — Acredite.

— Mas como eu poderia não saber? — sussurrou Tinka com a voz embargada. — Como poderia deixar escapar uma coisa assim?

— Os sonhos dela — disse Reyes. — Tudo sempre estivera em seus sonhos.

— Eu já fui como ela. — Mallory soltou um suspiro triste. — A primeira vez em que vi uma das pinturas dela, quase desmaiei. Fiquei com medo por ela, admito, e não soube o que fazer. Se eu não tivesse lutado tanto contra minhas visões, podia ter entendido o que estava se passando e, quem sabem pudesse tê-la ajudado a lidar com a situação.

— Você a ajudou, sim. As histórias que você contou a Danika lhe deram força e coragem para

encarar seus pesadelos em vez de fugir deles. — Os olhos dele arderam e ele os esfregou com as costas do pulso. *Minha Danika, minha doce Danika.*

Mallory apertou a mão dele.

Tinka voltou a andar de um lado para outro. Novamente, Reyes olhou de relance para a tela da televisão. A câmera parou de rodar e passou para outra época da vida de Danika. Naquele ela devia ter seus 11 anos de idade e estava pintando. Ela estava coberta por tinta, um verdadeiro arco-íris ambulante.

Assim ele se sentia mais próximo dela. Não podia e não iria desistir. Ele havia implorado a Anya por um milagre, como que ela fizera a Maddox e Ashlyn. Ela tentara ajudá-lo, mas fracassou. Ele chegou a pedir aos amigos que lhe arrancassem a cabeça e acabassem logo com seu tormento. Mas eles se recusaram. No final, ele ficara um pouco aliviado, sabendo que sua alma iria para o inferno, afastando-o ainda mais de Danika.

De algum jeito, de alguma maneira, ela estava no paraíso. Viva, ele jamais acreditaria no contrário, mas no paraíso, mesmo assim.

Se ele tinha de encontrar uma maneira de chegar lá, então o faria. Eles *iriam* ficar juntos de novo.

Ginger e Tinka pareciam ter se esquecido de sua presença e continuaram a falar e perambular pelo recinto.

— Parece que ele a ama de verdade.

— *Parece* é a palavra-chave. Não importa o que minha mãe diga; não consigo me esquecer do que ele é. Do que *todos eles* são.

— Demônios.

— Sim. Os mesmos demônios que Danika pintava nas telas.

Ainda pinta, ele pensou, mas permaneceu em silêncio. Que se danem. Ele queria que elas saíssem da frente para ele poder ver a tela da tevê por inteiro e sem interrupções.

— Mas ele chorou quando ela desapareceu.

— Ele chorou muito, na verdade.

Ainda quero chorar. Dor se encolheu no canto de sua mente, lambendo suas feridas emocionais. A criatura se apaixonara por Danika bem como Reyes dissera. Estava perdido sem ela. Eles eram duas metades de uma unidade, Reyes só podia mesmo imaginar que fossem amar a mesma mulher.

— Se existe alguém que pode levá-la para casa, este alguém é ele.

Ele ouviu vagamente, ainda sorvendo aquelas visões da pequena Danika. Ela já era um anjo desde pequena, cheia de luz e de esperança no futuro. *Sem ela, não sou nada.*

— Você está me ouvindo? — Ginger parou em frente a ele, as mãos nos quadris. Ela era mais alta do que Danika, e mais magra. Bonita, mas não era seu anjo.

— Não — ele disse. — Saia.

Tinka se aproximou da filha, segurando-lhe os braços.

— Tem de haver outra coisa que você possa tentar.

— Traga-a de volta — disse Ginger — e nós paramos de tentar convencê-la a largá-lo.

— Não que tenha adiantado. Ela queria você na... na... — Tinka chorou. — Na vida dela.

As duas mulheres se abraçaram. Reyes sentiu uma dor no peito. Dor nem reparou.

Quero meu anjo.

Eu também. Preciso dela.

Ginger e Tinka se soltaram e foram cochichar em um canto. Finalmente Reyes pôde ver a tela direito. Lá estava Danika, orgulhosamente mostrando a pintura recém-terminada.

— Elas não falaram por mal — disse Mallory.

— Eu sei.

— Talvez, se eu me concentrar bem, minhas visões retornem. Talvez eu possa descobrir um jeito de resolver a situação.

Talvez. Mas ele não queria alimentar esperanças. Reyes reparou na imagem da pintura de Danika pela primeira vez. Ele franziu o cenho e agarrou o controle remoto. A câmera saiu da tela e mostrou uma mulher de expressão séria. Ela era uma versão mais jovem de sua avó, e estava estudando as cores e as linhas. Reyes voltou o filme. Quando a pintura reapareceu, ele deu pausa. Irradiando determinação, Ginger parou em frente a ele.

— Saia — ele disse a ela.

— Há, com licença. Você...

— Saia!

Ofegando, ela saiu da frente.

— Tudo bem. Não precisa gritar.

Ele olhou para a pintura mais uma vez. Podia ser... Era...? Era. Era mesmo. Ele se levantou de repente, sentindo o torpor transformando-se em ansiedade e expectativa.

— Mallory. Olhe para a tela e me diga o que vê.

Ela arregalou os olhos e obedeceu.

— Ah, meu Deus. Isso é... isso é...?

— Acho que é. — Ele podia ter acabado de descobrir um jeito de salvar Danika.

DANIKA FLUTUAVA EM um mar de escuridão, cercada por um frio invernal.

De vez em quando ela sentia pontas de dedos lhe roçando o rosto e o pescoço. Sabia que um pano cobria seu corpo nu, pois a seda fria a impedia de imergir no nada absoluto. Ela também ouvia sempre uma voz dentro de sua cabeça.

Diga o que está vendo.

Ela sabia o que a voz queria: saber o que os demônios no inferno e os anjos no paraíso estavam fazendo e dizendo. Ela também sabia que a voz não podia lhe invadir a mente sem ser convidada, pois houve várias tentativas fracassadas.

Ela projetou intencionalmente uma imagem de Reyes. Seu guerreiro das sombras. Seu amor. Ah, como sentia saudade dele. Ele a abraçara com ternura quando ela estava sangrando, oferecendo-lhe força, implorando com os olhos por sua cura. Ela queria muito ficar com ele, mas aquelas mãos fantasmagóricas a agarraram e prenderam.

Ela odiava o dono daquelas mãos e sabia que eram daquele homem que naquele momento estava

gritando “chega disso”. *Não me mostre o demônio de novo. Não vou lhe mostrar mais nada. Devolva-me a ele.*

Silêncio.

Ela não sabia quanto tempo se passou enquanto aquelas mãos continuavam a tocá-la, o tecido continuava sobre ela. O tempo era infinito onde ela estava... imensurável. Não havia mais como negar quem e o que ela era. *Eu só quero voltar para casa.* A voz a abordou novamente. *Diga o que você vê.* Tudo dentro dela congelou. Por um momento aquela voz soou como...

Diga o que vê.

Reyes! A voz era de Reyes. O coração de Danika disparou, seu sangue correu quente pelas veias.

Meu amor, ela disse. *Estou aqui, minha doce Danika. Estou aqui.* Dois dedos lhe traçaram o contorno dos lábios. Mas o calafrio continuou. Não, o frio continuou. Ela não sentiu cheiro de sândalo. Apenas o cheiro doce das nuvens e de talco de bebê.

Naquele momento, Danika percebeu que não era Reyes quem estava falando e sua alegria murchou, substituída pela raiva. *Reyes não me chama de “minha doce Danika”, seu cafajeste do inferno!*

Ouviu-se um grunhido mal-humorado.

Reyes vai morrer nas minhas mãos se você não me disser o que vê! A voz havia voltado ao normal.

Em sua mente, Danika gritava, gritava, gritava. Era um som de angústia e dor, de agonia e raiva, e ela o projetou na mente de seu torturador. *Pare. Chega.*

Você vai feri-lo?

Não.

Ela não sabia se devia confiar nele, mas se acalmou. *Quem é você? Por que está fazendo isso comigo?*

Você pode me ajudar a dominar o mundo. Juntos, nós construiremos a segurança e a prosperidade de um paraíso. Nenhum mal recairá sobre nós.

Quem é você?, insistiu ela.

Deixe-me mostrar. No instante seguinte, a imagem de um homem alto e magro lhe invadiu a mente. Ele tinha um rosto ao mesmo tempo gentil e temível; a cabeça repleta de fios grossos e grisalhos. Usava um manto branco e estava sentado num trono adornado por joias.

Ela o reconheceu da pintura que fizera para Reyes. Cronos. A imagem em sua mente se desfez e deu lugar a uma mulher esticada num divã ao lado do trono do rei. Era uma linda mulher de cabelos louros e longos, e grandes olhos verdes. Parecida com Danika, mas diferente. O casal sorria um para o outro, feliz, irradiando uma paz inimaginável.

Você já me ajudou uma vez. Pode me ajudar de novo. Com sua visão e meu poder, podemos fazer o mundo voltar a ser o que era: um lugar sublime, sereno e belo.

Eu, não. Eu não o ajudei.

A imagem desapareceu.

Sim, foi você, sim. Mas o poder do Olho está no sangue. Houve um tempo em que seus ancestrais me

guiaram e me mantiveram informado. Ajudaram-me a governar. Por que não faz a mesma coisa? Se você concordar, poderá se libertar da mesmice do paraíso. Tudo que precisa fazer é observar meus aliados e meus inimigos e me fazer relatórios de suas atividades. O resto do tempo, você fará o que quiser.

Eu quero Reyes. Ela voltou a projetar uma imagem do guerreiro. Onde ele estava? O que estava fazendo? Em sua mente, ela se ouviu soluçar. Lágrimas começaram a cair. Mas não se limitaram ao interior da mente, começaram a chover sobre seu corpo inteiro, o frio lhe congelando a pele.

Você não pode tê-lo. Ele pertence ao Mundo Subterrâneo e você pertence a mim.

Não!

Não adianta discutir comigo.

Então fique sabendo do seguinte. Eu pertenço a Reyes, e ele pertence a mim. Você não vai ter resposta nenhuma da minha parte enquanto eu estiver longe dele. Ela sentiu o deus se aproximar dela, e cada passo que ele deu foi uma expressão de raiva.

— CRONOS! — Reyes gritou do teto da fortaleza. — Cronos, apareça!

O vento açoitava, hostil, como se quisesse abatê-lo. Houve época em que ele teria gostado disto, teria aproveitado a sensação. Danika o mudara para melhor. Ela lhe dera razão de viver.

— Cronos!

— Estou aqui, Dor.

Surpreso, Reyes deu meia-volta. O rei dos deuses estava do outro lado do telhado, com seu manto branco se agitando na altura dos tornozelos. Ele parecia velho e frágil como qualquer humano, mas irradiava força. Força e poder que aquele deus jamais conseguiria esconder.

— Onde ela está?

— Em segurança. — Foi tudo que o deus disse, inclinando a cabeça. Mesmo assim, aquela palavra consolou Reyes como nada poderia tê-lo consolado. Ela estava em segurança. Ou seja, ela estava viva. O que significava que podia ser mandada de volta para ele.

— Mostre-a. Por favor. Eu imploro.

Cada músculo de seu corpo se enrijeceu enquanto ele esperava. Finalmente Cronos assentiu, fez um gesto no ar com a mão, e a visão de Danika cintilou, criando foco. Ela estava exatamente como ele a descrevera nos momentos anteriores ao seu desaparecimento, deitada em um balcão de mármore, uma visão dourada e brilhante. Envolvida em branco dos pés à cabeça.

Ela era a própria Bela Adormecida.

— Ela está... ela está sentindo dor?

— Nem um pouco. Optei por ficar com ela, por isso a curei.

— Obrigado.

— Não foi por você que fiz isso.

Não importava. Ele fizera, e Reyes seria sempre grato por isso.

— Eu a quero de volta — ele conseguiu dizer com voz engasgada. Esticou o braço na intenção de passar os dedos nos delicados lábios vermelhos de Danika. Cronos fez outro gesto com a mão e a

visão desapareceu. Reyes sentiu o demônio urrar por dentro.

— Por favor. Eu quero Danika — ele repetiu.

— E ela quer você. — Com olhos apertados, Cronos avançou. Não, ele não caminhou. Flutuou. Seus pés não tocavam as telhas. — Mas agora que a tenho, pretendo usá-la. Minha decisão de mandar matá-la foi... suspensa.

— Por que precisa dela?

— Minhas razões são minhas. A única coisa que precisa saber é que você a distrairia.

— Não vou distraí-la. Juro.

— Você não conseguirá se controlar.

— Eu a amo.

— Sim, eu sei, mas isto não muda nada para mim — disse o deus impiedosamente. Estavam face a face.

Reyes sentiu o cheiro de sol, de estrelas e de lua em apenas uma inalação.

Ele odiava aquele cheiro.

— Hordas de demônios a querem, seus inimigos mortais a querem. Até seus amigos procuram usá-la em benefício próprio. Você não pode protegê-la em toda parte.

— Posso. Eu seria capaz de morrer por ela. Eu a amo. Não deixaria que nada de ruim lhe acontecesse.

Cronos arqueou uma das sobrancelhas escuras.

— E você provou isso quando permitiu que Ira a apunhalasse?

Ele voltou a sentir uma culpa devastadora.

— Fico destruído toda vez que penso que ela sentiu dor. Não vou permitir que isso aconteça de novo. — Ele cerrou os punhos. — Eu vi uma coisa hoje, uma das telas antigas de Danika. Você... você estava nela.

O deus virou a cabeça com uma expressão pensativa no rosto.

— Estou ouvindo.

— Na tela, um de seus inimigos corta sua cabeça.

Cada palavra dita por Reyes atiçava mais e mais a raiva que logo ficou estampada no rosto do deus.

— Como ousa dizer tamanha blasfêmia? Ninguém teria força para fazer uma coisa dessas. Eu devia fulminá-lo só por dizer isto.

Ele sabia que estava entrando em terreno perigoso, mas disse:

— É verdade. Eu jamais mentiria sobre algo tão sério.

— E onde está esta tela? Você vai me mostrar. *Agora*. — A fortaleza inteira tremeu, as pedras roçaram umas nas outras, algumas esfarelaram.

— Eu troco a tela por Danika — disse Reyes, balançando a cabeça.

— A tela. Agora!

— Primeiro aceite o trato.

Cronos respirou fundo, prendeu o ar dentro do peito e o soltou vagarosamente. Ele estava jogando pesado e notou que o deus soltava fumaça pelas narinas.

— Ela é minha propriedade, e ao contrário de você, não negocio minhas propriedades.

Propriedade dele? Dificilmente.

— Então é melhor dar adeus à sua cabeça. Duvido que seu Olho Que Tudo Vê se engane.

Apesar de parte de Reyes temer que o deus o destruísse por sua petulância, reinou o silêncio por um bom tempo. Então ele disse:

— Quando você provar que é forte o suficiente para protegê-la, me chame outra vez. Aí conversaremos.

E, assim, o deus desapareceu.

— VOCÊ ERA uma deusa. Diga como posso provar a Cronos que sou capaz de proteger Danika.

Anya escolhia peças em seu guarda-roupa, e William estava sentado em sua cama, implorando pelo precioso livro de profecias que ela lhe roubara, quando Reyes entrou de repente no quarto. Sem bater, ela enfatizaria. Canalha.

A sorte dele é que ela estava usando algo além de um sorriso e um boá cor-de-rosa. E a única razão pela qual ela usava alguma roupa era Lucien estar na encosta à procura de armadilhas. Bem, por isto e também devido à presença de William, que era praticamente um irmão para quem ela não ia ficar exibindo seu boá favorito.

— Vamos começar pelo começo. Eu *sou* uma deusa — ela disse a Reyes. Dirigindo-se a William, acrescentou: — Implorar não lhe cai bem. — Ela continuou olhando e dispensando peças de roupa.

— Você me prometeu o livro — disse o guerreiro.

— É, mas não disse exatamente quando.

— Não saio daqui sem ele.

— Mais uma razão para não entregar o livro. É divertido tê-lo por perto.

William soltou a cabeça sobre as mãos levantadas.

— Não quero interromper — Reyes disse —, mas...

— Segundo, que eu não terminei. William, que tal este vestido? — Ela levantou um modelo todo decorado com contas.

— Adorei — o guerreiro disse, sorrindo.

— Anya, por favor — pediu Reyes.

— Tudo bem. Só espero que você esteja pronto para minha irritação. — Ela se virou e lhe apontou o dedo, falando e se aproximando dele. — Olhe aqui, docinho. Eu ajudei a desfazer o feitiço mortal que o ligava a Maddox, e mesmo assim você foi falar mal de mim para Lucien poucas semanas depois. Foi muito rude da sua parte.

Ele abriu a boca para falar, arqueou uma sobrancelha, desafiando-o a dizer uma palavra que fosse. Ele apertou os lábios. William riu, já se esquecendo dos próprios infortúnios.

— Você está enrascado — ele cantarolou.

— Depois — ela continuou, balançando a cabeça com satisfação — você fez Lucien esperar vários dias antes de contar sobre Aeron. Além disso, já tentei lhe ajudar com Danika. Você nem agradeceu. E nem conheço os Titãs tão bem. Eles já estavam presos na época em que nasci. E, por último, mas

não menos importante, você está fedendo. Já ouviu falar em chuveiro, galá?

— Lamento por todos os erros que cometi com você, Anya — ele tratou de dizer. — Basta você me dizer o que devo fazer para compensar meus pecados e farei. Mas, por favor, me ajude primeiro. Cronos exige que eu prove ser capaz de proteger Danika para me devolvê-la.

Deuses, o amor é meu ponto fraco. Anya observou atentamente o guerreiro. Ele perdera peso, talvez por ter parado de comer para ficar apenas virando bebidas alcoólicas misturadas ao manjar dos deuses. Também não tomara banho nem se trocara por uma eternidade. Ele estava pálido, com os cabelos sujos arrepiados de tanto ele passar os dedos.

Francamente, estava um lixo.

Mas o que mais chamou a atenção dela foi o fato de, pela primeira vez desde que o conhecera, ele não estar todo cortado.

— Ei, por que você não está se machucando?

Ele olhou para os braços, virando-os sob a luz para observá-los bem, como se não tivesse percebido ainda de que havia mesmo parado de se ferir.

— Eu sofro a cada minuto do dia. Não preciso me cortar para sentir dor.

— Mas e se, quando ela voltar, sua dor partir e você tiver que tornar a se cortar? Ainda vai querer ficar com ela?

— Eu me corto em vários pedaços, alegremente, se puder ficar com ela.

— Interessante. — Ela recostou o quadril à penteadeira ao seu lado, tamborilando as unhas no tampo de mármore. *Clique, clique, clique.* — Está na cara que você andou falando com o Rei Cabeça de Bosta. O que foi que ele disse exatamente?

William se inclinou para ouvir. Reyes repetiu a conversa, palavra por palavra, indiferente à extasiada plateia.

— E como ele recebeu a notícia das telas de Danika?

— Com fúria. E medo, acho. E se ele nunca devolvê-la para mim? — De repente, seus joelhos fraquejaram e ele caiu ajoelhado no chão. Ele ficou lá, esperando. — Droga. Acho que nunca fiquei tão fraco.

— Bem, nestas condições você só vai conseguir provar que é fraco. — Ela levantou a mão e ficou batendo a ponta da unha no queixo. — Ele disse que tem hordas inteiras de demônios atrás dela. Quem sabe você devesse combatê-los? Mate-os.

— Seriam necessários séculos para combatê-los — observou William.

— É, mas tempo não lhe falta. Nossa mãe. — Ela revirou os olhos. — Você quer cortar minha onda de esperteza, não é? Se você não quiser levar para esse lado... — ela acrescentou.

— Não quero.

— Tudo bem. Você é quem sabe. Vejamos, vejamos. Tem de haver outro jeito. Pense, Anya, pense. Você também, Willy. Ponha essa cabeça oca para funcionar.

Silêncio. Horas de silêncio.

— Talvez dar uns tapas em Cronos — William finalmente sugeriu. — Eu ficaria convencido de sua força se fosse ele.

Anya bateu palmas alegremente.

— É isso! Derrote Cronos que você acaba com esse joguinho e ainda livra o mundo de uma vez por todas dessa maldade.

Reyes arregalou os olhos.

— Você está brincando. Derrotar Cronos?

Anya foi perdendo o entusiasmo ao ouvi-lo falar.

— Tem razão. Provavelmente não dá. Infelizmente, ele é a criatura mais poderosa do mundo e você, bem, você não é.

— Eu sou é um homem apaixonado. — Um brilho doido brotou nos olhos de Reyes, um brilho que a assustou. Se ele fosse atrás do deus-rei, Lucien ficaria chateado. E ela não gostava quando Lucien ficava chateado.

— Ah, Reyes, querido, vamos pensar juntos em outra coisa. Algo...

Se ele a ouviu, não demonstrou. Reyes se levantou pesadamente e saiu do quarto se arrastando. Anya se arrependeu terrivelmente de não ter calado sua maldita boca.

DEPOIS DE SE estufar com mais comida do que seu estômago aguentava, Reyes fez Lucien teletransportá-lo até o depósito onde Danika guardava todas as suas telas. Sua mãe, sua irmã e sua avó pegaram carona também, o que foi um incentivo para ele. Ainda bem que os Caçadores não chegaram antes.

À medida que ele procurava em meio aos quadros, aumentava sua determinação em ganhar Danika. Apesar de Cronos não ter voltado a aparecer, Reyes sentia os olhos do deus o tempo todo sobre si, observando, esperando por uma visão da misteriosa tela.

Mas Reyes não lhe oferecera a tela. Ainda não. Desde aquela noite no telhado, ele havia parado de assistir às fitas da infância de Danika. E apesar de morrer de vontade de revê-las, ele sabia que era melhor assim.

— Só mais um tempinho, anjo, e então voltaremos a ficar juntos. Juro. — Ele já havia repetido aquilo pelo menos umas cem vezes. Por ela. Por ele. As mulheres de sua família até pararam de balançar as cabeças de surpresa ao vê-lo dizer isso.

Ginger bateu as mãos uma na outra para tirar a poeira.

— Não acredito nos pesadelos que minha irmãzinha teve de enfrentar.

Tinka abraçou a garota pela cintura. Elas faziam um belo par, cabelos ruivos resplandecentes, bochechas rosadas.

Danika devia estar aqui, desfrutando da presença delas.

Dor concordou com um grunhido gutural.

— Ela é mais forte do que jamais pensei — Ginger continuou, olhando para a grande quantidade de trabalhos artísticos. — Também pinta melhor. Quer dizer, eu sabia que ela era boa, mas não sabia o quanto.

Lágrimas brotaram nos olhos verdes de Tinka, olhos tão parecidos com os de Danika que seu coração quase explodia todas as vezes em que olhava para eles.

— Não acredito que fiz minha irmã esconder tudo neste depósito. Estas telas deviam estar em uma galeria de arte. Elas são um assombro de tão lindas, não são?

Como a própria Danika.

— São, sim.

Mallory pegou uma sacola plástica de dentro da bolsa, abriu-a e ofereceu a ele metade de um sanduíche de manteiga de amendoim.

— Antes de irmos embora, sua amiga Anya disse que tínhamos de ajudá-lo a levantar o astral.

Ele aceitou, agradecido, e comeu tudo em duas bocadas, contente com o gesto dela. A família de Danika, e a própria Anya, pelo jeito, já o haviam perdoado por seus crimes contra elas.

— Quando Danika nos for devolvida, vai ficar feliz ao rever suas telas. Isso eu lhe garanto.

— Como eu queria odiar você — disse Ginger, suspirando.

Os lábios dele tremeram em um sorriso contido. Ela tinha uma língua afiada que o lembrava Danika.

Será que tudo trazia lembranças de Danika?, pensou. Ele não se importava com as lembranças, ele as adorava, mas assim ele podia acabar não aguentando mais e entregando os pontos de tanta saudade de sua mulher.

— O que estamos procurando exatamente? — perguntou Tinka, surgindo subitamente ao lado dele.

— Pergunte a Mallory. — Foi só o que ele disse, pois não queria parar de procurar para explicar. Ele não ia desistir. Se fosse preciso, daria seu último suspiro procurando Danika.

— Procure qualquer coisa que tenha a ver com Cronos, Rei dos Titãs, e guarde para Reyes analisar. E, antes que pergunte, Cronos é alto, tem cabelos grisalhos grossos e usa barba, e está sempre com um manto branco — insistiu a avó.

Uma das telas lhe chamou a atenção. Era um retrato colorido de anjos e demônios, de vida e morte, sangue e sorrisos. Como Ginger, ele estava impressionado com o que ela tinha visto na vida, ainda tão jovem. E mais impressionado ao perceber como ela havia lutado, apesar do fardo que carregava, revelando-se a guerreira que ele conhecia, determinada e delicada.

Algumas tentativas depois ele encontrou quatro pinturas de Cronos. Seu coração disparou. Em algumas telas, o deus caminhava pelos corredores de uma cela de prisão, com chamas lambendo as paredes e o ar cheio de fumaça. Em outras, ele conseguia escapar, matando com extrema precisão, usando sua foice que se esticava mais e mais, bem mais do que o normal, para cortar as cabeças de seus inimigos.

Por que Cronos não estava com a foice quando foi visitar Reyes? Será que tinha medo de usar e se arrepender? Se fosse o caso, o que Reyes muito duvidava, isso queria dizer que Cronos precisava dele vivo. Talvez o rei tivesse trocado a foice por alguma outra coisa. Pela vida de Danika? Anya dissera uma vez que até os deuses obedeciam à lei do toma lá dá cá, do aqui se faz aqui se paga.

Reyes franziu o cenho, procurando pensar em outra coisa. Por enquanto. Nada disso era tão importante quanto salvar sua mulher. Passou para outro grupo de telas. A primeira mostrava Cronos encurralando um grupo de deuses apavorados e prendendo-os na mesma cela na qual ele mesmo estivera antes. Eram os mesmo deuses que Reyes um dia guardara. Ao vê-los naquele instante, teve

uma recaída de fidelidade. O rosto de Cronos transmitia uma determinação fria. Estava óbvio que ele queria matá-los, mas o que queria mesmo é que passassem pelo que ele passara.

Reyes passou mais algumas horas procurando entre as telas. As mulheres lhe trouxeram água e biscoitos, mas permaneceram em silêncio, percebendo que ele precisava se concentrar. Finalmente, acabou de examinar cada uma das telas.

Não encontrou a tela que queria; será que Danika a destruía? Escondera em alguma parte? Mas ele conseguiu algumas informações valiosas e começou a rever os fatos em sua mente.

Cronos odiava ficar confinado. Seria capaz de tudo para evitar o confinamento. Ele preferia vingança à segurança absoluta, pois se os deuses gregos fossem mortos, nunca mais tentariam roubar seu trono celestial. Em vez disso, ele os prendera, tirando de Anya seu maior tesouro para ter certeza de que eles ficariam em seu lugar.

Sua foice podia se esticar tanto quanto as unhas de Reyes. Tudo isso, mais a primeira tela que Reyes vira... Ele ficou de queixo caído ao ver que a resposta finalmente se encaixava. Levantou de repente, respirando com dificuldade.

Sorrindo pela primeira vez em dias.

— O que foi? — perguntaram as mulheres ao mesmo tempo.

— Sei o que tenho de fazer. — Perto, ele estava tão perto. Agora ele só precisava encontrar o caminho do paraíso.

Capítulo Vinte e Sete

— SINTO TANTA saudade de você, meu anjo.

Passou-se um longo tempo, mas nada de resposta.

Reyes deitou em sua cama. Fazia horas que ele estava lá, talvez o dia inteiro. Ele havia perdido a noção do tempo. Estava tentando entrar em contato com Danika no plano mental. Ela estava lá em cima, no céu. Ela era um portal, e o empurrara para lá duas vezes. Fazia sentido imaginar que ela faria a mesma coisa outra vez. O problema era que não haveria penetração para facilitar. A Reyes só restava esperar que suas uniões tivessem forjado uma ligação emocional e espiritual forte o suficiente para substituir o enlace carnal.

— Sem você, estou perdido.

Nós estamos perdidos, o demônio berrou como um apito.

— *Nós estamos perdidos* sem você. Sua família está tão desesperada para tê-la de volta quanto eu. Passei a amar aquelas mulheres que ajudaram a transformá-la na mulher que hoje você é. Essa mulher forte e corajosa.

Nada ainda.

— Você está levando nosso bebê no ventre, Danika? Se não estiver, não existe nada que eu queira mais do que lhe dar um bebê, ver sua barriga crescer.

Sem dúvida, a iminente maternidade também não era a chave da questão. Ele engoliu em seco.

— Danika — rosnou. — Fale comigo. Agora. Estou furioso, Danika.

Não com você, nunca. Mas ele continuou ameaçando:

— Logo serei forçado a me cortar. Vou sangrar. E você não vai estar aqui para me fazer curativos e me fazer sentir melhor. Eu...

Reyes?

Ele abriu os olhos. Aquela voz que sussurrava em sua mente era a voz de Danika. Funcionou. Funcionou mesmo!

Sua pele ficou cheia de gotas de suor à medida que foi invadido por uma sensação de alívio e alegria. Dor se acendeu dentro de sua mente como uma árvore de Natal demoníaca.

— Danika? Fale comigo de novo.

Ah, meu Deus. É você? É você mesmo? Tenho sonhado com você, rezado por você e implorado por você.

— Estou aqui, estou aqui. — Lágrimas arderam em seus olhos, lhe escaldando as íris. — Preciso que me puxe até onde você está, anjo.

Como? A palavra escapou dela com a intensidade do desespero que sentia.

— Visualize-me em sua mente. Visualize suas mãos me pegando, me envolvendo. Você consegue. Sei que consegue. — *Isso tem que funcionar. Por favor, vamos fazer funcionar.* — Você é um portal. Você pode...

Ele sentiu um frio por dentro. O interior de suas veias se cristalizou como gelo, mas ele não se mexeu. Dor ansiava por ela, mas não conseguia tomar a iniciativa. — Estou sentindo você.

E eu estou sentindo você também, mas...

O som da frustração de Danika reverberou em sua mente.

— Qual o problema, anjo?

Não consigo alcançar seu espírito. É como se eu estivesse agarrando o ar, nada além do ar.

— Então agarre meu corpo físico. — Ele nem precisou terminar a frase para sentir os dedos espectrais, mas firmes, lhe agarrando os braços também frios, mas sólidos, e deu um pulo tão alto que atravessou o teto. O gesso cedeu e caiu sob ele, como chuva.

Ele bateu em outro teto, pensou ter visto Maddox saindo da cama e procurando um punhal e Ashlyn arfando, nua. Reyes não conseguiu evitar uma careta.

Devo parar?, Danika perguntou, sua jornada já diminuindo a velocidade.

— Não, não! Continue, anjo. Continue puxando. Não importa o som que eu faça, continue me puxando para junto de você.

Ele atravessou o telhado e de repente se viu cercado pelo céu noturno. Estrelas passavam por ele, luminosas como trovoadas. Ele estava sem peso... Subindo... Então se viu passando por nuvens que o envolveram e lhe roçaram a pele, deixando nele um brilho úmido.

A lua parecia maior, mais dourada, tão perto que ele até pensou ter visto uma cratera. E então, de repente, ele rompeu uma barreira invisível, sentindo o ar ao seu redor esquentar e passar da escuridão ao mais brilhante azul-celeste em questão de segundos. As nuvens se transformaram em cachos de diamantes e Reyes viu colunas douradas que ladeavam uma sinuosa estrada de esmeraldas.

Ele ficou sem ar de repente, ao perceber que estava no céu. Estava no paraíso, mesmo sendo homem e não espírito. Anjos voavam por toda parte, batendo as asas graciosamente. Vários olharam para ele e arfaram. Outros franziram o cenho e se afastaram. Será que pretendiam avisar alguém? Quem? Os anjos não deviam satisfação nem aos Titãs e nem aos gregos. Isto Reyes aprendera com as telas de Danika. Contudo, não encontrara nada que indicasse a quem eles devessem dar satisfação. Ele teria gostado de falar com...eles? Elas? Deveria ter requisitado um exército celestial. Talvez um dia...

Ele passou por outra parede invisível e então, finalmente, lá estava, pairando ao lado do balcão onde se encontrava Danika. Seus joelhos fraquejaram, e ele caiu ajoelhado ao lado dela, com uma das mãos já lhe acariciando os cabelos e a outra lhe segurando o queixo. Sua pele estava ligeiramente azulada de frio. Ela estava de branco, como uma rainha invernal. Sua rainha.

— Pelos deuses, que saudade de você. — Como ele esperara por aquele dia, por aquele momento. — Nunca mais vou deixar você partir.

Reyes! Você está mesmo aqui. Estou sentindo você. Estou sentindo seu calor.

— Está com frio, anjo?

Muito.

— Deixe-me aquecê-la. — Ele se aninhou ao lado dela, envolvendo seu corpo com o dele e absorvendo seu frio. — Eu a amo tanto.

Também amo você. Quero vê-lo, mas não consigo acordar deste... sono. Não consigo fazer meu corpo se levantar.

Ele deu um beijo suave nos lábios dela, inalando seu doce aroma. Parte dele entrara em desespero ante a possibilidade de jamais vir a fazer isto de novo: tê-la em seus braços, sentir seu cheiro.

— Você sabe onde Cronos está?

Ah, sim. Eu sempre acabo sabendo mesmo. Ele está com seu conselho.

— Você consegue ouvir o que estão discutindo?

Eu já sei. Eles sempre discutem a mesma coisa. O que fazer com você. O que fazer comigo. Onde procurar seus demais artefatos.

— Você pode trazê-los para nós?

Talvez. Mas por quê? Eu o odeio. Odeio lidar com ele.

— Por isto detesto ter que lhe pedir, mas preciso. Confie em mim, anjo. Por favor. — Ele deu outro beijo em seus lábios, e outro no maxilar. — Você consegue controlar formas físicas com a mente. Quando Cronos chegar, envolva-o com sua mente e aperte firme, o máximo que puder. Não teremos muito tempo. Ele tem uma chave dentro do corpo que abre qualquer prisão.

Uma pausa. Em seguida: *Tudo bem. Vou tentar.*

— Se você conseguir e se ele estiver com ela, arranque a foice da mão dele. E saiba que, aconteça o que acontecer, eu amo você. — Se eles fracassassem, Reyes sabia que Cronos o mataria. Isto seria um desafio direto, e rei nenhum deixaria algo assim por menos, sem algum castigo severo.

— Eu o peguei. — Um momento se passou. E outro. O pequeno corpo de Danika endureceu debaixo das mãos dele. *Ele está furioso. Ele não está com a foice; ele a deu ao Caos, a quem confiou o Submundo quando aprisionou Hades em troca de uma alma humana. Mulher. Caçadora. Eu acho. Ele está com os raios de Zeus.*

— Segure firme o raio, meu anjo. Tome dele, se puder.

Ele está quase aqui. Só mais uns segundos...

Cronos parou abruptamente no fim do balcão. Ao avistar Reyes, ele soltou um grunhido gutural. Seus olhos cuspiram fagulhas quando o raio dourado foi arrancado de sua cintura e jogado de lado. A partir dali, Reyes soube que cada palavra que saísse de sua boca e cada emoção que lhe colorisse as feições seriam decisivas. Tudo contava. Fingindo tranquilidade, ele se apoiou sobre um dos cotovelos.

— Que bom que se juntou a nós.

O corpo do deus-rei estremeceu, parecendo que ele tentava se mexer. Ele não teve sorte. Seus braços continuaram colados às laterais e as pernas ao chão.

— Isto vai lhe custar a vida, guerreiro.

Lentamente, Reyes jogou a perna para cima do balcão e se levantou.

— Você deve estar se perguntando o que está acontecendo.

— Eu tenho a Chave Mestra, demônio. Ela destrói qualquer cadeado, abre qualquer fechadura.

Você não vai conseguir me segurar por muito tempo.

— Eu sei. — Seu coração batia como um tambor de guerra, mas ele sorriu. — Mas você não está acorrentado. Está simplesmente sendo... momentaneamente abraçado.

O som de dentes rangendo reverberou entre eles.

— Você me disse para chamá-lo quando eu conseguisse provar minha força. — Ele fez uma pausa, com uma expressão penetrante. — Cronos, estou lhe chamando.

— Você acha que vou lhe ajudar depois disto? — O rei deu uma gargalhada cruel. — Você é muito idiota, Dor.

Como você está? — ele perguntou mentalmente a Danika.

Não sei quanto tempo mais aguento segurá-lo. Ele é muito forte.

Contendo a ansiedade, ele caminhou para perto de Cronos, sem pressa. Ainda com uma expressão penetrante no rosto.

— Você vai soltar Danika e mandá-la de volta para a terra. Para mim. Juntos destruiremos qualquer um que tente levá-la ou usá-la.

— Você...

Reyes o interrompeu.

— Em troca, se ela concordar, vai lhe contar seus sonhos e as coisas que vê.

— Ela fará isto de um jeito ou de outro — resmungou Cronos.

— E já fez até agora? — Reyes tentou não entrar em pânico. — Proteja-a se você sentir que ela corre perigo. Mas faça isto daqui, enquanto ela fica comigo. — Ele rodeou Cronos, tirou uma adaga que estava presa a uma pulseira e colocou a lâmina no pescoço do deus. A pulsação se acelerou loucamente. — Eu podia arrancar sua cabeça, como na tela. A única coisa que lhe restaria seria morrer.

Ambos ficaram imóveis. Reyes sequer conseguia respirar. Ele esperou... Esperou...

— Reconheço sua força, guerreiro — disse Cronos. — Você a provou. — Era mais do que uma declaração, era uma promessa, um voto. Uma aliança entre eles.

Pelo menos, Reyes torceu para que fosse.

Tremendo, morrendo de medo, ele abaixou a lâmina, voltou para o lado de Danika e segurou-lhe a mão.

— Solte-o, anjo. — *E vamos ver o que acontece.*

No instante seguinte, Cronos abriu os dedos. O raio voou de volta para sua mão e ele caminhou em direção a Reyes com raiva no olhar. Parte de Reyes esperou que ele atacasse. Mas não atacou.

De repente, Danika arfou e deu um pulo para cima. Ele tirou os olhos do deus rei e fitou sua

mulher. Ela piscava de olhos abertos, como se a luz os ferisse. Ela voltou a arfar ao vê-lo.

— Você é real.

Ela abraçou Reyes pelo pescoço, ele a abraçou pela cintura, e ambos transbordavam de alegria.

— Você conseguiu! — Ela riu.

— *Nós* conseguimos. Anjo, eu nunca mais quero me separar de você novamente.

— Não se preocupe. Não vou a parte alguma.

— Minha vida é uma guerra, como você já me disse. Consegue aceitar isso? — Ele recuou um pouco e a encarou com os olhos úmidos. Ele seria capaz de abandonar os Senhores do Mundo Subterrâneo se necessário, encontrar um lugar tranquilo para viver e se livrar de vez de Caçadores e deuses vingativos.

— Está brincando? Seus irmãos guerreiros já fazem parte da minha lista de Natal. E os demônios (não estou me referindo a você!) já me querem como mascote. Para não falar que os deuses e os Caçadores estão de olho em cada passo que dou. Sou uma garota popular. Consegue aceitar *isso*?

Um sorriso se formou nos lábios dele.

— Por você, aceito qualquer coisa.

Ela devolveu o sorriso.

— Ótimo.

— Você e eu. Agora. Sempre.

— Guardem os abraços para mais tarde. O que viram naquela tela? — Cronos perguntou, atraindo a atenção de ambos. — Quem tentava cortar minha cabeça?

Não apenas tentava. Consequia. Reyes fechou os olhos, reunindo forças. Ele tivera esperança de evitar o assunto por mais tempo.

Danika afundou a cabeça entre o ombro e o pescoço de Reyes, e ele extraiu força dela.

— Não volte sua raiva contra nós. Por favor.

— Você tem minha palavra — respondeu o deus com paciência. — Agora diga quem cortou minha cabeça.

— Decapitação? — Danika apertou Reyes com os braços. — Eu me lembro dessa tela. Foi a única tela na qual pintei uma decapitação. E o culpado foi aquele que chamam de Galen. Esperança.

Novamente, Cronos reagiu com a placidez de um predador. Era um silêncio tão carregado que nem mesmo o oscilar das asas de um anjo o interromperia.

— Um demônio. Um de vocês — ele rosnou para Reyes.

— Ele também é nosso inimigo, devo acrescentar.

Houve uma longa pausa e finalmente Cronos assentiu.

— Quero ver com meus próprios olhos. — O deus voltou-se para Danika. — Eu lhe devolvi seu homem. Só lhe peço em troca que venha para o meu lado se souber de alguma ameaça contra mim.

Ela assentiu.

— Enquanto eu estiver com Reyes, vou lhe dizer o que quiser saber.

— Entendi. — Apesar do deus ter empalidecido, seus lábios se abriram num sorriso. — Terei de fazer com que você viva para sempre e que nunca se separe do guerreiro. Não é?

— REYES! REYES! Você não vai acreditar. — Danika entrou correndo no quarto de Reyes. Aliás, no quarto *deles* agora. Ela parou perto da cama.

Reyes estava deitado de costas, totalmente nu, sem cobertas. Estava com os olhos semicerrados daquele jeito sexy que ela tanto gostava. Seus cabelos negros estavam bagunçados, seus lábios macios e vermelhos depois das últimas mordidas que ela dera. Só então, como sempre, ele se transformava no símbolo da satisfação.

Ela nunca fora tão feliz.

Tantas coisas aconteceram nas últimas semanas. Aeron a procurara de cabeça baixa e olhos tristes para pedir desculpas pela dor e preocupação que lhe causara. Ela o perdoou sem pensar duas vezes. Fora sua sede de sangue que acabara por trazer Reyes para sua vida, e Reyes era a melhor coisa que já lhe acontecera, de modo que ela não tinha como guardar mágoa.

Ela até gostava de Legião. O pequeno demônio se mudara para a fortaleza e era a companhia constante de Aeron, ajudando a tirar dele aquele baixo astral que antes parecia irremovível. Um era a sombra do outro.

Quando Reyes dissera que Legião era uma garota, bem, Danika não pôde deixar de reconhecer sua surpresa. Mas ela passou entender o brilho possessivo nos olhos dela quando Aeron estava por perto, e apenas sorriu. Se Aeron se apaixonasse por outra mulher, Legião provavelmente devoraria a infeliz.

E Paris, doce Paris. Como muitos outros, ele passava a maior parte do tempo viajando entre Buda e Roma, onde continuou procurando pistas sobre os artefatos que faltavam. Mas ultimamente andava quieto, não jogava mais aqueles jogos nem assistia a seus filmes. Danika odiava vê-lo assim e tentou dizer a ele que qualquer que fosse o problema, tudo daria certo. Ele a abraçou e saiu do recinto.

Por outro lado, duas pessoas que pareciam estar muito bem eram Torin e Cameo. Eles haviam se tornado grandes amigos e estavam sempre juntos. Ou saíam por aí aos cochichos e às risadas. Não que cochichassem muito discretamente. Eles tinham de manter uma boa distância um do outro para que Torin não a contaminasse com alguma doença, de modo que seus sussurros equivaliam a uma conversa normal, mas estava claro que pensavam que eram as únicas pessoas no recinto. Danika não tinha certeza se estava nascendo um romance, mas gostava da ideia. Ambos mereciam ser felizes.

Outro soldado feliz era William, o que fazia Anya feliz, o que, por sua vez, fazia Lucien feliz. William se mudara de vez para lá e gostava de flertar com Ginger, que fingia indiferença, mas corava sempre que ele estava por perto. Nenhum dos dois levava o outro a sério, Danika percebeu, mas era bom vê-los tão à vontade.

A família de Danika só ia ficar mais uma semana, e depois voltariam para casa. Ela sabia que ficaram tanto tempo por não confiarem em Aeron, queriam estar por perto para defendê-la se fosse o caso. Não era à toa que ela amava tanto aquelas mulheres! Ela ia morrer de saudades e iria visitá-las sempre que pudesse, mas sua vida passara a ser com Reyes, em Budapeste.

Gilly, sua jovem amiga de Los Angeles, também havia se mudado para a fortaleza. Danika fizera questão. Ela e Reyes a instalaram no quarto ao lado do deles na esperança de ajudá-la na transição da

vida normal para a vida com os demônios. Os homens pareciam gostar dela, tratavam-na como se ela fosse a irmã caçula, apesar de reclamar da bagunça que se instaurara em suas vidas antes bem ordenadas. Gilly era cética, mas Danika já sabia que, com o tempo, isso mudaria.

Ashlyn levava a garota debaixo da asa, protegendo-a com tamanho afinco que nem os guerreiros ousariam desafiá-la. Danika a amava ainda mais por isto. Ela seria uma mãe incrível, não importava se tivesse um garoto, uma garota, um demônio ou um meio-humano, meio-demônio. Ela deu uma risadinha. Talvez um dia Danika enfrentasse o mesmo dilema. Ela gostava de zombar de Ashlyn por fazer Legião de babá. Isto sempre deixava Maddox nauseando, e Ashlyn ria.

Quanto a Danika e Reyes, passaram a maior parte das últimas semanas na cama, amando-se até ficarem completamente saciados e satisfeitos. Ela não sorria tanto desde... bem, desde nunca. Pela manhã, à tarde e à noite, aquele homem adorava abalar seu mundo. Às vezes era doce e gentil, às vezes selvagem e malicioso. Não importava como a possuísse, ela sempre adorava. Ela simplesmente o amava!

Ainda tinha pesadelos, porém não mais os temia. Na verdade, os recebia bem. Reyes sempre a abraçava depois deles, algo que ela já esperava toda vez que abria os olhos. Por sua vez, ela gostava de pensar que também o confortava. A necessidade que ele tinha de sentir dor voltara um pouco, de modo que precisava se cortar algumas vezes ao longo do dia; às vezes ela até ajudava. Mas Reyes tinha cada vez menos aquele olhar louco quando ela chegava perto dele com alguma arma; passou a simplesmente relaxar e aproveitar. Mas o impressionante era que ele não tinha mais que se cortar ao fazer amor. Então o demônio era transportado a outro plano, como ela já desconfiava.

— Volte para a cama, anjo, e acreditarei em qualquer coisa que me disser. — Só de falar, seu pênis já cresceu e endureceu. Ele a fez lembrar-se da tela secreta que ela havia feito dele após seu pedido de que ela pintasse suas visões, e essa tela passou a ficar pendurada sobre a cama do casal. — Sua família deve entrar a qualquer momento. Depois que sua avó se livrou do gesso, não sai mais do seu lado, sempre querendo ajudá-la com suas telas. Não vamos perder o tempo que temos para nós dois.

Ela o olhou com água na boca. Será que um dia iria se cansar dele? Mas agarrou-lhe os ombros, sacudindo-o.

— Venha ver, venha ver!

Percebendo a urgência com que ela pedia, ele se levantou de repente, sentando na cama. Apesar de ela não ter percebido como ou quando, uma adaga surgira em sua mão.

— Algo errado? Aconteceu alguma coisa?

— Nada de errado. Você só tem que ver isto aqui.

Ele ficou de pé, despudoradamente nu. Ela segurou sua mão que estava livre e o puxou para dentro do estúdio. Como sempre, seu toque a enchia de calor.

— Teve algum pesadelo, anjo?

— Mais ou menos.

Passaram pela soleira da porta, depois do qual se via uma tela luminosa. Danika parou em frente ao quadro, e Reyes parou atrás dela, abraçando-a pela cintura. Ela sorriu ao sentir a ereção se encaixando nas curvas de seu traseiro.

Deus, como amava esse homem. Ah, se ela não tivesse vestido sua calça quando se levantou para pintar!

— Linda — ele disse, abaixando-se e apoiando o queixo no ombro dela.

Danika sentiu o coração de Reyes batendo em suas costas, firme e certo. Ela esfregou os braços dele com as mãos, sem saber direito como ele reagiria ao que ela tinha para contar.

— Olhe bem. Eu, há, acho que encontrei o terceiro artefato.

— O quê? — Com uma expressão de perplexidade no rosto, ele a fez virar o corpo.

— Olhe no fundo da pirâmide. Vê aqueles homens?

Ele olhou para os lados e voltou a fixar a tela.

— Sim. Galen e Stefano.

Ela também observou a tela com atenção. As pirâmides do Egito olharam de volta para ela, havia pessoas marchando para o interior da construção.

— Em meu sonho, as pessoas estavam caminhando pelos corredores desta pirâmide específica, murmurando sobre um manto de invisibilidade. Ficavam dizendo que, quando estivessem com o manto, o usariam para entrar sorrateiramente na fortaleza.

Reyes a puxou para perto e lhe beijou o alto da cabeça.

— Você é brilhante. Temos que contar a Lucien.

— Ah, você precisa se vestir primeiro.

Ele riu, e o som a aqueceu tanto quanto seu toque a aquecia.

— Amo você, anjo.

— Também amo você.

— Sinto que em breve viajaremos para o Egito. Você aguenta mais uma aventura?

— Eu aguento qualquer coisa com você.

Ele se abaixou e deu um beijo nos lábios de Danika.

— Como pude viver sem você?

— Não viveu — provocou ela. — Antes de mim, você não tinha vida de verdade.

Ele deu outro beijo, desta vez mais demorado.

— Não tinha mesmo. Antes de você eu era morto por dentro. Você me deu tudo. Amor, vida, felicidade.

— E você me deu tudo isso também. Quem diria, hein? Você, eu e aquele pequeno e lindo demônio. — Ela sorriu vagarosamente. Ela simplesmente não se conteve; sentia-se realmente abençoada.

— Somos um trio feliz.

— Agora e sempre — ele disse.

— Agora e sempre.

Showalter, Gena

S563p O prazer mais sombrio [recurso eletrônico] / Gena Showalter; tradução de Johann Heyss. — Rio de Janeiro: HR, 2012.
Recurso digital

Tradução de: The darkest pleasure

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: O beijo mais sombrio

Continua com: O sussurro mais sombrio

ISBN 978-85-398-0501-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Heyss, Johann. II. Título.

12-7633

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:
THE DARKEST PLEASURE
Copyright © 2008 by Gena Showalter

Copyright da tradução © 2010 by EDITORA HR LTDA

Editoração eletrônica da versão digital: Ranna Studio

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0501-3

Capa

Rosto

Glossário

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

Créditos

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter



O Prazer
mais sombrio

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 3



HARLEQUIN
BOOKS